

(n.t.) |

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO V - MARÇO/2014 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - ILHA DO DESTERRO/BRASIL

TRADUÇÕES

JOSÉ **Azarin**

YUNUS **Emre**

FRANCO **Fortini**

WILLIAM H. **Hodgson**

KAZIMIĘRA **Itakowiczówna**

DÉCIMO JUNIO **Juvenal**

OSSIP **Mandelstam**

MARCO VALÉRIO **Marcial**

ALEXANDROS **Papadiamantis**

POSIDIPO DE **Pela**

TÓRODDER **Poulsen**

FRIDA **Rodas**

LEOPOLD VON **Sacher-Masoch**

HERUY WELDE **Selassie**

CIPRIAN **Vălcău**

Nitardo

QUADRINHOS

IAN **Curtis**

tradução
 μετάφραση
 ترجمه
 מתרגום
 Übersetzung
 ñembohasa
 traducción
 pereboд
 නන්‍යා
 תרגום
 vertaling
 번역
 käännös
 translation
 ཏཱཤཱཤཱཤཱ
 översättning
 တၢ်ကွၢ်မၤကွၢ်
 përkthim
 ಪುನಃಮುದ್ರಣ
 canji
 okujjɪlɪlɪ
 turkakipt'awi
 translatio
 tradukado
 ಅನುವಾದ
 překlad
 çeviri
 翻語

Ficha catalográfica elaborada por:
 Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -- Florianópolis, 2010 --
 [recurso eletrônico].

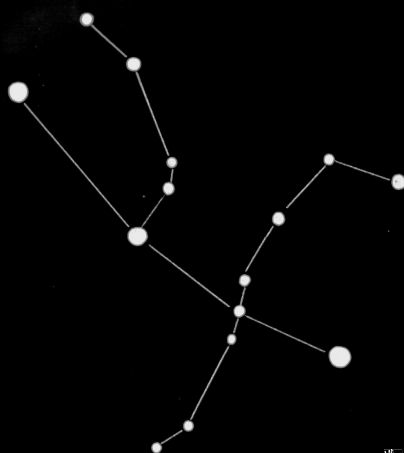
Semestral, ano 5, n. 8, mar. 2014
 Multilingue
 Editada por Gleiton Lentz
 Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: world wide web: <http://www.notadotradutor.com/>
 Portal interativo: Calaméo; Dropbox; Scribd
 ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

INTRO

“Começo a crer no incrível,
a compreender o incompreensível.”

Sacher-Masoch





www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COORDENAÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA
Aline Daka

ASSISTÊNCIA E CONSULTORIA
Amanda Zampieri

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: • The Latin Library (EUA), para *Epigrammaton Libri*, de Marcial; • Библиотека Максима Мошкова (Rússia), para *Собрание стихомеопеи*, de Ossip Mandelstam; • Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (Espanha), para *Con permiso de los cervantistas*, de Azorin; • Bibliothèque Municipale de Valenciennes (França), para *La Cantilène de Sainte Eulalie. Droits de publication*; • Asociación Cultural Brisas del Titicaca (Peru), para *Ina Panqarita*, de Frida Rodas; • Cartea Românească Editura (Romênia), para *Amiel și canibalul*, de Ciprian Vălcău; • Edizioni Quodlibet (Itália), para *La "letterarietà" della traduzione*, de Franco Fortini; • Rafael Copetti Editor (Brasil), para *Vênus em Peles*, de Sacher-Masoch. **Direitos autorais cedidos:** • Frida Rodas (Peru), para *Sumaq Mamacocha Titikaka*; • Tórruddur Poulsen (Ilhas Feroês) para *Yr-kingasavn*; • Ciprian Vălcău (Romênia), para *Amiel și canibalul*.

Ao longo do Vale de Orkhon, que se estende pelas margens do homônimo rio, na Mongólia Central, ocupado há mais de dois milênios, e em cujo solo se evidencia a evolução das tradições pastoris nômades da região, há séculos memoriais esculpidos em pedra erguem-se sobre suas estepes, intrigando filólogos, linguistas e tradutores. Em formato de obelisco, esses monólitos contêm registros da mais antiga forma de escrita empregada para se escrever em idioma túrquico: as Inscrições de Orkhon. Formadas por cerca de duzentas inscrições epigráficas, e datando dos séculos VII a X d.C., foram descobertas por arqueólogos russos em 1889 e decifradas pelo filólogo dinamarquês Vilhelm Thomsen (1842-1927), em 1893. O detalhe, no entanto, reside no fato de que as inscrições são bilíngues, em chinês e túrquico antigo.

Conhecidas também como runas de Orkhon, ou runas turcas, devido à semelhança gráfica com as escandinavas, foram desenvolvidas pelos göktürks (turcos celestes), um povo nômade que no século VI fundou na Mongólia e no Turquestão o primeiro império túrquico, e que travou uma série de batalhas com os chineses. As inscrições, que hoje configuram um monumento literário, não só pelo aspecto histórico, mas também pela estrutura epopeica, se encontram em dois obeliscos próximos erguidos em memória de dois príncipes túrquicos. O primeiro registro, datado de 732 d.C., é dedicado ao príncipe Kül Tigin, irmão do imperador göktürk Bilge Kağan (c. 684-734 d.C.); o segundo, de 735 d.C., foi escrito em memória do próprio soberano, o qual restaurou a unidade do império túrquico oriental e celebrou a paz, naquele então, com o Império Chinês.

Ao relatar as origens lendárias dos túrquicos, a idade de ouro de sua história, sua subjugação aos chineses e sua libertação por Bilge Kağan – o que explica sua estrutura épica – as inscrições chamam a atenção por serem bilíngues, uma vez que o interesse dos túrquicos era divulgar o acordo de paz entre ambos os povos, e nada mais pertinente que uma tradução ao chinês. Isso certamente facilitou a decifração dos demais registros que se encontram não só no vale, mas em regiões da Sibéria e da China, somando-se, assim, à série de *pedras de roseta* que se encontram espalhadas pelo globo. Trata-se de um sistema de escrita único que foi preservado graças à tradução em chinês e que forneceu as bases para se entender a origem de outros idiomas da região, como a escrita Uigur e a língua Sogdiana.

É é neste mesmo viés interlingual, isto é, mediante a apresentação de textos literários bilíngues que nesta 8ª edição da revista (n.t.) partimos da Grécia e Roma antigas, alcançamos os primeiros registros em língua românica na Europa medieval, passando pela Turquia do século XIII, relembando o percurso da poesia etíope na África no começo do séc. XX, até chegarmos nos poetas contemporâneos, desde o arquipélago das Feroês ao altiplano andino. Eis a geografia da tradução, que desconhece fronteiras.



Na clássica seção de abertura, “Poesia”, iniciamos com a seleção *Não gosto, não gosto de poesia!* | *Nie lubię, nie lubię poezji!*, da polonesa Kazimiera Iłakowiczówna, traduzida por Olga Kempieńska; depois, *Alguns breves poemas* | *Yrkingasavn*, do feroês Tóroddur Poulsen, por Lucia-no Dutra; *Ah Morte* | *Ah Ölüm*, do turco Yunus Emre, por Leonardo da Fonseca; *Poemas seletos* | *Собрание стиховБоренуи*, do russo Ossip Mandelstam, por Verônica Filippovna; *Bela Mãe das Águas Titicaca* | *Sumaq Mamacocha Titikaka*, da quéchua Frida Rodas, por Gleiton Lentz; e *Os Auspícios* | *Οἰωνοκομικά*, do grego Posidipo de Pela, por Eduardo de Almeida Rufino. Em seguida, inauguramos a seção “Latinos”, com *O Livro dos Epigramas* | *Epigrammaton Libri*, de Marcial, traduzido por Scott Ritter Hadley, e a *Sátira IX* | *Satura IX*, de Juvenal, por Fábio Frohwein de Salles Moniz.

Em “Pensum”, Fernando Klabin traduz uma seleção de aforismos do filósofo romeno Ciprian Vălcan, em *Amiel e o canibal* | *Amiel și canibalul*, enquanto Davi Pessoa Carneiro e Giane Oliveira traduzem, respectivamente, na seção “Ensaaios literários”, o italiano Franco Fortini, com *A “literalidade” da tradução* | *La “letterarietà” della traduzione*, e o espanhol Azorín, *Com a licença dos cervantistas* | *Con permiso de los cervantistas*. Já em “Contos & excertos”, Jossi Borges apresenta a tradução de *Os Habitantes da Ilha Middle* | *The Habitants of Middle Islet*, de William H. Hodgson; Miguel Sulis a introdução de *Vênus em Peles* | *Venus im Pelz*, de Sacher-Masoch; e Théo de Borba Moosburger o conto *A Desencantadora* | *Η Φαρμακολόγτρια*, de Aléxandros Papadiamántis.

Em seguida, na seção inédita “Registro”, apresentamos os primeiros textos em língua românica, o poema anônimo *A Cantilena de Santa Eulália* | *La Cantilène de Sainte Eulalie*, e *Os Juramentos de Estrasburgo* | *Les Serments de Strasbourg*, de Nitardo, traduzidos por Henrique Martins de Moraes. Já na rubrica “Memória”, relembremos a tradução do lusitano Francisco Maria Esteves Pereira para o poema escrito em ge’ez *Imagem de Menilek: Rei dos reis de Etiópia* | *መልክ፡ ህምኒልክ፡ ንጉሡ፡ነገሥት፡ዘኢትዮጵያ*, do escritor etíope Welde Selassie. E encerrando a edição, a ilustradora Aline Daka apresenta o quadrinho literário (HQ) “Fora de Contato | Out of Touch”, baseado no homônimo poema de Ian Curtis, letrista e vocalista da banda Joy Division.

Pelo percurso de leitura reservado ao leitor até aqui, vale lembrar que muitas das traduções presentes neste número não só são testemunhos atemporais mas a própria preservação da cultura literária de antigos povos e civilizações, como o ge’ez, para os etíopes, ou o latim, para os romanos, seguindo o exemplo do alfabeto Orkhon, homenageado nesta edição, outrora decifrado por apresentar uma breve tradução ao chinês ao lado do original. Pois, teriam os antigos chineses imaginado que tal recurso facilitaria a decifração do alfabeto Orkhon em tempos futuros? Teriam os göktürks imaginado que sua escrita sobreviveria ao tempo devido a uma tradução bilingue? Eis mais um exemplo de que não são as línguas ou as formas de escrita que fazem o homem universal, mas a tradução.

Cosmopolizemo-nos! ■

Os editores

Desterro, março de 2014.

(n.t.) | 8°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados
aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons,
Licença Internacional 3.0

ISSN 2177-5141

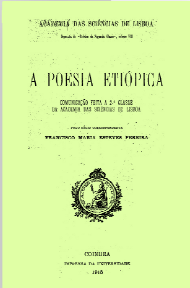


SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

Não gosto, não gosto de poesia!	.	.	.	09
Nie lubię, nie lubię poezji!				
<i>texto de Kazimiera Iłakowiczówna</i>				
<i>tradução de Olga Kempńska</i>				
Alguns breves poemas Yrkingasavn	.	.	.	30
<i>texto de Tóroddur Poulsen</i>				
<i>tradução de Luciano Dutra</i>				
Ah Morte Ah Ölüm	.	.	.	91
<i>texto de Yunus Emre</i>				
<i>tradução de Leonardo da Fonseca</i>				
Poemas seletos Собрание стихотворений	.	.	.	102
<i>texto de Ossip Mandelstam</i>				
<i>tradução de Verônica Filíppovna</i>				
Bela Mãe das Águas Titicaca	.	.	.	125
Sumaq Mamacocha Titikaka				
<i>texto de Frida Rodas</i>				
<i>tradução de Gleiton Lentz</i>				
Os Auspícios Οἰωνοσκοπικά	.	.	.	143
<i>texto de Posidipo de Pela</i>				
<i>tradução de Eduardo de Almeida Rufino</i>				
O Livro dos Epigramas Epigrammaton Libri	.	.	.	175
<i>texto de Marcial</i>				
<i>tradução de Scott Ritter Hadley</i>				
Sátira IX Satura IX	.	.	.	192
<i>texto de Juvenal</i>				
<i>tradução de Fábio Frohwein de Salles Moniz</i>				

LATINOS
LATINOS
LATINOS



MEMÓRIA DA TRADUÇÃO	.	.	.	361
Imagem de Menilek: Rei dos reis de Etiópia				
መልክክ፡ ዘምኒልክ፡ ንጉሡ፡ንጉሥት፡ዘኢትዮጵያ።				
<i>texto de Heruy Welde Selassie</i>				
<i>tradução de Francisco Maria Esteves Pereira</i>				

PENSUM
PENSUM
PENSUM

Amiel e o canibal Amiel și canibalul	.	.	206
<i>texto de Ciprian Vălcan</i>			
<i>tradução de Fernando Klabin</i>			

ENSAIOS
ENSAIOS
ENSAIOS

A “literalidade” da tradução	.	.	247
La “letterarietà” della traduzione			
<i>texto de Franco Fortini</i>			
<i>tradução de Davi Pessoa Carneiro</i>			

Com a licença dos cervantistas	.	.	260
Con permiso de los cervantistas			
<i>texto de José Azorín</i>			
<i>tradução de Giane Oliveira</i>			

CONTO
CONTO
CONTO

Os Habitantes da Ilha Middle The Habitants of Middle Islet	.	.	286
<i>texto de William H. Hodgson</i>			
<i>tradução de Jossi Borges</i>			

Vênus em Peles Venus im Pelz	.	.	313
<i>texto de Leopold von Sacher-Masoch</i>			
<i>tradução de Miguel Sulis</i>			

A Desencantadora Η Φαρμακολύττρια	.	.	330
<i>Texto de Aléxandros Papadiamántis</i>			
<i>tradução de Théó de Borba Moosburger</i>			

REGISTRO
REGISTRO
REGISTRO

A Cantilena de Santa Eulália La Cantilène de Sainte Eulalie	.	.	350
<i>texto anônimo</i>			
Os Juramentos de Estrasburgo Les Serments de Strasbourg	.	.	355
<i>texto de Nitardo</i>			
<i>traduções de Henrique Martins de Morais</i>			



QUADRINHOS

Fora de Contato Out of Touch	.	.	379
<i>texto de Ian Curtis</i>			
<i>quadrinhos de Aline Daka</i>			
<i>tradução de Gleiton Lentz</i>			

INDEX	.	.	389
--------------	---	---	-----



poesia
(n.t.) | Qoricancha



NÃO GOSTO, NÃO GOSTO DE POESIA!

KAZIMIERA IŁAKOWICZÓWNA



O TEXTO: A presente coletânea concentra-se em poemas que põem em cena o próprio fazer poético: seu devir sócio-histórico, sua relação com a verdade, seu estranhamento perante as línguas estrangeiras e, sobretudo, suas componentes, tais como o ritmo, a rima e o verso. Os textos escolhidos, que provêm de três volumes tardios intitulados *Wiersze bezlistne* (*Versos sem folhas*, 1942), *Lekkomysłne serce* (*Coração leviano*, 1959) e *Szeptem* (*Em sussurro*, 1966), revelam-se bastante avessos à efusão emocional, que é, por vezes, vista como a característica da poesia feminina. Fortemente marcados pelo humor e pela linguagem coloquial, os poemas visam aos aspectos prosódicos do verso, dando especial atenção às possibilidades da rima assonante e da metrificação tonal na língua polonesa.

Textos traduzidos: Iłakowiczówna, Kazimiera. *Wiersze zebrane 2*. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1971.

A AUTORA: Influenciada na juventude pelo feminismo, a poeta Kazimiera Iłakowiczówna (1892-1983) foi uma das personagens mais fascinantes e, ao mesmo tempo, mais destoantes do movimento modernista polonês. Em 1911 publicou seu primeiro volume de poemas intitulado *Ikarowe loty* (*Voos de Ícaro*). Formou-se em filologia inglesa e polonesa e, a partir de 1918, trabalhou no Ministério das Relações Exteriores como secretária do marechal Józef Piłsudski. Poliglota, traduziu para o polonês poemas de Emily Dickinson e do húngaro Endre Ady, assim como obras de Tolstói, Goethe, Schiller, Böll e Dürrenmatt.

A TRADUTORA: Olga Kempieńska possui graduação e mestrado em Filologia Românica pela Uniwersytet Jagielloński de Cracóvia e doutorado em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Atualmente é professora de Teoria da Literatura no Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Sua experiência como tradutora, que envolve poesia, prosa e ensaio, começou em 2000, com a tradução de trechos de livros premiados na Edição Polonesa do Prêmio Goncourt. Para a (n.t.) já traduziu *A amante do piloto*, de Maria Pawlikowska-Jasnorzewska.

NIE LUBIĘ, NIE LUBIĘ POEZJI!

*"Nie wypije się tego, nie zje...
Nie lubię, nie lubię poezji!"*

KAZIMIERA IŁAKOWICZÓWNA

BUKIET

Nazwałabym was po imieniu
dźwięcznym chorwackim słowem,
szukałabym u was wytchnienia
– szare, żółte, modre, liliowe...
Kołące się we mnie wasz kształt,
lecz wnet nie pomnę już, jak się zwał!
Otwieram usta do was
jak niemowa
i to, co potrafię, śpiewam:
„Zioła, kwiaty, krzewy,
rozmaryn, janowiec, szaławia,
piołun...”
Nie odmyka się zamknięte koło
i czar się beze mnie odprawia
barwą, wędnięciem, ciszą i szelestem.
A ja między wami – kaleka
obcojęzyczny,
uczcić was tylko mogę jednym gestem:
nazwać was **lijépe**, co oznacza **śliczne**,
i rwać co najwonnniejsze, i do ojczyzny z tym łupem uciekać.

Wiersze bezlistne (1942)

CO Z TYM BAROKIEM!

Kolumna wymawia poręczy,
że zbyt podobna do tęczy,
krata docina kolumnie,
że krzywa i że lada chwila runie,
rozeta pogardza kratą
za ozdoby jej – suto nadto.

Co u licha z tym barokiem,
że taki w nim niepokój?!
Trochę tak, dajmy na to,
jest i u literatów.

Lekkomyślne serce (1959)

WYPOWIEDŹ

Naradzają się wciąż – ile wlezie;
od wieków trwa to śledztwo
nad sytuacją w poezji...
Czyż nie wystarczy świadectwo,
że giną religie, ideje,
rozpadają się w proch reżymy
– a wiersze się leją i leją
z rymami albo bez rymu
i nawet w najgorszym bezsensie
treść się jakaś w końcu utręsie?!
Wzniescie czoła, precz – jeremiady,
POEZJA da sobie rady.

Lekkomyślne serce (1959)

LICHO

W tym najciemniejszym kącie
śpi lichy. By go nie trącać,
nie trzeba za wiele sprzątać.
A to co za głos, jakby dotknął ktoś znieścacka gongu?
To właśnie – lichy,
co przez sen albo kicha,
albo się przeciąga.

Lekkomyślne serce (1959)

POEZJA

Nie wypije się tego, nie zje...
Nie lubię, nie lubię poezji!
Świdruje to cienkim ostrzem,
nalotem się lepkiem rozpostrze,
żwirowatym grozi osadem...
Czeka człek, a on nie opada!

Więc niechże choć przekłuje na wylot...
Nie kłuje, ale tylko myli.
Lepi się, lecz nie przylepi...
Ot, nie mówmy o tym lepiej,
może się samo rozlezie...
Nie lubię, nie lubię poezji!

Szeptem (1966)

NIE UMIEM Z ANIOŁAMI...

Nie umiem z aniołami...
Nie potrafię wytropić ich śladu
ani w tłumie,
ni na niebieskim stropie.
Schwytać by jednego: niech się STANIE
i zagada
głosem, ruchem, światłem
– byle nie słowami.
I niech dojrzę, jak ulata
lub się w tęczę łamie...
Ale ja nie umiem z aniołami...

Szeptem (1966)

WYKORZENIENIE

Korzeń wyrwany z czarnoziem
nie odzywa się, bo jest niemy,
ale walczy, opór stawia,
dłoń porywaczowi rozkrwawia.

Z piachu – wyrwie mnie, korzeń,
pies, ptak, wiatr przydrożny.

Szeptem (1966)

WARSZTATOWO

Rym szarpie struny sensu,
rytm biegnie we krwi strużką,
aż naraz się pokręca,
naśmiecą, naplącą, naprósza,
i – zanim wezmę je za łeb –
już sensem rytm wykoszlawię,
a rymem niedoskonałym
całą krew sobie z żył wykrwawię.

Szeptem (1966)

SZYFREM...

A gdy już do tego przyszło,
to można przecie – szyfrem,
który wypowie wszystko

o najprawdziwszej prawdzie,
którą się zdejmuję i kładzie
jak przebranie... Żeby się nie zdradzić.

Mówi się wyraźnymi słowami,
każdy myśli, że się kłamie,
nikt nie odpowie na nie.

Albo: człek w tej prawdzie mieszka
schowany na kształt orzeszka
i do niego nikt się nie miesza.

Ja jedna wiem, że ona,
od dawna przemieniona,
rośnie po wszystkich zagonach.

A zboża po zagonach wiatr skubie
i bławatki, i skowronki, i wróble,
i mnie... I wszystko, co lubię.

Szeptem (1966)

NIEDOJRZAŁOŚĆ

Nigdy nie przyjdzie dojrzałość,
zawsze będzie – nie to i – za mało,
gorzko, nie w porę, na próżno.
Nie pochyli się nikt, nie naprawi
i dalej będą krwawić
serca i róże.

Szeptem (1966)

NÃO GOSTO, NÃO GOSTO DE POESIA!

*“Essa coisa não é comida, nem bebida...
Não gosto, não gosto de poesia!”*

KAZIMIERA HŁAKOWICZÓWNA

BUQUÊ

Eu lhes chamaria pelo nome
com a sonora palavra croata,
buscaria em vocês consolo
– cinzas, amarelas, azuis, lilases...
Trepida em mim sua forma,
mas a palavra foge na hora!
Abro a boca
tapada
e o que posso, canto:
“Ervas, flores, plantas,
alecrim, giesta, salvia,
losna...”
Não se abre a roda
e o feitiço sem mim se perpetra
pela cor, o silêncio, o rumor, a queda.
Eu entre vocês – infirme
com outra língua,
louvá-las posso apenas com um gesto:
chamá-las **lijépe**, quer dizer **lindas**,
e pegar as mais cheirosas e para casa sair correndo.

Wiersze bezlistne (1942)

O QUE DEU NESSE BARROCO?

A coluna censura o corrimão
que se parece com um pavão,
o nicho ri da coluna,
que, torta, não se segura,
a roseta despreza o nicho
pois seus adornos são um lixo.

Que diabo deu nesse barroco,
que anda feito louco?!
Lembra muito, de fato,
o meio dos literatos.

Lekkomyšlne serce (1959)

UM DEPOIMENTO

Deliberam sem folga – à náusea;
há séculos dura a inquirição
sobre a situação da poesia...
Não basta a comprovação
de que morrem ideias, religiões,
desfazem-se em pó regimes
– e os versos correm e correm
rimados ou mesmo sem rimas
e que até no pior drama
um sentido se amalgama?!
Cabeças ao alto, chega de lamentos,
A POESIA dará um jeito.

Lekkokmyšlne serce (1959)

O DEMO

Naquele canto mais escondido
dorme o demo. Para deixá-lo tranquilo,
não se deve exagerar na faxina.
E que voz é essa, como se alguém de repente tocasse um gongo?
É mesmo – o demo,
que ora espirra sonolento,
ora estica os ossos.

Lekkokmyslne serce (1959)

POESIA

Essa coisa não é comida, nem bebida...
Não gosto, não gosto de poesia!
Espeta com uma ponta afiada,
em um miasma grudento se espalha,
com um resíduo grumoso ameaça...
Você espera, e a coisa não baixa!

Se pelo menos fizesse um furo...
Não perfura, só empulha.
Gruda, e não fica grudada...
Mas já chega dessa fala,
Quem sabe, some sozinha...
Não gosto, não gosto de poesia!

Szeptem (1966)

NÃO POSSO COM OS ANJOS...

Não posso com os anjos...
Não consigo achar seus traços
nem na rua,
nem na abóbada celeste.
Pegar um deles: que SEJA
e que fale
com a voz, a luz, o gesto
– tudo, menos palavras.
Quero ver como voa
ou em arco-íris se despeja...
Não posso com os anjos...

Szeptem (1966)

DESENRAIZAMENTO

Uma raiz da terra arrancada
não fala – não tem palavras,
mas luta, opõe resistência,
a mão agressora ensanguenta.

Arranca-me da areia, raiz,
um cachorro, um pássaro, um vento infeliz.

Szeptem (1966)

TECNICAMENTE

A rima puxa as cordas do sentido,
o ritmo corre em fio pelas veias;
na hora da briga
sujam, embaralham, desordenam,
e – antes que consiga domá-los –
o ritmo através do sentido envieso
e, com as rimas truncadas,
todo meu sangue das veias despejo.

Szeptem (1966)

NUM CÓDIGO SECRETO

E se já chegamos a isso,
por que não usar um código,
no qual tudo pode ser dito

da verdadeira verdade
retirada e colocada
tal um disfarce... Viva a fachada.

Fala-se em palavras nítidas,
todos acham que só mentiras,
ninguém nem replica.

Ou: alguém faz da verdade sua casa,
endurece como uma castanha
e ninguém o atrapalha.

Só eu bem sei que ela,
desde sempre ligeira,
cresce em todas as leiras.

E nas leiras o vento depena o trigo,
e as flores, e os pardais, e as cotovias,
e tudo que amo... E a mim mesma.

Szeptem (1966)

IMATURIDADE

Nunca chegará a maturidade,
sempre será pouco e errado,
amargo, em vão, não na hora.
Ninguém virá, concertará
e hão ainda de sangrar
os corações e as rosas.

Szeptem (1966)

ALGUNS BREVES POEMAS

TÓRODDUR POULSEN



O TEXTO: Seleção de poemas de Tóroddur Poulsen escritos em feroês, ou feroico (*føroyskt*), o idioma oficial do arquipélago das Feroês, nação autônoma integrante do Reino da Dinamarca, mas, diferentemente dessa, não fazem parte da União Europeia. O feroês forma, ao lado do islandês e do norn (língua morta antigamente falada nos arquipélagos vizinhos das Órcadas e da Shetlândia), o ramo das línguas nórdicas insulares originadas a partir do nórdico antigo, cujo outro ramo é o das línguas escandinavas (ou seja, o dinamarquês, o norueguês e o sueco).

Textos traduzidos: poemas selecionados a partir dos livros *Steinsetingar* (2008), *Heimvitisferðin* (2012), *Avbyrgingar* (2012) e *Einglasuð* (2013), e do blogue do autor: bloggoddur.blogspot.com

Agradecimentos: o tradutor agradece ao poeta pela concessão dos direitos de publicação e tradução. *Takk fyri, Tóroddur!*

O AUTOR: Tóroddur Poulsen nasceu em 1957, em Tórshavn, capital do arquipélago das Feroês, onde se criou. Reside atualmente em Copenhague. Desde 1984, publicou vinte livros de poemas em diversos estilos, ora prosaico ora telegráfico, e por vezes haicaico. Seus poemas envolvem temas como as contradições e a moral conturbada do mundo contemporâneo, e também as vivências interiorizadas pelo autor, comumente descritas de forma um tanto cômica, mas sempre com muita criatividade e sensibilidade. Recebeu o Prêmio Ferões de Literatura M.A. Jacobsen em 1992, além de ter sido indicado ao Prêmio de Literatura do Conselho Nórdico em duas oportunidades (1996 e 2002).

O TRADUTOR: Luciano Dutra (1973) é bacharel em letras islandesas e estudos de tradução pela Universidade da Islândia e tradutor juramentado islandês-português. Já traduziu *Anjos do Universo* (Hedra), de Einar Már Guðmundsson, e *A Raposa Sombria* (Hedra), de Sjón, a novela policial sueca *Springfloden* (Rocco, no prelo), de Cilla e Rolf Börjlind, e livros infantis do islandês, norueguês e sueco. Além de literatura islandesa contemporânea, traduz as sagas, obras únicas de prosa de ficção compiladas na Idade Média por autores anônimos da Islândia e que influenciaram escritores modernos tão diversos quanto Borges, Tolkien, entre outros. Para a (n.t.) já traduziu Sigurður Nordal e Peter Nansen.

YRKINGASAVN

*“Veit ikki um eg eri deydur ella livandi
ella um eg bara eri føroyngur.”*

TÓRODDUR POULSEN

tað er
sum um sólin
flættar
mín skugga
inn í tað
eg havi droymt
um mínar innvølrir
og mína húð
sum ikki vildi vera
mín húð
men innvølrir

tað er so nógv kvirra
her í mínum minnum
at eg vassi úr teimum aftur
heim til nakað
sum ongantíð skal verða

[her]

her fái eg sagt tað eg ongantíð
havi sagt við tey sum altíð
tagdu tá eg var í nánd

[kredda]

til tykkum
sum aldrin
banka uppá:

eg trúgvi bara
uppá verulig
spøkilsir

tað loyniligast ljóðið
er tað sum sigur
at eygu tíni
eru vakrast
í myrkri

sólin
hefur enga húð
at brenna
skal yrkingin
sigast uttan orð

allir týðningar
tiga

tungan vil fegin siga
að tað er frost

men leggur seg aftur

[á veg]

tú segði
at eg skuldi ganga

at eg altíð
var á veg

tí standi ég nú her
eins og kavamaður

og hopi
at onkur skal koma

og spæla við meg

[hesa ársins tíð]

bókatrøini dansa føroyskan dans
eikirnar taka undir við niðurløgunum
bjørkirnar nikka
tá eg risti á høvdinum
og leyvið dettur av mær
sum orð ið ikki orka meir
og tá eg havi gloymt stevið
er tað so upplagt
at granntræið
biður meg dansa um seg
soleiðis
sum bara bókstavir og orð kunnu dansa
hesa ársins tíð

tá regnið
hevði bloytt
pappírið
og orðini
voru farin
at liva
so nógv
at tey ikki
kundu lesast
fór eg
inn í lívið

landslögini
eru bara til
í málningum
ið hanga
í húsum
sum hava
oydilagt
landslögini

tøgnin
valdi tann
við tí
bangnasta
hjartanum
at krógva
sín boðskap
í mjørkanum

larmandi
sólargeislar
avdúkaðu
alt

í tí innaru framtíðin
grætur tægnin
so eg ikki skal gráta
tá eg ikki eri her

orðini sum
skaptu landslagið
mugu altíð
vera har
tey eru
og øvund
orðini
sum skaptu
skýggini

her stendur
alt tað
eg ikki tori
at skriva

sløkk ljósið
so tað
sæst

hvat hugsa
leivdirnar
um tey
sum voru

lýsingarorðið
leiddi meg
inn í
eina holu
sum nú
er upplýst
av
blindum
navnorðum
og nú
kemur
eitt
sambindingarorð
krúpandi
og tá
rapar

onkur bankaði
á mín dreyr

so eg vaknaði
og fór upp

hugði í spegilin
sum segði:

tað var ikki eg

eingin
mótmælti
tá
skýginni
upploystu
mótmælisgonguna

nert ekki
við orðið
tað kann
bíta so tú
vaknar
úr marruni
ella eitra teg
við kærleika
so tú ekki vilt
kenna onnur orð

spøkilsíð
ið vitjaði
meg í nátt
segði mér
at tað var
einki lív
hinumegin
at tað var
eins deytt
og hesumegin
at vit aldrin
høvdu livað

skapti
hvørki
roykin
ella
skorsteinin

men eg
skrivaði
eina yrking
um tað

í henni
búgvi eg
eisini tá
tað ikki
rýkur meir

[bað ikki]

bað ikki um
at koma higar

minnini spurðu meg ikki
áðrenn
tey sendu meg avstað
við sær sjálvum

[ivi]

veit ikki
um eg
eri deydur
ella
livandi
ella um eg
bara
eri
føroyngur

[kredda]

allir mínir
speglvendu vinir
venda mær bakið

eg trúgvi á ein guð
eg ikki kann trúgva á

[her]

asfaltsvarta sálin
leiddi meg
aftur og aftur
út ímillum trøini
at seta búgv

tað er her
flugurnar vitja
mítt søta
einsemi

tað er her
eg telji
veingir

[náttin]

náttin
smílist til mín
í nátt

eg smílist aftur
tí í morgin
er aftur
ein nátt

[nátt]

heldur tú
ljósið
í hondini

fer til handils

keypir
eitt kilo
av myrkri

og sleppur
ljósinum
niður í
ein hárutan
myrkan lógva
sum bliknar
og gránar

tá eg kenni meg
mest einsamallan
fari eg út í náttina
gáni upp í loft
viti um ekki onkur stjörna
vil verða mín vinur
men hvörja einastu ferð
tá eg umsíðir
havi fingið samband
við eina fagurt bleiktrandi stjörnu
leggur mánin seg ímillum
í heilum ella í hálvum líki
sigur at vinir gera meg enn meira einsamallan
teir fáa meg bara í ringrás um meg sjálfan
men góðtaki eg mítt vinarleysa einsemi
fari eg í ringrás um vinirnar eg ekki eigi
og av tveimum illum er annað best
eins og mánin
tá hann er heilur ella hálvur

ALGUNS BREVES POEMAS

*“Não sei se estou morto ou vivo
ou se simplesmente sou feroês.”*

TÓRODDUR POULSEN

é como
se o sol
enleasse
minha sombra
num sonho
que tive
com minhas vísceras
e minha pele
que não queria ser
minha pele
mas sim vísceras

há tanto silêncio
aqui nas minhas lembranças
que saio delas e volto
outra vez a algo
que nunca será

[aqui]

aqui posso dizer tudo o que
nunca disse a quem sempre
se calou na minha presença

[crença]

a vocês
que jamais
batem à porta:

eu só creio
em fantasmas
reais

o poema mais secreto
é aquele que diz
que os teus olhos
são mais belos
no escuro

o sol
não tem pele alguma
para queimar
a poesia precisa
pronunciar-se sem palavras

todos os sentidos
silenciam

a língua gostaria
de dizer que está geando

mas volta a se deitar

[na estrada]

disseste
que eu devia partir

que eu sempre
estava na estrada

por isso, eis-me aqui
como um boneco de neve

esperando
que alguém venha

brincar comigo

[essa época do ano]

as faias dançam uma dança feroesa
os carvalhos engrossam o coro nos refrões
as bétulas aquiescem
quando ergo a cabeça
e uma folha cai de mim
como se a gente não desse mais conta das palavras
e quando esqueço o refrão
é tão evidente
que o abeto
me chama para dançar ao seu redor
de tal forma que
é como se apenas as letras e as palavras soubessem dançar
nessa época do ano

quando a chuva
molhou
o papel
e as palavras
começaram
a ganhar vida
a tal ponto
que ficou impossível
decifrá-las
caí
na vida

paisagens
existem apenas
em quadros
nas paredes
das casas
que
destruíram
as paisagens

o silêncio
escolheu
o dono
do coração
mais covarde
para esconder
sua doutrina
no escuro

raios de sol
ruidosos
desvendaram
tudo

num futuro distante
o silêncio chora
para que eu não precise chorar
quando não estiver mais aqui

as palavras que
criaram a paisagem
têm de ficar
sempre no seu
mesmo lugar
e sentem inveja
das palavras
que criaram
a sombra

eis aqui
tudo que
não ousa
escrever

apaga a luz
para conseguir
vê-lo

o que pensam
os restos
das pessoas
que foram

o adjetivo
me
colocou
num
buraco
agora
iluminado
por
substantivos
cegos
até que
uma
conjunção
chegue
aos trambolhões
e
despenque

alguém bateu à porta
do meu sonho

então acordei
e me levantei

olhei para o espelho
que disse:

não fui eu

ninguém
protestou
quando
as nuvens de chuva
dispersaram
a manifestação

não te metas
com a palavra
que pode
te morder
e te acordar
em pleno pesadelo
ou te intoxicar
de paixão
a ponto de não queres saber
de nenhuma outra palavra

o fantasma
que me visitou
de madrugada
me contou
que não havia
vida alguma
do lado de lá
que tudo lá
era tão morto
quanto do lado de cá
que nós de fato
jamais vivemos

não criei
nem a
fumaça
nem a
chaminé

porém
escrevi
um poema
sobre elas

nesse poema
também
criei algo
que já
não fuma

[eu não pedi]

eu não pedi
para vir aqui

as lembranças não me consultaram
antes
de me despacharem para cá
trazendo-as na bagagem

[dúvida]

não sei
se estou
morto
ou
vivo
ou se
simplesmente
sou
feroês

[credo]

invertidos no espelho
todos os meus amigos
viram as costas para mim

creio num deus
no qual não consigo acreditar

[aqui]

a alma negra como asfalto
me guia
sem cessar
entre as árvores
para ali morar

é aqui
onde as moscas visitam
minha doce
solidão

é aqui
onde conto
asas

[noite]

a noite
sorriu para mim
hoje à noite

devolvi o sorriso
pois amanhã
vai ser
outra noite

[noite]

prende a luz
num punho
cerrado

vai até uma vendinha

compra
um quilo
de escuridão

e larga
a luz
no punhado
até então
de escuridão
que desbota
e se acinza

quando me sinto
solitário demais
saio noite afora
olho para o alto
sei que estrela alguma
quer ser minha amiga
no entanto a cada vez
depois que afinal consigo
estabelecer contato
com alguma estrela bela e tremeluzente
a lua se intromete entre a gente
cheia ou a meias
dizendo que os amigos só me deixam mais só
e apenas me põem em órbita de mim mesmo
mas que se eu aceitar a minha solidão sem amigos
hei de ficar na órbita de amigos que não tenho
e que daqueles dois males esse é o melhor
é como a lua
que fica ou cheia ou a meias

AH MORTE

YUNUS EMRE



O TEXTO: A literatura popular turca tem suas origens na oralidade da poesia da Anatólia, que se arraiga formalmente em tradições nômades da Ásia Central e desenvolve em conteúdo os problemas, dificuldades e questionamentos de um povo sedentário, ou em vias de, que abandona o estilo de vida nômade. Os poemas de Yunus Emre aqui selecionados apresentam essa característica, ao versar com extrema habilidade sobre conceitos místicos obscuros de maneira simples e acessível.

Texto traduzido: Abdülbaki Gölpınarlı. *Yunus Emre Hayatı ve bütün Şiirleri*. İstanbul: İş Bankası Kültür Yayınları/Hasan Ali Yücel Klasikler Dizisi, 2006.

O AUTOR: Um dos primeiros poetas a compor suas obras em turco, a língua do povo, em vez de árabe ou persa, línguas de uma aristocracia culta, Yunus Emre (1240?-1321?) foi, além de um místico da tradição sufi, um poeta de grande influência no que viria a ser a literatura turca, tornando-se o expoente máximo da literatura mística islâmica da Anatólia.

O TRADUTOR: Leonardo da Fonseca cursou Letras Português e Espanhol na UniverCidade, Rio de Janeiro. É professor e tradutor de turco e espanhol. Para a (n.t.) já traduziu *Preso na fortaleza de Bursa*, de Nâzım Hikmet, e *Sol*, de Orhan Veli.

Contato: leotradutor@hotmail.com

AH ÖLÜM

*“Yunus söziün bunu söyler...
Viran olur kalır Birgün!”*

YUNUS EMRE

AH ÖLÜM

Yalancı dünyaya konup göçenler
Ne söylerler ne bir haber verirler
Üzerinde türlü otlar bitenler
Ne söylerler ne bir haber verirler

Kiminin başında biter ağaçlar
Kiminin başında sararır otlar
Kimi masum kimi güzel yiğitler
Ne söylerler ne bir haber verirler

Toprağa gark olmuş nazik tenleri
Söylemeden kalmış tatlı dilleri
Gelin duadan unutman bunları
Ne söylerler ne bir haber verirler

Yunus derki gör taktirin işleri
Dökülmüştür kirpikleri kaşları
Başları ucunda hece taşları
Ne söylerler ne bir haber verirler

MEZAR

Sabah mezarlığa vardım,
Baktım herkes ölmüş yatar,
Her biri çâresiz olup,
Ömrünü yitirmiş yatar.

Kimi yiğit, kimi koca,
Kimi vezir kimi hoca,
Gündüzleri olmuş gece,
Karanlığa girmiş yatar.

Vardım onların katına,
Baktım ecel heybetine,
Ne yiğitler muradına,
Daha ermemiş yatar.

Nicelerin bağrın deler,
Kurtlar üstünde gezeler,
Gepegencecik tâzeler,
Gül gibice solmuş yatar.

Yarı kalmış tüm işleri,
Dökülmüş inci dişleri,
Dağılmış sırma saçları,
Hep yerlere düşmüş yatar.

Çürüyüp durur tenleri,
Hakka ulaşmış canları,
Görmez misin sen bunları?
Nöbet bize gelmiş yatar.

YOL

Yar yüreğim yar, gör ki neler var,
Bu halk içinde bize gülen var.

Ko gülen gülsün, Hak bizim olsun,
Gafil ne bilsin, Hakk'ı seven var.

Bu yol uzaktır menzili çoktur,
Geçidi yoktur derin sular var.

Girdik bu yola aşk ile bile,
Gurbetlik ile, bizi salan var.

Her kim merdane gelsin meydane,
Kalmasın cana kimde hüner var.

Yunus sen bunda meydan isteme,
Meydan içinde merdaneler var.

YUSUF'U KAYBETTİM

Yusuf'u kaybettim Kenan ilinde
Yusuf bulunur, Kenan bulunmaz
Bu akı fıkır ile Leyla bulunmaz
Bu ne yaredir ki çare bulunmaz

Aşkın pazarında canlar satılır
Satarım canımı alan bulunmaz
Yunus öldüdeyu selam verirler
Ölen beden imiş, aşıklar ölmez

BİRGÜN

Vaktinize hazır olun,
Ecel varır gelir Birgün
Emanettir kuşa canın
Sahib vardır alır birgün

Nice bin kere kaçarsın
yedi deryalar geçersin
pervaz vuruban kaçarsın
Ecel seni bulur birgün

iş bu mecliye gelmeyen
anıp nasihat almayan
Eliften bayı bilmeyen
okur kişi olur birgün

tutmaz olur tutan eller
çürür şu söyleyen diller
sevip kazandığın mallar
varislere kalır birgün

Yunus sözün bunu söyler
aşkın Deryasını boylar
Şu yüce köşkler saraylar
Viran olur kalır Birgün!

AH MORTE

*“Palavras de Yunus dizem isso...
Um dia tudo isso ficará em ruínas!”*

YUNUS EMRE

AH MORTE

Imigrantes hospedam-se em um mundo mentiroso
o que dizem o que eles avisam,
sobre os tipos de ervas que brotam
o que dizem o que eles avisam.

Na frente de quem as árvores morrem
na frente de quem as ervas se abraçam
qual deles é inocente, qual belo e fiel
o que dizem o que eles avisam.

De peles suaves inundadas de terra
ficaram sem falar línguas doces
venha esquecê-los em oração
o que dizem o que eles avisam.

Yunus diz: veja, apreciem os trabalhos
seus cílios, suas sobrancelhas caíram
um monte de pedras sobre suas cabeças
o que dizem o que eles avisam.

O CEMITÉRIO

De manhã estive no cemitério,
olhei e todo mundo estava morto
cada um deles, desamparado
encontravam-se sem vida.

Alguns corajosos, alguns grandes
alguns vizires, alguns professores
seus dias se foram,
viraram noites na escuridão.

Estive em seu rebanho,
olhei a majestade da morte
o desejo dos bravos,
que esperavam mais.

Muitos de coração perfurado
andam sobre lobos
muito jovens frescos
qual flor murcha dormem.

Inacabadas todas suas obras
seus dentes de pérola caíram
suas tranças se desfizeram
encontram-se caídos por toda parte.

Suas peles apodrecidas
suas vidas alcançaram correção
você não vê que está com eles?
O guarda veio até nós.

O CAMINHO

Querida, meu coração, querida, veja que coisas existem,
Dentro dessa comunidade existe quem sorri para nós.

Que quem sorri sorria, que o merecimento seja nosso,
Que saiba o ingênuo, há quem ame o justo.

Este caminho é longo, há muitos obstáculos,
Não há saída, há águas profundas.

Entramos nesse caminho com amor mesmo,
Com refúgio, há quem nos livre.

Que cada um venha para a praça, ver os dados rolares.
Não fique aí parado, em todo mundo há malandragem.

Yunus, nisso você não quer a praça,
Dentro da praça os dados rolam.

PERDI O JOSÉ

Perdi o José, na cidade de Canaã.
José foi encontrado, Canaã não.
Com essa ideia na cabeça, Leila não se encontra.
Que paixão é essa que não tem solução.

As vidas são vendidas no mercado do amor.
Vendo a minha vida, não tem quem compre.
Yunus morreu, eles cumprimentam.
Eu era o cadáver, os apaixonados não morrem.

UM DIA

Prepare-se para seu tempo,
Um dia a morte chega.
Sua vida é a bênção de uma ave.
Tem dono, um dia toma.

Você escapa mil vezes,
Cruza os sete mares,
Você escapa das fronteiras.
A morte um dia encontra você.

Os que não vêm trabalhar neste parlamento.
Comemorando que não recebem conselho,
Os que não conhecem os homens de Elif.
São pessoas que um dia vão ler.

Não seguram, outros seguram.
As línguas ferinas que contam.
Dos lucros que você ganhou amando.
Um dia, ficam as varizes.

Palavras de Yunus dizem isso.
Elas pintam o mar do amor.
Agora são palácios nobres, mansões,
Um dia tudo isso ficará em ruínas!

O. МАНДЕЛЬШТАМ

POEMAS SELETOS

OSSIP MANDELSTAM



O TEXTO: Seleção de poemas estabelecida a partir do livro *Собрание сочинений* (*Poemas selecionados*), de Ossip Mandelstam, cuja obra poética somente voltou à luz em 1991, após a dissolução da ex-União Soviética. Seus poemas foram proibidos e todos os originais confiscados e destruídos. Para preservá-los do esquecimento, Nadejda Mandelstam, a viúva do poeta, decorou-os um por um, contrabandeando-os e ditando-os aos poucos, entre 1964 e 1969, cada vez que alguém perpassava as fronteiras da União Soviética, no intuito de que fossem publicados no Ocidente e sua obra poética, enfim, reconhecida.

• **Texto traduzido:** Мандельштам, О. *Собрание сочинений*. Нью-Йорк: Издательство Имени Чехова, 1955.

• **O AUTOR:** Ossip Mandelstam nasceu em Varsóvia (1891-1938). De família judaica, após o seu nascimento seus pais se mudaram para São Petersburgo, na Rússia. Publicou seu primeiro livro de poemas *Камень* (*Pedra*), aos 22 anos. Estudou no Instituto Tenitchév. Morou em Paris e Heidelberg. Foi um dos principais fundadores do acmeísmo, corrente crítica que se opunha ao simbolismo. Após compor um poema satírico sobre Stálin, em 1938, foi preso, exilado e condenado a cinco anos de trabalhos forçados. Em dezembro do mesmo ano, seu corpo foi encontrado na enfermaria de um campo de concentração, na Sibéria. A causa da sua morte não foi justificada.

• **A TRADUTORA:** Verônica Filippovna é doutoranda em Ciência da Literatura e mestre em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do conselho editorial da *Revista Tempo Brasileiro*. Para a (n.t.) já traduziu *Poesias*, de Marina Tsvetáeva.

А К М Э.

С. ПЕТЕРБУРГЪ.

1913.

СОБРАНИЕ СТИХОТВОРЕНИЙ

*“Немного красного вина,
Немного солнечного мая.”*

ОСИП МАНДЕЛЬШТАМ

Звук осторожный и глухой
Плода, сорвавшегося с древа,
Среди немолчного напева
Глубокой тишины лесной...

1908

Только детские книги читать,
Только детские думы лелеять.
Все большое далеко развезать,
Из глубокой печали восстать.

Я от жизни смертельно устал,
Ничего от нее не приемлю,
Но люблю мою бедную землю,
Оттого, что иной не видал.

Я качался в далеком саду
На простой деревянной качели,
И высокие темные ели
Вспоминаю в туманном бреду.

1908

Нежнее нежного
Лицо твоё,
Белее белого
Твоя рука,
От мира целого
Ты далека,
И всё твоё –
От неизбежного.

От неизбежного
Твоя печаль,
И пальцы рук
Неунывающих,
И тихий звук
Неунывающих
Речей,
И даль
Твоих очей.

<Декабрь?> 1909

Невыразимая печаль
Открыла два огромных глаза,
Цветочная проснулась ваза
И выплеснула свой хрусталь.

Вся комната напоена
Истомой – сладкое лекарство!
Такое маленькое царство
Так много поглотило сна.

Немного красного вина,
Немного солнечного мая –
И, тоненький бисквит ломая,
Тончайших пальцев белизна.

<Май?> 1909

Из омута злого и вязкого
Я вырос, тростинкой шурша, –
И страстно, и томно, и ласково
Запретною жизнью дыша.

И никну, никем не замеченный,
В холодный и топкий приют,
Приветственным шелестом встреченный
Коротких осенних минут.

Я счастлив жестокой обидою,
И в жизни, похожей на сон,
Я каждому тайно завидую
И в каждого тайно влюблен.

<Осень> 1910, 1927

Смутно-дышащими листьями
Черный ветер шелестит,
И трепещущая ласточка
В темном небе круг чертит.

Тихо спорят в сердце ласковом
Умирающем моем
Наступающие сумерки
С догорающим лучом.

И над лесом вечереющим
Встала медная луна;
Отчего так мало музыки
И такая тишина?

<Июнь> 1911

Образ твой, мучительный и зыбкий,
Я не мог в тумане осязать.
“Господи!” – сказал я по ошибке,
Сам того не думая сказать.

Божье имя, как большая птица,
Вылетело из моей груди!
Впереди густой туман клубится,
И пустая клетка позади...

Апрель 1912

ЛАСТОЧКА

Я слово позабыл, что я хотел сказать.
Слепая ласточка в чертог теней вернется,
На крыльях срезанных, с прозрачными играть.
В беспамятстве ночная песнь поется.

Не слышно птиц. Бессмертник не цветет,
Прозрачны гивы табуна ночного.
В сухой реке пустой челнок плывет,
Среди кузнечиков беспамятствует слово.

И медленно растет как бы шатер иль храм,
То вдруг прокинется безумной Антигоной,
То мертвой ласточкой бросается к ногам
С стигийской нежностью и веткою зеленой.

О, если бы вернуть и зрячих пальцев стыд,
И выпуклую радость узнавания.
Я так боюсь рыдания Аонид,
Тумана, звона и зиянья.

А смертным власть дана любить и узнавать,
Для них и звук в персты прольется,
Но я забыл, что я хочу сказать,
И мысль бесплотная в чертог теней вернется.

Все не о том прозрачная твердит,
Все ласточка, подружка, Антигона...
А на губах, как черный лед, горит
Стигийского воспоминанье звона.

Ноябрь 1920

Возьми на радость из моих ладоней
Немного солнца и немного меда,
Как нам велели пчелы Персефоны.

Не отвязать неприкрепленной лодки,
Не услышать в меха обутой тени,
Не перевозмочь в дремучей жизни страха.

Нам остаются только поцелуи,
Мохнатые, как маленькие пчелы,
Что умирают, вылетев из улья.

Они шуршат в прозрачных дебрях ночи,
Их родина – дремучий лес Тайгета,
Их пища – время, медуница, мята.

Возьми ж на радость дикий мой подарок –
Невзрачное сухое ожерелье
Из мертвых пчел, мед превративших в солнце.

Ноябрь 1920

Мне жалко, что теперь зима
И комаров не слышно в доме,
Но ты напомнила сама
О легкомысленной соломе.

Стрекозы выются в синеве,
И ласточкой кружится мода;
Корзиночка на голове
Или напыщенная ода?

Советовать я не берусь,
И бесполезны отговорки,
Но взбитых сливок вечен вкус
И запах апельсинной корки.

Ты все толкуешь наобум,
От этого ничуть не хуже,
Что делать: самый нежный ум
Весь помещается снаружи.

И ты пытаешься желток
Взбивать рассерженною ложкой,
Он побелел, он изнемог.
И все-таки еще немножко...

И, право, не твоя вина, –
Зачем оценки и изнанки?
Ты как нарочно создана
Для комедийной перебранки.

В тебе все дразнит, все поет,
Как итальянская рулада.
И маленький вишневый рот
Сухого просит винограда.

Так не старайся быть умней,
В тебе все прихоть, все минута,
И тень от шапочки твоей –
Венецианская баута.

Декабрь 1920

Я наравне с другими
Хочу тебе служить,
От ревности сухими
Губами ворожить.
Не утоляет слово
Мне пересохших уст,
И без тебя мне снова
Дремучий воздух пуст.

Я больше не ревную,
Но я тебя хочу,
И сам себя несу я,
Как жертву, палачу.
Тебя не назову я
Ни радость, ни любовь.
На дикую, чужую
Мне подменили кровь.

Еще одно мгновенье,
И я скажу тебе:
Не радость, а мученье
Я нахожу в тебе.
И, словно преступленье,
Меня к тебе влечет
Искусанный в смятении
Вишневый нежный рот.

Вернись ко мне скорее,
Мне страшно без тебя,
Я никогда сильнее
Не чувствовал тебя,
И все, чего хочу я,
Я вижу наяву.
Я больше не ревную,
Но я тебя зову.

1920

POEMAS SELETOS

*“Um pouco de vinho tinto
Um pouco do sol de maio.”*

OSSIP MANDELSTAM

O som seco e surdo
Do fruto que cai da árvore,
Em meio à incessante melodia
Do silêncio absoluto do bosque...

1908

Apenas ler livros infantis,
Apenas ter adágios pueris,
Tudo o que for solene dissipar,
Da tristeza profunda se elevar.

Eu cansei de uma vida morta,
Não admito nada fora dela,
Mas amo minha pobre terra
Porque não encontrei outra.

Eu estou num jardim distante
Sentado em balanço de madeira
E da alta sombra dos abetos
Recordo-me em delírio brumoso.

1908

Mais terna ternura
Teu rosto,
Mais branca brancura
Tuas mãos,
Do mundo inteiro
Estás distante,
E tudo é teu –
Inevitável.

Inevitável
É tua tristeza,
E a palidez
Dos dedos
De tuas mãos
E o som suave
Das tuas palavras
Joviais
E a distância
Dos teus olhos.

<Dezembro?>1909

Uma tristeza inefável
Abriu seus dois olhos enormes,
Um vaso abriu-se em flores
E despejou seus cristais.

Toda casa iluminou-se
Languida – doce remédio!
Este pequeno reino
Absorveu tantos sonhos.

Um pouco de vinho tinto
Um pouco do sol de maio –
E, a quebrar um naco de biscoito,
A brancura de dedos finos.

<Maio?> 1909

Do cerne da maldade e do lodo
Eu cresci, com um juncal farfalhando, –
Apaixonada, langue e terna
A vida proibida respira.

Definho, ninguém percebe,
Num abrigo frio e lamacento,
Saudamos em murmúrios
Os breves minutos do outono.

Sou feliz pela dura ofensa,
E na vida, como no sonho,
Sou em cada mistério inveja
E em cada mistério amor.

<Outono> 1910, 1927

O hálito fresco das folhas
Um vento negro sussurra,
E uma trêmula andorinha
No céu escuro faz círculos.

Silenciosamente discutem
No meu doce e aflito coração
O crepúsculo nascente
E um raio que se extingue.

Sobre o entardecer do bosque
Ergueu-se uma lua de cobre;
Por que tão pouca música
E tanto silêncio?

<Junho> 1911

Tua imagem aflita e trepidante,
Eu não posso na névoa tocar.
“Senhor!” – saiu num rompante
O que eu não pensava falar.

O nome de Deus, feito ave colossal,
Saiu voando do meu peito!
Diante da densa névoa se eleva,
E deixa a gaiola para trás...

Abril de 1912

ANDORINHA

Eu esqueci a palavra que eu queria dizer
A andorinha cega volta às sombras,
Com as asas quebradas para brincar.
A canção da noite ressoa languescida.

Não ouço os pássaros. As sempre-vivas não florem,
Transparentes são as crinas da noite.
No rio seco navega uma canoa vazia,
Entre os grilos a palavra esquecida.

Lentamente surge numa tenda ou templo,
E, de repente, entregue à loucura de Antígona,
A andorinha cai aos pés da morte,
Com a ternura de Estige¹ e um ramo verde.

Ó, se pudesse retornar à vida,
À alegria do reconhecimento,
Temo os soluços das Musas,
A névoa, o som, o abismo.

Aos mortais foi dado amar e saber,
Para eles o som escorre dos dedos,
Mas eu esqueci o que eu queria dizer,
E o pensamento incorpóreo retorna às sombras.

Nada é tão sólido e transparente.
Mas a andorinha, amiga, Antígona...
E nos lábios, como gelo preto, arde
A lembrança do som estígio nascendo.

Novembro de 1920

¹ Na mitologia grega é um dos rios do Tártaro e divide o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Estige (a Odiosa) era também uma oceânide, isto é, uma ninfa, filha de Oceano e Tétis. (n.t.)

Toma para alegria de minhas mãos,
Um pouco de sol e um pouco de mel,
Como nos ditaram as abelhas de Perséfone.

Não deixe o barco à deriva
Não sinta na pele a sombra de um calçado
Não vença o medo desta vida adormecida.

Estamos apenas nos beijando,
Como pequenas abelhas,
Que morrem fora da colmeia

Elas zumbem no transparente segredo da noite,
Sua pátria – o bosque adormecido de Taigeto²,
Seu alimento – o tempo, a pulmonária, a hortelã.

Toma alegremente meu dom selvagem
Este feio e seco colar
De abelhas mortas que transformaram mel em sol.

Novembro de 1920

² Monte localizado ao sul da Grécia. Durante a Antiguidade Clássica, os espartanos celebravam rituais dionisíacos; as crianças nascidas com déficit físico e/ou mental eram para lá levadas e abandonadas. (n.t.)

Lastimo que seja agora inverno
E não se ouçam os mosquitos na casa,
Mas tu me fizeste recordar
A leveza da palha.

Libélulas voam no azul,
A moda dá voltas como andorinha
Há uma cesta na cabeça –
Ou uma ode solene?

Não me atrevo a dar conselhos
E desculpas inúteis
Mas é eterno o sabor da nata
E o aroma cítrico da laranja.

Tu entendes tudo às avessas
E isto não pode ser pior
Que fazer se o juízo mais terno
Parece loucura.

E tu tentas quebrar uma gema
Batendo com uma colher
Está branco, quase pronto –
Mas falta um pouco mais...

Realmente não é tua culpa,
Para que avaliar e negar?
Tu inventas brincadeiras
Para o riso das comédias.

Em ti tudo seduz, tudo canta,
Como um rocambole italiano.
E a pequena cereja da tua boca
Pede a secura das uvas.

Não tente ser esperta
Tudo em ti é capricho.
E a sombra do teu chapéu –
Uma máscara veneziana.

1920

Como os outros
Eu desejo servi-te,
Com a boca sedenta
De ciúmes enfeitigar-te.
A palavra não sacia
Meus lábios ressequidos,
E sem ti, outra vez,
O ar vazio é pesado.

Já não sinto ciúmes,
Mas eu te desejo,
Eu mesmo levo-me a ser,
Como vítima, carrasco.
Não te nomearei:
Nem alegria, nem amor;
Por um mais selvagem, estranho
Substituíram-me o sangue.

Um instante mais,
E irei dizer-te:
Não a alegria, mas o tormento
Encontro em ti.
E, como num crime,
Sou atraído por ti
Mordendo em agitação
A boca fresca e cereja.

Volte logo para mim:
É estranho estar sem ti.
Eu nunca como agora
Tão profundo te senti.
Tudo quanto quero
Eu vejo em realidade,
Já não sinto ciúmes –
Mas eu te chamo.

1920

BELA MÃE DAS ÁGUAS TITICACA

FRIDA RODAS



O TEXTO: Seleção de poemas de Frida Rodas a partir do livro *Ina Panqarita* (Florzinha Silvestre, em língua aimará). Ao longo de seus versos, profundamente arraigados na tradição andina, Frida celebra os habitantes de sua cidade natal, Puno; os *kjot'suñi*, homens e mulheres das águas que vivem nas milenares ilhas do altiplano andino, entre elas a mítica Uros; os bailarinos, danças e músicas típicas da região, como o tradicional huaino, além de evocar os lagos Umayo e Titicaca, sagrados desde a época dos Incas, seus antepassados. Em sua poesia entrelaça vozes do imaginário quéchua e aimará, e invoca os antigos idiomas falados aos arredores do Titicaca, como o *chipaya*, ainda usado na Bolívia, o *pukina*, língua pré-hispânica extinta, e o *chhiw lüsñchi chhun lüsñch*, o idioma uru, hoje praticamente desaparecido.

Texto traduzido: Rodas, Frida. *Ina Panqarita*. Lima: Asociación Cultural Brisas del Titicaca, 2012.

Agradecimentos: a Frida Rodas, pela concessão e revisão dos originais e tradução. *Sullpay!*

A AUTORA: Frida Rodas nasceu em Puno, no Peru. Tradutora, desenhista e poeta bilíngue da nova geração de intelectuais nascida às margens do Lago Titicaca, publicou seu primeiro livro de poesia, *Ina Panqarita* (Florzinha Silvestre), em 2012. Como expositora, participou de diversos congressos realizados em Cuba, México, Argentina e Espanha. Em 2010, obteve o 1º lugar no Concurso Literário organizado pela Asociación Cultural Brisas del Titicaca, com o poema “Puno”, e em 2011 foi incluída na antologia poética peruana-argentina *De queñas y bandoneones – 70 voces femininas*, organizada por José Vargas Rodríguez. Atualmente reside em Lima, na capital peruana.

O TRADUTOR: Gleiton Lentz é tradutor, editor e doutor em Literatura pela UFSC/Università di Firenze. Dedicou-se ao estudo e tradução da poesia simbolista italiana e hispano-americana. Para a (n.t.) já traduziu, em formato HQ, poemas de Dino Campana, Severino Di Giovanni e Roberto de las Carreras.

SUMAQ MAMACOCHA TITIKAKA

*“¡Sumaq Mamacocha Titicaca,
unuyki riphurpurin koyllorcama!”*

FRIDA RODAS

PUNO

Volverte a ver inunda de emoción mi corazón
que lunas desoladas dejó transcurrir sin razón,
falta poco, susurro, repito, invoco aún fuera de mi.

¿Pudo acaso la cobija ajena mitigar mi dolor?
¿Pudo acaso el frenesí mundano acallar mi voz?
¿Pudo acaso tu lejano aroma hacer que corriera hacia ti?

Al fin te contemplo bendita tierra mía,
enaltecida por el danzar divino del caporal socarrón,
que transita al decir de sikus de tradición.

Alalau leve plenilunio de abril que iluminas mi lago,
lago sagrado de aguas turmalinas,
¡Sumaq Mamacocha Titicaca, unuyki riphurpurin koyllorcama!

Ananau Huajsapata, en néveas noches anidas huaynos,
tú nomás estás sabiendo...
¡Inti qulluru vel uta utaru k'achachasi!

LOS URUS

KJOT'SUÑI, uru, mujeres y hombres del lago,
sangre negra hierve dentro de sus cuerpos,
como sublime néctar que fortalece su existir.

En sus rostros se reflejan las diáfanas aguas,
tornando cristalinas las dos mejillas cobrizas
y húmedas las inquietas pupilas color capulí.

La boca encarnada emana cánticos pukinas,
soplos que se convierten en oleaje impetuoso
cuando el urukilla renace desde sus entrañas.

Ancestral chhiw lüsñchi chhun lüsñch venerado,
que durante siglos enmudecidos resistir pudo,
¿por qué ya no se oye tu fuerte caricia palatal?

El hielo de las inclementes noches de invierno
desciende y se atesora sobre sus cimientos,
ninguno sucumbe, nadie yace allá abajo.

Cae la noche y el silencio acalla los rumores,
pues las balsas de totora con tenue lumbre
en pos de ispís y c'arachis platinados van.

Con los pies sobre una nube de totoras flotantes,
suspendidas en el hechizo de ramas laceradas,
surgen los cálidos amaneceres de un nuevo día.

En razón de huida o peregrinaje fue el origen,
de admirable resistencia es su permanecer,
pagando tributo divino al lago que los vio nacer.

DE POETAS, MÚSICOS, BAILARINES, PINTORES Y BUENOS AMANTES

De poetas hablan tus historias,
labradas con la pluma silenciosa
de una hermosa totorera errante
que se nutre de tu gran energía.

De músicos cantan las cuerdas,
acompasaditas en un huayñito,
raspando la serrana mandolina
que anima cantares del alma mía.

De bailarines se visten tus calles
bajo lentejuelas y mil cascabeles.
sacudiendo tus entrañas, madre,
al ofrecerte elíxires de armonía.

De pintores que tiñen tus cielos
con azules de verdor ambarino,
rasgando las nubes esquivas
para mostrar tu belleza de día.

De buenos amantes en noches
las coplas de amor a su amada
y satinadas rosas rosas ofreciendo,
bajo el influjo del lago que nos guía.

LAGO UMayO

La luna se mita en tus apacibles aguas
cuando mi alma vehemente ansia salir,
salir a navegarte en esta noche oscura.

El frío de la puna desciende con premura,
helando mis pensamientos y mi fe ciega,
que aún conserva ese fervor y tu mirada.

Mitos y leyendas susurran tus misterios,
¿surcar tus mansas aguas imperturbables
es cierto que no permites a ninguno?

Bajo aquellos pétreos muros yacen,
sintiendo tu humedad, tu suave respiro,
cutinitati curumi, mañana has de volver.

Cuntasa jachasta, colla de mi altiplano,
mirando la meseta que ansías alcanzar,
tus lágrimas seguro allá van a llegar.

Me dices que regresas, ina panqarita,
me dices que mañana aquí estarás,
todo eso me dices y te estoy creyendo.

TAKILE

En lo alto de una peña la encontrarás,
rozando la afilada piedra milenaria,
con sombríos chuco y pollera de lana,
warmi risueña que alegras al Titicaca.

Quinientas gradas pretenciosas anhelan
hacerte conocer las estrellas alejadas,
zigzagueando el remonte inminente
entre arcos de piedra superpuesta.

Puqa solemne en las venas del ayer,
recuerda el destello de su yuraq sonrisa
cuando el verde pasto qomereando crece
y sus matices se impregnan en tus tejidos.

Tus texturas hablan de amor y sabiduría,
geometría que es casi de triple dimensión,
cuentan lejanas historias que el poeta calló
en medio de la oscura noche de su olvido.

Deja que vuelva esa ranita a nuestro lago,
de piedra en piedra mojando su cuerpecito,
saltando sobre lúdicas aguas de frío hielo
que congelan hasta al mismo fuego eterno.

Dos pichitankas curiosas la están mirando,
con mirada fija e inquisidora están viniendo,
«¡dinos tú, juch'uy ranita, batracio andino,
¿por qué alardeas tus afanes con pasión?».

«No lo sé, ella me ha soltado de esa peña,
diciendo», «vete kairita, busca tu origen»,
«mi origen está en tus manos», le respondí,
«volveré pronto, porque tuyo es mi corazón».

LOS AYARACHIS

Ella se ha marchado para siempre,
pero el alma unida a su cuerpo está,
bálsamos perfuman su existencia
que mañana Viracocha recogerá.

Ya los he llamado, seguro vendrán
bordeando cerros, cruzando lagos,
tropezando bosques de inmensidad,
caminando sus ojotas de tierra y cal.

Se han posado los suris en la mollera,
dejando sus plumas como ofrenda,
la fuerza de sus brazos le dan al bombo
el aire que alimenta las cañas del siku.

Pronto se estremecen los precipicios
con el sonido telúrico de sus vientos
que el eco devuelve con solemnidad,
en el canto de muerte que ha llegado.

Al amanecer, la quietud se apodera,
mi vasto imperio no es nada sin ti,
descendiente de una casta poderosa,
si no estás a mi lado prefiero morir.

SUMAQ MAMACOCHA TITIKAKA

Que mis grises cenizas eternas
se fundan en tus gélidas aguas,
al roce de caudales inagotables,
en la más oscura de tus noches.

Que tu ampuloso lecho sagrado
se convierta en mi última morada,
cuando aquellos ichus palpitantes
presagian el último de mis días.

Que mi exaltada alma se evapore,
de tus mágicos efluvios abrazada,
ch'allando tu suerte junto a la mía
desde lo más alto del firmamento.

Que la evocación de tu hermosura
calme las ausencias más ausentes,
al abrigo de amaneceres argénteos,
en la quietud de tus aguas virtuosas.

Que el hechizo de tus espumas
signifique vida, una vez más,
el inicio de un nuevo pachacuti,
Suma Mamaquta Titikaka.

BELA MÃE DAS ÁGUAS TITICACA

*“Bela Mãe das Águas Titicaca,
tuas águas resplandecem até as estrelas.”*

FRIDA RODAS

PUNO

Voltar a te ver inunda de ânsia meu coração
que luas desoladas deixou transcorrer sem razão,
falta pouco, sussurro, repito, invoco ainda fora de mim.

Pôde, acaso, a cobiça alheia mitigar minha dor?
Pôde, acaso, o frenesi mundano calar minha voz?
Pôde, acaso, teu aroma distante fazer que corresse rumo a ti?

Ao fim, te contemplo, bendita terra minha,
enaltecida pela dança divina do astuto caporal,
que transita ao dizer de *sikus*¹ de tradição.

*Alalau*²! Leve plenilúnio de abril que iluminas meu lago,
lago sagrado de águas turmalinas,
Bela Mãe das Águas Titicaca, tuas águas resplandecem até as estrelas.

¹ *Sikus*: em aimará, flauta andina. (n.t.)

² *Alalau*: interj., do quéchua, Que frio! (n.t.)

*Ananau*³, *Huajsapata*⁴! Em néveas noites acolhes huainos⁵,
tu, ninguém mais, estás sabendo...
O sol ilumina o morro pela manhã!

³ *Ananau*: interj., do quéchua, Que belo! (n.t.)

⁴ *Huajsapata*: referência ao Morro Huajsapata, localizado na zona oeste da cidade de Puno. (n.t.)

⁵ *Huaino*: do quéchua *wayñu*, música e dança popular andina. (n.t.)

OS URUS

*Kjot'suñi*⁶, uru, mulheres e homens do lago,
sangue negro ferve dentro de seus corpos,
como sublime néctar que fortalece seu existir.

Em seus rostos se refletem as diáfanas águas,
tornando cristalinas as maçãs da face acobreadas
e úmidas as inquietas pupilas cor cereja.

A boca encarnada emana cânticos *pukinas*⁷,
sopros que se convertem num marulhar impetuoso
quando o *urukilla*⁸ renasce desde suas entranhas.

Ancestral *chbiw lüsñchi chbun lüsñch*⁹ venerado,
que durante séculos emudecidos resistir pôde,
por que já não ouvimos tua forte carícia palatal?

O gelo das inclementes noites de inverno
descende e se entesoura sobre seus alicerces,
ninguém sucumbe, ninguém jaz ali embaixo.

Cai a noite e o silêncio cala os rumores,
pois as balsas de *totoras* com tênue lume,
depois dos *ispis*¹⁰ e *c'arachis*¹¹, platinados vão.

Como os pés sobre uma nuvem de *totoras* flutuantes,
suspensas no feitiço de ramos lacerados,
surgem os cálidos amanheceres de um novo dia.

⁶ *Kjot'suñi*: em *chipaya*, homens da água. A língua *chipaya* é atualmente falada na região de Oruro, na Bolívia. (n.t.)

⁷ *Pukina*: língua pré-hispânica extinta, falada, entre outros lugares do Peru e Bolívia, aos arredores do Titicaca. (n.t.)

⁸ *Urukilla*: em quéchua, o idioma *uru*, hoje praticamente desaparecido, originário da etnia dos Uru, antigos habitantes das ilhas do Lago Titicaca e das margens do rio Desaguadero, na Bolívia. (n.t.)

⁹ *Chbiw lüsñchi chbun lüsñch*: em *urukilla*, literalmente, o idioma *urukilla*. (n.t.)

¹⁰ *Ispi*: em quéchua, pequeno peixe típico do Lago Titicaca. (n.t.)

¹¹ *C'arachiz*: em quéchua, pequeno peixe lacustre. (n.t.)

Em razão da fuga ou peregrinação foi a origem,
de admirável resistência é seu permanecer,
pagando tributo divino ao lago que os viu nascer.

DE POETAS, MÚSICOS, BAILARINOS, PINTORES E BONS AMANTES

De poetas falam tuas histórias,
lavradas com a pluma silenciosa
de uma formosa *totorera*¹² errante
que se nutre de tua grande energia.

De músicos cantam as cordas,
compassadas em um amado huaino,
arranhando a serrana mandolina
que anima cantares de minh'alma.

De bailarinos vestem-se tuas ruas
sob lantejoulas e mil guizos,
sacudindo tuas entranhas, mãe,
ao oferecer-te elixires de harmonia.

De pintores que tingem teus céus
com azuis de verdor ambarino,
rasgando as nuvens esquivas
para mostrar tua beleza de dia.

De bons amantes em noites
as coplas¹³ de amor à sua amada
e acetinadas rosas rosas oferecendo,
sob o influxo do lago que nos guia.

¹² *Totorero*: do quéchua, *t'utura*, pequena ave que habita o Lago Titicaca, segundo a tradição local, responsável por indicar as variações cíclicas do clima. (n.t.)

¹³ *Copla*: dístico ou estrofe em canções populares espanholas, geralmente acompanhado de música improvisada. (n.t.)

LAGO UMayO¹⁴

A lua se vê em tuas aprazíveis águas
quando minha alma veemente anseia sair,
sair a navegar-te nesta noite escura.

O frio da puna¹⁵ desce com premência,
gelando meus pensamentos e minha fé cega,
que ainda conserva esse fervor e teu olhar.

Mitos e lendas sussurram teus mistérios,
por certo, tuas mansas águas imperturbáveis
não permites que ninguém as sulque?

Sob aqueles pétreos muros jazem,
sentindo tua umidade, teu suave respiro,
oh, arco-íris, tu voltarás amanhã.

Por que choras, *colla*¹⁶ de meu altiplano,
olhando a meseta que anseias alcançar,
tuas lágrimas, por certo, lá chegarão.

Dizes-me que retornas, flor silvestre,
dizes-me que amanhã aqui estarás,
dizes-me tudo isso, e estou crendo em ti.

¹⁴ *Lago Umayo*: lago na região de Puno, no Peru, em cujas margens se encontram as ruínas pré-incaicas dos muros e das Chulpas (torres) funerárias de Sillustani. (n.t.)

¹⁵ *Puna*: do quíchua, as terras altas da Cordilheira dos Andes. (n.t.)

¹⁶ *Colla*: do quíchua, habitante do Reino Colla, o 3º dos reinos aimarás posteriores à queda da cultura Tiahuanaco. (n.t.)

TAQUILE¹⁷

No alto de uma penha a encontrarás,
roçando a afiada pedra milenária,
com um *chuco*¹⁸ e saia de lã sombrios,
*warmi*¹⁹ risonha que alegras o Titicaca.

Quinhentos degraus pretensiosos desejam
que conheças as estrelas afastadas,
zigzagueando o remonte iminente
entre arcos de pedra sobreposta.

Vermelho solene nas veias de outrora,
lembra o cintilar de seu branco sorriso
quando o verde pasto verdejando cresce
e seus matizes impregnam teus tecidos.

Tuas texturas falam de amor e sabedoria,
geometria que é quase de tripla dimensão,
contam histórias distantes que o poeta calou
em meio à obscura noite de seu olvido.

Deixa que essa rãzinha retorne ao nosso lago,
de pedra em pedra molhando seu corpinho,
saltando sobre lúdicas e gélidas águas
que congelam até mesmo o fogo eterno.

Duas *pichitankas*²⁰ curiosas olham para ela,
com o olhar fixo e inquisidor se aproximam:
“– Dize-nos, pequena rã, batráquio andino,
por que exhibes tuas ânsias com paixão?”

¹⁷ *Taquile*: referência à Ilha Taquile, localizada no Titicaca. (n.t.)

¹⁸ *Chuco*: do quéchua, manto negro que cobre até as costas usado pelas mulheres da Ilha. (n.t.)

¹⁹ *Warmi*: do quéchua, mulher. (n.t.)

²⁰ *Pichitanka*: do quéchua, pardal serrano. (n.t.)

“– Não sei, ela me jogou dessa penha,
dizendo:” “– Vai *kairita*²¹, busca tua origem”,
“– Minha origem está em tuas mãos”, lhe respondi,
“– Logo voltarei, porque teu é o meu coração”.

²¹ *Kairita*: em quéchua, dim. de *kaira*, rã. (n.t.)

OS AYARACHIS²²

Ela se foi, tendo partido para sempre,
mas a alma unida ao seu corpo está,
bálsamos perfumam sua existência
que amanhã Viracocha²³ apanhará.

Eu já os chamei, por certo virão
bordejando morros, cruzando lagos,
tropeçando bosques de imensidão,
caminhando suas sandálias de cal e terra.

Os *suris*²⁴ pousaram na moleira,
deixando suas plumas como oferenda,
a força de seus braços dão ao bombo
o ar que alimenta os tubos do *siku*²⁵.

Logo se estremecem os precipícios
com o som telúrico de seus ventos
que o eco devolve com solenidade,
no canto de morte que chegou.

Ao amanhecer, a quietude se apodera,
meu vasto império não é nada sem ti,
descendente de uma casta poderosa,
se não estás a meu lado, prefiro morrer.

Soprem, *ayarachis*, à minha amada *coya*²⁶
que seu canto aumente esta melancolia,
que a mãe afogue este grito quedo
quando saiba que partiu sua menina.

²² *Ayarachi*: do quéchua, dança indígena típica da região quéchua de Puno que se caracteriza por uma música lúgubre, tocada, com *sikus* e tambores, pelos *ayarachis*, nome dado aos membros da banda desse gênero musical. (n.t.)

²³ *Viracocha*: em quéchua, a divindade invisível, o deus criador de toda a cosmovisão da cultura tiahuanaco e inca, que teria surgido das águas do Titicaca e criado a terra e o céu. (n.t.)

²⁴ *Suri*: do quéchua, espécie de nhandu ou ema. (n.t.)

²⁵ *Siku*: vide nota 1, pág.

²⁶ *Coya*: em quéchua, entre os antigos incas, mulher do soberano ou princesa. (n.t.)

BELA MÃE DAS ÁGUAS TITICACA

Que minhas eternas cinzas grises
se fundam em tuas gélidas águas,
ao roçar de caudais inesgotáveis,
na mais obscura de tuas noites.

Que teu pomposo leito sagrado
se converta em minha última morada,
quando aqueles *ichus*²⁷ palpitantes
pressagiarem o último de meus dias.

Que minha exaltada alma se evapore
de teus mágicos eflúvios abraçada,
ofertando à terra a tua e minha sorte
desde o mais alto do firmamento.

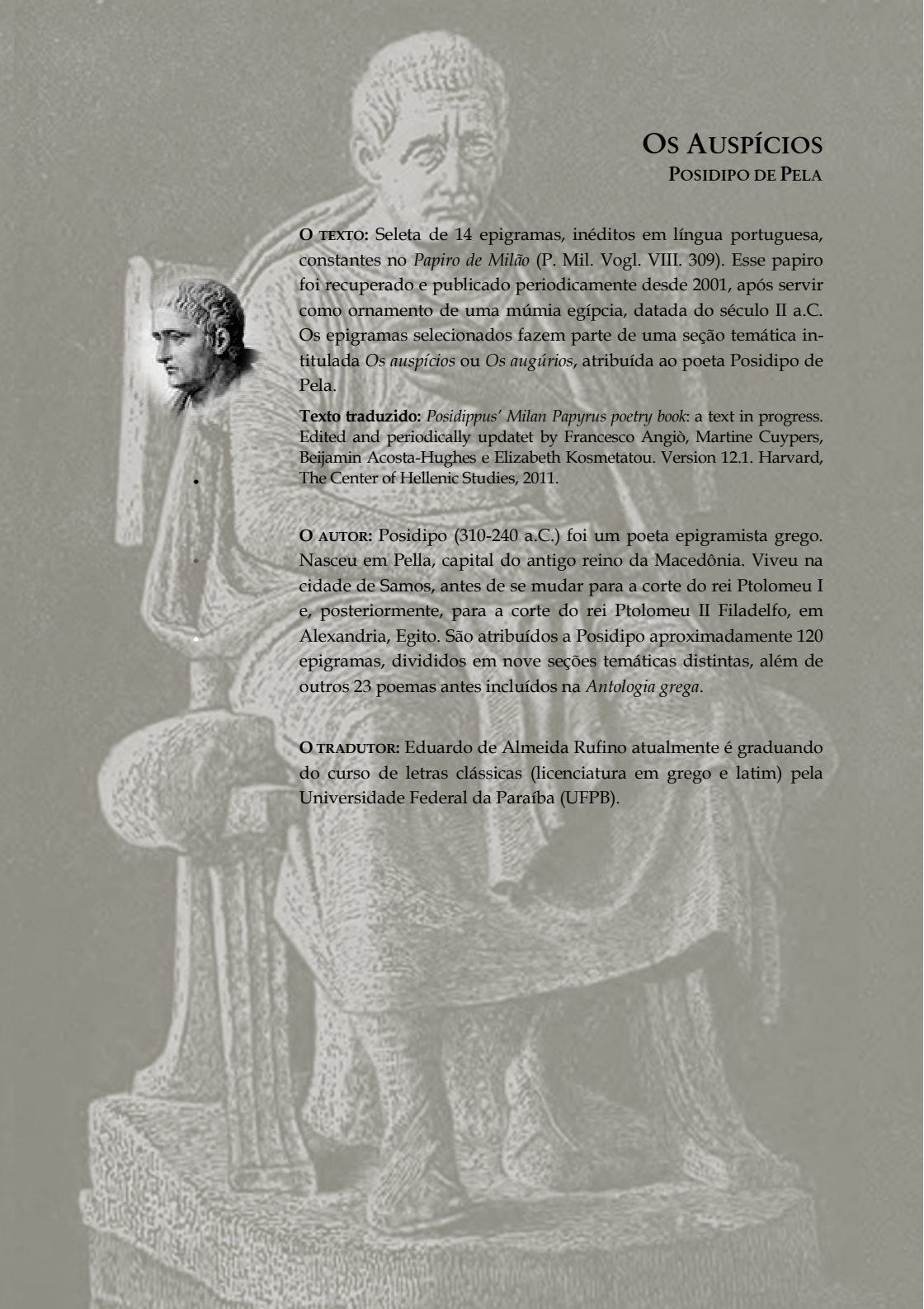
Que a evocação de tua formosura
acalme as ausências mais ausentes,
ao abrigo de amanheceres argênteos,
na quietude de tuas águas virtuosas.

Que o feitiço de tuas espumas
signifique vida, uma vez mais,
o início de um novo *pachacuti*²⁸,
Bela Mãe das Águas Titicaca²⁹.

²⁷ *Ichu*: em quéchua, palha típica do altiplano andino. (n.t.)

²⁸ *Pachacuti*: a “nova era”, de acordo com a tradição incaica, referência ao primeiro imperador inca Pachacuti Inca Yupanqui (1400?-1471), cujo nome significa, em quéchua, “O que muda a Terra” ou “O reformador da Terra”. (n.t.)

²⁹ *Titicaca*: antiga Ilha do Sol, no Lago Titicaca. Em quéchua, rocha de chumbo ou estanho. (n.t.)



OS AUSPÍCIOS

POSIDIPO DE PELA

O TEXTO: Seleta de 14 epigramas, inéditos em língua portuguesa, constantes no *Papiro de Milão* (P. Mil. Vogl. VIII. 309). Esse papiro foi recuperado e publicado periodicamente desde 2001, após servir como ornamento de uma múmia egípcia, datada do século II a.C. Os epigramas selecionados fazem parte de uma seção temática intitulada *Os auspícios* ou *Os augúrios*, atribuída ao poeta Posidipo de Pela.

Texto traduzido: *Posidippus' Milan Papyrus poetry book: a text in progress.* Edited and periodically updated by Francesco Angiò, Martine Cuypers, Benjamin Acosta-Hughes e Elizabeth Kosmetatou. Version 12.1. Harvard, The Center of Hellenic Studies, 2011.

O AUTOR: Posidipo (310-240 a.C.) foi um poeta epigramista grego. Nasceu em Pella, capital do antigo reino da Macedônia. Viveu na cidade de Samos, antes de se mudar para a corte do rei Ptolomeu I e, posteriormente, para a corte do rei Ptolomeu II Filadelfo, em Alexandria, Egito. São atribuídos a Posidipo aproximadamente 120 epigramas, divididos em nove seções temáticas distintas, além de outros 23 poemas antes incluídos na *Antologia grega*.

O TRADUTOR: Eduardo de Almeida Rufino atualmente é graduando do curso de letras clássicas (licenciatura em grego e latim) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

ΟΙΩΝΟΣΚΟΠΙΚΑ

“Οίωνοσκοπίας τεκμαίρεται· ἀλλ’ ἴτε φήμην
καὶ Διὸς οἰωνοῦς ὧδ’ ἀναπνευσόμε[νοι].”

ΠΟΣΕΙΔΩΠΠΟΣ

AB 21 (IV 8-13)

νηὶ καθελκομένηι πάντα πλέρ<ς> ἰνὶ φανήτω
ἶρηξ, αἰθυίης οὐ καθαροπτέρυγος·
δύγωνεῖς βυθὸν ὄρνις ἀνάρσιος, ἀλλὰ πετέεθω
ὕψο..[. . .]..[. . .].[. . .] .φ’ ὄλως·
οἷοσ’ ἀπὸ δρυὸς ὦρετ’ Ἰακῆς ὠκύπτερος ἶρηξ
___ἶρηι, Τίμων, σῆ<ς> νηὶ καθελκομένηι<ς>.

AB 22 (IV 14-19)

ὄρνις μὲν β[ο]ῦκαῖος ἐπήρατος ἀνδρὶ γεωργῶι
φαινέσθω, λήπτης καὶ περιφύτλ' ἀγαθός·
ἡμῖν δ' Αἰγύπτου πέλαγος μέλλουσι διώκειν
Θρῆκ'α κατὰ προτόνων ἡγεμονέοι γέρανος,
σῆμα κυβερνήτηκ' καταδέξιον, ἦτὸ μέγ[
— κύμα, δι' ἡερίωνω[ιζο]μένη πεδίον.

AB 23 (IV 20-23)

ἡερίην ἀΐθυιαν ἰδὼ[ν ὑπ]ὸ κῦμ[α] θαλάσ[κης
δυομένην, ἀλιεῦ{ς}, `ς ᾗ[μα φ]ύλα[ς]c{ε} ἀγαθ[όν·
καὶ πολυάγκιστρον κ[αθίει] καὶ βάλλε καγ[ήνην
___ κ]αὶ κύρτους· ἄγρης οὐ[ποτ' ἄ]πε[ι] κεγεός.

AB 24 (IV 24-29)

...]εο¹ τὸν Θηβαῖον ιδών, ἀ[λιεῦ,] μέλα[ν' ὄρνιν·
αἰ]θυίηι πεισθεῖς οὐκα. [. . .] ..α.[
... [.] . .[. .]. . . . [.]. [.] .ε`α`ύτ.[²
πρηχη.ς³ Ἀρχύτα[. . .]θενεπα[
εἰς γὰρ κυματοπλῆγ' ἀκ[τήν .].τοκρυρο [.]ορ[⁴
___ c]ῆμ' εὐαγρείης οὐχ ἐτέ[. . .]κριτον.⁵

¹ ὄρς]εο

² ἐαυτο[vel ἐαυτω[

³ πρηχηίς vel ης: πρηχεῖς c'.

⁴ ὁ κρατὸς]ε] ὄρ[νις

⁵ ἐτέ[ροις ἄ]κριτον:

AB 25 (IV. 30-35)

πρέσβυς ἀνὴρ ἀγαθός τε [καὶ εὐ]άνητος ὁδ[
καὶ περὶ ναυτιλίας· καὶ γάμον εἰρομ[ε]ν[
ἔστω δὴ ἱερεὺς στεφανηφόρος ἢ κατ' ἀκ[ου]ήν
ἡβηταῖς ἤδη παισὶ μέγα φρονέων·
ὥς αἰσχροῦς ἦντησε πατήρ τε <σ>ὸς οὐκ ἔστι
— εὐδαίμων τε γενοῦ, νύμφα, καὶ εὐέκυρος.

AB 26 (IV 36-39)

Οἰκῆα κτήσασθαι ἐρωιδίδος ὄρν<ις> ἄριστος
 πελλός, ὃν Ἀ[ς]τερὶη μάντις ἐφ' ἱρὰ καλεῖ·
ὧι πειθεῖς Ἰέρων ἐκτ[ή]σατο τὸν μὲν ἐπ' ἀγροῦ
 ___ τὸν δ' οἴκων ἀγαθῶι cὺ<ν> ποδὶ κηδεμόνα.

AB 27 (IV 40-V 7)

τέκνων εἰρ[ο]μένω· γενεὴν οἰωνὸς ἄριστος,
φήνη μαρτυρίην οὐδὲ θεοῦ δέχεται
οὐδὲ συνεδρεῦσαι μέγαν ἀετόν, ἀλλὰ τελείη{ι}
φαίνεται· οἰωνῶν χρῆμα τελειότατον,
φήνη παῖδ' ἀγαγοῦσα καὶ ἐν θάκοις ἀγορητὴν
— ἡδυεπὴ θήκει καὶ θοὸν ἐν πολέμῳ.

AB 28 (V 6-11)

ἦν ἀνδρὸς μέλλοντος ἐπ' Ἄρεα δῆϊον ἔρπειν
ἀντήρη· κλαίων πρέσβυς ἐπὶ τριόδου,
οὐκέτι νοστήσει κείνος βροτός· ἀλλ' ἀναθέσθω
τὴν τόθ' ὁδοιπορίην εἰς ἕτερον πόλεμον·
καὶ γὰρ Τιμολέων κεκλαυμένος ἦλθεν ὁ Φωκεὺς
— ἐκ πολέμου τούτῳι σήματι μεμψάμενος.

AB 29 (V 12-15)

ἐχθρὸν ἄνθρωπος κορυδοῦς καὶ ἀκανθίδας ἦν ἐνὶ χώρῳ
ἀθρήσει· χαλεποὶ σύνδυο φαινόμενοι·
ὥς Εὐέλθων εἶδε· κακοὶ δέ μιν αὐτὸν ὀδίτην
κλῶπες Κιδήνην κτεῖναν ἐν Αἰολίδι.

AB 30 (V 16-19)

ξέσματος ἰδρώσαντος ὅσος πόνος ἀνδρὶ πολίτῃ
καὶ δοράτων ὅσος <ο> προσφέρεται νιφετός·
ἀλλὰ τὸν ἰδρ[ώσα]ντα κάλει θεόν, ὅστις ἀπώσε[ι]
πῦρ ἐπὶ δυ[σμε]νέων αὔλια καὶ καλάμα[ς].

AB 31 (V 20-25)

ἀετὸς ἐκ< νε[φέω]ν καὶ ἄμα κτεροπὴ καταβά[ca
νίκη< οἶων[οὶ δε]ξιοὶ ἐς πόλεμον
Ἀργ<ε>άδα<ι>ς βα[σιλε]ῦσιν, Ἀθηναίη<ς> δὲ πρὸ ναο[ῦ]
ἶχνος κινη[θὲν δε]ξιὸν ἐκ< μολύβου·
οἶον Ἀλεξά[νδρ]ωι ἐφάνη τέρας, ἥνικα Περσε[ῶν]
ταῖς ἀναρ[ιθμ]ήτοις πῦρ ἐκύει στρατιᾷ[ς].

AB 32 (V 26-31)

Ἀντιμάχ[ωι] εὐδοντι τὸν Ἰλλυρικὸν ποτ[
τεύχεα κα[ὶ ζώε]τρας ἐξέφερον θεράπων·
ἀμφὶ δὲ λαῖν[έην] οἴκου μέσσαυλον ὀλισθὼν
ἤριπεν· Ἀντ[ιμάχ]ου δ' ἦτορ ἀνετράπετο
οἰωνῶι θεράποντος, ὃς αὐτίκα τὸν βαρὺν ἦρω
ἐκ δῆκτων ὀλίγην ἦλθεν ἄγων σποδὴν.

AB 33 (V 32-39)

μεῖζον Ἀριτόξεινος ἐνύπνιον ἢ καθ' ἐω(υ)τὸν
ὦρκας ἰδὼν μεγάλων νήπιος ὠρέγετο·
ὦ'ιετ' Ἀθην(αι)ης γαμβρὸς Ὀλυμπίου ἐν Διὸς οἴκῳ
εὔδειν χρυσεῖω πάννυχος ἐν θαλάμῳ·
ἦρι δ' ἀνεγρόμενος δῆϊον προσέμιγε φάλαγγι,
ὥς τὸν Ἀθηναίης ἐ(ν) φρενὶ θυμὸν ἔχων·
τὸν δὲ θεοῖς ἐρίσαντα μέλας κατεκοίμισε Νῆρις,
ὥ'ιχετο δὲ ψευδὴς νυμφίος εἰς Αἴδεω.

AB 34 (VI 1-4)

ἐκ τούτου <τοῦ> πάντα περικέπτοιο κολωνοῦ
Δάμων Τελμ<η>σσεὺς ἐκ πατέρων ἀγαθὸς
οἰωνοσκοπίας τεκμαίρεται· ἀλλ' ἴτε φήμην
___ καὶ Διὸς οἰωνοῦς ὧδ' ἀναπευσόμε[νοι.

AB 35 (VI 5-8)

μάντις ὁ τῷ κόρακι Στρύμω[ν] ὑπ[ο]κείμεν[ο]ς ἦρω

Θρήϊξ ὀρνίθων ἀκρότατος ταμίης·

ὧι τόδ' Ἀλέξανδρος ἐμήνατο, τρίς γὰρ ἐνίκα

— Πέρσας τῷ τούτου χρησάμενος κόρακι.

OS AUSPÍCIOS

*“Anuncia um augúrio: buscai esse lugar
para saber o oráculo e os auspícios de Zeus”*

POSIDIPO DE PELA

AB 21 (IV 8-13)

Que o falcão em sua plenitude, à tua nau em curso, desvele
tudo, já que a pardela não é de voo auspicioso:
o pássaro, uma vez que mergulha para o fundo, é hostil, mas,
se alça voo, [.. . .] .. [. . .].[..]. por completo:
o falcão, como de um carvalho da Jônia, precípita sobe,
Timon, a tua nau apetente em curso.

AB 22 (IV 14-19)

Que o suave pássaro alvéloa, protetor e benévolo em torno
da colheita, apareça para o deleite do agricultor.
Para nós que desejamos seguir pelo mar do Egito,
Que um grou da Trácia nortearse, com um bom presságio,
frente às adriças, o timoneiro; um grou que [segue] altas
ondas mantendo-se através das planícies do céu.

AB 23 (IV 20-23)

Ao ver uma gaivota no ar, mergulhando baixo as ondas
do mar, pescador, resguarde como um bom augúrio.
Então jogue os vários anzóis, e lance a rede de pesca
e as cestas; nunca vais partir privado de caça.

AB 24 (IV 24-29)

Levanta-te, pescador, ao ver o grande pássaro Tebano:

Não tendo sido persuadido pela pardela . [. . .]...

. . . [.] . . [. .] . . . [.] . [.] a si mesmo..

O áspero Archito..... [.....]

Na direção das ondas revoltas no promontório, o célebre pássaro
[anuncia] um sinal de boa pescaria, esse confuso aos outros.

AB 25 (IV, 30-35)

Um ancião é um bom presságio e agradável ao caminhante
e para navegador; e, a quem um casamento procura,
que haja um sacerdote coroado ou um bem estimado
de grande pensar entre jovens e crianças.
Tal seu pai torpemente conheceu as parentelas,
Ó noiva, e o bom irmão do marido e seu bom pai.

AB 26 (IV 36-39)

Para adquirir um criado, a cinzenta garça é o pássaro mais
adequado, a quem Astéria, a profetisa, convoca para seus ritos:
tendo sido persuadido, Hieron adquiriu um criado para seu campo
E outro solícito para suas casas, com o pé propício.

AB 27 (IV 40-V 7)

O abutre é um ótimo auspício para revelar o nascimento
De crianças, pois nem recebe provisões dum deus,
Nem pousa em conselho com águia poderosa, mas aparece
pleno, dos auspícios o sinal mais revelador:
Um abutre, tendo prenunciado uma criança, há de fazê-lo orador
de doce fala em conselho e ágil na guerra.

AB 28 (V 8- V 13)

Se um homem que se destina, sobre a pugna de Ares, a marchar,
Encontra um ancião lamentando entre três vias,
Não mais aquele mortal regressará; mas, que ele se sobressaia
naquele momento em jornada até outra guerra.
Então, Tímoleon da Fócida, tendo censurado, retornou
para a guerra, com tal sinal, mas muito lamentou.

AB 29 (V 12-15)

Sinal hostil é quando um homem, cotovias e tendilhões, no mesmo lugar,
as observa; ominosos são quando juntos aparecem.
Assim Euelton soube: terríveis ladrões a ele, um viajante,
Mataram próximo da Eólia Sidene.

AB 30 (V 16-20)

Da estátua que soa, grande pena profere ao cidadão homem,
E grande tempestade de neve com haste;
Mas, ele se chama deus que soa, o qual lançou
fogo nas cabanas e colheitas dos inimigos.

AB 31 (V 20-25)

A águia que vem das nuvens e, ao mesmo tempo, o lampejo
cadente são auspícios favoráveis da vitória na guerra
para os reis Argéadas. Mas Atena, bem diante de seu templo,
revelou um sinal favorável através do chumbo:
Tal presságio surgiu para Alexandre, quando ateou fogo
nos inúmeros exércitos dos Persas.

AB 32 (V 26-31)

Para Antímaco, que acelera em direção ao exército Ilírio,
Um servo levava as armas e as cintas.
Mas, entorno do pátio interior de pedra da casa ele tombou,
Tendo escorregado. O coração de Antímaco volveu
Com o sinal do servo, que em seguida o pesado herói,
Das batalhas, conduzindo-o, trouxe em leves cinzas.

AB 33 (V 32-39)

Aristóxenes, tendo visto coisa em sonho maior

Que ele próprio – o néscio! – almejava por grandezas.

Consorte de Atena, ele acreditava no palácio de Zeus Olímpio

Dormir o resto da noite em um tálamo dourado.

No alvorecer, tendo levantado, acercava-se à falange das batalhas,

Com a coragem de Atena possuindo em ânimo.

Mas Ares negro fez dormir o que em contenda estava com os deuses,

E arrojou o pseudo noivo para o Hades.

AB 34 (VI 1-4)

Dessa colina à volta da qual tudo se contempla
Dámon de Telmesso, bom em sua ascendência,
Anuncia um augúrio: buscai esse lugar
— para saber o oráculo e os auspícios de Zeus.

AB 35 (VI 5-8)

O Trácio vidente, o herói Estrímon que se embasa no corvo,
é o mais extremado mestre das aves.
Por ele, Alexandre isto assinala: por três vezes superou
— os Persas servindo-se deste corvo.



latinos

(n.t.) | Ercolano



O LIVRO DOS EPIGRAMAS

MARCO VALÉRIO MARCIAL



O TEXTO: Seleção dos primeiros onze livros dos *Epigrammaton Libri* (*O Livro dos Epigramas*) do poeta latino Marcial. Os epigramas expõem os vícios e os costumes à época do poeta, num tom cômico e satírico que, ao mesmo tempo, não deixa de ser realista. Compostos, grande parte, em dísticos, neles se destaca a habilidade de Marcial em expressar uma ideia concisa mediante uma surpreendente economia de palavras. Ao lê-los, o leitor se deparará com uma colagem da vida cotidiana do império romano no último século a.C.

Texto traduzido: Martialis, M. Valerius. *Epigrammaton Libri*. Disponível em: www.thelatinlibrary.com. **Texto consultado:** Capps, E. (Ed.). *Martial Epigrams*. Translation by Walter C. A. Ker. London/New York: William Heinemann/G.P. Putman's Sons, 1919 (II volumes).

Agradecimentos: a Rose Williams, minha mentora, pelo apoio.

O AUTOR: Marco Valério Marcial (40-104 a. C.) nasceu em Bilibis, na Espanha romana. Não foi o primeiro poeta a escrever epigramas, porém, o mais importante deles. Suas obras são: *Epigrammaton Libri* (*O Livro dos Epigramas*), sobre a vida mundana e os costumes romanos, *Liber spectaculorum* (*O Livro dos espetáculos*), que celebra a construção do Coliseu e o imperador Tito, e *Xenia e Apophoreta*, coleção de dísticos elegíacos sobre as Saturnais.

O TRADUTOR: Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. Depois fez pós-graduação em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana. Para a (n.t.) já traduziu Víctor Cata, Manuel Espinoza Sainos, Juan Hernández Ramírez, Zitkala-Ša e Chefe Seattle.

EPIGRAMMATON LIBRI

*“Scribere me quereris, Velox, epigrammata longa.
Ipse nihil scribis: tu breuiora facis.”*

MARTIALIS

Liber I

IX

Bellus homo et magnus uis idem, Cotta, uideri:
Sed qui bellus homo est, Cotta, pusillus homo est.

XXXVIII

Quem recitas meus est, o Fidentine, libellus:
Sed male cum recitas, incipit esse tuus.

XCI

Cum tua non edas, carpis mea carmina, Laeli.
Carpere uel noli nostra uel ede tua.

XCIV

Cantasti male, dum fututa es, Aegle.
Iam cantas bene: basianda non es.

CX

Scribere me quereris, Velox, epigrammata longa.
Ipse nihil scribis: tu breuiora facis.

Liber II

XX

Carmina Paulus emit, recitat sua carmina Paulus.
Nam quod emas, possis iure uocare tuum.

LXXXVIII

Nil recitas et vis, Mamerce, poeta videri.
Quidquis vis esto, dummodo nil recites.

Liber III

IX

Versiculos in me narratur scribere Cinna.
Non scribit, cuius carmina nemo legit.

XXIX

Has cum gemina compede dedicat catenas,
Saturne, tibi Zoilus, anulos priores.

LXXX

De nullo quereris, nulli maledicis, Apici:
Rumor ait linguae te tamen esse malae.

XCVIII

Sit culus tibi quam macer, requiris?
Pedicare potes, Sabelle, culo.

Liber IV

XII

Nulli, Thai, negas, sed si te non pudet istud,
Hoc saltem pudeat, Thai, negare nihil.

XXIV

Omnes quas habuit, Fabiane, Lycoris amicas
Extulit: uxori fiat amica meae.

XLI

Quid recitaturus circumdas uellera collo?
Conueniunt nostris auribus ista magis.

LVIII

In tenebris luges amissum, Galla, maritum.
Nam plorare pudet te, puto, Galla, uirum.

LXV

Oculo Philaenis semper altero plorat.
Quo fiat istud quaeritis modo? Lusca est.

Liber V

XXXII

Quadrantem Crispus tabulis, Faustine, supremis
Non dedit uxori. 'Cui dedit ergo?' Sibi.

XLIII

Thais habet nigros, niueos Laecania dentes.
Quae ratio est? Emptos haec habet, illa suos.

XLV

Dicis formosam, dicis te, Bassa, puellam.
Istud quae non est dicere, Bassa, solet.

LVII

Cum uoco te dominum, noli tibi, Cinna, placere:
Saepe etiam seruum sic resaluto tuum.

LXXXI

Semper pauper eris, si pauper es, Aemiliane.
Dantur opes nullis nunc nisi diuitibus.

LXXXIII

Insequeris, fugio; fugis, insequor; haec mihi mens est:
Uelle tuum nolo, Dindyme, nolle uolo.

Liber VI

IX

In Pompeiano dormis, Laeune, theatro:
Et quereris, si te suscitatur Oceanus?

XXIV

Nil lasciuius est Charisiano:
Saturnalibus ambulat togatus.

XXXVI

Mentula tam magna est quantus tibi, Papyle, nasus,
Ut possis, quotiens arrigis, olfacere.

LXVII

Cur tantum eunuchos habeat tua Caelia, quaeris,
Pannyche? Uult futui Caelia nec parere.

XC

Moechum Gellia non habet nisi unum.
Turpe est hoc magis: uxor est duorum.

XCI

Sancta ducis summi prohibet censura uetatque
Moechari. Gaude, Zoile, non futuis.

Liber VII

III

Cur non mitto meos tibi, Pontiliane, libellos?
Ne mihi tu mittas, Pontiliane, tuos.

IX

Cum sexaginta numeret Cascellius annos,
Ingeniosus homo est: quando disertus erit?

LXXV

Vis futui gratis, cum sis deformis anusque.
Res perridicula est: uis dare nec dare uis.

LXXVII

Exigis ut nostros donem tibi, Tucca, libellos.
Non faciam: nam uis uendere, non legere.

Liber VIII

V

Dum donas, Macer, anulos puellis,
Desisti, Macer, anulos habere.

XXIX

Disticha qui scribit, puto, uult breuitate placere.
Quid prodest breuitas, dic mihi, si liber est?

LI

Formosam sane, sed caecus diligit Asper.
Plus ergo, ut res est, quam uidet Asper amat.

Liber IX

X

Nubere vis Prisco: non miror, Paula; sapisti.
Ducere te non vult Priscus: et ille sapit.

Liber X

XLIII

Septima iam, Phileros, tibi conditur uxor in agro.
Plus nulli, Phileros, quam tibi, reddit ager.

LIV

Mensas, Ole, bonas ponis, sed ponis opertas.
Ridiculum est: possum sic ego habere bonas.

Liber XI

LXIV

Nescio tam multis quid scribas, Fauste, puellis:
Hoc scio, quod scribit nulla puella tibi.

LXVII

Nil mihi das vivus; dicis post fata daturum.
Si non es stultus, scis, Maro, quid cupiam.

LXXXIX

Intactas quare mittis mihi, Polla, coronas?
A te vexatas malo tenere rosas.

XCII

Mentitur qui te vitiosum, Zoile, dicit.
Non vitiosus homo es, Zoile, sed vitium.

CV

Mittebas libram, quadrantem, Garrice, mittis.
Saltem semissem, Garrice, solve mihi.

O LIVRO DOS EPIGRAMAS

*“Velox, protestas porque escrevo epigramas longos.
Mas nada escreves, pois os teus são mais breves.”*

MARCIAL

Livro 1

9

Queres que te considerem um homem grande e belo.
Mas o que há de belo no homem, Cota, a ti te falta.

38

O livrinho que recitas, Fidentino, é meu.
Mas quando o recitas mal, passa a ser teu.

91

Quando não publicas, Lélío, roubas meus versos.
Para de roubá-los ou para de publicar os teus.

94

Cantaste mal enquanto fodias, Egle.
Ora cantas bem, mas já não és digno de beijar.

110

Velox, protestas porque escrevo epigramas longos.
Mas nada escreves, pois os teus são mais breves.

Livro 2

20

Paulo compra versos e Paulo recita seus versos.
Diz-me se tudo o que compras é teu por direito?

88

Mamerco, nada recitas, mas queres aparentar ser poeta.
Sê o que quiseres, contanto que não recites.

Livro 3

9

Dizem que Cina escreve versos contrários ao meu.
Mas não escreve poemas, se ninguém os lê.

29

Zoilo te dedica esses grilhões,
Saturno, as primeiras alianças.

80

Apício, não te queixas de nada e nada injurias:
Mas os rumores dizem que tens uma má-língua.

98

Teu traseiro precisa ser mais magro, Sabelo?
Podes sodomizar com o teu traseiro.

Livro 4

12

Não negas nada, Taís, mas se isso não te envergonha,
Ao menos, que isto te envergonhe: nada negar.

24

Fabiano, todas as amigas que Licóris tinha
Ele as sepultou; que seja amigo de minha mulher.

41

Por que, ao recitar, envolves o pescoço com uma pele?
Melhor seria se envolvesse nossos ouvidos.

58

Gala, no escuro lamentas a morte de teu marido.
Acho que te envergonhas de chorar por um homem.

65

Filene sempre chora com um olho.
E perguntais o motivo? Ela só tem um olho.

Livro 5

32

Crispo não deu nem a quarta parte do seu testamento
à sua mulher, Faustino. “A quem deu?” A ele mesmo.

43

Taís tem dentes pretos, Lecânia, dentes brancos.
Por quê? A primeira tem os próprios, e a outra, comprados.

45

Bassa, dizes ser uma garota bela.
Sempre dizes coisas que não são certas.

57

Quando te chamo “senhor”, Cina, não te alegres.
Sempre respondo assim a teu escravo.

81

Se hoje és pobre, sempre o serás, Emiliano.
Dão-se riquezas somente aos ricos.

83

Vais, eu fujo, tu foges, eu vou; assim penso:
Teu desejo eu rechaço, Dindymo, e teu rechaço eu desejo.

Livro 6

9

Levino: dormes no teatro de Pompeia:
E te queixas quando Oceano te desperta?

24

Carisiano não é lascivo.
Sai de toga nas Saturnais.

36

Teu pênis é tão grande quanto teu nariz, Pápilo.
Para que possas cheirá-lo cada vez que te excites.

67

Perguntas por que tua Célia tem só eunucos,
Pânico? Ela quer foder sem parir.

90

Gélia só tem um amante. É uma pena,
pois é mulher de dois homens.

91

A censura moral da suma autoridade proíbe
o adultério. Alegra-te, Zoilo, tu nunca fodes.

Livro 7

3

Por que não te mando meus livros Pontiliano?
Para que não me mandes os teus, Pontiliano.

9

Quando Cascélio chegar aos sessenta anos,
Será um homem engenhoso, mas quando eloquente?

75

Queres foder de graça sendo disforme e velha.
Que coisa mais ridícula: queres dar sem dar.

77

Tuca, insistes para que eu te dê meus livros.
Não o farei, pois queres vendê-los, não lê-los.

Livro 8

5

Macro, enquanto dá anéis
às moças, deixas de tê-los.

29

Acho que ele quer agradar pela brevidade de seus dísticos.
Diz-me, para que serve a brevidade se é um livro inteiro?

51

Com certeza, Ásper, o cego, apreciava uma bela mulher.
Assim, Ásper ama mais do que vê.

Livro 9

10

Paula, não me surpreende que queiras casar com Prisco,
és sábia; mas ele não quer casar contigo; também é sábio.

Livro 10

43

Fileros, é a sétima mulher que sepultas na terra.
A terra produz mais para ti que para todos os demais

54

Olo, tu preparas boas mesas, mas às escondidas.
Isso é ridículo, pois até eu posso fazer o mesmo.

Livro 11

64

Não sei por que escreves a tantas moças, Fausto.
Só sei que nenhuma delas te escreve.

67

Dizes que não me darás nada vivo, só morto.
Maro, se não és estúpido, já sabes o que desejo.

89

Póla, por que me mandas guirlandas intactas?
Eu prefiro rosas maltratadas por ti.

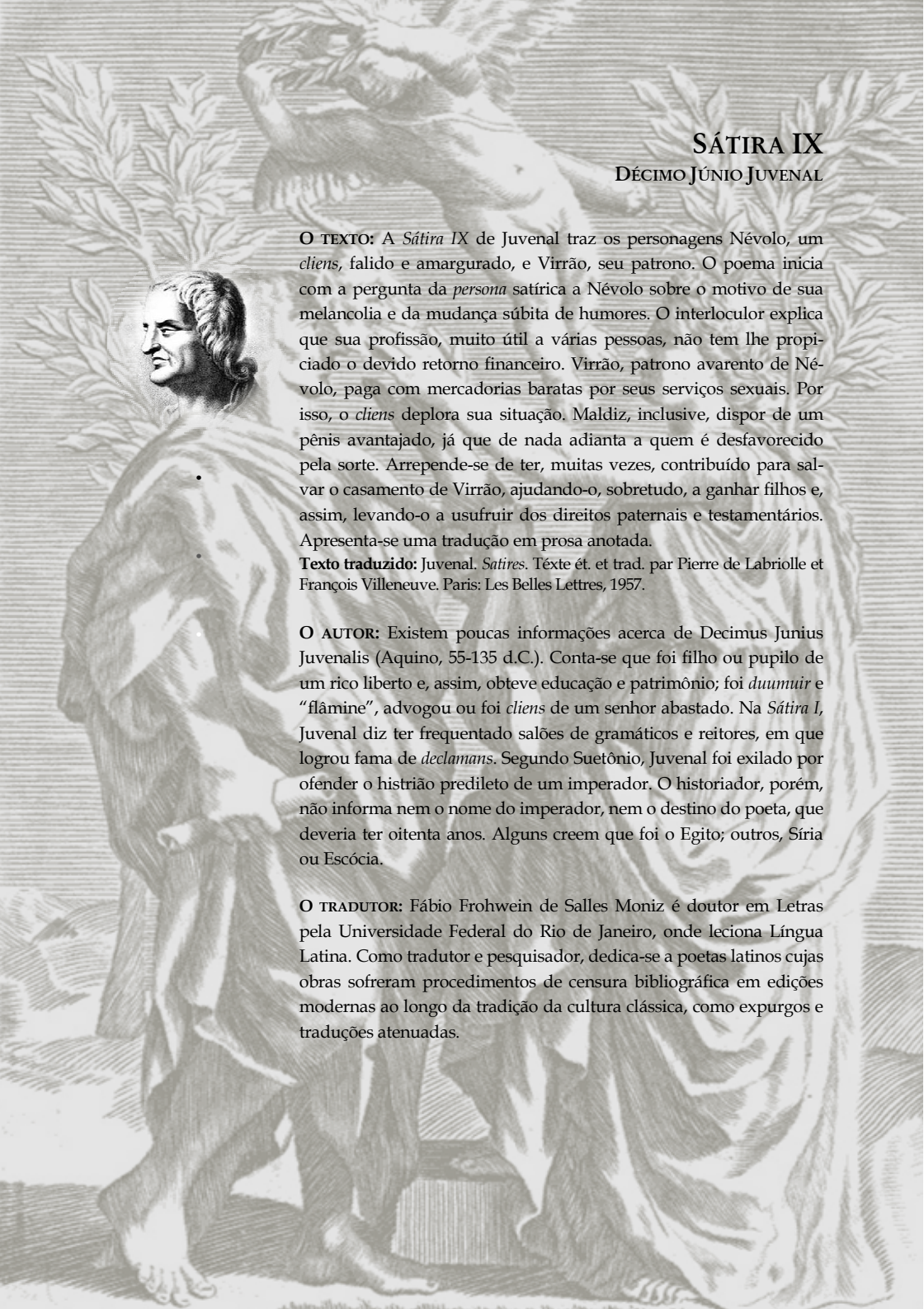
92

Zoilo, quem diz que és viciado, mente.
Não és viciado senão o próprio vício.

105

Antes me mandavas uma libra e ora um quarto.
Ao menos, Gárrico, paga-me um meio as¹.

¹ No original *semis*, *semisis*; um meio *as*, moeda romana que valia uma libra, e que logo passou a valer a metade. (n.t.)



SÁTIRA IX

DÉCIMO JÚNIO JUVENAL

O TEXTO: A *Sátira IX* de Juvenal traz os personagens Névolô, um *cliens*, falido e amargurado, e Virrão, seu patrono. O poema inicia com a pergunta da *persona* satírica a Névolô sobre o motivo de sua melancolia e da mudança súbita de humores. O interlocutor explica que sua profissão, muito útil a várias pessoas, não tem lhe propiciado o devido retorno financeiro. Virrão, patrono avarento de Névolô, paga com mercadorias baratas por seus serviços sexuais. Por isso, o *cliens* deplora sua situação. Maldiz, inclusive, dispor de um pênis avantajado, já que de nada adianta a quem é desfavorecido pela sorte. Arrepende-se de ter, muitas vezes, contribuído para salvar o casamento de Virrão, ajudando-o, sobretudo, a ganhar filhos e, assim, levando-o a usufruir dos direitos paternais e testamentários. Apresenta-se uma tradução em prosa anotada.

Texto traduzido: Juvenal. *Satires*. Texte ét. et trad. par Pierre de Labriolle et François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1957.

O AUTOR: Existem poucas informações acerca de Decimus Junius Juvenalis (Aquino, 55-135 d.C.). Conta-se que foi filho ou pupilo de um rico liberto e, assim, obteve educação e patrimônio; foi *duumvir* e “flâmine”, advogado ou foi *cliens* de um senhor abastado. Na *Sátira I*, Juvenal diz ter frequentado salões de gramáticos e reitores, em que logrou fama de *declamans*. Segundo Suetônio, Juvenal foi exilado por ofender o histrião predileto de um imperador. O historiador, porém, não informa nem o nome do imperador, nem o destino do poeta, que deveria ter oitenta anos. Alguns creem que foi o Egito; outros, Síria ou Escócia.

O TRADUTOR: Fábio Frohwein de Salles Moniz é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona Língua Latina. Como tradutor e pesquisador, dedica-se a poetas latinos cujas obras sofreram procedimentos de censura bibliográfica em edições modernas ao longo da tradição da cultura clássica, como expurgos e traduções atenuadas.

SATVRA IX

*“Fata regunt homines, fatum
est et partibus illis quas sinus abscondit.”*

IUVENALIS

S cire uelim quare totiens mihi, Naeuole, tristis
occurras fronte obducta ceu Marsya uictus.
Quid tibi cum uultu, qualem depensus habebat
Rauola dum Rhodopes uda terit inguina barba?
[Nos colaphum incutimus lambenti crustula seruo.] 5
Non erit hac facie miserabilior Crepereius
Pollio, qui triplicem usuram praestare paratus
circumit et fatuos non inuenit. Vnde repente
tot rugae? Certe modico contentus agebas
uernam equitem, conuiua ioco mordente facetus 10
et salibus uehemens intra pomeria natis.
Omnia nunc contra, uultus grauis, horrida siccae
silua comae, nullus tota nitor in cute, qualem
Bruttia praestabat calidi tibi fascia uisci,
sed fruticante pilo neglecta et squalida crura. 15
Quid macies aegri ueteris, quem tempore longo
torret quarta dies olimque domestica febris?
Deprendas animi tormenta latentis in aegro

corpore, deprendas et gaudia; sumit utrumque
 inde habitum facies. Igitur flexisse uideris 20
 propositum et uitae contrarius ire priori.
 Nuper enim, ut repeto, fanum Isidis et Ganymedem
 Pacis et aduectae secreta Palatia matris
 et Cererem (nam quo non prostat femina templo?)
 Notior Aufidio moechus celebrare solebas, 25
 quodque taces, ipsos etiam inclinare maritos.
 «Vtile et hoc multis uitae genus, at mihi nullum
 inde operae pretium. Pingues aliquando lacernas,
 munimenta togae, duri crassique coloris
 et male percussas textoris pectine Galli 30
 accipimus, tenue argentum uenaeque secundae.
 Fata regunt homines, fatum est et partibus illis
 quas sinus abscondit. Nam si tibi sidera cessant,
 nil faciet longi mensura incognita nerui,
 quamuis te nudum spumanti Virro labello 35
 uiderit et blandae adsidue densaeque tabellae
 sollicitent, αὐτὸς γὰρ ἐφέλκεται ἄνδρα κίναϊδος.
 Quod tamen ulterius monstrum quam mollis auarus?
 «Haec tribui, deinde illa dedi, mox plura tulisti.»
 Computat et ceuet. Ponatur calculus, adsint 40
 cum tabula pueri; numera sestertia quinque
 omnibus in rebus, numerentur deinde labores.
 An facile et pronum est agere intra uiscera penem
 legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?
 Seruus erit minus ille miser qui foderit agrum 45
 quam dominum. Sed tu sane tenerum et puerum te
 et pulchrum et dignum cyatho caeloque putabas.
 uos humili adseculae, uos indulgebitis umquam
 cultori, iam nec morbo donare parati?

En cui tu uiridem umbellam, cui sucina mittas 50
 grandia, natalis quotiens redit aut madidum uer
 incipit et strata positus longaue cathedra
 munera femineis tractat secreta kalendis.
 Dic, passer, cui tot montis, tot praedia seruas
 Apula, tot miluos intra tua pascua lassas? 55
 Te Trifolinus ager fecundis uitibus implet
 suspectumque iugum Cumis et Gaurus inanis –
 nam quis plura linit uicturo dolia musto? –
 quantum erat exhausti lumbos donare clientis
 iugeribus paucis! Meliusne hic rusticus infans 60
 cum matre et casulis et conlusore catello
 cymbala pulsantis legatum fiet amici?
 «Improbis es cum poscis» ait. Sed pensio clamat
 «posce,» sed appellat puer unicus ut Polyphemi
 lata acies per quam sollers euasit Vlives. 65
 Alter emendus erit, namque hic non sufficit, ambo
 pascendi. Quid agam bruma spirante? Quid, oro,
 quid dicam scapulis puerorum aquilone Decembri
 et pedibus? «Durate atque expectate cicadas»?
 Verum, ut dissimules, ut mittas cetera, quanto 70
 metiris pretio quod, ni tibi deditus essem
 deuotusque cliens, uxor tua uirgo maneret?
 Scis certe quibus ista modis, quam saepe rogaris
 et quae pollicitus. Fugientem saepe puellam
 amplexu rapui; tabulas quoque ruperat et iam 75
 signabat; tota uix hoc ego nocte redemi
 te plorante foris. Testis mihi lectulus et tu,
 ad quem peruenit lecti sonus et dominae uox.
 Instabile ac dirimi coeptum et iam paene solutum
 coniugium in multis domibus seruauit adulter. 80

Quo te circumagas? Quae prima aut ultima ponas?
 Nullum ergo meritum est, ingratus ac perfide, nullum
 quod tibi filiulus uel filia nascitur ex me?
 Tollis enim et libris actorum spargere gaudes
 argumenta uiri. Foribus suspende coronas: 85
 Iam pater es, dedimus quod famae opponere possis.
 Iura parentis habes, propter me scriberis heres,
 legatum omne capis nec non et dulce caducum.
 Commoda praeterea iungentur multa caducis,
 si numerum, si tres impleuero. Iusta doloris, 90
 Naeuole, causa tui; contra tamen ille quid adfert?
 «Neglegit atque alium bipedem sibi quaerit asellum.
 Haec soli commissa tibi celare memento
 et tacitus nostras intra te fige querellas;
 nam res mortifera est inimicus pumice levis. 95
 Qui modo secretum commiserat, ardet et odit,
 tamquam prodiderim quidquid scio. Sumere ferrum,
 fuste aperire caput, candelam adponere ualuis
 non dubitat. Nec contemnas aut despicias quod
 his opibus numquam cara est annona ueneni. 100
 Ergo occulta teges ut curia Martis Athenis.»
 O Corydon, Corydon, secretum diuitis ullum
 esse putas? Serui ut taceant, iumenta loquentur
 et canis et postes et marmora. Claude fenestras,
 uela tegant rimas, iunge ostia, tollite lumen, 105
 e medio fac eant omnes, prope nemo recumbat;
 in dominos, quotiens rumoribus ulciscuntur
 baltea? Nec derit qui te per compita quaerat
 nolentem et miseram uinosus inebriet aurem.
 Illos ergo roges quidquid paulo ante petebas
 a nobis, taceant illi. Sed prodere malunt 115

arcanum quam subrepti potare Falerni
 pro populo faciens quantum Saufeia bibebat.
 Viuendum recte, cum propter plurima, †tunc est†
 idcirco ut possis linguam contemnere serui.
 [Praecipue causis, ut linguas mancipiorum 120
 contemnas; nam lingua mali pars pessima serui.
 Deterior tamen hic qui liber non erit illis
 quorum animas et farre suo custodit et aere.]
 ‹Vtile consilium modo, sed commune, dedisti.
 Nunc mihi quid suades post damnum temporis et spes 125
 deceptas? Festinat enim decurrere uelox
 flosculus angustae miseraeque breuissima uitae
 portio; dum bibimus, dum sorta, unguenta, puellas
 poscimus, obrepat non intellecta senectus.›
 Ne trepida, numquam pathicus tibi derit amicus 130
 stantibus et saluis his collibus; undique ad illos
 conuenient et carpentis et navibus omnes
 qui digito scalpunt uno caput. Altera maior
 spes superest, tu tantum erucis inprime dentem. 134
 [Gratus eris, tu tantum erucis inprime dentem.] 134a
 ‹Haec exempla para felicibus; at mea Clotho 135
 et Lachesis gaudent, si pascitur inguine uenter.
 O parui nostrique Lares, quos ture minuto
 aut farre et tenui soleo exorare corona,
 quando ego figam aliquid quo sit mihi tuta senectus
 a tegete et baculo? Viginti milia fenus 140
 pigneribus positis, argenti uascula puri,
 sed quae Fabricius censor notet, et duo fortes
 de grege Moesorum, qui me ceruice locata
 securum iubeant clamoso insistere circo;
 sit mihi praeterea curuus caelator, et alter 145

qui multas facies pingit cito; sufficiunt haec.
quando ego pauper ero? Votum miserabile, nec spes
his saltem; nam cum pro me Fortuna uocatur,
adfixit ceras illa de naue petitas
quae Siculos cantus effugit remige surdo.»

150

SÁTIRA IX

*“O destino governa os homens, o destino está
também naquelas partes que o vestido esconde.”*

JUVENAL

POETA

Névolô, eu queria saber por que tu, desgostoso, te apresentas a mim, com frequência, coberta a fronte, como o vencido Mársias¹. O que tens com o rosto, qual tinha Rávola, tendo sido surpreendido, enquanto esfrega as virilhas de Ródope² com a barba úmida? Nós lançamos bofetada ao escravo que lambe bolos. Por causa desta cara, não será mais digno de piedade Crepereio Polião, que, disposto a ultrapassar juro tríplices³, procura ao redor e não encontra tolos. De onde tantas rugas, de repente? Certamente, satisfeito com muito pouco, andavas feito escravo cavaleiro, espirituoso conviva de gracejo mordaz e impetuoso nos ditos picantes nascidos entre os limites da cidade. Agora, tudo diferente – semblante carregado, desleixada abundância de cabeleira seca, brilho algum em toda pele, qual te dava a faixa brútia⁴ de visgo quente, mas as pernas não cuidadas, nascendo pelo, e ásperas. Por que a magreza de velho doente, que o quarto dia e uma febre doméstica queimam por longo tempo, desde há muito? Reconheceria os tormentos do espírito que se esconde num corpo doente, reconheceria também as alegrias; por isso, o rosto assume cada um dos estados [da alma]. Portanto, aparentas ter modificado o propósito e ir contrário ao primeiro estilo de viver. Com efei-

¹ Mársias, tocador de flauta da Frígia, atreveu-se a desafiar Apolo numa competição musical. Perdeu a disputa e recebeu a devida punição por sua arrogância. (n.t.)

² Provavelmente, uma prostituta da época. (n.t.)

³ Em empréstimo de dinheiro, cobravam-se, geralmente, juros de 1% ao mês. (n.t.)

⁴ Faixa usada para depilação, untada com resina ou cera quente. (n.t.)

to, recentemente, conforme me lembro, tu, adúltero mais famoso que Aulúfidio⁵, costumava profanar o templo⁶ de Ísis e Ganimedes⁷ da Paz e os secretos palácios da mãe transportada por navio⁸ e Ceres⁹ (acaso em que templo uma mulher não se prostitui?), costumava ainda, o que tu calas, corromper os próprios maridos.

NÉVOLO

Este gênero de vida é útil também a muitos, mas não tenho dele recompensa alguma de trabalho. Por vezes, recebemos lacernas¹⁰ pesadas, proteções de toga, de rude e grosseira cor, e mal tecidas pelo tear de um tecelão gaulês, moeda sem importância e de veio inferior.

O destino governa os homens, o destino está também naquelas partes que o vestido esconde. Com efeito, se os astros te negligenciam, nada granjeará o inimaginável tamanho do longo pênis, embora Virrão¹¹ te veja nu, espumando o labiozinho, e com frequência cartas carinhosas e numerosas convidem: “por si só o efeminado seduz um homem”. Mas que monstrosidade mais extrema do que um avarento efeminado? “Dei estas coisas, depois dei aquelas, sem demora levaste mais.” Calcula e balance as nádegas. Que se coloque a pedra, estejam presentes os garotos com a tábua de calcular; consideras, em todas as coisas, cinco sestércios¹², que se calculem depois os trabalhos. Acaso é fácil e suportável meter um excelente pênis entre as entranhas e encontrar ali a ceia da véspera? Será menos desgraçado o escravo que tiver cavado o campo do que o que tiver cavado o senhor. Mas tu, sem dúvida, te julgavas terno e menino e belo e digno de uma taça e do céu. Vós vos entregareis a um humilde assecla, vós vos entregareis, em algum momento, ao que [vos] cultua, já não dispostos a [vos] permitir ao vício? Eis a quem tu darias uma sombrinha verde¹³, a quem [darias] grandes ambares, todas as vezes que chega o aniversário¹⁴ ou inicia a úmida primavera¹⁵ e ele,

⁵ Personagem da época de Domiciano. (n.t.)

⁶ Os templos eram, de noite, os lugares mais comuns para encontros amorosos. (n.t.)

⁷ Jovem troiano sequestrado por Júpiter para que lhe servisse de escravo. (n.t.)

⁸ Cibele, deusa cujos cultos foram trazidos da Frígia para Roma. Seus templos eram comumente frequentados por mulheres e homens adúlteros, que ali se escondiam. (n.t.)

⁹ Deusa itálica da agricultura, associada a Deméter, da mitologia grega. (n.t.)

¹⁰ Capa sem mangas, de pano grosseiro, e às vezes sem capuz, que os romanos usavam sobre a túnica, para se protegerem do frio e da chuva nos espetáculos. (n.t.)

¹¹ Uma personagem rica com esse mesmo nome é mencionada na Sátira V. (n.t.)

¹² Moeda romana de pouco valor. (n.t.)

¹³ Sombrinhas verdes eram usadas no teatro para a proteção do sol. (n.t.)

¹⁴ Cf. o costume de se enviarem presentes nas festas Geniais. Alguns escoliastas julgam o poeta remeter aqui ao aniversário de Vênus, comemorado nas calendas de abril, quando se celebravam as *Matronalia*. (n.t.)

¹⁵ A primavera começava nas calendas de março. (n.t.)

instalado em forrada¹⁶ e espaçosa cadeira, abre os secretos presentes nas calendas femininas¹⁷. Dize, lascivo, para quem guardas tantos montes, tantas propriedades da Apúlia¹⁸, tantos milhafres exaustos dentro dos teus prados? O campo de Trifólio¹⁹ enche-te de fecundas vides e a elevada montanha em Cumas e o desocupado Gauro²⁰ – com efeito, quem recobre mais tonéis com o mosto²¹ que há de durar? – quão grande era recompensar, com poucas jeiras, o lombo do cliente esgotado! Por ventura, esta criança rústica, com a mãe e as cabanas e o cãozinho companheiro, será melhor estimada a herança do amigo que toca os cimbais?²² “És atrevido, quando pedes” diz. Mas o pagamento clama “pede”, mas um único escravo suplica como o grande olho de Polifemo²³, por meio do qual o ardiloso Ulisses fugiu. Um segundo [escravo] deverá ser comprado, com efeito, este não basta, ambos hão de ser mantidos. O que farei, soprando o inverno? O que, peço, o que direi aos ombros e aos pés dos escravos no aquilão de dezembro? “Resisti e aguardai as cigarras?” Mas, ainda que dissimules, que omitas as demais coisas, com quão grande estima tu avalias o fato de que, se eu não te fosse um cliente dedicado ou devoto, tua esposa permaneceria virgem? Certamente, conheces com quais maneiras havias pedido e prometeu essas coisas com frequência. Agarrei, com um abraço, a jovem esposa que fugia algumas vezes; [ela] também rompera os contratos e já assinava [outros]; eu, a custo, em toda uma noite, salvei isto, chorando tu do lado de fora. O leito me é testemunha e tu, a quem chegou o ruído do leito e a voz da senhora. Em muitas casas, o adúltero conservou o casamento instável e até começado a se romper e quase desfeito. Para que tu te rodeias? Quais argumentos dirás como primeiros e como últimos? Portanto, não é mérito algum, ingrato e pérfido, mérito algum o fato de que um filhinho ou uma filha nasceu-te de mim? Reconheces²⁴, com efeito, e alegras-te em disseminar provas de virilidade nos livros dos atos²⁵. Pendura coroas na porta: já és pai, demos o que podes objetar à má reputação. Tens direitos de pai, graças a mim és registrado

¹⁶ Isto é, enfeitada com tapetes. Nas calendas de março, as mulheres costumavam enfeitar a casa e forrar assentos e cadeiras com tapetes, quando seus maridos ou amantes lhe enviavam presentes, as visitavam e lhes davam atenção. (n.t.)

¹⁷ Calendas de março, isto é, o primeiro dia de março, quando se celebravam as *Matronalia*, festas em homenagem a Juno, em que os namorados mandavam presentes a suas namoradas. (n.t.)

¹⁸ Região de grandes latifúndios, localizada ao sudoeste da Itália, entre Sâmnio, Gárgano e o golfo de Tarento. (n.t.)

¹⁹ Situado na Campânia, região de excelentes vinhos. (n.t.)

²⁰ Monte situado na Campânia. (n.t.)

²¹ Vinho doce, ainda por fermentar e, portanto, duradouro. (n.t.)

²² Arquigalo, chefe dos sacerdotes de Cibele, que tocava os cimbais. (n.t.)

²³ Cíclope que habitava uma caverna na Sicília. (n.t.)

²⁴ Na Roma antiga, o ato de reconhecimento do filho implicava em erguê-lo (*tollere*) publicamente. (n.t.)

²⁵ Livros em que os romanos registravam os fatos que ocorriam todos os dias. Nesses livros, o prefeito do erário registrava as crianças nascidas, que recebiam nome três dias após o nascimento. (n.t.)

herdeiro, recebes toda a herança e ainda os caros bens caducos²⁶. Além disso, muitos proveitos acrescentar-se-ão aos bens caducos, se eu tiver completado o número, se eu tiver completado três [filhos]²⁷.

POETA

Névoio, justo o motivo de teu sofrimento; mas ele, em contrapartida, o que alega?

NÉVOIO

Despreza e busca para si outro asno de dois pés. Lembra-te de guardar estas coisas confidenciais somente a ti e, calado, fixa, dentro de ti, nossas queixas; com efeito, coisa mortífera é um inimigo depilado com pedras-pomes; ele, que há pouco confidenciara um segredo, enfurece-se e sente ódio, como se eu tivesse contado o que sei. Não hesita em tomar da espada, rachar a cabeça com um pau, queimar as portas com tocha. Não menosprezes nem desprezes o fato de que a provisão de veneno nunca é cara para estas riquezas. Portanto, esconderás os segredos, como a cúria de Marte em Atenas²⁸.

POETA

Ó Córidon, Córidon, julgas algo do rico ser segredo? Ainda que os escravos se calem, falam as mulas e o cachorro e os postes e os mármore. Fecha as janelas, que as cortinas cubram as frestas, prende as portas, hás de apagar o lume, faze com que todos saiam do meio [da casa], que ninguém se deite por perto; mas o que ele faz até o canto do segundo galo saberá o taberneiro vizinho antes do dia, ouvirá ainda aquilo que imaginaram o pasteleiro, os chefes dos cozinheiros, os trinchadores. Em verdade, que falsa acusação contra os senhores hesitam maquinar? Quantas vezes vingam os chicotes por meio de boatos? Não faltará quem, pelas encruzilhadas, busque a ti contrariado e, bêbado, atordoe a mísera orelha. Portanto, peças àqueles o que, pouco antes, buscavas de nós – que eles se calem. Mas preferem revelar um

²⁶ As leis romanas *Iulia de maritandis ordinibus* e *Papia Poppaea* definiam que os homens solteiros e casados sem filhos perdiam o direito à herança, os primeiros totalmente e os segundos, parcialmente. Só tinham direito aos *bona caduca* os homens casados que tivessem filhos. (n.t.)

²⁷ A *Lex Papia Poppaea* ainda estabelecia que os homens casados que tinham mais de três filhos ficavam isentos de impostos pessoais. (n.t.)

²⁸ Alusão ao Arcópagos, conselho em que os cidadãos atenienses participavam de sessões a portas fechadas e tinham que guardar segredo sobre as resoluções ali feitas. (n.t.)

segredo a beber tanto do vinho falerno roubado, quanto bebia Saufeia²⁹, sacrificando pelo povo. Deve-se viver corretamente, não só por vários motivos, bem como para que possas desprezar a palavra do escravo. Sobretudo. Acautela-te para que possas desprezar as línguas dos escravos. E a língua do mau escravo não é a pior parte; no entanto, pior este, que não será livre daqueles, cujas vidas [o rico] conserva com seu pão e dinheiro.

NÉVOLO

Há pouco, deste um conselho útil, mas geral. Agora, o que aconselhas a mim, após perda de tempo e esperanças iludidas? Com efeito, apressa-se a acabar a veloz florzinha da juventude, a mais breve parte da curta e desgraçada vida; enquanto bebemos, enquanto buscamos grinaldas, unguentos, garotas, a velhice aproxima-se, despercebida.

POETA

Não tema, nunca te faltará um amigo devasso, estando estas colinas³⁰ de pé e a salvo; até elas virão de toda a parte, não só por carruagens bem como por navios, todos aqueles que esgaravavam a cabeça com um único dedo³¹. Resta outra esperança maior – afunda tu os dentes nas erucas apenas.

NÉVOLO

Ordena estes exemplos aos venturosos. Mas a minha Cloto e Láquesis³² alegram-se, se o ventre é alimentado graças à virilha. Ó Lares pequenos³³ e nossos, que costume suplicar com pouco incenso ou bolo e singela coroa, quando eu segurarei algo para que minha velhice esteja segura dos andrajos e da bengala?³⁴ Um lucro de vinte mil, feitas as apostas, pequenos potes de límpida prata, mas coisas que repreenderá o censor Fabrício³⁵, e dois fortes [escravos] do povo dos Mésios³⁶, para que, abaixado o pescoço, levem-me a andar seguro no barulhento circo; além disso, tenha eu um cinzelador

²⁹ As mulheres costumavam celebrar sacrifícios expiatórios nas festas da Boa Deusa (cf. VI, 314 ss.). (n.t.)

³⁰ As sete colinas romanas: Janículo, Aventino, Palatino, Célio, Esquilino, Viminal e Quirinal. (n.t.)

³¹ Juvenal alude ao adágio *“qui scalpunt uno digito”* que zombava dos homens de hábitos efeminados e que tinham muito cuidado com o penteado, daí coçarem a cabeça com um só dedo. Um dos primeiros poetas a empregarem esse adágio foi Calvo, a respeito de Pompeu. (n.t.)

³² Duas das parcas, figuras mitológicas responsáveis pelo destino do homem. (n.t.)

³³ Pequenos, porque não eram da mesma quantidade dos grandes deuses olímpicos. (n.t.)

³⁴ Alusão aos velhos que mendigavam nas ruas, andando apoiados em bengalas, cobertos por andrajos. (n.t.)

³⁵ Segundo Valério Máximo, o censor Caio Fabrício era tão pobre, que tinha apenas um prato e um saleiro de prata para os sacrifícios. (n.t.)

³⁶ Provenientes da Mésia, região situada ao sul do Danúbio, os mébios eram famosos por seu grande porte e força. (n.t.)

curvo³⁷; bastam estas coisas. Quando eu serei pobre? Nem o desejo miserável, nem, pelo menos, a crença nestas coisas; com efeito, quando a Fortuna é invocada em meu benefício, fixou [nos ouvidos] ceras buscadas daquela embarcação, que evitou os cantos Sículos, estando surdo o remador³⁸.

³⁷ Em função de tanto trabalhar recurvado. (n.t.)

³⁸ Alusão ao episódio da *Odisseia* (XII, v. 36 e ss.), em que Ulisses chega à terra das sereias Parténope, Lúgia e Leucúcia. (n.t.)



pensturn

(n.t.) | El Tajín



AMIEL E O CANIBAL

CIPRIAN VÂLCAN



O TEXTO: Os aforismos aqui selecionados constam do volume *Amiel și canibalul* e constituem o mais recente material ficcional publicado por Ciprian Vâlcă. Numa singular mescla de ironia, erudição, denúncia, e um humor por vezes violento, essas intensas pílulas nos levam a uma reflexão sobre o nosso tempo e o nosso papel no mundo. O incansável assombro do autor diante da existência só teria como gerar aforismos, soluços literários de altíssima consistência, quicá influenciados na forma pelo também filósofo e romeno Emil Cioran, de cuja obra Ciprian Vâlcă é um dos maiores especialistas na atualidade.

Texto traduzido: Vâlcă, Ciprian. *Amiel și canibalul*. Cartea Românească: Bucureste, 2013.

Agradecimentos: ao filósofo Ciprian Vâlcă por sua confiança e pela generosa concessão dos originais para publicação, inéditos no Brasil.

O AUTOR: Ciprian Vâlcă nasceu em 1973, na cidade romena de Arad, próxima à fronteira húngara. Formou-se em Filosofia em Timișoara, é Mestre em Filosofia pela Sorbonne de Paris, Doutor em Filosofia pela Universidade Babeș-Bolyai de Cluj-Napoca, Doutor em Filologia pela Universidade de Timișoara, Doutor em História Cultural pela École Pratique des Hautes Études de Paris e atualmente professor universitário na Faculdade de Direito da Universidade Tibiscus de Timișoara, onde é também Vice-Reitor. Além de ficção, da qual os presentes aforismos dão testemunho, Vâlcă é também autor de uma consistente obra científica no campo do pensamento, colaborando ativamente em inúmeras revistas romenas e estrangeiras com estudos, ensaios e entrevistas.

O TRADUTOR: Fernando Klabin, paulistano, morou 16 anos na Romênia. Além de já ter traduzido textos dos Irmãos Grimm, Arthur Koestler, Robert Graves, Georg Trakl e outros, tem procurado difundir no Brasil obras representativas do pensamento e da cultura romenos. Nesse contexto, traduziu *As seis doenças do espírito contemporâneo* (Record), de Constantin Noica, *Senhorita Christina* (Tordesilhas), de Mircea Eliade, *Nos cumes do desespero* (Hedra) de Emil Cioran, *Acontecimentos na irrealidade imediata* (Cosac Naify) de Max Blecher e *A Barca de Caronte* (É Realizações) de Lucian Blaga. Para a (n.t.) já traduziu Max Blecher, George Bacovia e Urmuz.

AMIEL ȘI CANIBALUL

*“În paradis, jocul e suprema delectare.
În infern – cel mai teribil supliciu.”*

CIPRIAN VĂLCAN

Inchiziția sîsîișilor

Președintele cocoșat al Argentinei, Jorge Rulfo, va oferi cîte 100 de milioane de dolari guvernelor din Marea Britanie, Italia și Germania pentru a obține în schimb osemintele lui Gibbon, Leopardi și Lichtenberg, care vor fi transportate cu toate onorurile la Mausoleul Cocoșaișilor din Buenos Aires.

În secolul al XXII-lea, oamenii vor socoti că misiunile lor cele mai importante sînt domesticirea rechinilor și alfabetizarea elefanșilor. În secolul al XXIII-lea vor propune legalizarea căsătoriilor dintre francezi și maimuțe. În secolul al XXIV-lea vor iniția Campionatele Mondiale de Sodomie pe Gheață și Jocurile Panamericane ale Strangulatorilor de Bătrîni.

Îndemnul lui Tristan Tzara : „Dadaști din toate țările, scopiți-vă !”

Dacă Hitler ar fi fost Klaus Kinski, Germania ar fi înghițit Rusia în mai puțin de cinci săptămîni.

Din perspectiva filosofiei, boneta de lînă a lui Kant mi se pare preferabilă privirii de contabil sever a lui Adorno.

Aștept clipa cînd ciorile vor deveni singurele animale de companie acceptate în lumea bună. Cîinii, pisicile, broaștele țestoase sau maimuțele vor fi doar pentru plebei.

Îmi imaginez o manifestație a discipolilor francezi ai lui Diogene în fața Panthéonului: 500 de cetățeni care nu spun nici un cuvînt, ci înaintează tăcut, își dau jos pantalonii și defechează fără complexe lîngă gardul de fier din fața clădirii...

Adevăratul anarhist nu e acela care aruncă în aer clădiri sau avioane, ci acela care mînjește cu excremente clădirea guvernului.

Cu toate că a avut parte de destui sinucigași celebri, Parisul nu poate rivaliza în această privință cu Viena, metropola suicidului pe bandă rulantă. Am avut deseori senzația că, în anumite perioade, a te sinucide la Viena devenise o chestiune mai banală decît a-ți aprinde o țigară.

Vagabondul și nomadul sînt ultimii nonconformiști ai civilizației occidentale. Așa-ziii artiști iconoclaști au fost demult făcuți prizonieri de sistem și se mîndresc să facă parte din el, etalîndu-și episoadele de masturbare sau de vomă în muzeele cele mai șic. Iar dacă mînjesc pereții cu excremente într-un pretins gest primar, sînt siguri că asta le va aduce o sumă cu multe zerouri în conturi.

S-ar putea să ajungem atât de placizi încât să fim nevoiți să închiriem sălbatici care să ne trezească din amorțeală. În locul celor câțiva artiști care își sfirtecă penisul în fața publicului, câțiva războinici masai. În locul doamnei care ne oferă fotografii din interiorul propriului vagin pentru a-și descrie mai bine curajul artistic, o bătrână vrăjitoare yoruba.

Dacă ar mai trăi azi, Rimbaud ar alege să fie profesor la Facultatea de Antropofagie de la Bruxelles, mîncîndu-i, fără pic de discriminare, cînd pe flamanzi, cînd pe valoni.

Un filosof francez rămas fără slujbă are un mare avantaj în raport cu confracții lui din alte țări: el poate să se angajeze oricînd ca specialist în brînzeturi pe lingă un restaurant de lux din Europa de Est...

Memoriile unui canibal din zilele noastre vor deveni cea mai la modă carte de bucate a secolului al XXIII-lea.

Orice francez de bun simț ar prefera gilotinarea imediată a unui filosof în locul dispariției subite a brutarului său de la colțul străzii.

O pîine tradițională bate oricînd *Critica rațiunii pure*...

Ca să-și manifeste disprețul față de aur, locuitorii Utopiei fac din el oale de noapte și lanțuri pentru sclavi.

Locke observă că regele Siamului a încetat să mai creadă ce-i spuneau europenii atunci când aceștia i-au povestit despre gheață...

Un teosof scoțian susținea că diavolul ar putea fi mântuit dacă s-ar decide să bea ceai...

Avantajul mongolilor în raport cu alte popoare pare să fi fost acela că ei erau în stare să ucidă fără să obosească vreodată și fără să fie dezgustați nici măcar o clipă de prea mult sânge vărsat. Celelalte seminții aveau și ele exploziile lor de cruzime ori inexplicabilele lor episoade de furie diavolească, însă acestea erau urmate de o anume lehamite ce le determina să pună capăt asasinatelor măcar pînă la refacerea proviziilor de ferocitate.

În cazul mongolilor, plăcerea de a ucide era plăcerea supremă și nici foamea, nici frigul, nici oboseala nu-i puteau împiedica să și-o satisfacă.

Doctorii mongoli credeau că nebunii pot fi vindecați dacă sînt aruncați într-un cazan cu apă clocotită. Paracelsus era convins că doar zăpada poate lecui o minte tulburată, așa că recomanda ca nebunii să fie plimbați iarna în pielea goală. Agrippa credea că nebunia poate fi alungată numai dacă bolnavul mănîncă vreme de trei luni carne de unicorn. Rousseau, amenințat de nebunie, a fost sfătuit să mănînce plămîni de lebădă și struguri. Hölderlin a fost bătut cu urzici și tăvălit prin smoală. Nietzsche nebun a fost gîdilat la tălpi fără succes de un medic rus. Rasputin l-a vindecat de nebunie pe un contabil al țarului, obligîndu-l să petreacă o noapte în cușca unui urs. Un psihiatru finlandez, mare admirator al lui Weininger, pretindea că-i poate vindeca pe melancolici după ce-i silea să petreacă 24 de ore închiși într-o încăpere în care se mai afla o bătrînă de 80 de ani goală pușcă.

Dacă Lenin ar fi reușit să sodomizeze un cangur, toți locuitorii Uniunii Sovietice ar fi fost obligați să-și petreacă viața într-un marsupiu.

Codurile penale ale viitorului vor stipula fără echivoc că oamenii vor fi pedepsiți nu pentru faptele, ci pentru viselor lor.

Punerea în aplicare a acestor prevederi revoluționare va fi atribuția unui organism nou-înființat, Poliția somnului...

Dintr-un film despre Gengis-Han :

„Ochii nevestei tale să fie mici și oblici. Dacă îți iei nevastă cu ochii mari, ea o să înnebunească fiindcă va vedea lucruri care nu există”.

Nebunia e o boală tropicală, o maladie contractată în junglele sufletului.

Un canibal excentric: accepta să mănânce doar bărbați cu platfus.

Poate că Antichristul a și venit, dar n-a fost băgat în seamă.

Să-ți închipui o lume damnată pentru că a fost incapabilă să-și recunoască Antichristul.

Elefanții visează fluturi și maimuțe.

Maimuțele îl visează la nesfârșit pe Hegel, dar cred că e Darwin.

Nostalgia pentru perfecțiunea circularului e o dovadă că am cunoscut cândva paradisul. Infernul e o nesfârșită linie dreaptă, o perpendiculară prin deșert.

Rutina e moștenirea noastră paradisiacă, urma neștiută a vechii noastre naturi perfecte.

Infernul suprimă rutina, infernul e un infinit *montagne russe*.

Robespierre împăiat

Un Don Juan francez ar fi în mod necesar pederast.

Dacă am fi vipere, ironiile noastre ar fi mortale.

Cel mai sumbru seducător: Don Juan cocoșat...

Nici un abis nu e prea adânc pentru damnați. Nici un ocean nu poate să șteargă tristețea demonului.

Stalin ar fi fost gata să cedeze oricând Ucraina în schimbul lui Robespierre împăiat. Însă n-a primit nici o propunere convenabilă, i s-a oferit doar mumia lui Saint-Just...

În paradis, jocul e suprema delectare. În infern – cel mai teribil supliciu.

Fiecare mare spirit vine pe lume împreună cu un geamăn necunoscut. Fiecărui geniu urcat pe scenă îi corespunde un nebun lăsat în culise. Cîți oameni mari, tot atîția nebuni. Și geniul, și nebunul spun, în esență, același lucru, însă soarta lor e diferită, căci unul intră în istorie, pe cînd celălalt putrezește la ospiciu.

Uneori geniul și nebunul se suprapun și ajung să coincidă în aceeași persoană. Tasso, Hölderlin, Nerval, Nietzsche, Cantor, Artaud.

Să nu înghiți prea mult. Primul articol al eticii crocodililor.

Să împuști pisica vecinilor și să pretinzi că ai ucis Sfinxul...

Cum ar fi arătat memoriile unui Casanova pitic ?

Să scrii constituția cea mai potrivită pentru o republică a păpușilor gonflabile...

Intimii împăraților sfîrșesc necesarmente pe eșafod. I-au văzut de prea multe ori fără mantie și sceptru.

Bentham scria 15 pagini pe zi. Asta înseamnă aproape 5500 de pagini pe an. 20 de ani într-un asemenea ritm ne duc la deloc neglijabila producție de 110 000 de pagini.

Deși și-a luat toate măsurile de precauție pentru a putea menține excepționalul său ritm de scriitură, Bentham a neglijat problema caligrafiei, așa

că majoritatea manuscriselor lui zac în niște cutii enorme, fiind imposibil de descifrat....

Avem noroc că nimeni nu mai are nevoie de umbra noastră. Altfel, s-ar găsi destui gata să și-o vîndă, la fel cum își vînd rinichii, testiculele sau copiii.

Religia pisicilor e somnul. Principalul zeu al panteonului lor poartă un nume convingător: Dormi ușor...

Dezamăgiți de viața lor de la suprafață, pe care și-au imaginat-o plină de strălucire cîtă vreme s-au aflat sub pămînt, minerii chilieni salvați la sfîrșitul lui 2010 ar putea cere să se întoarcă în subteran pentru a continua să viseze.

Slavii din caverna platoniciană nu se împotrivesc adevărului adus de mesagerul ce a reușit să iasă din peșteră; ei se tem doar că nu vor mai putea să viseze.

Poate că va veni o vreme cînd cei mai mulți dintre oameni vor deveni incapabili să viseze, iar puținii visători rămași printre ei vor ajunge să prețuiască mai mult decît greutatea lor în aur.

Miliardarii lumii nu vor mai licita pentru tablouri de Picasso sau Van Gogh, ci vor fi gata să ofere sume imense pentru a avea în apropierea lor un visător.

Poate că Antichristul va fi ultimul poet.

Despre spînzurători și sirene

Mesia ar putea să fie un pitic ? Întrebare talmudică.

Să locuiești într-o țară în care să nu existe nici școli, nici biserici, nici magazine, ci doar spânzurători.

Poate că un împărat african va pune să se ridice spânzurători somptuoase în capitala imperiului său, urmînd ca acestea să le fie închiriate pentru sume modice turiștilor străini dornici să-și încheie viața departe de țările lor.

Imperiul spânzurătorilor nu va avea nevoie nici de industrie, nici de servicii, nici de comerț. Toate veniturile sale vor proveni din partea turiștilor ce-i vor trece granițele fie ca să se spînzure în condiții de lux, fie ca să asiste la sesiunile zilnice de suicid. Reprezentanții guvernului vor încasa taxa de sinucidere și vor vinde bilete pentru amatorii de spectacole macabre. Contractul încheiat cu sinucigașii va stipula foarte clar că leșurile acestora nu vor putea să atîrne decît maximum o jumătate de oră în spînzurătoare, urmînd să le fie aruncate după aceea șacalilor.

Filosofia lui Hegel și-ar fi păstrat forța de atracție și pentru oamenii secolului al XXI-lea doar dacă autorul ei ar fi sîrșit asemenea lui Nietzsche.

Cărțile unui om care nu și-a pierdut mințile nu mai interesează pe nimeni.

Rimbaud e singurul poet ce poate fi distribuit în rolul lui James Bond. Ceilalți se mulțumesc să-l joace destul de prost pe Don Quijote.

Dacă ar avea dreptul la o singură dorință pe care să le-o îndeplinească peștișorul de aur, italienii n-ar ezita nici o clipă: i-ar cere un al doilea penis...

Necuvințele unui brutar sînt socotite semne de proastă creștere, în vreme ce necuvințele unui scriitor sînt socotite dovezi de originalitate.

Un brutar care urinează într-o ceșcuță de cafea e dus la balamuc. Un poet care face același lucru e aclamat pentru curajul său artistic.

A înnebuni înseamnă să tragi după tine visele din timpul nopții în realitate, să trăiești ca și cum ai continua să visezi.

Aristocrații nu-și imaginează că ar putea să scrie mai mult de cîteva zeci de pagini. Doar neamurile proaste scriu o sută de volume.

Pentru Schopenhauer, pudelul său prețuia mai mult decît întreaga istorie a filosofiei occidentale.

Îmi sînt prieteni doar aceia care cred că un mare poet e mai important decît un mare imperiu.

Visele, stenogramele demonilor.

Nebunia e contagioasă. Altfel n-am fi simțit nevoia să inventăm balamucul.

Psihanalistul nu e un pompier pregătit să stingă incendiul din mintea noastră, ci, dimpotrivă, un pasionat piroman.

Visul marxiștilor : să pună cîte un joben pe capul fiecărei maimuțe.

Nebunul e opusul copilului, căci nebunul e incapabil să se joace.
Nebunia e pietrificare, încremenire a sufletului.

Claude Lévi-Strauss a murit la 100 de ani. Jacqueline de Romilly – la 97. S-ar spune că academicienii francezi tind la propriu să devină nemuritori.

Copleșiti de adormitoarea corectitudine politică, vom ajunge să regretăm înjurăturile birjarilor...

Despre leneși și tigri

Am fost întotdeauna fascinat de cușca în care a fost ținut Baiazid. Să-i transformi pe împărați în maimuțe de lux și să-i arăți mulțimii nu ca zei, ci ca animale.

Legile lui Dracon prevedeau pedeapsa cu moartea și pentru cei care se făceau vinovați de lene.

E clar că dacă aș fi trăit în vremea aceea aș fi sfințit în mâinile călăului.

Adevărații leneși sînt la fel de rari ca marii poeți.

Visez la clipa în care un mare leneș va ajunge să conducă un nou imperiu mondial, împingînd lumea la încremenire din pricina inacțiunii sale.

Doar leneșii mai pot să salveze lumea, doar abulicii mai pot să păstreze granițele universului nostru amenințat să se dezintegreze din pricina precipitării.

A pune stavilă grăbiților, hămesiților, tulburaților, a impune răgazul, liniștea, cercul.

Nu eroii, ci leneșii. Nu sfinții, ci puturoșii. Să scrii o carte despre cei mai deplini leneși din istorie.

Oamenii noului imperiu nu vor mai citi viețile sfinților, ci viețile leneșilor. Nu vindecătorul, sfântul Anton din Padova, ci zăbavnicul, Antoine de Rivarol.

Există o profeție maronită conform căreia lumea va fi distrusă abia atunci când ultimul leneș va dispărea de pe fața Pământului.

Dacă ar trebui să aleagă între a-și petrece eternitatea în compania unui contabil sau în compania diavolului, cei mai mulți dintre contemporanii noștri l-ar alege pe diavol.

Naivi cum sînt, ar fi gata să creadă că iadul e preferabil plictiselii.

O şuviță din părul lui Napoleon a fost vîndută la licitație pentru 13 000 de euro. Cumpărătorul anonim mai posedă, probabil, un fragment din tibia lui Idi Amin, degetele de la piciorul stîng al lui Byron și testiculele unor poeți portughezi.

Dacă ar primi suficiente comenzi, chinezii n-ar avea nici o ezitare să producă mezeluri pentru antropofagi.

Un poet care se sinucide trebuie să-și ritualizeze intens moartea, fiindcă altfel riscă să fie asemănat cu o coafeză ce înghite sodă caustică pentru că a fost părăsită de un administrator de bloc.

Cele mai savuroase comentarii filosofice ar putea fi adnotările unei maimuțe pe marginea manuscriselor lui Hegel.

Biblioteca de la Escorial, care conține 40 000 de volume, e singura bibliotecă din lume în care cărțile sînt așezate pe rafturi cu cotorul spre interior, în așa fel încît hîrtia să poată să respire.

Ca să fie cu adevărat nebun, un rege trebuie să fie spaniol. Accidentele din istoria Franței, Angliei, Germaniei sau Italiei nu pot rivaliza cu perfecțiunea demenței unui monarh spaniol.

Un nebun spaniol cîntărește mai greu decît șapte sfinți francezi.

Poate că privirea tîlharului e singura perspectivă lucidă asupra umanității.

Pentru mine, un leneș autentic e la fel de prețios ca un cal de rasă, ca un pursînge arab.

Doar leneșul pricepe adevăratul sens al lumii. Ceilalți sînt muște, simple muște.

Înainte de a fi un mare pesimist ori un sceptic sclipitor, Cioran e un imens leneș. De aici și pasiunea lui pentru Rivarol.

Dacă s-ar mai scălda și astăzi în lapte de măgăriță plus sînge de fecioară, Elisabeta Bathory n-ar mai fi os regal, ci doar un simplu star porno, o rivală de temut a Cicciolinei.

Filosofia italiană, o mozzarella a spiritului...

„Pentru noi, nici un abis nu e prea adînc”. Mărturisirea damnaților.

Cel mai mic om din lume e un nepalez de 50 de centimetri, în vreme ce gigantul momentului pare să fie un ucrainean de 2,52 metri. Primul e vesel și agil, al doilea – bolnav de depresie.

Guido Ceronetti : „Un necrofil moderat poate afla mulțumire în patul unei frigide”.

Mă aștept ca în curînd să fie descoperită cea mai importantă operă a lui Cioran, un jurnal de bîrfe...

Poate că textele lui Cioran nu-și vor dobîndi adevărata ferocitate decît atunci cînd vor fi traduse în limba cîinilor.

Contabilul lui Pessoa

Pentru Pessoa, ca să ieși din peșteră trebuie să intri în tine, să explorezi pînă la cel mai umil amănunt încăperile baroce ale propriului suflet. Adevărul poate fi găsit doar în interior și niciodată în afară.

Supraomul e captivat de transformarea realității. Contabilul, căruia nu i se întîmplă niciodată nimic, e captivat doar de propriile sale vise.

Oamenii se deosebesc unii de ceilalți nu prin cravatele pe care le poartă sau prin limbile străine pe care le vorbesc, ci prin felul în care visează. Fără capacitatea noastră de a visa, am fi cu toții la fel.

Pentru Pessoa, e evident că omul nu e trimis în lume ca să întemeieze imperii, ci ca să viseze.

Poate că cea mai mare înfrîngere a noastră este aceea de a nu avea acces la visele imbecilului, căci nu e exclus ca imbecilul să fie visătorul suprem...

Înnebunim fiindcă pierdem limpiditatea viselor noastre.. Dacă am visa asemenea copiilor, n-am înnebuni niciodată.

Pentru Canetti, un vis interpretat e un cadavru, o simplă carcasă materială din care sufletul s-a retras.

Canetti crede că adevărata obscenitate e tendința de a înfățișa privirii celorlalți ființa noastră lăuntrică, de a le oferi acces la visele noastre.

E obscen nu acela care-și arată trupul nud, ci acela care-și exhibă visele.

Ventrilocul cartezian

Probabil că Ulise ar mai fi și astăzi alături de Circe dacă aceasta nu i-ar fi transformat pe tovarășii săi de călătorie în porci, ci în fluturi...

Visele oamenilor sînt producții cinematografice de uz intern, proiectate o singură dată și pe urmă distruse.

Kafka credea că sfîrșitul lumii a avut loc în 13 noiembrie 1313, iar de atunci noi continuăm să trăim doar în visele diavolului.

Dacă ar fi avut 120 de kilograme, Kant n-ar mai fi scris *Critica rațiunii practice*, ci *Critica rațiunii gurmănde*...

„Femeile credincioase fac mai mult sex decît cele neduse la biserică” ne anunță un titlu de ziar care reproduce concluziile unui studiu britanic. Fie Mesalina nu mai e la modă, fie ea a devenit soția unui preot bulgar...

Suprarealiștii portughezi pretind că au reușit să ucidă o cămilă în vîrstă de cinci ani folosind o unghieră cumpărată la Copenhaga și promit să posteze filmul asasinatului pe YouTube. Dadaiștii spanioli sînt hotărîți să nu rămînă mai prejos și lucrează la producerea unui șoarece cu fâlci de bulldog capabil să ucidă o girafă senilă.

Într-o lume alcătuită în întregime din jucători de baschet, girafa ar fi socotită singurul animal divin.

Cea mai importantă operă de artă a secolului XXI va fi autopsia unui delfin.

Fără a îndrăzni s-o mărturisească, cabaliștii nu făceau altceva decît să încerce reconstituirea limbii demonului, convinși că doar Diavolul cunoștea adevăratul nume al lui Dumnezeu.

Dacă Robespierre ar fi jucat volei cu țestele celor ghilotinați, el ar fi putut să invoce în sprijinul său măcar circumstanța demenței. Rămînînd pînă la capăt rațional și inflexibil, a pierdut chiar și simpatia amatorilor de monstroozități.

Ultimele cărți ale lui Heidegger i-au fost dictate de genialul pitic-ventriloc al lui Hitler, Uli Gertz, refugiat în secret în noptiera filosofului.

Dictatura chipurilor triste, o școală teologică radicală din vestul Madridului, va impune pensionarea forțată a tuturor clovnilor, arderea măștilor în piețele publice și otrăvirea tuturor maimuțelor din grădinile zoologice europene.

Paracelsus credea că transpirația nebunilor e otrăvitoare și poate fi folosită pentru a ucide câini, vulpi și iepuri.

Visele fluturilor sînt sonetele lui Petrarca.

Visele lebedelor sînt poeme de Yeats.

Singurul stat dadaist din lume va fi Republica Literară Guatemala. Guvernul acestei țări, care va rămîne la putere doar trei zile și unsprezece ore, va fi recunoscut numai de Franța, Andorra și San Marino. El va fi răsturnat de strania revoluție a contabililor cu ochi căprui condusă de un epigramist pensionar cu cetățenie norvegiană, Abbadon Monterroso.

Să nu-ți citești niciodată contemporanii. Folositorul îndemn al lui Nicolás Gómez Dávila.

În China s-a născut un copil cu două capete. Nu mai există nici un Tacitus care să scrie despre el.

Omul rezidual al prezentului are nevoie de stimulente tot mai puternice pentru a simți că trăiește, așa că recurge tot mai frecvent la gesturi extreme, practicînd cu un veritabil zel sportiv violul sau crima.

Burghezul de azi nu mai e burghezul placid și sordid al secolului al XIX-lea, ci burghezul excentric și criminal. Nu Homais, ci Fritzl.

Idealul scriitorului contemporan e să dispună de un sclav care să-i compună opera în vreme ce el își pierde vremea la Ritz.

Pentru contemporanii noștri, cășcatul unei vedete de televiziune pare mai plin de semnificație decât fulgerul lui Zeus.

Să scrii ca un intrigant, ca un iezuit, ca un secretar al Republicii florentine.
Să scrii ca un colecționar de otrăvuri.



AMIEL E O CANIBAL

*“No paraíso, a brincadeira é o deleite supremo.
No inferno – o mais terrível dos suplícios.”*

CIPRIAN VĂLCAN

A Inquisição dos ceceosos

O presidente corcunda da Argentina, Jorge Rulfo, oferecerá 100 milhões de dólares a cada um dos governos da Grã Bretanha, Itália e Alemanha para obter, em troca, os restos mortais de Gibbon, Leopardi e Lichtenberg, a serem transportados com as devidas honras para o Mausoléu dos Corcundas de Buenos Aires.

No século XXII, os homens considerarão como suas mais importantes missões a domesticação de tubarões e a alfabetização de elefantes. No século XXIII, proporão que se legalizem os casamentos entre franceses e macacos. No século XXIV, organizarão Campeonatos Mundiais de Sodomia no Gelo e Jogos Panamericanos de Estranguladores de Velhos.

Palavra de ordem de Tristan Tzara: „Dadaístas de todo o mundo, castrai-vos!”

Se Hitler tivesse sido Klaus Kinski, a Alemanha teria engolido a Rússia em menos de cinco semanas.

A partir de uma perspectiva filosófica, a boina de lã de Kant me parece preferível ao severo olhar de guarda-livros de Adorno.

Aguardo o instante em que as gralhas se tornarão os únicos animais de estimação admitidos pela alta sociedade. Cachorros, gatos, tartarugas ou macacos serão reservados à plebe.

Fico imaginando uma manifestação dos discípulos franceses de Diógenes diante do Panteão: 500 cidadãos chegam absolutamente calados, baixam as calças e defecam tranquilamente junto à cerca de ferro em frente ao prédio...

Anarquista de verdade não é quem explode prédios ou aviões, mas quem lambuza com excrementos a sede do governo.

Embora tenha contado com vários suicidas célebres, Paris não tem como rivalizar, nesse aspecto, com Viena, metrópole do suicídio em série. Diversas vezes fui acometido pela sensação de que, em certos períodos, suicidar-se em Viena se tornara questão mais banal que acender um cigarro.

O vagabundo e o nômade são os últimos não-conformistas da civilização ocidental. Os assim chamados artistas iconoclastas já foram faz tempo prisionados pelo sistema, orgulhando-se de fazerem parte dele, exibindo seus

momentos de masturbação ou de vômito nos mais chiques museus. E, ao lambuzarem uma parede com fezes num pretenso gesto primário, eles têm certeza de que isso trará para suas contas bancárias uma soma cheia de zeros.

Talvez cheguemos a nos tornar tão plácidos, que nos veremos obrigados a contratar selvagens para nos arrancar do amortecimento. No lugar de artistas que retalham seus pênis diante do público, guerreiros massai. No lugar da senhora que nos oferece fotografias do interior da própria vagina para melhor ostentar sua coragem artística, uma velha feiticeira iorubá.

Se ainda estivesse vivo, Rimbaud optaria por ser professor na Faculdade de Antropofagia de Bruxelas, devorando indiscriminadamente ora flamengos, ora valões.

Um filósofo francês desempregado tem uma enorme vantagem em relação a seus confrades de outros países: ele pode ser contratado quando quiser como especialista em queijos por qualquer restaurante de luxo do Leste Europeu...

As memórias de um canibal de hoje em dia se transformarão no livro de receitas mais badalado do século XXIII.

Todo francês de bom senso preferiria mandar imediatamente para a guilhotina um filósofo ao invés de suportar o súbito desaparecimento do padeiro da esquina.

Um pão tradicional sempre derrota a *Crítica da razão pura*...

Para manifestar seu desprezo pelo ouro, os habitantes de Utopia utilizam-no para fabricar penicos e correntes de escravos.

Locke observa que o rei do Sião parou de acreditar no que os europeus lhe contavam no momento em que eles começaram a lhe contar sobre o gelo...

Um teósofo escocês costumava afirmar que o diabo poderia ser remido caso se decidisse por beber chá...

A vantagem dos mongóis sobre outras nações parece residir no fato de que fossem capazes de matar sem jamais se cansarem e sem se enausearem, um instante sequer, com tanto sangue vertido. Outros povos também sofriam acessos de crueldade ou de inexplicáveis episódios de fúria demoníaca, aos quais porém não raro se seguia uma certa repugnância que os determinava a interromper a matança, pelo menos até que o estoque de ferocidade voltasse à cota normal.

No caso dos mongóis, o prazer de matar constituía o prazer supremo, cuja satisfação nem frio e nem cansaço eram capazes de impedir.

Os médicos mongóis acreditavam que os loucos podiam ser curados caso fossem atirados a uma caldeira de água fervente. Paracelso nutria a convicção de que só a neve era capaz de tratar uma mente perturbada, recomendando que os loucos passeassem pelados durante o inverno. Agrippa achava que a loucura só podia ser superada caso o doente ingerisse, ao longo de três meses, carne de unicórnio. Rousseau, ameaçado pela loucura, foi orientado no sentido de comer pulmão de cisne e uvas. Hölderlin foi tratado a chibatadas de urtiga e banhos de piche. Sem qualquer êxito, um médico russo tratou a loucura de Nietzsche com cócegas nas solas dos pés. Rasputin curou

a loucura de um guarda-livros do czar, obrigando-o a passar uma noite inteira na jaula de um urso. Um psiquiatra finlandês, grande admirador de Weiringer, alegava poder curar os melancólicos após obrigá-los a passar 24 horas trancados num quarto junto com uma velha pelada de 80 anos.

Se Lênin tivesse conseguido sodomizar um canguru, os habitantes da União Soviética teriam sido obrigados a passar a vida toda dentro de um marsúpio.

O código penal do futuro estipulará inequivocamente a punição dos indivíduos com base não nos seus atos, mas nos seus sonhos.

A aplicação dessas provisões revolucionárias será atribuída a um órgão então recém-criado, a Polícia do Sono...

De um filme sobre Gêngis Khan:

“Os olhos da tua mulher têm de ser miúdos e oblíquos. Se te casares com uma mulher de olhos grandes, ela enlouquecerá vendo coisas que não existem”.

A loucura é uma doença tropical, um mal contraído nas selvas da alma.

Um canibal excêntrico: só aceita devorar homens de pé chato.

É até possível que o Anticristo tenha chegado, mas não lhe deram a mínima.

Imagine um mundo amaldiçoado por ter sido incapaz de reconhecer seu Anticristo.

Os elefantes sonham com borboletas e macacos.

Os macacos sonham incessantemente com Hegel, mas acham que é Darwin.

A nostalgia pela perfeição do círculo é a prova de que, em algum momento do passado, nós conhecemos o paraíso. O inferno é uma interminável linha reta, uma perpendicular atravessando um deserto.

A rotina é a nossa herança paradisíaca, vestígio insuspeito de nossa antiga natureza perfeita.

O inferno suprime a rotina, o inferno é uma montanha-russa infinita.

Robespierre empalhado

Um Don Juan francês seria necessariamente pederasta.

Se fôssemos víboras, nossas ironias seriam mortais.

O mais sombrio dos sedutores: um Don Juan corcunda...

Nenhum abismo é profundo demais para os malditos. Nenhum oceano é capaz de afogar a tristeza do demônio.

Stálin concordaria na hora em ceder a Ucrânia em troca de Robespierre empalhado. Ele não recebeu, porém, nenhuma proposta adequada; foi-lhe oferecida apenas a múmia de Saint-Just...

No paraíso, a brincadeira é o deleite supremo. No inferno – o mais terrível dos suplícios.

Todo grande espírito vem ao mundo acompanhado de seu gêmeo desconhecido. A cada gênio que chega à ribalta corresponde um louco abandonado nos bastidores. O número de grandes homens é igual ao de loucos. Tanto o gênio quanto o louco dizem essencialmente a mesma coisa, mas seus destinos é que são diferentes, pois um fica na História, ao passo que o outro apodrece no hospício.

Por vezes, o gênio e o louco se sobrepõem e acabam coincidindo na mesma pessoa. Tasso, Hölderlin, Nerval, Nietzsche, Cantor, Artaud.

Não engolir demasiado. Artigo primeiro da ética dos crocodilos.

Matar a tiros o gato do vizinho e se gabar de haver assassinado a Esfinge...

Como teriam sido as memórias de um Casanova anão?

Escrever a constituição mais adequada para uma república de bonecas infláveis...

Os íntimos do imperador acabam necessariamente no patíbulo. Eles o viram demasiadas vezes sem manta e sem cetro.

Bentham escrevia 15 páginas por dia. Isso significa quase 5.500 páginas por ano. Ao longo de 20 anos nesse ritmo, chega-se a uma nada desprezível produção de 110.000 páginas.

Embora tenha sido precavido e tomado todas as medidas com vistas a conseguir manter seu excepcional ritmo de escrita, Bentham descuidou da questão da caligrafia, de maneira que a maioria de seus manuscritos jazem indecifráveis dentro de baús gigantescos...

Temos sorte de ninguém mais precisar de nossa sombra. Senão, haveria bastante gente disposta a vendê-la, assim como há quem venda seus próprios rins, testículos ou crianças.

A religião dos gatos é o sono. A principal divindade de seu panteão tem um nome convincente: Durma bem...

Decepcionados com a vida na superfície, que haviam imaginado muito mais resplandecente enquanto se encontravam debaixo da terra, os mineiros chilenos salvos no fim de 2010 seriam capazes de pedir um retorno ao subsolo para continuarem sonhando.

Os escravos da caverna platônica não se opõem à verdade trazida pelo mensageiro que conseguiu sair da gruta; eles só temem não conseguir mais sonhar.

Talvez chegue o tempo em que a maioria das pessoas venha a ser incapaz de sonhar, e os poucos sonhadores que restarem chegarão a valer mais que seu próprio peso em ouro.

Bilionários de todo o mundo não participarão mais de leilões de telas assinadas por Picasso ou Van Gogh, mas se disporão a oferecer somas imensas só para ter um sonhador ao seu lado.

Talvez o Anticristo venha a ser o último dos poetas.

Sobre forcas e sereias

O Messias poderia ser um anão? Questão talmúdica.

Morar num país em que não houvesse escolas, igrejas ou mercearias, mas apenas forcas.

Um imperador africano talvez ordene a construção de forcas suntuosas na capital de seu império, a fim de que sejam alugadas, por somas módicas, a turistas estrangeiros desejosos por acabar com suas vidas longe de seus países.

O império das forcas não precisará de indústria, serviços ou comércio. Toda a sua renda se originará dos turistas que atravessarão suas fronteiras ou para se enforcarem em condições de luxo, ou para assistirem às sessões diárias de suicídio. Representantes do governo cobrarão taxas de suicídio e venderão ingressos aos aficionados de espetáculos macabros. O contrato cele-

brado com os suicidas deixará claro que suas carcaças só poderão ficar penduradas na forca no máximo por meia hora, depois do que serão arre-messadas aos chacais.

A filosofia de Hegel poderia ter mantido sua força de atração também para pessoas do século XXI só caso o autor tivesse acabado como Nietzsche.

Os livros de um homem que não enlouqueceu não interessam mais a ninguém.

Rimbaud é o único poeta capaz de ganhar o papel de James Bond. Os outros se contentam em interpretar, muito mal, Dom Quixote.

Se tivessem direito a um único desejo a ser atendido pelo peixinho dourado, os italianos não hesitariam um segundo: pediriam um segundo pênis...

As indecências de um padeiro são consideradas sinal de má educação, ao passo que as indecências de um escritor são consideradas prova de originalidade.

Um padeiro que urina numa xícara de café é levado para o hospício. Um poeta que faz o mesmo é aclamado por sua coragem artística.

Enlouquecer significa transpormos para a realidade os sonhos noturnos, vivermos como se continuássemos sonhando.

Os aristocratas não imaginam que se possa escrever mais do que algumas dezenas de páginas. Só a gentilha escreve volumes às centenas.

Para Schopenhauer, seu poodle valia mais do que toda a história da filosofia ocidental.

São meus amigos somente aqueles que acham que um grande poeta seja mais importante que um vasto império.

Sonhos: estenogramas dos demônios.

A loucura é contagiante. Senão, não teríamos sentido a necessidade de inventar o hospício.

O psicanalista não é um bombeiro pronto para extinguir o incêndio da nossa mente, mas é, pelo contrário, um piromaníaco apaixonado.

Sonho dos marxistas: meter uma cartola na cabeça de cada macaco.

O louco é o oposto da criança, pois o louco é incapaz de brincar.
A loucura é petrificação, paralisção da alma.

Claude Lévi-Strauss morreu aos 100 anos. Jacqueline de Romilly – aos 97. Pode-se dizer que os acadêmicos franceses tendem literalmente a se tornar imortais.

Vencidos pela enfadonha ditadura do politicamente correto, chegaremos a sentir saudade dos impropérios dos cocheiros...

Sobre preguiçosos e tigres

Sempre tive fascinação pela jaula em que Bayezid foi mantido. Transformar imperadores em macacos de luxo e exhibi-los para a multidão não como deuses, mas como animais.

As leis de Drácon previam a condenação à morte também aos culpados de preguiça.

É óbvio que, se eu tivesse vivido naquela época, teria parado nas mãos do verdugo.

Preguiçosos autênticos são tão raros quanto grandes poetas.

Sonho com o momento em que um grande preguiçoso virá a liderar um novo império mundial, levando o mundo à paralisia por causa de sua inação.

Só os preguiçosos ainda podem salvar o mundo, só os abúlicos ainda podem manter as fronteiras deste nosso universo que ameaça se desintegrar por causa da precipitação.

Refrear os apressados, os ávidos, os inquietos, impor a pausa, o silêncio, o círculo.

Não os heróis, mas os preguiçosos. Não os santos, mas os indolentes. Escrever um livro sobre os mais triunfais preguiçosos da História.

As pessoas do novo império não lerão mais as vidas dos santos, mas as vidas dos preguiçosos. Não o benfazejo Santo Antônio de Pádua, mas o procrastinador Antoine de Rivarol.

Há uma profecia maronita segundo a qual o mundo será destruído só depois que o último preguiçoso desaparecer da face da Terra.

Se tivessem de escolher entre passar a eternidade na companhia de um contador ou na companhia do diabo, a maioria dos nossos contemporâneos escolheriam o diabo.

Ingênuos como são, facilmente acreditariam que o inferno é preferível ao tédio.

Um chumaço de cabelo de Napoleão foi arrematado por 13.000 euros. O comprador, anônimo, provavelmente ainda possui um fragmento da tíbia de Idi Amin, os dedos do pé esquerdo de Byron e testículos de poetas portugueses.

Se recebessem encomendas suficientes, os chineses não hesitariam em produzir frios para antropófagos.

Um poeta suicida deve ritualizar muito bem sua morte, caso contrário corre o risco de se parecer com uma cabeleireira que engole soda cáustica por ter sido abandonada por um síndico.

Os mais deliciosos comentários filosóficos poderiam ser as anotações de um macaco à margem dos manuscritos de Hegel.

A biblioteca do Escorial, que contém 40.000 volumes, é a única biblioteca do mundo em que os livros são colocados nas estantes com a lombada para o interior, de maneira que o papel possa respirar.

Para ser realmente louco, um rei tem de ser espanhol. Os percalços da história da França, da Inglaterra, da Alemanha ou da Itália não têm como rivalizar com a perfeição da demência de um monarca espanhol.

Um louco espanhol pesa mais que sete santos franceses.

A visão do bandido talvez seja a única perspectiva lúcida sobre a humanidade.

Para mim, um preguiçoso autêntico é tão precioso quanto um cavalo de raça, um puro-sangue árabe.

Só o preguiçoso compreende o verdadeiro sentido do mundo. Os outros são moscas, meras moscas.

Antes de ser um grande pessimista ou um cético brilhante, Cioran é um imenso preguiçoso. Daí sua paixão por Rivarol.

Se hoje em dia ela ainda tomasse banho em leite de mula com sangue de virgem, Elisabeth Báthory não seria mais de nobre estirpe, mas uma simples estrela pornô, temível rival da Cicciolina.

Filosofia italiana, mussarela do espírito...

“Para nós, nenhum abismo é profundo demais”. Confissão dos malditos.

O menor homem do mundo é um nepalês de 50 centímetros, enquanto o gigante do momento parece ser um ucraniano de 2,52 metros. O primeiro é ágil e sorridente, o segundo – sofre de depressão.

Guido Ceronetti: “Um necrófilo moderado pode encontrar satisfação no leito de uma frígida”.

Acredito que em breve será descoberta a mais importante obra de Cioran, um diário de fofocas...

Os textos de Cioran talvez jamais adquiram sua verdadeira ferocidade antes de serem traduzidos para a língua dos cães.

O guarda-livros de Pessoa

Segundo Pessoa, para sairmos da caverna é necessário entrarmos em nós mesmos, explorarmos até o mais humilde detalhe os salões barrocos da nossa alma. A verdade só pode ser encontrada por dentro e jamais por fora.

O super-homem é cativado pela transformação da realidade. O guarda-livros, a quem jamais nada acontece, é cativado apenas por seus próprios sonhos.

As pessoas se distinguem umas das outras não pelas gravatas que usam ou pelas língua estrangeiras que falam, mas pela maneira que sonham. Sem a capacidade de sonhar, seríamos todos iguais.

Para Pessoa, está claro que o homem não veio ao mundo para fundar impérios, mas para sonhar.

Talvez a nossa maior derrota seja a de não ter acesso aos sonhos do imbecil, pois é bem possível que o imbecil seja o sonhador supremo...

Enlouquecemos ao perder a limpidez dos nossos sonhos. Se sonhássemos como as crianças, jamais enlouqueceríamos.

Para Canetti, um sonho interpretado é um cadáver, mera carcaça material abandonada pela alma.

Canetti acha que verdadeira obscenidade é a tendência de ostentar aos olhares alheios o nosso ser mais íntimo, de lhes oferecer acesso aos nossos sonhos.

É obsceno não aquele que revela a nudez do próprio corpo, mas aquele que exhibe seus próprios sonhos.

O ventríloquo cartesiano

É provável que Ulisses ainda hoje estivesse com Circe caso ela não houvesse transformado seus camaradas de viagem em porcos, mas em borboletas...

Os sonhos das pessoas são produções cinematográficas para uso interno, projetadas uma única vez e em seguida descartadas.

Kafka achava que o fim do mundo ocorrera em 13 de novembro de 1313, e que, desde então, nós continuávamos a viver apenas nos sonhos do diabo.

Se pesasse 120 quilogramas, Kant não teria escrito *A Crítica da Razão Prática*, mas *A Crítica da Razão Gourmet*...

“Mulheres religiosas fazem muito mais sexo do que as que não frequentam a igreja”, anuncia uma manchete de jornal que reproduz as conclusões de um estudo britânico. Ou Messalina saiu de moda, ou ela se tornou esposa de um padre búlgaro...

Surrealistas portugueses alegam ter conseguido matar um camelo de cinco anos utilizando um corta-unhas comprado em Copenhague e prometem postar o filme do assassinato no YouTube. Dadaístas espanhóis decidiram não deixar por menos e trabalham na produção de um camundongo com maxilar de buldogue capaz de matar uma girafa senil.

Num mundo inteiramente constituído por jogadores de basquete, a girafa seria considerada o único animal divino.

A mais importante obra de arte do século XXI será a autópsia de um golfinho.

Sem se atrever a admitir, os cabalistas não faziam outra coisa senão tentar reconstituir a língua do demônio, convencidos de que só o Diabo conhecia o verdadeiro nome de Deus.

Se Robespierre houvesse jogado vôlei com os crânios dos guilhotinados, ele poderia ter invocado em sua defesa ao menos a atenuante da demência. Permanecendo porém racional e inflexível até o fim, ele perdeu até a simpatia dos amantes de monstruosidades.

Os últimos livros de Heidegger lhe foram ditados pelo genial anão-ventríloquo de Hitler, Uli Gertz, refugiado em segredo no criado-mudo do filósofo.

A Ditadura dos Rostos Tristes, uma escola teológica radical do oeste de Madri, quer impor a aposentadoria compulsória a todos os palhaços, a queima de máscaras em praças públicas e o envenenamento de todos os macacos dos jardins zoológicos europeus.

Paracelso acreditava que a transpiração dos loucos fosse venenosa, e que poderia ser utilizada para matar cães, raposas e coelhos.

Os sonhos das borboletas são sonetos de Petrarca.

Os sonhos dos cisnes são poemas de Yeats.

O único Estado dadaísta do mundo será a República Literária da Guatemala. O governo desse país, que permanecerá no poder só por três dias e onze horas, será reconhecido apenas pela França, Andorra e San Marino. Ele será derrubado pela estranha revolução dos guarda-livros de olhos castanhos, liderada por um epigramatista aposentado de cidadania norueguesa, Abbadon Monterroso.

Nunca leia os contemporâneos. Útil conselho de Nicolás Gómez Dávila.

Na China nasceu uma criança de duas cabeças. Não há mais nenhum Tácito que escreva sobre ela.

O homem residual do tempo presente tem necessidade de estimulantes cada vez mais fortes para se sentir vivo, de modo que recorre com frequência cada vez maior a gestos extremos, praticando, com um verdadeiro zelo esportivo, estupros e crimes.

O burguês de hoje em dia não é mais o burguês plácido e sórdido do século XIX, mas o burguês excêntrico e criminoso. Não Homais, mas Fritzl.

O ideal do escritor contemporâneo é dispor de um escravo que componha sua obra enquanto ele perde tempo no Ritz.

Para os nossos contemporâneos, o bocejo de uma estrela de televisão parece conter mais significado que o raio de Zeus.

Escrever como um intrigante, como um jesuíta, como um secretário da República florentina.

Escrever como um colecionador de venenos.





ensaios
(n.t.) | Petra



A “LITERALIDADE” DA TRADUÇÃO

FRANCO FORTINI



O TEXTO: Entre os dias 20 e 23 de novembro de 1989, Franco Fortini foi convidado por Vittorio Russo a dar um seminário sobre tradução literária no Instituto Italiano para os Estudos Filosóficos de Nápoles. Os seminários gravados e as notas escritas pelo autor estão conservados no arquivo “Franco Fortini” da Universidade de Siena, e foram em 2011 organizados por Maria Vittoria Tirinato e publicados pela editora Quodlibet sob o título *Lezioni sulla traduzione*. A aula aqui traduzida se trata da quarta, ou seja, a última lição do seminário, intitulada “A ‘literariedade’ da tradução”, em que Fortini aponta três períodos em que a tradução poética se torna mais evidente na Itália, destacando os escritores/tradutores que realizaram tal tarefa, assim como os escritores estrangeiros que eram mais traduzidos entre os anos 20 e os anos 70, no contexto italiano.

Texto traduzido: Fortini, Franco. “La ‘letterarietà’ della traduzione”. In: *Lezioni sulla traduzione*. A cura di Maria Vittoria Tirinato. Macerata: Quodlibet, 2011, pp. 159-166.

O AUTOR: Poeta, crítico literário, ensaísta e tradutor, Franco Fortini (1917-1994) exerceu uma forte atividade intelectual no panorama cultural do século XX. Graduado em Letras e Direito, foi expulso do ambiente acadêmico pela organização universitária fascista, seguindo para Suíça, onde se uniu ao grupo dos “partigiani” da Valdossola. Em 1945 retornou a Milão, na Itália, onde se tornou redator do “Politecnico”. Escreveu para revistas como “Officina”, “Quaderni Rossi” e “Manifesto”, sendo vasta sua produção literária. Fortini traduziu textos de Proust, Brecht, Simone Weil, Goethe, Éluard, André Gide, Flaubert, Kafka. Uma seleção de suas traduções poéticas foi publicada no volume *Il ladro di ciliege e altre versioni di poesia* (1982, Einaudi).

O TRADUTOR: Davi Pessoa Carneiro é professor adjunto de língua e literatura italiana da UERJ, autor de *Terceira Margem: Testemunha, Tradução* (Editora da Casa). Traduziu *A razão dos outros* e *Ou de um ou de nenhum* (Lumme Editor), de Pirandello, *Georges Bataille: filósofo* (Edufsc), de Franco Rella e Susanna Mati, *Desgostos* (Edufsc) e *Ligação Direta* (Edufsc, 2011), de Mario Perniola. Para a (n.t.) já traduziu Pier Palo Pasolini e Tommaso Landolfi.

LA “LETTERARIETÀ” DELLA TRADUZIONE

*“Si prendano in considerazione i periodi di sviluppo
della traduzione poetica e gli autori tradotti.”*

FRANCO FORTINI

Sui trentaquattro autori antologizzati da Mengaldo nel 1978 sotto il titolo di *Poeti italiani del Novecento* fra quelli la cui data di prima pubblicazione non sia antecedente alla fine degli anni Dieci dunque per circa un sessantennio, il numero di quelli che possono essere considerati autori di notevoli traduzioni di poesia non è molto grande: Ungaretti, Montale, Bertolucci, Quasimodo, Solmi, Pintor, Luzi, Caproni, Sereni, Orelli, Risi, Erba, Giudici, Raboni; una quindicina. Ma se si dovesse antologizzare i traduttori il numero sarebbe molto maggiore; proprio perché l'area della «letterarietà», costitutiva della traduzione, eccede quella — di pur sempre difficile identificazione — della qualità poetica.

Bisognerebbe almeno aggiungere in nomi di autori di rifacimenti, come Noventa o Pasolini ma soprattutto di Vigolo, Richelmy, Parronchi, Traverso, Sanesi, Baldi, (Ortesta, Samonà, Cagnone, Campo, Bemporad, Frezza, De Angelis, Greppi, Lumelli, Bufalino, Ramous e non pochi altri. Nell'insieme, una cinquantina di autori di un livello assai elevato. Ha ragione Mengaldo a dire che in Europa è difficile reperire una schiera di traduttori di poesia di così alta qualità.

Ma si prendano ora in considerazione i periodi di maggior sviluppo della traduzione poetica e gli autori tradotti. I periodi sono soprattutto due, a partire dalla metà degli anni Venti e in coincidenza con il clima ideologico di restaurazione che è, in quel periodo, di tutta Europa. Nel quindicennio

precedente i futuristi e i «vociani» erano stati scarsamente sensibili alla traduzione poetica. I testi poetici erano, semmai, tradotti in prosa ritmica. Jahier, Boine, Sbarbaro, Rebora sono stati traduttori spesso eccellenti ma di prosa e in prosa. Fu invece il gusto cosiddetto della «Ronda» e, più in genere, il rifiuto della dissoluzione dei generi e delle metriche che aveva accompagnato le avanguardie, a mediare (penso al lavoro di E. Cecchi e di M. Praz per la letteratura inglese)¹ una ripresa della traduzione poetica. A partire dai classici greco-latini il decennio Trenta-Quaranta guarda alla poesia orfica e metafisica del tardo Cinquecento, in Francia, in Inghilterra e in Spagna; e, per quanto è della tradizione italiana, basta pensare ad una antologia della nostra lirica del Cinquecento elaborata e commentata da Carlo Bo verso la fine del decennio². L'altra area della poesia europea che i traduttori esplorano è quella visionaria dell'ultimo Settecento, Novalis, Hölderlin; ma, soprattutto, la linea simbolista, anzi l'idea simbolista³ come la chiamerà Mario Luzi: Nerval, Rimbaud, Nouveau, Cros, Mallarmé, evitando lo stesso Baudelaire e saltando al di sopra di Apollinaire fino al Valéry di *Charmes*⁴. Fra il 1935 e il 1941 non c'era, si può dire, fra Firenze e Milano, nessun aspirante letterato che non traducesse. La versione di poesia fu un veicolo potente di diffusione del linguaggio del «Novecento» e dell'Ermetismo; moduli espressivi e cadenze di quel «dimesso sublime» sono veicolati dalle traduzioni. Non è un caso che giovani e meno giovani critici letterari — Carlo Bo, Gianfranco Contini, Oreste Macrì, Renato Poggioli — si continuo fra i traduttori di poesia di quegli anni. Si ebbe dalla metà degli Trenta e fin verso il 1942-43 anche una parziale mutazione all'interno della maggiore editoria: le traduzioni, come si usa dire, commerciali ossia di opere destinate a vasto pubblico: tutta una parte delle versioni cominciò ad essere affidata a scrittori autentici e per un certo periodo le medesime persone lavorarono alla traduzione di poesia e a quella di romanzi, racconti, opere di teatro e saggi. Sono gli anni in cui Montale traduce romanzi americani, come Pavese e Vittorini⁵ e nelle collezioni di Bompiani, Einaudi, Mondadori compaiono

¹ La prima edizione dell'antologia *Scrittori inglesi e americani* a cura di Emilio Cecchi apparve nel 1935 per la Carabba di Lanciano; del 1947 è l'edizione accresciuta Mondadori. Mario Praz curò nel 1936, per la Principato di Messina, l'Antologia della letteratura inglese e una scelta degli scrittori americani.

² La prima edizione dei *Lirici del Cinquecento* a cura di Carlo Bo apparve nel 1941 per Garzanti.

³ *L'idea simbolista* è il titolo dell'antologia di poeti simbolisti francesi curata da Mario Luzi e pubblicata nel 1959 da Garzanti.

⁴ P. Valéry, *Charmes: ou Poème*, Edition de la Nouvelle Revue Française, Paris, 1922.

⁵ *Americana: raccolta di narratori dalle origini ai nostri giorni*, a cura di E. Vittorini, Bompiani, Milano, 1941 (n. ed. 2002). L'antologia fu censurata ma riapparve per Bompiani nel 1942, senza le note di Vittorini e con una prefazione di E. Cecchi. Vi collaborarono, fra gli altri, Montale e Pavese.

traduzioni firmate da quelli che saranno i poeti più notevoli degli anni successivi.

Il secondo periodo è quello prossimo a noi e coincide (non senza somiglianza con quanto era avvenuto dopo la prima guerra mondiale) con il riassorbimento delle nuove avanguardie e la restaurazione di un sistema editoriale-letterario di separazione dei generi. Dopo un quindicennio di traduzioni “di servizio”, volte a introdurre nella nostra società di lettori esperienze poetiche prima sconosciute. Questi due periodi sono intervallati da un periodo di quasi un quarto di secolo, comprensivo dell’ultimo biennio di guerra fin verso la metà degli anni Sessanta. Gli anni Trenta vedono un larghissimo sviluppo della traduzione “poetica”, essa continuerà fino agli anni del dopoguerra ma sarà soverchiata da una amplissima produzione di “servizio”. L’amplissima area della traduzione prevalentemente informativa* del quindicennio successivo alla fine della guerra ebbe certo qualcosa a che fare con il linguaggio che fu detto della poesia neorealista. La restituzione del verso dell’originale con una riga-verso di traduzione induceva un verso “lungo”, evidenziava gli elementi discorsivi e narrativi, trasformava le strofe in lasse. Tutto questo ha influenzato notevolmente le scritture poetiche del primo quindicennio successivo alla guerra. La vicinanza alla prosa, i versi lunghi, le cadenze irregolari si addicevano alle interpretazioni, o depressive o profetiche, della enorme tragedia. Per alcuni anni alla tendenza elitaria e astorica rappresentata dai poeti e traduttori degli anni Trenta si contrappose a quella che voleva conferire il massimo di valore alla raffigurazione indiretta di eventi della storia contemporanea. Nel campo della traduzione fu rappresentata dalla apparenza informale della versione riga-a-verso che volgeva naturalmente alla salmodia, alla tonalità biblica. Presso a poco all’altezza del primo quinquennio degli anni Cinquanta si dettero alcuni articolati tentativi di superare una contrapposizione che era ideologica e politica prima che letteraria. Uno fu quello che si propose di abbassare, come dichiarò, tutto il linguaggio della poesia al livello della prosa ma lo fece recuperando alcune strutture formali del maggiore decadentismo con una sorta di traduzione immaginaria o reale da testi romanici e gotici e da narrazioni in terza rima; e questo fu Pasolini⁶. Un altro, avverso a ques’ultimo, si propose invece di

* In un suo scritto a proposito delle mie traduzioni (in *Quattro studi sul tradurre*, a cura di G. Lonardi, Verona 1983) L. Lenzini rammenta che translitterazione si oppone a traduzione-rifacimento quando, nella traduzione, sui valori fonosimbolici prevale l’organizzazione logico-sintattica. Non è però appena una questione di classificazione ma di gerarchia di elementi costitutivi prima che della traduzione, del testo che viene tradotto. È questo un punto sul quale fra lettura formalista e non formalista il conflitto è insuperabile.

uscire a colpi di oltranza, sarcasmo e di violenza autoironica, ossia Sanguineti⁷. Né costoro né i loro amici ebbero il minimo interesse per la traduzione o si rivolsero a classici remoti sui quali si potevano esercitare invece il rifacimento o la parodia. Una terza via fu di un autore fortemente segnato alle sue origini dall'età ermetica ma in contrapposizione ideologica e politica a quella. Parlo di me stesso. Era il tentativo di uscire dal conflitto fra l'eredità del linguaggio simbolista, "alto", centripeto e verticale, e la materia linguistica e metrica dell'ethos politico, orizzontale, discorsivo e "basso". Questa via fu cercata anche attraverso un esercizio di traduzione: dapprima guardando ad un Eluard surrealista diverso da quello che era stato letto solo come poeta d'amore⁸ e, attraverso quello, guardando all'area espressivistica della poesia fra le due guerre, a forte carica politica, come Attila József, César Vallejo, Miguel Hernández; e finalmente poi con l'autore, Bertolt Brecht, che proponeva tutto un altro modello di "dimesso sublime" e di fuoruscita dalla lirica per via narrativa e drammatica, dove il "sublime" era nella scansione alta e tesa, lapidaria e sapienziaia e il "dimesso" nella materia quotidiana e «ignobile».

Ho detto che è privo di senso parlare di divisione di periodi e che bisogna semmai parlare di simultaneità di linee. Tuttavia alcune, in determinati periodi, emergono alla opinione e al gusto, altre si occultano. Per esempio, vent'anni e più dopo la fine della guerra, ossia fra la metà degli anni Sessanta e la metà dei Settanta, mentre sono visibili quasi esclusivamente gli autori delle nuove avanguardie pochissimo interessati al processo della traduzione (cui si affianca, di fatto, se non programmaticamente, il Pasolini delle ultime raccolte e del teatro) continua il lavoro di traduzione poetica di chi non condivide quelle tendenze più evidenti (penso a Caproni, a Sereni, a Giudici, a me stesso) mentre Montale, Bertolucci, Luzi e non pochi altri, appartenenti ad una generazione di traduttori di poesia che avevano spesso cominciato una trentina di anni prima, raccoglievano il nuovo lavoro o tornavano a ripubblicare quello dei decenni precedenti. Col mutare dei gusti e, senza dubbio, in relazione con le tendenze generali delle opinioni, a partire

⁶ Si vedano in proposito le pagine dedicate a Pasolini nel saggio *Le poesie italiane di questi anni*, in F. Fortini, *Saggi italiani* cit., pp. 124-125, poi in *Saggi ed epigrammi*, cit., pp. 590-591, dove tra i rifacimenti o *pastiches* pasoliniani Fortini elenca «le imitazioni e i calchi dai provenzali e dal Romancero ne *La meglio gioventù*, il Rimbaud dell'*Usignuolo*, il Baudelaire di *Récits*.

⁷ Cfr. di E. Sanguineti la traduzione delle *Baccanti*, Feltrinelli, Milano, 1968 e del *Satyricon*, Genova, Palazzi, 1969; n. ed. Einaudi, 1970.

⁸ P. Eluard, *Poesia ininterrotta*, trad. a cura di F. Fortini, Einaudi, Torino, 1947 e *Poesie*, Einaudi, Torino, 1955; n. ed. Einaudi, Torino, 1966 e Milano, Mondadori 1969. Si confrontino, per la lettura fortiniana di Eluard, l'*Introduzione* del 1955 e la *Nota per l'edizione 1966*.

dall'inizio degli anni Sessanta decrebbe l'esigenza di traduzioni prevalentemente informative, si diffuse sempre più l'abitudine del "testo a fronte", si svilupparono collezioni di poesia dove versioni dovute ad autori già affermati si affiancarono ad esperimenti, a contributi di specialisti universitari o a prove di esordienti, riproducendo — in una situazione generale affatto diversa — un clima "medio" in qualche modo somigliante a quella degli anni Trenta. Penso a slavisti come A. M. Ripellino, a germanisti come F. Masini, a anglisti come G. Baldini o Melchiori, a ispanisti come Tentori Montalto o V. Bodini, a grecisti come F. M. Pontani. Anche più vivaci e interessanti sono le versioni di scrittori in versi o in prosa che continuano la pratica della versione d'autore, senza considerarsi "specialisti": Paolo Manetti, Diana Grange Fiori, Cosimo Ortesta ripercorrono i simbolisti francesi (Rimbaud, Mallarmé, Valéry), G. Ceronetti si esercita sui testi biblici e così via. Ancora una volta si riproduce una separazione fra le traduzioni che destinano a proprio oggetto testi di prevalente densità fonosimbolica e quelle che invece guardano piuttosto a testi di tipo narrativo-drammatico; non senza, va detto, un frequente rovesciarsi delle funzioni. Raboni, ad esempio, traduce Baudelaire inserendo dissonanze e prosaismi che i traduttori di mezzo secolo innanzi avevano cercato di evitare (evitando soprattutto di tradurre Baudelaire). Un caso notevole di abbassamento del livello "alto" a favore di uno "medio" è quello del Molière tradotto da Garboli; che ha tuttavia mantenuto, come una nostalgia, il ritmo dell'alesandrino. Va semmai messo in evidenza che nel corso dell'ultimo ventennio, ossia negli anni Settanta e Ottanta, i testi poetici cui si sono applicati i nuovi traduttori che vorrei chiamare militanti sono tornati ad essere in parte notevole quelli medesimi che già erano stati letti e studiati e tradotti negli anni Trenta: i maggiori francesi dell'Otto e Novecento, da Baudelaire a Rimbaud, Mallarmé, Verlaine, Valéry con quella sorta di effetto d'eco che tocca il Cinquecento metafisico, gli spagnoli del *Siglo de oro* Góngora, Quevedo, Juan de la Cruz e alcuni loro interpreti moderni, come Jiménez, gli inglesi metafisici e religiosi moderni (Yeats, Eliot, Hopkins) che rintoccano nei metafisici del Seicento (lo Shakespeare dei sonetti, John Donne), i tedeschi del moderno estetismo visionario o di sublime ferocia schizoide (Rilke, George, Trakl) anch'essi richiamando taluni autori dell'età romantica (Novalis, Hölderlin). Nel corso del ventennio che abbiamo alle spalle, con una tendenza che è evidentemente tributaria del clima di restaurazione ideologica e politica dominante, gli autori stranieri che hanno impegnato i traduttori sono stati in prevalenza quelli che potevano essere ricondotti al

gruppo della grande lirica spiritualistica e metafisica di cui ho ora elencato i nomi maggiori: Char e Bonnefoy per la Francia, la Dickinson per l'Ottocento americano e Wallace Stevens per il Novecento, Gottfried Berm e Paul Celan per la lingua tedesca, Mandel'stam e la Cvetaeva fra gli slavi.



A “LITERALIDADE” DA TRADUÇÃO

“Tomemos em consideração os períodos de desenvolvimento da tradução poética e dos autores traduzidos.”

FRANCO FORTINI

Dos 34 autores presentes na antologia organizada por Mengaldo, em 1978, intitulada *Poeti italiani del Novecento*¹, entre aqueles que tiveram sua primeira publicação não anterior ao final da primeira década deste século², portanto, aproximadamente 60 anos de distância dos nossos dias, o número daqueles que podem ser considerados autores de traduções notáveis de *poesia* não é muito grande: Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale, Attilio Bertolucci, Salvatore Quasimodo, Sergio Solmi, Giaime Pintor, Mario Luzi, Giorgio Caproni, Vittorio Sereni, Giorgio Orelli, Nelo Risi, Luciano Erba, Giovanni Giudici, Giovanni Raboni; ou seja, uns quinze. Mas se fizéssemos uma antologia de tradutores, o número seria muito maior; precisamente porque o campo da “literariedade”, constitutiva da tradução, excede o campo — sempre mais difícil de identificação — da qualidade poética.

Seria necessário, pelo menos, acrescentar os nomes de autores de reescrituras³, como Giacomo Noventa ou Pasolini, mas, sobretudo, os nomes de Giorgio Vigolo, Agostino Richelmy, Alessandro Parronchi, Leone Traverso, Roberto Sanesi, Sergio Baldi, Cosimo Ortesta, Carmelo Samonà, Nanni Cagnone, Cristina Campo, Giovanna Bemporad, Luciana Frezza, Milo De Angelis, Cesare Greppi, Angelo Lumelli, Gesualdo Bufalino, Mario

¹ Pier Vincenzo Mengaldo, *Poeti italiani del Novecento*. Milano: Mondadori, 1978. (n.a.)

² Século XX. (n.t.)

³ “Rifacimento”, em italiano. O “rifacimento” não é necessariamente uma tradução, mas, sim, uma reelaboração, uma reescritura, por exemplo, se pensarmos na escritura de *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, ela é, de certo modo, um “rifacimento” do poema *Orlando innamorato* de Matteo Maria Boiardo. Portanto, aqui estamos usando no sentido de “reescritura”. (n.t.)

Ramous e não poucos outros. No total, uns cinquenta autores de um nível muito elevado. Mengaldo tem razão ao dizer que na Europa é difícil encontrar uma corrente de tradutores de poesia de tão alta qualidade.

No entanto, tomemos agora em consideração os períodos de maior desenvolvimento da tradução poética e dos autores traduzidos. Os períodos são, especialmente, dois, a partir da metade dos anos 20, e em coincidência com o clima ideológico de restauração que foi, naquele período, de toda a Europa. Nos quinze anos anteriores os futuristas e os “vociani”⁴ foram muito pouco sensíveis à tradução poética. Os textos poéticos eram, naquele momento, traduzidos em prosa rítmica. Piero Jahier, Giovanni Boine, Camillo Sbarbaro, Clemente Rebora foram frequentemente tradutores excelentes, porém, de prosa e em prosa. Ao contrário, foi o gosto assim chamado da “Ronda” e, mais em geral, a recusa da dissolução dos gêneros e das métricas que havia acompanhado as vanguardas, a mediar (penso no trabalho de Emilio Cecchi e de Mario Praz para a literatura inglesa)⁵ uma retomada da tradução poética.

A partir dos clássicos greco-latinos, as décadas de 30 e 40 se concentram na poesia órfica e metafísica do tardo século XVI, na França, na Inglaterra e na Espanha; e, no que se refere à tradição italiana, basta pensar numa antologia da nossa lírica do século XVI, elaborada e comentada por Carlo Bo por volta do final da década⁶. O outro campo da poesia europeia que os tradutores exploram é aquele visionário do século XVIII, ou seja, Novalis e Hölderlin; mas, sobretudo, a linha simbolista, ou melhor, a ideia simbolista⁷, tal como a chamará Mario Luzi: Gérard de Nerval, Arthur Rimbaud, Germain Nouveau, Charles Cros, Stéphane Mallarmé, evitando Baudelaire e passando por cima de Apollinaire, até chegar ao Valéry de *Charmes*⁸. Entre os anos 1935 e 1941 não havia, pode-se dizer, entre Florença e Milão, nenhum aspirante a escritor que não traduzisse. A versão de poesia foi um veículo poderoso de difusão da linguagem do “Novecento” e do Hermetismo; módulos expressivos e cadências daquele “sublime modesto”⁹ foram veiculados pelas traduções. Não é por acaso que jovens e menos jovens críticos literários — Carlo Bo, Gianfranco Contini, Oreste Macrì, Renato

⁴ Referente aos membros da revista “Voce”, fundada em 1908 por Giuseppe Prezzolini e Giovanni Papini. (n.t.)

⁵ A primeira edição da antologia *Scrittori inglesi e americani*, organizada por Emilio Cecchi, foi publicada em 1935 pela editora Carabba, de Lanciano; de 1947 é a edição ampliada da Mondadori. Mario Praz organizou, em 1936, para a editora Principato, de Messina, a *Antologia della letteratura inglese e una scelta degli scrittori americani*. (n.a.)

⁶ A primeira edição de *Lirici del Cinquecento*, organizada por Carlo Bo, surgiu em 1941 pela Garzanti. (n.a.)

⁷ *L’idea simbolista* é o título da antologia de poetas simbolistas franceses, organizada por Mario Luzi e publicada em 1959 pela Garzanti. (n.a.)

⁸ Paul Valéry, *Charmes: ou Poème*, Edition de la Nouvelle Revue Française, Paris, 1922. (n.a.)

⁹ “Dimesso sublime”, em italiano. (n.t.)

Poggioli — estejam entre os tradutores de poesia daqueles anos. Da metade dos anos 30, até aproximadamente o período entre os anos 1942-1943, houve também uma mutação parcial no interior da maior editora: as traduções comerciais, como se costuma dizer, ou seja, de obras destinadas a um público variado. Toda uma parte das versões começou a ser confiada a escritores autênticos, e por um certo período as mesmas pessoas trabalharam com tradução de poesia, romance, conto, textos teatrais e ensaios. São os anos em que Montale traduz romances americanos, assim como Cesare Pavese e Elio Vittorini¹⁰, e nas coleções da Bompiani, Einaudi, Mondadori aparecem traduções assinadas por aqueles que serão os poetas mais notáveis dos anos posteriores.

O segundo período é o que está próximo a nós e coincide (não sem semelhança com o que havia acontecido após a Primeira Guerra Mundial) com a reabsorção das novas vanguardas e com a restauração de um sistema editorial-literário de separação dos gêneros. Depois de uns quinze anos de traduções “de encomenda”, voltadas a introduzir, em nossa sociedade de leitores, experiências poéticas até então desconhecidas. Esses dois períodos estão intervalados por quase um quarto de século, abrangendo o último biênio de guerra até a metade dos anos 60. Os anos 30 veem um grande desenvolvimento da tradução “poética”, e esta irá continuar até os anos do pós-guerra, mas será ultrapassada por uma produção muito ampla de “encomenda”. O campo vastíssimo da tradução prevalentemente informativa¹¹ dos quinze anos posteriores ao fim da guerra manteve alguma relação com a linguagem da poesia neorrealista. A restituição do verso do original com uma linha-verso de tradução induzia um verso “longo”, evidenciando os elementos discursivos e narrativos, transformando as estrofes em coplas¹². Tudo isso influenciou notadamente as escrituras poéticas dos primeiros quinze anos posteriores à guerra. A proximidade à prosa, os versos longos, as cadências irregulares condiziam com as interpretações, depressivas ou proféticas, da grande tragédia. Por alguns anos a tendência elitista e anacrônica representada pelos poetas e tradutores dos anos 30 se contrapôs àquela que desejava dar o máximo de valor à representação indireta

¹⁰ *Americana: raccolta di narratori dalle origini ai nostri giorni*, organizada por Elio Vittorini, Milano: Bompiani, 1941 (nova edição em 2002). A antologia foi censurada pelo regime de Mussolini, mas foi publicada novamente pela Bompiani em 1942, sem as notas de Vittorini e com um prefácio de Emilio Cecchi. Colaboraram à edição, entre tantos, Montale e Pavese. (n.a.)

¹¹ Num texto seu a propósito das minhas traduções (In: *Quattro studi sul tradurre*, organizado por Gilberto Lonardi, Verona, 1983), Luca Lenzi lembra que a transliteração se opõe à tradução-reescritura quando, na tradução, sobre os valores fonossimbólicos, prevalece a organização lógico-sintática. Assim, não é apenas uma questão de classificação, mas de hierarquia de elementos constitutivos antes mesmo de ser um problema de tradução, do texto que é traduzido. É este o ponto sobre o qual entre leitura formalista e não formalista o conflito é insuperável. (n.a.)

¹² Pequena composição poética, em quadras, para ser cantada. (n.t.)

de acontecimentos da história contemporânea. No campo da tradução foi representada pela aparência informal da versão linha-a-verso que remontava naturalmente à salmodia, à tonalidade bíblica. Em pouco tempo, no auge dos primeiros cinco anos da década de 50, se realizaram algumas tentativas articuladoras de superar uma contraposição que era ideológica e política antes do que literária. Uma foi a que se propôs reduzir, tal como afirmou, toda a linguagem da poesia ao nível da prosa, mas o fez recuperando algumas estruturas formais do maior decadentismo, com uma espécie de tradução imaginária ou real dos textos românicos e góticos e por narrativas em terceira rima; este foi o caso de Pasolini¹³. Outra tentativa, contrária a esta última, propôs, por outro lado, sair com ataques excessivos, sarcasmo e violência autoirônica, ou seja, o caso de Edoardo Sanguineti¹⁴. Nem eles nem seus amigos demonstraram o mínimo interesse pela tradução ou se voltaram aos clássicos remotos sobre os quais podiam exercitar, pelo contrário, a re-escritura ou a paródia. Um terceiro caminho foi traçado por um autor muito marcado em sua origem pelo período hermenêutico, porém em contraposição ideológica e política a este. Falo de mim mesmo. Era a tentativa de sair do conflito entre a herança da linguagem simbolista, “alta”, centrípeta e vertical, e a matéria linguística e métrica do *ethos* político, horizontal, discursivo e “baixo”. Este caminho também foi buscado por um exercício de tradução: em primeiro lugar, olhando para um Paul Éluard surrealista diferente daquele que havia sido lido somente como poeta de amor¹⁵ e observando o campo expressivo da poesia entre as duas guerras, com forte carga política, como a de Attila József, César Vallejo, Miguel Hernández; e finalmente, depois, com Bertolt Brecht, que propunha um modelo completamente diferente de “sublime modesto” e de fuga da lírica por via narrativa e dramática, onde o “sublime” se encontrava na escansão alta e estendida, lapidária e sapiencial e o “modesto” na matéria cotidiana e “ignóbil”.

Disse que não faz sentido falar de divisão de períodos e que é necessário muito mais falar de simultaneidades de linhas. No entanto, algumas, em determinados momentos, emergem diante da opinião e do gosto, outras se

¹³ Leia-se as páginas dedicadas a Pasolini no ensaio *Le poesie italiane di questi anni*. In: Franco Fortini, *Saggi italiani*, p. 124-125, depois em *Saggi ed epigrammi*, p. 590-591, onde, entre as reescrituras ou *pastiche* pasolinianos, Fortini elenca “as imitações e os decalques dos provençais e do Romancero em *La meglio gioventù*, o Rimbaud do *Usignuolo*, ou o Baudelaire de *Récit*”. (n.a.)

¹⁴ Cfr. de Edoardo Sanguineti a tradução das *Baccanti*, Feltrinelli, Milano, 1968, e do *Satyricon*, Genova, Palazzi, 1969; nova ed. Einaudi, 1970. (n.a.)

¹⁵ Paul Éluard, *Poesia ininterrotta*, tradução de Franco Fortini, Einaudi, Torino, 1947, e *Poesie*, Einaudi, Torino, 1955; nova ed. Einaudi, Torino, 1966 e Milano, Mondadori, 1969. Interessante confrontar, para a leitura fortiniana de Éluard, a *Introduzione* de 1955 e a *Nota per l'edizione* de 1966. (n.a.)

ocultam. Por exemplo, vinte e poucos anos depois do fim da guerra, ou seja, entre a metade dos anos 60 e a metade dos anos 70, enquanto estavam visíveis, quase exclusivamente, os autores das novas vanguardas muito pouco interessados no processo da tradução (em que se apoia, de fato, talvez programaticamente, o Pasolini das últimas antologias e do teatro), continua o trabalho de tradução poética de quem não compartilha as evidências mais evidentes (penso em Caproni, Sereni, Giudici, em mim mesmo), enquanto Montale, Bertolucci, Luzi e não poucos outros, pertencentes a uma geração de tradutores de poesia que haviam começado uns trinta anos antes, recolham o novo trabalho ou voltavam a republicar textos das décadas anteriores. Com a mudança dos gostos, e, sem dúvida, com as tendências das opiniões habituais, a partir do início dos anos 60 diminui a exigência de traduções prevalentemente informativas, difundindo-se sempre mais o hábito do “texto ao lado”. Desenvolveram-se, assim, coleções de poesia onde versões de poemas de autores já afirmados se apoiaram em novas experiências, com contribuições de especialistas universitários ou como provas de principiantes, reproduzindo — numa situação geral completamente diferente — um clima “médio”, de algum modo semelhante ao dos anos 30. Penso nos eslavistas como Angelo Maria Ripellino, nos germanistas como Ferruccio Masini, nos anglicistas como Gabriele Baldini ou em Giorgio Melchiori, nos hispanistas como Tentori Montalto ou Vittorio Bodini, nos helenistas como Filippo Maria Pontani. Ainda mais vivas e interessantes são as versões de escritores em versos ou em prosa que continuam a prática da versão de autor, no entanto, sem se considerarem “especialistas”: Paolo Manetti, Diana Grange Fiori, Cosimo Ortesta se concentram nos simbolistas franceses (Rimbaud, Mallarmé, Valéry), Guido Ceronetti realiza versões dos textos bíblicos e assim por diante. Mais uma vez se reproduz uma separação entre as traduções destinadas a textos de densidade fonossimbólica prevalente e aquelas traduções que são mais voltadas a textos de tipo narrativo-dramático; porém, é importante dizer, não sem uma inversão frequente das funções. Giovanni Raboni, por exemplo, traduz Baudelaire inserindo dissonâncias e prosaísmos que os tradutores de meio século atrás procuraram não realizar (evitando, sobretudo, traduzir Baudelaire). Um caso notável de diminuição do nível “alto” em favor de um nível médio é o de Molière traduzido por Cesare Garboli; que, no entanto, manteve, tal como uma nostalgia, o ritmo do alexandrino. Muito em evidência ao longo dos últimos vinte anos, isto é, nos anos 70 e 80, os textos poéticos, aos quais se dedicaram os novos tradutores, os quais eu poderia chamar de militantes, voltaram a ser, em parte, notadamente, os mesmos textos que já haviam sido

lidos, estudados e traduzidos nos anos 30: os maiores franceses dos séculos XIX e XX, de Baudelaire a Rimbaud, passando por Mallarmé, Verlaine, Valéry, com aquela espécie de efeito de eco que toca o século XVI metafísico, os espanhóis do *Siglo de oro*, como Góngora, Quevedo, Juan de la Cruz e alguns de seus intérpretes modernos, como Juan Jamón Jiménez, os ingleses metafísicos e religiosos modernos (Yeats, Eliot, Hopkins) que voltaram a tocar nos metafísicos do século XVII (o Shakespeare dos sonetos, John Donne), os alemães do esteticismo visionário moderno ou de ferocidade esquizoide sublime (Rilke, George, Trakl), estes também remontando aos autores do período romântico (Novalis, Hölderlin). Ao longo dos vinte anos que trazemos sobre nossas costas, com uma tendência que é evidentemente tributária do clima de restauração ideológica e política dominante, os autores estrangeiros vertidos pelos tradutores foram prevalentemente aqueles que podiam ser reconduzidos ao grupo da grande lírica espiritualista e metafísica, cujos nomes posso agora elencar: René Char e Yves Bonnefoy, para a França, Dickinson para o século XIX americano e Wallace Stevens para o século XX, Gottfried Benn e Paul Celan para a língua alemã, Ossip Mandelstam e Marina Tsvetaiéva entre os eslavos.



COM A LICENÇA DOS CERVANTISTAS

JOSÉ AZORÍN



O TEXTO: Os ensaios aqui apresentados foram selecionados do livro *Con permiso de los cervantistas*, publicado em 1948. De erudição singular e brilhante capacidade de relação, evidenciam a devoção cervantina de Azorín, levando ao conhecimento não vulgar da obra do célebre autor de *Dom Quixote*. Ao refletir toda uma época, os ensaios, que vertem sobre Cervantes e a solidão, o amor, o mar e o cânone feminino, discutem aquela simplicidade quixotesca que transcende e permite elevar-se à mais alta aristocracia: a do espírito.

Texto traduzido: Ruíz, José Martínez. *Con permiso de los cervantistas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.

O AUTOR: José Augusto Trinidad Martínez Ruíz (1873-1967), mais conhecido como Azorín, de família tradicional, foi formado em um ambiente religioso e chegou a cursar direito em Valência, abandonando a carreira para dedicar-se ao trabalho jornalístico. Romancista com uma produção literária de grande valor estilístico caracterizada pelo impressionismo descritivo, escreveu inúmeros ensaios e textos em prosa para jornais e revistas. Faleceu em Madrid, deixando um valioso legado literário.

A TRADUTORA: Giane Oliveira tem formação no serviço social pela UNITINS e cursa pós-graduação em Tradução de Espanhol pela Estácio-CEPLA. Desenvolve trabalhos principalmente no campo da tradução literária.

CON PERMISO DE LOS CERVANTISTAS

*“Cervantes es hombre de camino y de mesones:
ha viajado mucho y ha sentido mucho.”*

AZORÍN

CERVANTES Y EL DINERO

La novela del cautivo es la novela del dinero; vemos brillar el oro, escuchamos su tintineo, lo sopesamos. En tierras de África, por una ventanita, arrojan un día un envoltorio con monedas de oro; otro día echan otro atadizo, también con áureas monedas; días después, en otro burujo, vienen multitud de monedas de oro y de plata; el contento se esparce con las monedas. Y por un jardín vemos avanzar una joven cargada con un cofrecito lleno de monedas de oro y joyas; tanto pesa, que apenas puede sostenerlo en sus brazos. Ese cofrecito, horas después, es arrojado al mar. Solo vemos, en alta mar, cuarenta escudos de oro; cuarenta escudos que la cortesía de un corsario francés regala a unos fugitivos españoles que, por cautela, han guardado silencio. ¿Llevaba acaso dinero en sus andanzas el gran Don Quijote? ¿Lo llevaba el Quijote chico, licenciado Vidriera, Tomás Rueda? ¿Y para qué querían el dinero Don Quijote en su locura y Tomás Rueda en la suya? Sancho Panza se encuentra en el corazón de Sierra Morena una bolsita con dinero; la ha abandonado un joven, Cardenio, exentado de la sociedad; si no tiene ya nada que ver Cardenio con la sociedad, vuelto al estado natural, ¿para qué habrá de servirle el dinero? Sancho, con toda tranquilidad, puede apropiarse ese caudalejo. Y Sancho, tan codicioso de cumquibus, se lo apropia. ¿Cuántos días es Sancho gobernador de la ínsula Barataria? Hartzenbusch quiere que sean diecisiete. Lo que no se comprende por lo absurdo, por lo fabuloso, es que Sancho, ansioso siempre de metales, no pida, al

tiempo del infausto dimitir, lo devengado en esos días. ¿Cómo puede partirse Sancho sin llevarse lo que por derecho le corresponde? ¿De qué modo esos derechos, esos emolumentos, esos gajes no entran en el bolsillo de Sancho?

En uno de sus sonetos autobiográficos escribe Lope de Vega: «Pero supuesto que el argen me calma...». Se infiere de aquí que en los días en que Lope no tenía dinero su irritación era evidente; cosa muy natural. Pero, ¿es natural tratándose de Cervantes, el cual no tenía tan frecuentemente como Lope el sedativo del dinero para calmar sus irritaciones? No concebimos a nuestro Cervantes escribiendo el verso citado de Lope; no lo concebimos irritado, exasperado, por no tener dinero. Y serían muchos, incontables, los días en que Cervantes no tenía doblonada. El dinero hace cambiar el valor afectivo de las cosas: el valor económico no nos importa ahora. Con poco dinero, cosas y actos humildes que con mucho no apreciaríamos los gustamos y estimamos. Con poco dinero, Cervantes ha podido estar más cerca de las cosas que con mucho dinero. «Cuando tengamos dinero...». Esta frase, usual en las familias inopes, para esperanzar algo que se desea, la habrá escuchado Cervantes muchas veces en su casa. Cuando tengamos dinero, haremos tal o cual cosa, o compraremos esto o lo otro. Y nunca se tiene dinero; nunca se tiene en la cantidad necesaria para hacer la que se ansía. No lo tuvo tampoco nunca Cervantes. Y por ello está más cerca de la realidad — la realidad española — que Lope u otro cualquiera. Abrazado a la realidad, sin dinero, desamparado de todos, Cervantes se eleva a una región a que los demás no se aúpan. Vuelto Cardenio a la sociedad, enredado otra vez en las mallas de la sociedad, el dinero torna a cobrar valor para él; Cardenio convive con Sancho unos días. ¿Y qué ha hecho Sancho de la bolsita? ¿Cómo Sancho no restituye a su dueño el mostrenco tesoro?



CERVANTES Y EL AMOR

Indiscutiblemente, descuella en toda la obra de Cervantes la feminidad; Cervantes se siente atraído por todo lo femenino; no puede sustraerse al análisis del alma femenina. Se nos ofrece en toda la obra cervantina una galería de tipos femeninos. Solo en el *Quijote* encontramos las siguientes figuras de mujer: Marcela, la hermosa, soberanamente hermosa; Camila, española italianizada; Zoraida, la mora; Luscinda, Dorotea, Leandra, la curiosa; la hija de Diego de la Llana, Ana Félix, la morisca; Claudia Jerónima, la atropellada y violenta; Doña Rodríguez, Altisidora, en fin, la duquesa, inteligente y discreta. En el siglo XVII, un cervantista de primera hora, apasionado del *Quijote*, Saint-Évremond, nos dice que de todos los países del mundo, España es el país en que «mejor se ama», y que, por lo tanto, él lee con avidez en los libros españoles las aventuras amorosas. Saint-Évremond resume su sentir respecto al amor en tres vocablos: amar, arder, languidecer, *aimer, brûler, languir*. Estos vocablos condensan toda la gama de sentimientos en cuanto al amor. Desde el principio del mundo podemos decir que han existido todos los lances de amor que en estos tres términos se resumen. Cervantes nos presenta, en pueblos manchegos, concretándonos al *Quijote*, cuantos lances se puedan ofrecer en materias amorosas. Como decía con reiteración don Juan Valera, lo que en cosas de amor sucede en las grandes ciudades, es cabalmente lo que sucede punto por punto en los lugares chicos. No hay diferencias esenciales de unos a otros sentimientos, de unos a otros actos. Pero en las mujeres de Cervantes, en el *Quijote*, como en las demás obras, tendremos que especificar; habremos de advertir diferencias respecto a otras mujeres: diferencias impuestas por el medio y por las condiciones sociales.

¿Cuál de todas las mujeres quijotescas preferiremos? Si las examinamos con atención, veremos que hay en todas, o casi todas, un rasgo común: la curiosidad. Se puede ser curiosa y ser malévola. En estas mujeres la curiosidad se ejercita sin perversión. ¿Qué perversión puede haber en Leandra, la hermosa, la joven, a quien Cervantes no se cansa de llamar hermosa? ¿Y cuál perversión podrá ser la de esta muchachita de buena familia, que en la ínsula Barataria se sale de su casa, durante la noche, con disfraz varonil, para «ver lo que pasa», es decir, para ver lo que nunca ha visto? A la curiosidad podemos añadir otro rasgo esencial, rasgo que los domina a todos: todas estas mujeres siguen su instinto; todas son, diríamos, mujeres que se entregan a la Naturaleza. ¿Cómo no ha de entregarse Claudia Jerónima, tan

impulsiva, con impulso que la lleva a cometer un crimen? Si todas estas mujeres naturales, instintivas y curiosas hubieran respirado la atmósfera del enciclopedismo, en el siglo XVIII, y la atmósfera del positivismo, el positivismo de Comte y Spencer, en el siglo XIX, podríamos llamarlas cerebrales, con las ventajas y los inconvenientes que esa cualidad lleva aparejadas. Pero existe en el *Quijote* una mujer que nos demuestra, con plenitud, la condición especial de las mujeres cervantinas: condición que las eleva por encima de las demás mujeres. Marcela es todo un símbolo; siendo humana, real, diríase que reviste caracteres simbólicos. Nadie concreta mejor que Marcela el ansia de Naturaleza y de libertad. Ha huido por la ciudad y vaga por montes y selvas; esquiva la multitud de amantes que la requieren. En una frase resume Marcela su psicología, su complexión mental: «Yo nací libré, y para poder vivir libre, escogí la soledad de los campos».



CERVANTES Y EL CANON FEMENINO

Cervantes tiene propensión a las chiquillas. No insistiremos nunca bastante: Cervantes vive entre mujeres; mujeres de la familia. Lope va de mujer en mujer. Lope escribe el poema de la pulga: poema admirable. No podría escribir esos versos Cervantes. ¿Cuál es el canon femenino de Cervantes? La propensión a las chiquillas, de Cervantes, ¿es cosa suya o es cosa del tiempo? Canon llamamos a la consideración, plena consideración, social y psicológica, que se tiene, en un tiempo determinado, a la mujer. Para saber si el canon femenino es de Cervantes o de su tiempo, preciso será que hagamos otra pregunta: ¿A qué edad se suele casar la mujer en el siglo XVII? ¿Qué edad es la más general para matrimoniar? Es curioso el afán de Cervantes en señalar la edad de sus heroínas; vayamos viendo algunas de esas mujeres que nos presenta Cervantes, tanto en sus novelas como en el *Quijote*. En *El celoso extremeño*, Leonora tiene de trece a catorce años cuando se casa; quince cuenta cuando se produce el drama que cuesta la vida al candoroso marido. *La ilustre fregona*, que no friega más que la plata del mesón, tiene quince años. Preciosa, la gitanilla, otros quince abríles. En *Las dos doncellas*, Teodosia no pasa de unos dieciséis o diecisiete años. Leocadia tiene, «al parecer», como dice Cervantes, dieciséis. Quiteria, la novia de Camacho, cuenta dieciocho. La hija de Diego de la Llana, en la ínsula Barataria, tendrá dieciséis o poco más. Leandra, la hermosa, otros dieciséis. Clara Pérez de Viedma, también dieciséis. La señora Cornelia, dieciocho. En fin, para terminar, Marcela, la pastora, hermosa como todas las mujeres cervantinas, es a los quince años cuando inflama a todos de amor. ¿Propensión de Cervantes? ¿Canon del tiempo? ¿Y cuál será el canon en otros tiempos?

¿Cuál es el canon femenino que ha impuesto al mundo la escultura griega en su más alta expresión? En 1820 se descubre la Venus de Milo. Son muchos los que se han preocupado de restituir, imaginativamente, los brazos a la Venus de Milo; un filósofo, Ravaisson, ha cavilado hondamente sobre el tema; pero intriga más en la Venus la edad que los brazos. ¿Qué edad podrá tener la Venus de Milo? La de una mujer hecha, un poquitín en demasía hecha. Se ha hablado de veintidós años, de veinticuatro años. Se ha dicho en Francia que en la bella mujer se advierte un matiz de *embonpoint*, de plenitud en sanidad. Y una mujer así redundante cuenta con algo más de los veinticuatro años conjeturados.

En 1882 se publica la novela de Jacinto Octavio Picón *Lázaro*. Picón se especializó en la creación de tipos femeninos Juanita Tenorio, Cristeta, en *Dulce y sabrosa*, pueden servir de ejemplo. En *Lázaro* después de describirnos una duquesa, el autor agrega: «Resta añadir, para mayor encanto de los golosos, que Margarita de Oropendia, duquesa de Algalia, aunque tuviese más, solo representaba treinta años, y era relativamente virtuosa». La frase «para mayor encanto» no la comprendería Cervantes. ¿Tiene también mayor encanto, con los treinta y siete años que ella confiesa, Julia, la pródiga, en la novela de Alarcón? ¿Qué pensaría de Julia, la hermosa Marcela, apasionada de la soledad y de la independencia? Julia, con sus treinta y siete años, declarados en un momento de plena sinceridad, inspira una pasión violenta a un mozo de veinticinco. Ninguna pasión de las que pinta Cervantes — y las pinta fortísimas — es tan ardiente como esta. Y si una mujer puede inspirar tal pasión, ¿qué importará que no tenga la edad de las chiquillas de Cervantes?



CERVANTES Y EL MAR

Cervantes no olvida el mar, no puede olvidar el mar, no olvidará nunca el mar. En 1590, escribe Cervantes, en un memorial, que cuenta con veinte años de campañas; «campañas de mar y tierra». El mar que Cervantes ha visto, ha viajado, ha sentido, es el Mediterráneo, principalmente el Mediterráneo. Castelar habla de la feminidad del Mediterráneo; en lengua francesa, el Mediterráneo es femenino. Castelar dice: «Este mar de las ondulaciones ligeras, de las brisas blandas, de las espumas argénteas, del color celestial, de los corales y las perlas, parece como la mujer de los mares, mientras al océano le atribuimos siempre la masculina denominación de padre». Cervantes ha visto el mar Egeo, el Jónico, el Tirreno, el Baleárico, el Ibérico. Patmos, Chios, Milo suscitan sensaciones hondas; los nombres de estas islas entran profundamente en la sensibilidad. Cervantes ha podido sentir la Grecia clásica, sin pensar en Grecia. En el siglo XVI se estaba más cerca de la Grecia clásica que lo estamos nosotros; contamos nosotros con más caudal en la erudición; tenían ellos más nueva el alma. Al estar, como Cervantes, entregados a la acción, intensamente entregados a la acción, se encontraban más propíncuos a Grecia que nosotros: la intensidad de una tragedia griega era la intensidad de esos hombres, la intensidad de Cervantes. Las horas más intensas de su vida las ha pasado Cervantes navegando, como Ulises, con los mismos mares que Ulises, con los mismos azares — o mayores — que Ulises. Veinte años estuvo ausente de su casa Ulises; veinte batalla Cervantes en el mar. Ulises estuvo diez expugnando Troya; otro diez entregado a la navegación incierta.

Desde el centro de España, lejos del mar, Cervantes evoca sus sensaciones del mar. Consideremos qué sería para una imaginación viva, para una sensibilidad fina, como la de Cervantes, haberse dado enteramente al mar. No volverán aquellas horas. No importarán nada los libros al lado de aquellas horas. Vivir en peligro es — cuando por motivo heroico — alcanzar la plenitud de la personalidad. Y esa plenitud la ha alcanzado Cervantes en el mar, en el Mediterráneo. En el Mediterráneo, que es femenino y seductor. Ha seducido a Ulises y ha seducido a Cervantes. Del Mediterráneo ha traído Cervantes su gusto por la feminidad: los más definidos de sus personajes son femeninos. En el Mediterráneo ha agudizado Cervantes un don, que es el propio de la mujer: la sensibilidad. La sensibilidad extremada lleva a la exaltación de la persona: la mujer se crea su ambiente; el artista se crea su ambiente. No retrocede Cervantes ante el propio excesivo elogio. No

retroceden Marcela, Leandra, Claudia Jerónima en su independencia, en sus impulsos, en sus pasiones.

No podrá nunca compararse la intensidad de la lectura con la intensidad de la vida. Por más que el cerebral — el cerebral como Flaubert — nos diga, cual Flaubert, que la imagen leída suplanta a la realidad, es ella misma realidad, más realidad que la vida, siempre tendremos que convenir en que sin la vida, sin la sensación previa en la vida, no podría darse esa sensación intensa en la lectura. Hay en lo más íntimo de Cervantes un contraste violento entre estos menesteres de ahora — sus rumbos por Andalucía — y el recuerdo del mar. Habremos de añadir que el recuerdo magnifica la realidad. Ya de las horas lejanas en el mar han desaparecido los sinsabores: solo queda la voluptuosidad. Y ¿podremos decir que una lectura suscitará en Cervantes la misma emoción, la misma sugestión, la misma ensoñación que esos vestigios de lo pretérito? Cuando se hable de las influencias en Cervantes, pongamos en un platillo de la balanza las horas del mar, Lepanto, Corfú, Mesina, y en el otro platillo, los poetas y filósofos que se quiera. ¿A qué lado se inclinará la balanza? ¿Cuál de los platillos pesará más? Para declarar «lego» a Cervantes, ¿a qué debemos atender? ¿A qué platillo de la balanza? ¿Cómo podremos declararle «lego», no científico, no culto, no erudito, con tanta y tan fina riqueza de sensaciones? ¿Y quiénes son esos que declaran «lego» a Cervantes? ¿Y quiénes son esos que declaran «lego» al artista que vive más que ellos, que siente más que ellos, que está más que ellos en íntima y profunda comunicación con las cosas?



LA CASA DE MIRANDA

La casa de Miranda es bonita; lo dice todo el mundo; no podemos nosotros menos de asentir; asentimos, desde luego, con mucho gusto. ¿Y cómo nos describe Cervantes la casa de don Diego de Miranda? No nos da de la casa sino cuatro rasgos. Y no nos da más porque, en pureza, no puede darnos más. Y no puede darnos más porque el arte, en su tiempo, no lo permite. Las cosas, en tiempo de Cervantes, están subordinadas al hombre, y no a la par del hombre, como ahora están. Por lo tanto, las cosas no tienen importancia, o no la tienen en el grado en que ahora la tienen. Habrá de pesar mucho tiempo hasta que las cosas, las pobres y humildes cosas, entren en el arte y gocen de nuestra consideración. El arte, en los siglos pasados, es, en la novela, sobre todo, psicológico. Dentro de lo psicológico, domina la serenidad; es sereno el arte y es ecuaníme el escritor, cuando es, como Cervantes, verdadero escritor. En un libro de los hermanos Goncourt, *Idées et sensations*, hemos leído este pensamiento: «La belleza del rostro, en lo antiguo, la daba la belleza de las líneas; la belleza en el rostro moderno es la fisonomía de la pasión. Tenemos monstruos como Lekain y Mirabeau». En este mismo libro encontramos otro pensamiento relativo a nuestro Don Quijote: «El hombre que tenga en su cara rasgos de Don Quijote, tendrá siempre algunos bellos rasgos en el alma». El primer pensamiento compendia el arte antiguo y el moderno. Las palabras de Cervantes, excusándonos de pintarnos la casa de Miranda, concurren a lo mismo que el pensamiento de los Goncourt.

Cervantes nos dice que el historiador arábigo, autor de la historia de Don Quijote, pinta con todas sus circunstancias la casa de Miranda; no la pinta Cervantes por creer que serían menudencias lo que hiciera. Serían menudencias y, además, «digresiones frías». Pero hoy sabemos que esas digresiones — pintura de las cosas — son el arte de un Galdós y un Baroja. Y que las menudencias no son tales menudencias, sino particularidades que asociamos al hombre, punto imperceptible en el Universo; punto que está en el Universo rodeado de las cosas, influido por las cosas.

No desdenamos, con esto, un arte que tiene su razón de ser en la pintura del hombre. Vemos hoy al hombre en la casa; estudiamos, por lo tanto, la casa. Si la casa de Miranda es bonita, procuraremos saber cómo es la casa de Miranda y lo que hay en su ámbito. Cuando Zabaleta, en 1660, quiere describirnos un estrado, sala de una casa, no hace más que darnos, como Cervantes, cuatro rasgos: un recibimiento; luego, una sala con un brasero de

plata, sin lumbre, con bufetes y sillas; después, otra sala con otro brasero de ébano y marfil, con lumbre. Y poco más.

La casa ha sido, a lo largo del tiempo, estudiada. Desaparece, modernamente, la casa antigua; la sustituye la casa moderna en que todo son anchos vanos acristalados; en la casa moderna hay luz, mucha luz, aireación, mucha aireación, higiene, mucha higiene. Pero en la casa antigua había algo que no existe en la moderna: *misterio*. La sensación del misterio la teníamos en las moradas antiguas; nos la daban la profundidad de la casa; sus salitas retiradas y acaso penumbrosas; sus cuartitos empanados; sus galerías; sus patios interiores; sus desvanes o camaranchones. Y existía en esas casas una concordancia perfecta entre la vivienda y el modo de vida de los tiempos antiguos; una vida que no era febril, precipitada, atropellada, como la presente, sino que daba espacio a lo que más distingue a un humano de otro ser inferior en la escala zoológica: la meditación. Y la meditación en uno de esos cuartitos profundos, o en una de esas galerías en que, de pechos en el barandal, vemos a lo lejos, en el cielo azul, pasar las nubes.



CERVANTES Y LA SOLEDAD

Cervantes siente el ansia de soledad. Lo de menos es que Cervantes lleve a Don Quijote a un paraje de soledad, en una montaña; lo demás es que Cervantes concuerda el concepto de silencio con el adjetivo «maravilloso», y que al mentar la quietud le adjudique igual adjetivo. Cervantes es hombre de camino y de mesones: ha viajado mucho y ha sentido mucho. Y quien siente mucho es amigo de la soledad; quien ha frecuentado mucho los hombres, llega un momento en que ansía estar sin los hombres. No hay artista que no ambicione la soledad. Pero cuando se habla de soledad, cabe preguntar, ¿qué soledad? Si hablamos del vino, preguntaremos, ¿qué clase de vino? Si hablamos de tejidos de seda, preguntaremos, ¿qué clase de tejidos? Hay muchas clases de soledad; hay en España diversas soledades; las habrá en lo demás países. ¿Las habrá como las soledades de España? La extrema soledad la representa la vida del trapense; existe también la soledad del cartujo. Los cartujos viven solitarios en su casita; los trapenses no tienen casa en que vivir aislados; viven en compañía; duermen en lechos separados por solo una cortina. Y esa soledad, que es soledad y no lo es, constituye la mayor soledad. A nuestro lado, sintiendo con nosotros, morando con nosotros, hay un ser humano con el que podríamos establecer comunicación; lo estamos viendo y lo estamos sintiendo. Y, sin embargo, no podemos establecerla. Y algo que es más pungente: necesitamos soledad, la necesitamos de un modo absoluto; hay momentos en que es preciso que nos aislemos enteramente; nos desplace ver a un semejante nuestro; estamos tan desabridos, tan descontentos, de los demás y de nosotros, que hasta el recuerdo del ser humano nos acongoja. Y, sin embargo, allí, junto a nosotros, en momentos de meditación, de abstracción, tenemos el semejante nuestro, del cual no podemos apartarnos.

¿Cuántas veces habrá pensado Cervantes en la clase de soledad que él ambicionaba? ¿La soledad en Sierra Morena, en los entresijos de Sierra Morena? ¿La soledad en una casa de campo donde tuviera los confortes de la ciudad? ¿La soledad en la misma ciudad, en Madrid, sin las oficiosidades de estas buenas mujeres con quien él vive y de quienes no podría prescindir? ¿La soledad en el mar; soledad que rememora Cervantes como sensaciones de juventud pasada?

En una isla perdida, ignorada, ha encontrado un naufrago la absoluta soledad que no ansiaba él, pero que acaso ansía un frenético de soledad. La absoluta soledad encontró en un faro, un faro que se internaba en el mar, otro ambicioso de soledad: Alfonso Daudet. Descontando la soledad en la

isla, ¿habrá más entera soledad que esta del faro? Y es que la soledad de la isla, ¿es más intensa que la del faro? En la isla, zanqueando, barzoneando, podemos olvidar nuestra persona; en el faro, habremos de estar contentamente con nosotros mismos. Marcela, en el *Quijote*, es en cierto modo un trasunto de Cervantes; de los deseos de Cervantes. Se entrega a la soledad. ¿Se hubiera entregado a la soledad de la isla? ¿Y a la del faro? En España, en tiempos de Cervantes, tiene la soledad una intensión, un sabor, una gravidez, que no tiene en el resto de Europa. Diez millones de habitantes se hallan esparcidos en una superficie de 492.230 kilómetros cuadrados. ¿Qué sería entonces un viaje? ¿Qué, vivir en el campo? ¿Qué, morar en una vieja ciudad, recluso en un caserón, escuchando, en el denso silencio, el desgrane de las campanadas en la torre de la catedral? ¿Y cómo no se habría de juntar, con la sensación de soledad, la sensación de silencio? ¿Y con la del silencio, la sensación de la luz y el calor? ¿Y con la de la luz y el calor, la del más leve sonido? ¿Y con el sonido, la olfacción; la olfacción de la flor, de la fruta, del vino, del cuero, de un vellón de lana, de un almud de trigo, de una panilla de aceite?



COM A LICENÇA DOS CERVANTISTAS

*“Cervantes é homem de caminho e de pousadas,
viajou muito e sentiu muito.”*

AZORÍN

CERVANTES E O DINHEIRO

O romance do cativo é o romance do dinheiro; vemos brilhar o ouro, ouvimos seu tilintar, o sopesamos. Nas terras da África, por uma janela, lançam um dia um envoltório com moedas de ouro; outro dia, jogam outra trouxinha de tecido, também com moedas douradas; dias depois, em outro semelhante embrulho, um emaranhado de moedas de ouro e de prata; o contente se diverte com as moedas. E por um jardim vemos avançar uma jovem carregando um bauzinho cheio de moedas de ouro e joias; e pesa tanto, que mal pode sustentá-lo nos braços. Esse bauzinho, horas depois, é lançado ao mar. Vemos somente, em alto-mar, quarenta escudos de ouro; quarenta escudos com os quais a cortesia de um corsário francês presentearia uns fugitivos espanhóis que, por cautela, guardaram silêncio. Por acaso, o grande Dom Quixote levava dinheiro em suas andanças? Levava o jovem Quixote, o licenciado Vidriera, Tomás Rueda? E para que queriam o dinheiro Dom Quixote e Tomás Rueda em suas loucuras? Sancho Pança encontra no coração da Serra Morena um alforje com dinheiro, que fora abandonado por um jovem, Cardenio, isento da sociedade; e Cardenio já não tem nada a ver com a sociedade, pois, tendo voltado ao estado natural, para que lhe serviria o dinheiro? Sancho, tranquilamente, pode apropriar-se desse fluxo. E Sancho, que tanto ansiava as moedas, delas se apropria. Quantos dias Sancho fica como governador da ínsula Baratária? Hartzenbusch opta por dezessete. O que não se compreende absurdamente, fabulosamente, é que Sancho, sempre

ansioso pelos metais, não peça, no tempo da infeliz demissão, os vencimentos desses dias. Como pode partir sem levar o que lhe corresponde por direito? Por qual motivo esses direitos, essa remuneração e esses honorários não entram no alforje de Sancho?

Em um de seus sonetos autobiográficos, Lope de Vega escreve: “Mas suponho que a prata me acalma”. Deduz-se aqui que, nos dias em que Lope não tinha dinheiro, sua irritação era evidente; coisa muito natural. Mas, em se tratando de Cervantes, é natural, já que ele, com frequência, não tinha, como Lope, o sedativo do dinheiro para acalmar suas irritações? Não podemos conceber nosso Cervantes escrevendo o verso citado de Lope; não o concebemos irritado, exasperado, por não ter dinheiro. E foram muitos, e incontáveis, os dias em que Cervantes não teve essa dinheirada. O dinheiro faz mudar o valor afetivo das coisas, o valor econômico não nos importa agora. Com pouco dinheiro, gostamos e estimamos coisas e atos humildes que, com muito, não apreciariamos. Com pouco dinheiro Cervantes pôde estar mais perto das coisas do que com muito. “Quando tivermos dinheiro...”. Essa frase, usual nas famílias pobres, para inspirar confiança naquilo que se deseja, Cervantes deve ter ouvido muitas vezes em sua casa: Quando tivermos dinheiro, faremos tal e tal coisa, ou compraremos isto ou aquilo. E nunca se tem dinheiro; nunca se tem na quantidade necessária para fazer o que se anseia. E Cervantes nunca o teve. E por isso ele está mais próximo da realidade — a realidade espanhola — do que Lope ou outro qualquer. Abraçado à realidade, sem dinheiro, desamparado de todos, Cervantes se eleva a uma região à qual os demais não alcançam. E a Cardenio, tendo voltado à sociedade, enredado outra vez na trama da sociedade, o dinheiro passa a ter valor; Cardenio convive com Sancho por uns dias. E o que Sancho fez com o alforje? Por que Sancho não restitui ao seu dono o monstruoso tesouro?



Indiscutivelmente, sobressai em toda a obra de Cervantes a feminilidade; Cervantes se sente atraído por todo o feminino; não pode abdicar da análise da alma feminina. É-nos oferecida em toda a obra cervantina uma galeria de tipos femininos. Somente no *Quixote* encontramos as seguintes figuras de mulher: Marcela, a bela, soberanamente bela; Camila, espanhola italianizada; Zoraida, a amora; Luscinda, Dorotea, Leandra, a curiosa; a filha de Diego de la Llana, Ana Félix, a mourisca; Claudia Jerónima, a alvorçada e violenta; Dona Rodríguez, Altisidora, enfim, a duquesa, inteligente e discreta. No século XVII, um cervantista de primeira ordem, apaixonado por *Quixote*, Saint-Évremond, nos disse que, de todos os países do mundo, a Espanha é o país em que “melhor se ama”, e que, portanto, ele lê com avidez as aventuras amorosas nos livros espanhóis. Saint-Évremond resume o seu sentir a respeito do amor em três vocábulos: amar, arder, desvanecer, *aimer*, *brûler*, *languir*. Esses vocábulos condensam toda a gama de sentimentos quanto ao amor. Desde o princípio do mundo podemos dizer que existiram todos os lances de amor resumidos nesses três termos. Cervantes nos apresenta os povos manchegos, dando-nos o resumo do *Quixote*, e quantos lances se possam oferecer em matérias amorosas. Como dizia reiteradamente dom Juan Valera, o que sucede em coisas de amor nas grandes cidades é cabalmente o que sucede de ponta a ponta nos lugares pequenos. Não há diferenças essenciais de uns em relação a outros sentimentos, de uns a outros atos. Porém, nas mulheres de Cervantes, em *Quixote*, como nas demais obras, é preciso especificar; advertiremos sobre as diferenças em relação a outras mulheres: diferenças impostas pelo meio e pelas condições sociais.

Qual de todas as mulheres quixotescas preferiremos? Se examinarmos com atenção, veremos que há em todas, ou quase todas, um traço comum: a curiosidade. Pode ser curiosa ou ser malévola. Nessas mulheres a curiosidade se exercita sem perversão. Que perversão pode haver em Leandra, a bela, a jovem, a quem Cervantes não se cansa de chamar bela? E qual seria a perversão desta juvenzinha de boa família, que na ínsula Barataria saiu de sua casa, durante a noite, disfarçada de varão, para “ver o que acontecia”, isto é, para ver o que nunca havia visto? À curiosidade podemos acrescentar outro traço essencial, traço que domina a todos: todas essas mulheres seguem seu instinto; todas são, diríamos, mulheres que se entregam à Natureza. Como não se entregaria Claudia Jerónima, tão impulsiva, com o impulso que a leva a cometer um crime? Se todas essas mulheres naturais, instintivas e curiosas

tivessem respirado a atmosfera do enciclopedismo, no século XVIII, e a atmosfera do positivismo, o positivismo de Comte e Spencer, no século XIX, podê-la-íamos chamar racionais, com as vantagens e os inconvenientes que tal qualidade acarreta. Mas existe no *Quixote* uma mulher que demonstra, com plenitude, a condição especial das mulheres cervantinas: condição que as eleva acima das demais mulheres. Marcela é todo um símbolo; sendo humana, real, dir-se-ia que se reveste de caracteres simbólicos. Ninguém resume melhor que Marcela a ânsia de Natureza e liberdade. Fugiu pela cidade e vaga por montes e selvas; esquiva-se da multidão de amantes que a requerem. Em uma frase Marcela resume sua psicologia, sua constituição mental: “Eu nasci livre, e para poder viver livre, escolhi a solidão dos campos”.



CERVANTES E O CÂNONE FEMININO

Cervantes tem propensão às meninas. Nunca insistiremos o bastante: Cervantes vive entre mulheres; mulheres da família. Lope vai de mulher em mulher. Lope escreve o poema da pulga, poema admirável. Cervantes não poderia escrever esses versos. Qual é o cânone feminino de Cervantes? A propensão às meninas, de Cervantes, é coisa sua ou coisa do tempo? Chamamos cânone à consideração, plena consideração, social e psicológica, que se tem, em um tempo determinado, à mulher. Para saber se o cânone feminino é de Cervantes ou de seu tempo, será preciso fazer outra pergunta: em que idade a mulher costumava se casar no século XVII? Qual é a idade mais comum para o matrimônio? É curioso o afã de Cervantes em assinalar a idade de suas heroínas; vemos algumas dessas mulheres que Cervantes nos apresenta tanto em seus romances como no *Quixote*. Em *O ciumento de Extremadura*, Leonora tem de treze a quatorze anos quando se casa; conta quinze anos quando ocorre o drama que custa a vida ao cândido marido. *A ilustre criada*, que não lustrava mais que as moedas da pousada, tem quinze anos. Preciosa, a ciganinha, outros quinze abris. Em *As duas Donzelas*, Teodosia não passa de uns dezesseis ou dezessete anos. Leocadia, “ao que aparenta”, como diz Cervantes, dezesseis. Quitéria, a noiva de Camacho, conta dezoito. A filha de Diego de la Llana, na ínsula Barataria, terá dezesseis ou pouco mais. Leandra, a bela, outros dezesseis. Clara Pérez de Viedma, também dezesseis. A senhora Cornelia, dezoito. Enfim, para terminar, Marcela, a pastora, bela como todas as mulheres cervantinas, que aos quinze anos inflama a todos de amor. Propensão de Cervantes? Cânone do tempo? E qual será o cânone em outros tempos?

Qual o cânone feminino imposto ao mundo pela escultura grega em sua mais alta expressão? Em 1820 descobre-se a Vênus de Milo. São muitos os que se preocupam em restituir, imaginariamente, os braços à Vênus de Milo; um filósofo, Ravaisson, refletiu profundamente sobre o tema; porém, intriga mais na Vênus a idade que os braços. Que idade poderá ter a Vênus de Milo? A de uma mulher feita, um pouquinho em demasia. Falaram em vinte e dois, vinte e quatro anos. Diz-se na França que na bela mulher se observa um matiz de *embonpoint*, de plenitude em sanidade. E uma mulher assim redundante conta com algo mais que vinte e quatro anos conjecturados.

Em 1882 se publica o romance *Lázaro*, de Jacinto Octavio Picón. Picón se especializou na criação de tipos femininos como Juanita Tenorio e Cristeta,

em *Doce e saborosa*, que podem servir de exemplo. Em *Lázaro*, após descrever uma duquesa, o autor agrega: “Resta acrescentar, para maior encanto dos gulosos, que Margarita de Oropendia, duquesa de Algalia, ainda que tivesse mais, só aparentava trinta anos, e era relativamente virtuosa”. Cervantes não compreenderia a frase “para maior encanto”. Tem também maior encanto, com os trinta e sete anos confessos, Julia, a pródiga, no romance de Alarcón? O que a bela Marcela pensaria de Julia, apaixonada pela solidão e pela independência? Julia, com seus trinta e sete anos, declarados em um momento de plena sinceridade, inspira uma paixão violenta em um rapaz de vinte e cinco. Nenhuma paixão das quais pinta Cervantes — e pinta-as com força — é tão ardente como esta. E se uma mulher pode inspirar tal paixão, o que importará se não tiver a idade das meninas de Cervantes?



CERVANTES E O MAR

Cervantes não esquece o mar, não pode esquecer o mar, nunca esquecerá o mar. Em 1590, escreve Cervantes em um memorial, que conta com vinte anos de cruzadas; “cruzadas de mar e terra”. O mar que Cervantes viu, por onde viajou, sentiu, é o Mediterrâneo, principalmente o Mediterrâneo. Castelar fala da feminilidade do Mediterrâneo; na língua francesa, Mediterrâneo é feminino. Castelar disse: “Este mar das ondulações leves, das brisas brandas, das espumas prateadas, da cor celestial, dos corais e das pérolas, se parece à mulher dos mares, enquanto ao oceano sempre atribuímos a denominação masculina de pai”. Cervantes viu o mar Egeu, o Jônico, o Tirreno, o Baleárico, o Ibérico. Patmos, Chios, Milos suscitam sensações profundas; os nomes dessas ilhas penetram profundamente na sensibilidade. Cervantes pôde sentir a Grécia clássica, sem pensar na Grécia. No século XVI, estava-se mais próximo da Grécia clássica do que estamos; contamos com um maior fluxo de erudição; eles tinham a alma mais renovada. Ao estar, como Cervantes, entregues à ação, intensamente entregues à ação, estavam mais propínquos à Grécia que nós: a intensidade de uma tragédia grega era a intensidade desses homens, a intensidade de Cervantes. As horas mais intensas de sua vida, Cervantes passou navegando, como Ulisses, pelos mesmos mares que Ulisses, com os mesmos azares — ou maiores — que Ulisses. Vinte anos Ulisses esteve ausente de sua casa; há vinte luta Cervantes no mar. Ulisses esteve durante dez anos conquistando Troia; outros dez entregue à navegação incerta.

Do centro da Espanha, longe do mar, Cervantes evoca suas sensações do mar. Consideremos o que seria para uma imaginação viva, para uma sensibilidade fina, como a de Cervantes, ter se doado inteiramente ao mar. Aquelas horas não voltarão. Em nada se comparam os livros com aquelas horas. Viver em perigo é — quando por motivo heroico — alcançar a plenitude da personalidade. E essa plenitude Cervantes a alcançou no mar, no Mediterrâneo. O Mediterrâneo que é feminino e sedutor. Que seduziu Ulisses e seduziu Cervantes. Do Mediterrâneo Cervantes trouxe seu gosto pela feminilidade: seus personagens mais definidos são femininos. O Mediterrâneo aguçou em Cervantes um dom, que é próprio da mulher: a sensibilidade. A sensibilidade extrema leva à exaltação da pessoa: a mulher cria seu próprio ambiente; o artista cria seu próprio ambiente. Cervantes não retrocede diante do elogio excessivo a si mesmo. Não retrocedem Marcela,

Leandra e Claudia Jerónima em sua independência, em seus impulsos, em suas paixões.

Jamais a intensidade da leitura poderá ser comparada com a intensidade da vida. Por mais que o racional — o racional Flaubert — nos diga, qual Flaubert, que a imagem lida suplanta a realidade, ela é a própria realidade, mais realidade que a vida, pois há que se convir que sem a vida, sem a sensação prévia da vida, essa sensação intensa na leitura não ocorreria. Há, no mais íntimo de Cervantes, um contraste violento entre estes ministérios de agora — seus rumos pela Andaluzia — e a lembrança do mar. É preciso acrescentar que a lembrança enaltece a realidade. Já das horas distantes no mar desapareceram os dissabores: só resta a voluptuosidade. E podemos dizer que uma leitura suscita em Cervantes a mesma emoção, a mesma sugestão, a mesma fantasia, que esses vestígios do passado? E por falar das influências em Cervantes, ponhamos num pratinho da balança as horas do mar, Lepanto, Corfu, Messina, e no outro, os poetas e os filósofos que preferir. Para que lado se inclinará a balança? Qual dos pratinhos pesará mais? Para considerar Cervantes um “leigo”, a qual devemos atentar? A qual pratinho da balança? Como poderemos declará-lo “leigo”, no científico, no culto, no erudito, com tanta e tão fina riqueza de sensações? E quem são esses que consideram Cervantes um “leigo”? E quem são esses que consideram “leigo” o artista que vive mais que eles, que sente mais que eles, que está mais que eles em íntima e profunda comunicação com as coisas?



A CASA DE MIRANDA

A casa de Miranda é bonita; todo mundo diz; só podemos consentir; consentir, claro, com muito gosto. E como Cervantes nos descreve a casa de dom Diego de Miranda? Não nos oferece da casa senão quatro traços. E não nos oferece mais porque em pureza, não nos pode dar mais. E não nos pode dar mais porque a arte, em seu tempo, não o permite. As coisas, no tempo de Cervantes, estavam subordinadas ao homem, e não à margem do homem, como estão agora. Portanto, as coisas não tinham importância, ou não tinham no grau que agora possuem. Há de passar muito tempo até que as coisas, as pobres e humildes coisas, entrem na arte e gozem da nossa consideração. A arte nos séculos passados é, sobretudo no romance, psicológica. Dentro do psicológico, domina a serenidade; a arte é serena e o escritor equânime, quando é como Cervantes, verdadeiro escritor. Em um livro dos irmãos Goncourt, *Idées et sensations*, lemos este pensamento: “A beleza do rosto, antigamente, era retratada na beleza das linhas; a beleza no rosto moderno é a fisionomia da paixão. Temos monstros como Lekain e Mira-beau”. Neste mesmo livro encontramos outro pensamento sobre o nosso Dom Quixote: “O homem que tenha em seu rosto traços de Dom Quixote, terá sempre alguns belos traços na alma”. O primeiro pensamento resumia a arte antiga e a moderna. As palavras de Cervantes isentam-nos de um retrato mais detalhado da casa de Miranda, concorrendo para o mesmo pensamento dos Goncourt.

Cervantes nos diz que o historiador árabe, autor da história de Dom Quixote, pinta com todas as suas propriedades a casa de Miranda; o que não o faz Cervantes, por crer que seriam minúcias de sua parte. Seriam minúcias e além do mais, “digressões frias”. Mas hoje sabemos que essas digressões – a pintura das coisas – são a arte de um Galdós e um Baroja. E que as minúcias não são tais minúcias, senão particularidades que associamos ao homem, ponto imperceptível no Universo; ponto que está no Universo rodeado pelas coisas, fluído pelas coisas.

Não desdenhamos, com isso, uma arte que tem sua razão de ser no retrato do homem. Vemos hoje o homem na casa; estudamos, portanto, a casa. Se a casa de Miranda é bonita, procuraremos saber como é a casa de Miranda e o que há em seu âmbito. Quando Zabatela, em 1660, quer nos descrever um estrado, a sala de uma casa, não faz mais que nos oferecer, como Cervantes, quatro traços: uma antessala; logo, uma sala com uma la-

reira de prata, apagada, com escrivaninha e cadeiras; depois, outra sala com outra lareira de ébano e marfim, acesa. E pouco mais.

A casa tem sido, ao longo do tempo, estudada. Desaparece, modernamente, a casa antiga; e a substitui a casa moderna onde tudo são largos vãos acabados em vidro; na casa moderna há luz, muita luz, arejamento, muito arejamento, higiene, muita higiene. Mas na casa antiga havia algo que não existia na casa moderna, *mistério*. A sensação do mistério que se podia ter nas moradas antigas; a casa tinha um ar de profundidade; suas salinhas recuadas e às vezes penumbrosas; seus quatinhos cobertos de pó; suas galerias; seus pátios interiores; seus terraços ou câmaras. E existia nessas casas uma concordância perfeita entre a morada e o modo de vida dos tempos antigos; uma vida que não era febril, precipitada, atropelada, como a presente, senão que dava espaço ao que mais distingue um humano de outro ser inferior na escala zoológica: a meditação. A meditação, em um desses quatinhos profundos, ou em uma dessas galerias onde, debruçado no peitoril da varanda, vemos ao longe, no céu azul, passar as nuvens.



CERVANTES E A SOLIDÃO

Cervantes sente a ânsia da solidão. O de menos é que Cervantes leve Dom Quixote a uma paragem de solidão, em uma montanha; o de mais é que Cervantes concorda o conceito de silêncio com o adjetivo “maravilhoso”, e que, ao nomear a quietude, se aproprie de tal adjetivo. Cervantes é homem de caminho e de pousadas, viajou muito e sentiu muito. E quem sente muito é amigo da solidão; quem frequenta muito os homens, chega um momento em que anseia estar sem os homens. Não há artista que não ambicione a solidão. Mas quando se fala em solidão, cabe perguntar, que solidão? Se falamos do vinho, perguntamos, que tipo de vinho? Se falamos de tecidos de seda, perguntamos, que tipo de tecidos? Há muitos tipos de solidão; na Espanha há uma gama de solidões; deve haver nos demais países. Seriam como as solidões da Espanha? A vida de um trapista representa a extrema solidão; existe também a solidão do cartuxo. Os cartuxos vivem solitários em sua casinha; os trapistas não têm casa onde possam viver ilhados; vivem em grupos; dormem em leitos separados somente por uma cortina. E essa solidão, que é e não é solidão, constitui a maior solidão. Ao nosso lado, sentindo conosco, morando conosco, há um ser humano com o qual poderíamos estabelecer comunicação; estamos vivendo e estamos sentindo. E, todavia, não podemos estabelecê-la. E há algo mais pungente, precisamos de solidão; necessitamos dela de um modo absoluto; há momentos em que é preciso que nos ilhemos inteiramente; é-nos dispensável ver um semelhante nosso; estamos tão desgostosos, tão descontentes, com os demais e consigo, que até a lembrança do ser humano nos oprime. E, no entanto, ali, junto a nós, em momentos de meditação, de abstração, temos nosso semelhante, do qual não podemos apartar-nos.

Quantas vezes Cervantes pensara no tipo de solidão que ansiava? A solidão na Serra Morena, nos recantos da Serra Morena? A solidão em uma casa de campo onde houvesse os confortos da cidade? A solidão na mesma cidade, em Madrid, sem os serviços dessas boas mulheres com quem ele vive, e que lhe eram imprescindíveis? A solidão no mar; solidão que rememora Cervantes como sensações de juventude passada?

Em uma ilha perdida, ignorada, um naufrago encontrou a absoluta solidão que não ansiava, mas que acaso anseia um frenético por solidão. Encontrou a absoluta solidão em um farol, um farol que se internava no mar, outro ambicioso por solidão: Alfonso Daudet. Tirando a solidão da ilha, haverá mais completa solidão que a do farol? E a solidão da ilha é mais intensa que a do

farol? Na ilha, deambulando, vagando, podemos esquecer nossa pessoa; no farol, estaremos satisfeitos conosco. De certo modo, Marcela é, no *Quixote*, uma transcrição de Cervantes; dos desejos de Cervantes. Se entrega à solidão. Teria se entregado à solidão da ilha? E à do farol? Na Espanha, nos tempos de Cervantes, a solidão tinha uma intenção, um sabor, uma concepção, que não havia no restante da Europa. Dez milhões de habitantes se encontram espalhados em uma superfície de 492.230 quilômetros quadrados. Então, como seria uma viagem? E viver no campo? Como seria morar em uma velha cidade, recluso em um casarão, ouvindo, em um denso silêncio, o debulhar das badaladas na torre da catedral? E como não teria se juntado, com a sensação de solidão, a sensação de silêncio? E com a do silêncio, a sensação da luz e do calor? E com a da luz e do calor, a do mais leve ruído? E com o ruído, o olfato; o olfato da flor, da fruta, do vinho, do couro, de um velo de lã, de um alqueire de trigo, de uma medida de azeite?





contos

(n.t.) | Chan Chan



OS HABITANTES DA ILHA MIDDLE

WILLIAM H. HODGSON



O TEXTO: O conto “The Habitants of Middle Islet” integra a antologia *Deep Waters*, de W. H. Hodgson, cuja primeira edição foi publicada pela Arkham House, em 1967. A arte da capa foi do ilustrador americano Frank Utpatel e todas as narrativas versam sobre histórias do mar, seus mistérios e terrores. Os contos de Hodgson são permeados por um clima gótico bastante típico na literatura inglesa de fantasia do século XIX e início do século XX. Seus personagens lembram a ficção macabra de Lovecraft pelo ambiente similar caracterizado pelo bizarro, o inesperado e o surreal, que são suas marcas registradas.

Texto traduzido: Hodgson, William Hope. *The habitants of Middle Islet*. Sauk City: Arkham House, 1967.

O AUTOR: William Hope Hodgson (1877-1918) foi um escritor inglês, autor de inúmeros ensaios, romances e contos. Nasceu em Essex, Inglaterra, tendo saído cedo de casa para se juntar à marinha mercante. Sua vida alternou-se entre períodos no mar (daí sua inspiração para escrever contos macabros sobre piratas e navios fantasmas) como fotógrafo e escritor. No começo de sua carreira, dedicou-se à poesia, passando depois a escrever literatura fantástica, nos gêneros terror, ficção científica e fantasia. Morreu tragicamente em 1917 durante a Primeira Guerra Mundial, aos 40 anos de idade.

A TRADUTORA: Jossi Borges nasceu em Curitiba, Paraná. É designer gráfico, artista plástica, diagramadora e escritora. Publicou diversos romances e contos pela Editora Perse, Cidadela, Clube de Autores e atualmente, Amazon. Organizou a antologia de contos fantástico-românticos, *Beijos* (2011), além de escrever artigos e resenhas para blogs e sites na internet. Tem feito traduções de algumas obras inéditas no Brasil, geralmente contos fantásticos da literatura inglesa e norte-americana do século XIX. Publicou uma tradução do conto “The Cave of Echoes” (A Gruta dos Ecos) de Helena Petrovna Blavatsky (2014).

Contato: jossiborges@gmail.com

THE HABITANTS OF MIDDLE ISLET

*“It was on Middle Islet off the coast of Nightingale
Island that our attention was fixed.”*

WILLIAM H. HODGSON

“That’s ‘er,” exclaimed the old whaler to my friend Trenhern, as the yacht coasted slowly around Nightingale Island. The old fellow was pointing with the stump of a blackened clay pipe to a small islet on our starboard bow.

“That’s ‘er, Sir,” he repeated. “Middle Islet, an’ we’ll open out ther cove in er bit. Mind you, Sir, I don’t say as ther ship is still there, an’ if she is, you’ll bear in mind as I told you all erlong as there weren’t one in ‘er when we went aboard.” He replaced his pipe, and took a couple of slow draws, while Trenhern and I scrutinized the little island through our glasses.

We were in the South Atlantic. Far away to the north showed dimly the grim, weather-beaten peak of the Island of Tristan, the largest of the Da Cunha group; while on the horizon to the Westward we could make out indistinctly Inaccessible Island. Both of these, however, held little interest for us. It was on Middle Islet off the coast of Nightingale Island that our attention was fixed.

There was little wind, and the yacht forged but slowly through the deep-tinted water. My friend, I could see, was tortured by impatience to know whether the cove still held the wreck of the vessel that had carried his sweetheart. On my part, though greatly curious, my mind was not sufficiently occupied to exclude a half conscious wonder at the strange coincidence that had led to our present search. For six long months my friend had waited in vain for news of the *Happy Return* in which his

sweetheart had sailed for Australia on a voyage in search of health. Yet nothing had been heard, and she was given up for lost; but Trenhern, desperate, had made a last effort. He had sent advertisements to all the largest papers of the world, and this measure had brought a certain degree of success in the shape of the old whaler alongside of him. This man, attracted by the reward offered, had volunteered information regarding a dismantled hulk, bearing the name of the *Happy Return* on her bows and stern, which he had come across during his last voyage, in a queer cove on the South side of Middle Islet. Yet he had been able to give no hope of my friend finding his lost love, or indeed anything living in her; for he had gone aboard with a boat's crew, only to find her utterly deserted, and—as he told us—had stayed no time at all. I am inclined now to think that he must unconsciously have been impressed by the unutterable desolation, and atmosphere of the unknown, by which she was pervaded, and of which we ourselves were so soon to be aware. Indeed, his very next remark went to prove that I was right in the above supposition.

“We none of us wanted to ‘ave much truck with ‘er. She ‘adn’t a comfortable feelin’ ‘bout ‘er. An’ she were too dam clean an’ tidy for my likin’.”

“How do you mean, too clean and tidy?” I inquired, puzzled at his way to putting it.

“Well,” he replied, “so she were. She sort of gave you ther feelin’ as ‘er crowd ‘ad only just left ‘er, an’ might be back any bloomin’ minnit. You’ll savvy wot I mean, Sir, when you gets aboard of ‘er.” He wagged his head wisely, and recommenced drawing at his pipe.

I looked at him a moment doubtfully; then I turned and glanced at Trenhern, but it was evident that he had not noticed these last remarks of the old seaman. He was far too busily engaged in staring through his telescope at the little island, to notice what was going on about him. Suddenly he gave a low cry, and turned to the old whaler.

“Quick, Williams!” he said, “is that the place?” He pointed with the telescope. Williams shaded his eyes, and stared.

“That’s it, Sir,” he replied after a moment’s pause.

“But—but where’s the ship?” inquired my friend in a trembling voice. “I see no sign of her.” He caught Williams by the arm, and shook it in sudden fright.

"It's all right, Sir," exclaimed Williams. "We ain't far enuff to the Sutherd yet ter open out ther cove. It's narrer at ther mouth, an' she were right away up inside. You'll see in er minnit."

At that, Trenhern dropped his hand from the old fellow's arm, his face clearing somewhat; yet greatly anxious. For a minute he held on to the rail as though for support; then he turned to me.

"Henshaw," he said, "I feel all of a shake—I—I——"

"There, there, old chap," I replied, and slipped my arm through his. Then, thinking to occupy his attention somewhat, I suggested to him that he should order one of the boats to be got ready for lowering. This he did, and then for a little while further we scanned that narrow opening among the rocks. Gradually, as we drew more abreast of it, I realised that it ran a considerable depth in to the islet, and then at last something came into sight away up among the shadows within the cove. It was like the stern of a vessel projecting from behind the high walls of the rocky recess, and as I grasped the fact, I gave a little shout, pointing out to Trenhern with some considerable excitement.

The boat had been lowered, and Trenhern and I with the boat's crew, and the old whaler steering, were heading direct for that opening in the coast of Middle Islet.

Presently we were amongst the broad belt of kelp with which the islet was surrounded, and a few minutes later we slid into the clear, dark waters of the cove, with the rocks rising up in stark, inaccessible walls on each side of us until they seemed almost to meet in the heights far overhead.

A few seconds swept us through the passage and into a small circular sea enclosed by gaunt cliffs that shot up on all sides to a height of some hundred odd feet. It was as though we looked up from the bottom of a gigantic pit. Yet at the moment we noted little of this, for we were passing under the stern of a vessel, and looking upwards, I read in white letters *Happy Return*.

I turned to Trenhern. His face was white, and his fingers fumbled with the buttons of his jacket, while his breath came irregularly. The next instant, Williams had laid us alongside, and Trenhern and I were scrambling aboard. Williams followed, carrying up the painter; he made it fast to a cleet, and then turned to lead the way.

Upon the deck, as we walked, our feet beat with an empty sound that spelt out desolation; while our voices, when we spoke, seemed to echo back from the surrounding cliffs with a strange hollow ring that caused us at

once to speak in whispers. And so I began to understand what Williams had meant when he said “She ‘adn’t a comfertable feelin’ ‘bout ‘er.”

“See,” he said, stopping after a few paces, “‘ow bloomin’ clean an’ tidy she is. It aren’t nat’ral.” He waved his hand towards the surrounding deck furniture. “Everythin’ as if she was just goin’ inter port, an’ ‘er a bloomin’ wreck.”

He resumed his walk aft, still keeping the lead. It was as he had said. Though the vessel’s masts and boats had gone, she was extraordinarily tidy and clean, the ropes—such as were left—being coiled up neatly upon the pins, and in no part of her decks could I discern any signs of disorder. Trenhern had grasped all this simultaneously with myself, and now he caught my shoulder with a quick nervous grasp.

“See her, Henshaw,” he said in an excited whisper, “this shows some of them were alive when she drove in here——” He paused as though seeking for breath. “They may be—they may be——” He stopped once more, and pointed mutely to the deck. He had gone past words.

“Down below?” I said, trying to speak brightly.

He nodded, his eyes searching my face as though he would seek in it fuel for the sudden hope that had sprung up within him. Then came Williams’ voice; he was standing in the companionway.

“Come along, Sir. I aren’t goin below ‘ere by myself.”

“Yes, come along, Trenhern,” I cried. “We can’t tell.”

We reached the companionway together, and he motioned me to go before him. He was all a-quiver. At the foot of the stairs, Williams paused a moment; then turned to the left and entered the saloon. As we came in through the doorway, I was again struck by the exceeding tidiness of the place. No signs of hurry or confusion; but everything in its place as though the steward had but the moment before tidied out the apartment and dusted the table and fittings. Yet to our knowledge she had lain here a dismasted hulk for at least five months.

“They must be here! They must be here!” I heard my friend mutter under his breath, and I—though bearing in mind that Williams had found her thus all those months gone—could scarcely but join in his belief.

Williams had gone across to the starboard side of the saloon, and I saw that he was fumbling at one of the doors. It opened under his hand, and he turned and beckoned to Trenhern.

“See ‘ere, Sir,” he said. “This might be your young leddy’s cabin; there’s feemayles’ things ‘ung up, an’ their sort of fixins on ther table—”

He did not finish; for Trenhern had made one spring across the saloon, and caught him by the neck and arm.

“How dare you—desecrate—” he almost shrieked, and forth with hauled him out from the little room. “How—how—” he gasped, and stooped to pick up a silver-backed brush which Williams had dropped at his unexpected onslaught.

“No offence, Mister,” replied the old whaler in a surprised voice, in which there was also some righteous anger. “No offence. I wern’t goin’ ter steal ther blooming’ thing.” He gave the sleeve of his jacket a brush with the palm of his hand, and glanced across at me, as though he would have me witness to the truth of his statement. Yet I scarcely noticed what it was that he said; for I heard my friend cry out from the interior of his sweetheart’s cabin, and in his voice there was blent a marvellous depth of hope and fear and bewilderment. An instant later he burst out into the saloon; in his hand he held something white. It was a calendar. He twisted it right way up to show the date at which it was set.

“See,” he cried, “read the date!”

As my eyes gathered the import of the few visible figures, I drew my breath swiftly and bent forward, staring. The calendar had been set for the date of that very day.

“Good God!” I muttered; and then:—“It’s a mistake! It’s just a chance!” And still I stared.

“It’s not,” answered Trenhern vehemently. “It’s been set this very day—” He broke off short for a moment. Then after a queer little pause he cried out “O, my God! grant I find her!”

He turned sharply to Williams.

“What was the date at which this was set?—Quick!” he almost shouted.

Williams stared at him blankly.

“Damnation!” shouted my friend, almost in a frenzy. “When you came aboard here before?”

“I never even seen ther blessed thing before, Sir,” he answered. “We didn’t stay no time aboard of ‘er.”

“My goodness, man!” cried Trenhern, “what a pity! O what a pity!” Then he turned and ran towards the saloon door.

In the doorway he looked back over his shoulder.

"Come on! Come on!" he called. "They're somewhere about. They're hiding—Search!"

And so we did; but though we went through the whole ship from stern to bow, there was nowhere any sign of life. Yet everywhere that extraordinary clean orderliness prevailed, instead of the wild disorder of an abandoned wreck; and always, as we went from place to place and cabin to cabin, there was upon me the feeling that they had but just been inhabited.

Presently, we had made an end to our search, and having found nothing of that for which we looked, were facing one another bewilderedly, though saying but little. It was Williams who first said anything intelligible.

"It's as I said, Sir; there weren't anythin' livin' aboard of 'er."

To this Trenhern replied nothing, and in a minute Williams spoke again.

"It aren't far off dark, Sir, an' we'll 'ave ter be gettin' out of this place while there's a bit of daylight."

Instead of replying to this, Trenhern asked if any of the boats were there when he was aboard before, and on his answering in the negative, fell once more into his silent abstraction.

After a little, I ventured to draw his attention to what Williams had said about getting aboard the yacht before the light had all gone. At that, he gave an absent nod of assent, and walked towards the side, followed by Williams and myself. A minute later we were in the boat and heading out for the open sea.

During the night, there being no safe anchorage, the yacht was kept off, it being Trenhern's intention to land upon Middle Islet and search for any trace of the lost crew of the *Happy Return*. If that produced nothing, he was going to make a thorough exploration of Nightingale Island and the Islet of Stoltenkoff before abandoning all hopes.

The first portion of this plan he commenced to put into execution as soon as it was dawn; for his impatience was too great to allow of his waiting longer.

Yet before we landed on the Islet, he bade Williams take the boat into the cove. He had a belief, which affected me somewhat, that he might find the crew and his sweetheart returned to the vessel. He suggested to me—searching my face all the while for mutual hope—that they had been absent on the preceding day, perhaps on an expedition to the Island in search of vegetable food. And I (remembering the date of the calendar) was able to

look at him encouragingly; though had it not been for that, I should have been helpless to aid his belief.

We entered through the passage into that great pit among the cliffs. The ship, as we ranged alongside of her, showed wan and unreal in the grey light of the mist-shrouded dawn; yet this we noticed little then, for Trenhern's visible excitement and hope was becoming infectious. It was he who now led the way down into the twilight of the saloon. Once there, Williams and I hesitated with a certain natural awe, whilst Trenhern walked across to the door of his sweetheart's room. He raised his hand and knocked, and in the succeeding stillness, I heard my heart beat loud and fast. There was no reply, and he again rapped with his knuckles on the panels, the sounds echoing hollowly through the empty saloon and cabins. I felt almost sick with the suspense of waiting, then abruptly, he seized the handle, turned it, and threw the door wide. I heard him give a sort of groan. The little cabin was empty. The next instant, he gave out a shout, and reappeared in the saloon holding the same little calendar. He ran to me and pushed it into my hands with an inarticulate cry. I looked at it. When Trenhern had shown it to me the preceding day it had been showing the date 27th.; *now it had been altered to the 28th.*

"What's it mean, Henshaw? what's it mean?" he asked helplessly.

I shook my head. "Sure you didn't alter it yesterday—by accident?"

"I'm quite sure!" he said.

"What are they playing at?" he went on. "There's no sense in it—" He paused a moment; then again:—"What's it mean?"

"God knows." I muttered. "I'm stumped."

"You mean sumone's been in 'ere since yesterday?" inquired Williams at this point.

I nodded.

"Be gum then, Sir," he said, "it's ghostses!"

"Hold your tongue, Williams!" cried my friend, turning savagely upon him.

Williams said nothing, but walked toward the door.

"Where are you going?" I asked.

"On deck, Sir," he replied. "I didn't sign on for this 'ere trip to 'ave no truck with sperrets!" and he stumbled up the companion stairway.

Trenhern seemed to have taken to notice of these last remarks; for when next he spoke he appeared to be following out a train of thought.

"See here," he said. "They're not living aboard here at all. That's plain. They've some reason for keeping away. They're hiding somewhere—perhaps in a cave."

"What about the calendar then. You think—?"

"Yes, I've an idea that they may come aboard here at night. There may be something that keeps them away during the daylight. Perhaps some wild beast, or something; and they would be seen in the daytime."

I shook my head. It was all so improbable. If there was something that could get at them aboard the ship, lying as it did surrounded by the sea, at the bottom of the great pit among the cliffs, then it seemed to me that they would nowhere be safe; besides, they could stay below decks during the day, and I could conceive of nothing that could reach them there. A multitude of other objections rose in my mind. And then I knew perfectly well that there were no wild beasts of any description on the Islands. No! obviously it could not be explained in that manner. And yet—there was the unaccountable altering of the calendar. I ended my line of reasoning in a fog. It seemed useless to apply any ordinary sense to the problem, and I turned once more to Trenhern.

"Well," I said, "there's nothing here, and there may be something, after all, in what you say; though I'm hanged if I can make head or tail of anything."

We left the saloon and went on deck. Here we walked forward and glanced into the fo'cas'le; but, as I had expected, found nothing. After that we bundled down into the boat, and proceeded to search Middle Islet. To do this, we had to pull out of the cove and round the coast a bit to find a suitable landing place.

As soon as we had landed, we pulled the boat up into a safe place, and arranged the order of the search. Williams and I were to take a couple of the men apiece, and go right round the coast in opposite directions until we met, examining on the way all the caves that we came across. Trenhern was to make a journey to the summit, and survey the Islet from there.

Williams and I accomplished our part, and met close to where we had hauled up the boat. He reported nothing, and so did I. Of Trenhern we could see no trace, and presently, as he did not appear, I told Williams to stay by the boat while I went up the height to look for him. Soon I reached the top and found that I was standing upon the brink of the great pit in

which lay the wreck. I glanced round and there away to the left, I saw my friend lying on his stomach with his head over the edge of the chasm, evidently staring down at the hulk.

“Trenhern,” I called softly, not wanting to startle him.

He raised his head and looked in my direction; seeing me, he beckoned, and I hurried to his side.

“Bend down,” he said in a low voice. “I want you to look at something.”

As I got down beside him, I gave a quick glance at his face; it was very pale; then I had my face over the brink and was staring into the gloomy depth below.

“See what I mean?” he asked, still speaking scarcely above a whisper.

“No,” I said. “Where?”

“There,” he answered, pointing. “In the water on the starboard side of the *Happy Return*.”

Looking in the direction indicated, I now made out in the water close alongside the wreck several pale, oval-shaped objects.

“Fish,” I said. “What queer ones!”

“No!” he replied. “Faces!”

“What!”

“Faces!”

I got up on to my knees and looked at him.

“My dear Trenhern, you’re letting this matter affect you too deeply—You know you have my deepest sympathy. But—”

“See,” he interrupted, “they’re moving, they’re watching us!” He spoke quietly, utterly ignoring my protest.

I bent forward again and looked. As he had said, they were moving, and as I peered, a sudden idea came to me. I stood up abruptly.

“I have it!” I cried excitedly. “If I’m right it may account for their leaving the ship. I wonder we never thought of it before!”

“What?” he asked in a weary voice, and without raising his face.

“Well, in the first place, old man, those are not faces, as you very well know; but I’ll tell you what they very likely are, they’re the tentacles of some sort of sea monster, Kraken, of devil-fish—something of that sort. I can quite imagine a creature of the kind haunting that place down there, and I can equally well understand that if your sweetheart and the crew of

the *Happy Return* are alive, they'll be inclined to give their old packet a pretty wide berth if I am right—eh?"

By the time I had finished explaining my solution of the mystery, Trenhern was upon his feet. The sanity had returned to his eyes, and there was a flush of half-suppressed excitement on his hitherto pale cheeks.

"But—but—but—the calendar?" he breathed.

"Well, they may venture aboard at night, or in certain states of the tides, when, perhaps they have found there is little danger. Of course, I can't say; but it seems probable, and what more natural than that they should keep count of the days, or it may have just been put forward thoughtlessly in passing. It may even be your sweetheart counting the days since she was parted from you."

I turned and peered once more over the edge of the cliff; the floating shapes had vanished. Then Trenhern was pulling at my arm.

"Come along, Henshaw, come along. We'll go right back to the yacht and get some weapons. I'm going to slaughter that brute if he shows up."

An hour later we were back with a couple of the yacht's boats and their crews, the men being armed with cutlasses, harpoons, pistols and axes. Trenhern and I had each chosen a heavy shellgun.

The boats were left alongside, and the men ordered aboard the wreck, and there, having brought sufficient food, they picnicked for the rest of the day, keeping a keen watch for signs of anything.

Yet when the night drew near, they manifested considerable uneasiness; finally sending the old whaler aft to tell Trenhern that they would not stay aboard the *Happy Return* after dark; they would obey any order he chose to give in the yacht; but they had not signed on to stay aboard of a ghost-ridden craft at night.

Having heard Williams out, my friend told him to take the men off to the yacht; but to come back in one of the boats with some bedding, as he and I were going to stay the night aboard the hulk. This was the first I had heard on the matter; but when I remonstrated with him, he told me I was at perfect liberty to return to the yacht. For his part he had determined to stay and see if anyone came.

Of course after that, I had to stay. Presently they returned with the bedding, and having received orders from my friend to come for us at day-break, they left us there alone for the night.

We carried down our bedding and made it up on the saloon table; then we went on deck and paced the poop, smoking and talking earnestly—anon listening; but nothing came to our ears save the low voice of the sea beyond the kelp-belts. We carried our guns; for we had no knowledge but that they might be needed. Yet the time passed quietly, except once when Trenhern dropped the butt of his weapon upon the deck somewhat heavily. Then indeed, from all the cliffs around us, there came back a low hollow boom that was frightening. It was like the growl of a great beast. At the bottom of that tremendous pit it presently became exceedingly dark. So far as I could judge, a mist had come down upon the Islet and formed a sort of huge lid to the pit. It was about twelve o'clock that we went below. I think by that time even Trenhern had begun to realise that there was a certain rashness in our having stayed; and below, at least, if we were attacked, we would be better able to hold our own. Somehow such vague fear as I had was not induced by the thought of the great monster I believed I had seen close to the vessel during the day; but rather by an unnameable something in the very air, as though the atmosphere of the place were a medium of terror. Yet—calming myself with an effort—I put down this feeling to my nerves being at tension; so that presently, Trenhern offering to take the first watch, I fell asleep on the saloon table, leaving him sitting beside me with his gun across his knees.

Then as I slept, a dream came to me—so extraordinarily vivid was it that it seemed almost I was awake. I dreamt that all of a sudden Trenhern gave a little gasp and leapt to his feet. In the same moment, I heard a soft voice call “Tren! Tren!” It came from the direction of the saloon doorway, and—in my dream—I turned and saw a most beautiful face, containing great wondrous eyes. “An angel!” I whispered to myself; then I knew that I was mistaken and that it was the face of Trenhern’s sweetheart. I had seen her once just before she sailed. From her, my gaze wandered to Trenhern. He had laid his gun upon the table, and now his arms were extended towards her. I heard her whisper “Come!” and then he was beside her. Her arms went about him, and then, together, they passed out through the doorway. I heard his feet upon the stairs, and after that my sleep became a blank, dreamless rest.

I was aroused by a terrible scream, so dreadful that I seemed to wake rather to death than life. For perhaps the half of a minute I sat up upon my bedding, motionless in a very frost of fear; but no further sound came to me, and so my blood ran warm once more, and I reached out my hand for my gun. I grasped it, shook the clothes from me and sprang to the floor.

The saloon was filled with a faint gray light which filtered in through the skylight overhead. It was just sufficient to show me that Trenhern was not present, and that his gun was upon the table, just where I had seen him place it in my dream. At that, I called his name quickly; but the only answer I received was a hollow, ghostly echo from the surrounding empty cabins. Then I ran for the door, and so up the stairs on to the deck. Here, in the gloomy twilight, I glanced along the bare decks; but he was nowhere visible. I raised my voice and shouted. The grim, circling cliffs caught up the name and echoed it a thousand times, until it seemed that a multitude of demons shouted "Trenhern! Trenhern! Trenhern!" from the surrounding gloom. I ran to the port side and glanced over—Nothing! I flew to starboard; my eyes caught something—many things that floated apparently just below the surface of the water. I stared, and my heart seemed suddenly quiet in my bosom. I was looking at a score of pale, unearthly faces, that stared back at me with sad eyes. They appeared to sway and quiver in the water; but otherwise there was no movement. I must have stood thus for many minutes; for, abruptly, I heard the sound of oars, and then round the quarter of the vessel swept the boat from the yacht.

"In bow, there," I heard Williams shout. "Ere we are, Sir!" The boat grated against the side.

"Ow 'ave—" Williams began; but it seemed to me that I had seen something coming to me along the deck, and I gave out one scream and leapt for the boat. I landed on a thwart.

"Push off! Push off!" I yelled, and seized an oar to help.

"Mr. Tren'ern, Sir?" interjected Williams.

"He's dead!" I shouted. "Push her off! Push her off!" and the men, infected by my fear, pushed and rowed until, in a few moments we were a score of yards distant from her. Here there was an instant's pause.

"Take her out, Williams!" I called, crazy with the thing upon which I had stumbled. "Take her out!" And at that, he steered for the passage into the open sea. This took us close past the stern of the wreck, and as we passed beneath, I looked up at the overhanging mass. As I did so, a dim, beauteous face came over the taffrail, and looked at me with great sorrowful eyes. She stretched out her arms to me, and I screamed aloud; for her hands were like unto the talons of a wild beast.

As I fell fainting, William's voice came to me in a hoarse bellow of sheer terror. He was shouting to the men:

"Pull! Pull! Pull!"



OS HABITANTES DA ILHA MIDDLE

*“Era a Ilhota Middle, frente à costa da Ilha
Nightingale, a que atraía nossa atenção”*

WILLIAM H. HODGSON

— É aquela — exclamou o velho baleeiro, dirigindo-se a meu amigo Trenhern, enquanto o iate costeava lentamente a Ilha Nightingale. O velho apontava com o cabo de um enegrecido cachimbo de argila para uma pequena ilhota a estibordo da proa.

— É aquela, senhor — repetiu —. A Ilhota Middle, e logo teremos um bom panorama da enseada. Embora não afirmo que a nave esteja ainda ali, senhor, e se estiver, tenha em conta que lhe disse durante todo o tempo, que não havia ninguém nela quando subimos a bordo — voltou a levar o cachimbo à boca, dando um par de tragos lentos, enquanto Trenhern e eu escrutinávamos a ilhota através dos binóculos.

Estávamos no Atlântico Sul. Ao norte, ao longe, via-se difusamente o pico turvo, batido pelos ventos da Ilha Tristão, a maior das que integram o grupo da Cunha, enquanto que, no horizonte ocidental, podíamos distinguir em forma pouco nítida a Ilha inacessível. Entretanto, estas duas eram de pouco interesse para nós. Era a Ilhota Middle, frente à costa da Ilha Nightingale, a que atraía nossa atenção.

Havia pouco vento e o iate avançava lento na água de cor escura. Pude ver que meu amigo estava torturado pela impaciência de saber se a enseada ainda retinha os restos do navio que havia levado sua namorada. Por minha parte, embora sentisse muita curiosidade, não tinha a mente tão ocupada para evitar um assombro inconsciente ante a estranha coincidência que nos tinha levado para aquela busca. Durante seis longos meses meu amigo tinha esperado em

vão notícias do *Happy Return*, no qual tinha embarcado sua namorada para a Austrália, em uma viagem por motivos de saúde.

Nada, porém, se sabia, e era dado por perdido, mas Trenhern, desesperado, havia realizado um último esforço. Fizera publicar avisos em todos os jornais mais importantes do mundo e esta medida teve certo êxito com o velho baleeiro que estava junto a ele. Este homem, atraído pela recompensa oferecida, informou a respeito de um casco desmantelado, que levava o nome *Happy Return* na proa e na popa, com o qual havia se deparado em sua última viagem em uma estranha enseada do flanco Sul da Ilhota Middle.

Entretanto, não deu esperanças a meu amigo de encontrar seu amor perdido ou, em realidade, de encontrar algo vivo nele, porque havia subido a bordo com a tripulação de um bote só para descobrir que estava completamente abandonado e — conforme nos disse — não permaneceram ali um momento sequer. Agora me inclino a pensar que, inconscientemente, a terrível desolação e a atmosfera misteriosa que invadia o navio deve tê-lo impressionado, e nós mesmos logo seríamos conscientes disso. Justamente sua próxima observação demonstrou que minha hipótese estava correta.

— Nenhum de nós quis se meter muito com aquele navio. Ninguém se sentia cômodo a bordo. E estava muito limpo e arrumado para meu gosto.

— O que quer dizer com limpo e arrumado? — perguntei, intrigado pela maneira como ele falara.

— Bom — respondeu —, assim era. Dava a impressão de que um montão de gente havia acabado de abandoná-lo e podia voltar em qualquer bendito minuto. Saberá o que quero dizer, senhor, quando a abordar — meneou a cabeça sabiamente e voltou a fumar o cachimbo.

Durante um momento o olhei dubio; depois me virei e olhei para Trenhern, mas era evidente que não havia notado as últimas observações do velho marinheiro. Estava muito ocupado em olhar com a luneta a pequena ilha, para notar o que acontecia ao seu redor. De repente, emitiu um grito grave e se voltou para o velho baleeiro.

— Ande, Williams! — disse —. É este o local? — apontou com a luneta. Williams levou uma mão aos olhos e olhou.

— É ali, senhor — respondeu após uma pausa.

— Mas... mas onde está o navio? — perguntou meu amigo com voz trememente —. Não vejo sinais dele.

Tomou Williams pelo braço e o sacudiu com repentino temor.

— Tudo corre bem, senhor — exclamou Williams —. Não avançamos o suficiente para o sul para ter um bom panorama da enseada. Se estreita na boca e o navio está bem dentro. Verá em um minuto.

Com essas palavras, Trenhern lhe soltou o braço, com o rosto um pouco mais composto, embora muito ansioso. Durante um minuto se apoiou sobre o corrimão, como que procurando amparo. Depois, virou-se para mim.

— Henshaw — disse —. Estou tremendo... Eu... Eu...

— Vamos, vamos, meu velho — respondi e deslizei meu braço no seu. Depois, pensando em ocupar de algum modo sua atenção, sugeri-lhe que mandasse preparar um dos botes para descê-lo. Depois estivemos escrutinando um momento mais a estreita abertura entre as rochas. Pouco a pouco, à medida que nos aproximávamos dela, notei que penetrávamos a considerável profundidade dentro da ilhota, e então, por fim, apareceu algo ao longe, entre as sombras da enseada. Era como a popa de um navio projetando-se detrás das altas paredes da entrada rochosa e quando percebi, gritei, apontando para Trenhern com considerável excitação.

O bote fora descido. Trenhern e eu, junto com a tripulação do bote, e o velho baleeiro ao leme, íamos diretamente para a entrada na costa da Ilhota Middle.

Logo nos encontramos no meio do largo cinturão de algas que rodeava a ilhota e minutos depois deslizamos nas águas limpas, escuras da enseada, com as rochas elevando-se a cada lado de nós em paredes nuas, inacessíveis, que pareciam tocar-se nas alturas.

Passaram uns segundos antes que atravessássemos a passagem e entrássemos em um pequeno mar circular rodeado de ásperos escarpados que se elevavam sobre todos os flancos a uma altura de mais de cem metros. Era como se olhássemos do fundo de um poço gigantesco. Entretanto, notamos pouco, porque estávamos passando sob a popa de um navio e, ao olhar para cima, li em letras brancas: *Happy Return*.

Voltei-me para Trenhern. Tinha o rosto branco e seus dedos brincavam com os botões da casaca; sua respiração era irregular. Um instante depois, Williams trouxe o bote junto à nave e Trenhern e eu subimos a bordo. Williams nos seguiu, levando a amarra do bote; segurou-a em uma braçadeira e depois se voltou para nos guiar.

Enquanto íamos sob cobertura, os pés batiam com um som vazio que denunciava nossa desolação, enquanto as vozes, quando falamos, pareceram trazer um eco dos escarpados circundantes com uma estranha vibração oca, que nos levou imediatamente a falar em sussurros. E assim comecei a com-

preender o que Williams tinha querido dizer quando disse “Ninguém se sentia cômodo a bordo”.

— Notem quão limpa e organizada que está a bendita coisa — disse, detendo-se depois de alguns passos —. Não é natural — fez um gesto com a mão para os equipamentos que nos rodeavam —. Tudo está como se acabasse de chegar ao porto, não fosse um bendito navio naufragado.

Seguiu para a popa, sempre abrindo caminho. Era tal como havia dito. Embora os mastros e os botes do navio tivessem desaparecido, estava extraordinariamente limpo e em ordem, as cordas — as que ficavam — enroladas nos cabos, de modo que em nenhum ponto das cobertas se podia discernir algum sinal de desordem. Ao mesmo tempo que eu, Trenhem percebeu isso e me tocou o ombro com uma mão rápida, nervosa.

— Observe, Henshaw — disse em um sussurro excitado —, isto demonstra que alguns estavam vivos quando ela entrou aqui... — fez uma pausa para recuperar o fôlego —. Podem estar... podem estar...

Parou uma vez mais e apontou sem uma palavra. Tinha passado além das palavras.

— Abaixo? — indaguei, tratando de falar com animação.

Assentiu com a cabeça, me escrutinando o rosto em busca de combustível para a repentina esperança que se acendeu dentro dele. Então, chegou a voz de Williams que estava de pé ante a escada de entrada às cabines.

— Vamos, senhor. Não vou descer sozinho.

— Sim, vamos, Trenhern — gritei —. Nunca se sabe o que pode acontecer.

Chegamos juntos à escada e ele me fez gestos para que entrasse antes. Estremeceu. Ao pé das escadas, Williams fez uma pausa, depois dobrou à esquerda e entrou num salão. Quando atravessamos a soleira, impactou-me uma vez mais o extremo esmero do lugar. Não havia sinais de apuro ou confusão; tudo estava em seu lugar como se o criado tivesse arrumado os aposentos um momento antes, e limpo a mesa e os utensílios. Entretanto, sabíamos que ali jazia um casco desmantelado há, pelo menos, cinco meses.

— Eles têm que estar aqui! Têm que estar aqui! — ouvi que murmurava meu amigo, e eu, embora lembrando que Williams o tinha encontrado assim fazia alguns meses, acabei por me unir à sua crença.

Williams tinha cruzado ao flanco estibordo da câmara e vi que se aproximava de uma das portas. Esta se abriu, e o baleeiro deu a volta e fez um gesto a Trenhern.

— Veja, senhor — disse —. Esta deve ter sido a cabine de sua jovem esposa. Há objetos femininos pendurados e sobre a mesa o tipo de objetos que elas usam...

Não terminou. Trenhern atravessou a cabine de um salto, e agarrou-o no pescoço e no braço.

— Como se atreve... a profanar... — disse quase em um sussurro —. Como... como... — ofegou, e se agachou para levantar uma escova com cabo de prata que Williams tinha deixado cair ante o inesperado ataque.

— Não quis ofender, senhor — respondeu o velho baleeiro com voz assombrada, em que havia um matiz de uma raiva justificada —. Não quis ofender. Não ia roubar a bendita coisa.

Bateu a manga da casaca com a palma da mão e cruzou um olhar para mim, para me fazer testemunha da verdade de sua afirmação. Entretanto, logo notei o que dizia porque ouvi que meu amigo gritava dentro da cabine de sua bem-amada e na voz se mesclava uma admirável profundidade de esperança, temor e perplexidade. Um instante depois irrompeu na sala. Sustentava algo branco na mão. Era um calendário. Virou-o para cima para mostrar a data em que estava.

— Olhem! — gritou —. Vejam a data!

Quando meus olhos captaram o significado das poucas figuras visíveis, me acelerou a respiração e me inclinei para frente, olhando com fixidez. O calendário estava com a data desse mesmo dia.

— Bom Deus! — murmurei, e logo — É um engano! É só uma casualidade!

E prossegui olhando.

— Não é — replicou Trenhern com veemência —. Foi posto neste dia... — interrompeu por um momento. Então, depois de uma pausa breve e estranha gritou: Oh, meu Deus! Faça com que possa encontrá-la!

Voltou-se com aspereza para Williams.

— Em que data estava?... Rápido! — quase gritava.

Williams o olhou confuso.

— Maldição! — gritou meu amigo, quase fora de si —. Quando você subiu a bordo antes!

— Nunca vi essa bendita coisa antes, senhor — respondeu o baleeiro —. Não ficamos a bordo.

— Por Deus, homem! — gritou Trenhern —. Que lástima! Oh, o quanto isso é difícil! — depois virou e correu para a porta da cabine.

Ao chegar à soleira olhou por sobre o ombro. — Vamos! Vamos! — chamou —. Estão em algum lugar. Estão se escondendo... Procurem!

E foi o que fizemos, mas embora percorrêssemos o navio inteiro, de proa a popa, não encontramos o menor sinal de vida. Entretanto, por todo lado preponderava aquela extraordinária limpeza e aquela ordem, e não a desordem selvagem de um navio naufrago e abandonado. À medida que passávamos de um lugar a outro, e de cabine em cabine, continuava experimentando a sensação de que foram habitadas até um momento antes.

Terminamos a busca, e ao não encontrar o que procurávamos, olhamos confusos, quase sem falar. Foi Williams o primeiro que disse algo inteligível.

— É como lhe disse, senhor; não havia nada vivo a bordo.

Diante disso, Trenhern não respondeu nada e um minuto depois Williams voltou a falar.

— Não falta muito para que caia a noite, senhor, e temos que sair deste lugar enquanto houver um pouco de luz.

Em vez de lhe responder, Trenhern lhe perguntou se algum dos botes estava ali quando haviam abordado o navio antes, e ante a resposta negativa, caiu outra vez em seu silencioso retraimento.

Um momento depois, atrevi-me a lhe chamar a atenção sobre o que havia dito Williams a respeito de retornar ao iate antes do anoitecer. Então, assentiu vagamente com um movimento de cabeça e caminhou para o lado, seguido por Williams e por mim. Um minuto depois estávamos no bote e entrávamos em mar aberto.

Durante a noite, não havendo lugar seguro para ancorar, o iate manteve ao largo, sendo a intenção de Trenhen desembarcar na Ilhota Middle e procurar algum rastro da tripulação perdida do *Happy Return*. Se isso não desse resultados, ia levar a cabo uma grande exploração na Ilha Nightingale e na Ilhota Stoltenkoff antes de abandonar toda esperança.

Começou a executar a primeira parte do plano assim que amanheceu porque sua impaciência era muito intensa para esperar mais.

Entretanto, antes que desembarcássemos na Ilhota, pediu a Williams que levasse o bote à enseada. Tinha a crença, e de certa forma isso me afligia, que poderia descobrir que a tripulação e sua amada haviam retornado ao navio. Sugeriu-me — procurando sem cessar em meu rosto a mútua esperança —

que talvez estivessem ausentes no dia anterior, devido a alguma expedição à ilha em busca de vegetais comestíveis. E eu (recordando a data no calendário) pude olhá-lo com simpatia. Embora não pudesse desacreditar tudo isso, não podia também dar muito crédito à sua esperança.

Penetramos pela passagem ao grande poço entre os escarpados. O navio, quando nos aproximamos dele, via-se pálido e irreal na luz cinzenta do amanhecer envolta em névoa; entretanto, notamo-lo apenas porque a excitação e a esperança evidentes de Trenhern estavam se tornando contagiosas. Foi ele que abriu caminho para a penumbra da câmara. Uma vez ali, Williams e eu vacilamos com certo temor natural, enquanto Trenhern cruzou a porta do quarto de sua amada. Ergueu a mão e bateu, e na quietude subsequente, ouvi como pulsava nítido e veloz meu coração. Não houve resposta e Trenhern voltou a bater com os nódulos sobre os painéis; os golpes ressoaram ocos através da câmara e das cabines vazias. O suspense da espera quase me enlouqueceu. Depois Trenhern tomou bruscamente o trinco, fez girar e abriu a porta. Ouvi-o emitir uma espécie de grunhido. A cabine estava vazia.

Um instante depois, lançou um grito e reapareceu na câmara sustentando o mesmo calendário pequeno. Correu para mim e colocou-o em minhas mãos com um grito desarticulado. Olhei-o. Quando Trenhern o havia mostrado para mim no dia anterior, indicava a data do dia 27. Agora havia sido alterado para o dia 28.

— O que significa isto, Henshaw? O que significa? — perguntou ansioso.

Sacudi a cabeça.

— Será que você não o trocou ontem... por acidente?

— De modo algum! — disse.

— De que estão brincando? — prosseguiu —. Isto não tem sentido... — fez uma pausa, depois repetiu — O que significa isto?

— Só Deus sabe — murmurei —. Estou perplexo.

— Quer dizer que alguém esteve aqui ontem? — perguntou Williams a esta altura.

Assenti.

— Por Deus, então, senhor! — disse —. São fantasmas!

— Refreie sua língua, Williams! — gritou meu amigo, voltando-se grosseiramente para ele.

Williams não disse nada, mas caminhou para a porta.

— Onde vai? — perguntei.

— Sair daqui, senhor — respondeu —. Nesta viagem não assinei nenhum papel para tratar com espíritos! — e subiu com passo inseguro a escada de entrada.

Trenhern não parecia ter percebido as últimas observações porque, quando voltou a falar, parecia estar com outras ideias.

— Olhe — disse —. Não estão vivendo a bordo, é evidente. Têm algum motivo para manter-se afastados. Estão se escondendo em algum lugar... talvez em uma caverna.

— Mas e o calendário, então? Acha que...?

— Sim, me ocorre que devem vir a bordo à noite. Deve haver algo que os mantenha afastados durante o dia. Possivelmente um animal selvagem ou algo assim que poderia vê-los.

Sacudi a cabeça. Era muito improvável. Se havia algo que podia alcançá-los a bordo do navio, estando rodeado pelo mar como estava, no fundo de um grande poço entre os escarpados, então, me pareceu que não estariam seguros em nenhum lugar; além disso, podiam ficar ocultos sob o convés durante o dia e eu não podia conceber nada que pudesse alcançá-los ali. Surgiu em minha mente uma multidão de objeções adicionais. E além disso, sabia perfeitamente que não havia animais selvagens de nenhum tipo nas Ilhas. Não! Era óbvio que não se podia explicar desse modo. E, entretanto... havia a mudança inexplicável do calendário. Minha cadeia de raciocínio terminava em uma névoa. Parecia inútil aplicar qualquer tipo de sentido comum ao problema e me volvei uma vez mais para Trenhern.

— Bom — disse —, não há nada aqui e, depois de tudo, pode haver algo de certo no que afirma, embora eu duvide que se possa encontrar a ponta do novelo.

Abandonamos a cabine e voltamos para a coberta. Logo fomos à proa e olhamos no castelo de proa, mas, tal como esperava, não encontramos nada. Depois disso, nos afastamos com o bote, e decidimos examinar a Ilhota Middle. Tivemos que remar para sair da enseada e contornar ligeiramente a costa até encontrar um lugar adequado para desembarcar.

Assim que desembarcamos, colocamos o bote em lugar seguro e dispomos a ordem da exploração. Williams e eu levaríamos, cada um, um par de homens para contornar a costa em direções opostas até que nos encon-

trássemos, examinando no caminho todas as cavernas que achássemos. Trenhern se dirigiria ao topo e escrutinaria a Ilhota dali.

Williams e eu cumprimos com nossa parte e nos encontramos perto do lugar onde havíamos levado o bote. Ele não tinha para relatar e eu tampouco. Não vimos os rastros de Trenhern, e pouco depois, como ele não aparecia, disse a Williams que ficasse junto ao bote enquanto eu subia a elevação para buscá-lo. Logo cheguei ao topo e descobri que eu estava à beira do enorme poço em que jazia o navio naufragado. Olhei ao meu redor e, para a esquerda, vi meu amigo estendido de bruços com a cabeça sobre a beira do abismo, evidentemente olhando para o navio.

— Trenhern — chamei com suavidade, para não alarmá-lo.

Ergueu a cabeça e olhou em minha direção, fez-me gestos e me apressei em chegar ao seu lado.

— Abaixo-se — disse em sussurro —. Quero que veja algo.

Quando me estendi junto a ele, observei-lhe o rosto, estava muito pálido. Depois avancei o meu por sobre a beirada e olhei a tenebrosa profundidade.

— Vê o que quero dizer? — perguntou, falando ainda em um sussurro.

— Não. Onde?

— Ali — apontou —. A estibordo do *Happy Return*.

Olhando na direção indicada, perto dos restos da nave, distingi vários objetos pálidos, de forma oval.

— Peixes — eu disse —. Que estranhos!

— Não! — replicou ele —. Rostos!

— O quê!

— Rostos!

Ajoelhei-me e olhei.

— Meu caro Trenhern, está deixando que este assunto o afete muito... Sabe que pode contar com toda minha simpatia. Mas...

— Olhe — disse —, estão se movendo, estão nos olhando! — falava em voz baixa, ignorando por completo meu protesto.

Estendi-me outra vez e olhei. Tal como havia dito, estavam se movendo e quando olhei me ocorreu uma ideia repentina. Pus-me em pé bruscamente.

— Já sei! — gritei excitado —. Se isso estiver certo, poderia explicar o abandono do navio. Pergunto-me por que não pensamos nisso antes!

— O quê? — perguntou com voz cansada e sem elevar a cabeça.

— Bem, em primeiro lugar, meu velho, esses não são rostos, como bem sabe, mas lhe direi o que são, provavelmente: os tentáculos de algum tipo de monstro marinho, um Kraken, ou um polvo... algo do tipo. É fácil imaginar uma criatura dessa classe habitando aí abaixo, e do mesmo modo posso compreender que, se sua amada e a tripulação do *Happy Return* estão vivos, se veem impelidos a apartá-lo o máximo possível do velho navio... não é mesmo?

Quando terminei de explicar minha solução do mistério, Trenhern estava em pé. A prudência tinha voltado para seus olhos e havia um rubor de excitação reprimida pela metade nas bochechas até então pálidas.

— Mas... mas... mas... e o calendário? — ofegou.

— Bom, podem atrever-se a subir a bordo à noite, ou em certo momento das marés, talvez por descobrirem que há pouco perigo. Certamente, não posso afirmá-lo, mas parece provável, e nada mais natural que manter um registro dos dias, ou simplesmente o avançaram, sem pensar, de passagem. Poderia até mesmo se tratar de sua bem-amada contando os dias, desde que se separou de você.

Voltei-me e espiei outra vez por sobre a beira do escarpado; as formas flutuantes tinham desaparecido. Então, Trenhem me tocou o braço.

— Vamos, Henshaw, vamos. Retornaremos ao iate e traremos armas. Vou matar esse monstro se ele aparecer.

Uma hora mais tarde estávamos de volta com dois dos botes do iate e seus tripulantes, todos armados com facões, arpões, pistolas e tochas. Trenhem e eu tínhamos escolhido revólveres pesados.

Os botes se aproximaram e ordenou-se aos homens que abordassem o navio naufragado, e ali, contando com suficiente comida, passaram o resto do dia, vigiando com atenção em busca de sinais de algo.

Entretanto, quando se aproximou a noite, manifestaram uma considerável inquietação. Por último, enviaram o velho baleeiro à popa para dizer a Trenhern que não ficariam a bordo do *Happy Return* após o cair da noite: obedeceriam qualquer ordem que lhes dessem no iate, mas não haviam sido contratados para permanecer a bordo de um navio comandado por fantasmas.

Ao ouvir Williams, meu amigo lhe disse que levasse seus homens ao iate, mas que retornasse em um dos botes com coisas para dormir, já que ele e eu passaríamos a noite a bordo do casco. Esta era a primeira vez que eu ouvia

sobre o assunto, mas quando o repreendi, disse-me que tinha plena liberdade para voltar para o iate. Por sua parte, decidira ficar e ver se vinha alguém.

Como é natural, depois disso, tive que ficar. Logo retornaram com roupa de cama e colchões, e após receber ordens de meu amigo para que viessem nos procurar ao romper do dia, deixaram-nos a sós para passar a noite.

Descemos as coisas e as acomodamos sobre a mesa da câmara; depois subimos e passeamos pela coberta de popa, fumando, falando seriamente, e escutando, mas nada chegava a nossos ouvidos, a não ser a voz grave do mar mais à frente do cinturão de algas.

Levávamos os revólveres porque sabíamos que poderíamos necessitá-los. Entretanto, o tempo foi passando sem incidentes, exceto uma ocasião em que Trenhem deixou cair pesadamente a culatra da arma sobre a coberta. Justamente então, desde todos os escarpados que nos rodeavam, ricocheteou um estalo grave, oco. Era como o grunhido de uma besta enorme. Logo a escuridão se fez total no fundo daquele poço tremendo. Pelo que pude perceber, uma névoa descera sobre a Ilhota e formara uma espécie de tampa enorme sobre o poço. Quando descemos era quase meia-noite. Acredito que, àquela hora, até Trenhern havia notado que ter ficado ali era um pouco imprudente. Se fôssemos atacados, ao menos lá embaixo poderíamos resistir melhor. Em certo sentido, o temor incerto que eu sentia não era induzido pela ideia do grande monstro que acreditava ter visto perto do navio durante o dia, mas sim por algo inominável no ar mesmo, como se a atmosfera do lugar fosse um meio condutor do terror. Entretanto, ao me acalmar com esforço, atribuí tal impressão aos meus nervos em tensão, de tal modo que, tendo Trenhem se oferecido para fazer a primeira guarda, adormeci na mesa da cabine, deixando-o sentado junto a mim com o revólver sobre os joelhos.

Então, enquanto dormia, tive um sonho de uma nitidez tão extraordinária que me parecia estar acordado. Sonhei que, de repente, Trenhern escoiceava e ficava em pé de um salto. No mesmo instante, ouvi uma voz suave que chamava: “Tren! Tren!”. Vinha da porta da câmara e, em meu sonho, dava-me volta e via um rosto muito belo, com olhos enormes, admiráveis. “Um anjo!”, sussurrei comigo mesmo. Então, soube que me equivocara e que era o rosto da namorada de Trenhern. Tinha-a visto só uma vez, antes que embarcasse. Meus olhos foram dela para Trenhern. Havia deixado o revólver sobre a mesa e agora ela estendia os braços para ele. Ouvi-a murmurar “Venha!”, e depois Trenhern estava ao seu lado. Os braços da moça o envolveram e depois, juntos, atravessaram a soleira. Ouvi os pés dele sobre a

escada e depois disso meu sonho se converteu em um descanso vazio, sem sonhos.

Despertou-me um grito terrível, tão espantoso que me pareceu despertar mais à morte que à vida. Durante um minuto estive sentado entre meus cobertores, imobilizado pelo gelo do medo, mas não ouvi nenhum outro som, e meu sangue voltou a correr pelas veias e estendi a mão em busca do revólver. Aferrei-o, afastei as mantas e saltei ao piso. A cabine estava alagada por uma tênue luz cinzenta que se filtrava pela claraboia acima. Era apenas suficiente para me mostrar que Trenhem não estava presente e que o revólver estava sobre a mesa, no lugar onde o havia deixado em meu sonho.

Então, chamei-o vivamente, mas a única resposta que obtive foi o eco vazio e fantasmal das cabines circundantes. Depois corri para a porta e escada acima, até a coberta. Ali, na brumosa luz do amanhecer, olhei ao longo do convés, mas não vi Trenhern por nenhum lado. Elevei a voz e gritei. Os escarpados turvos, circulares, apanharam o nome e o fizeram ressonar mil vezes, até parecer que, da penumbra dos arredores, uma multidão de demônios gritava “Trenhern! Trenhen! Trenhern! Trenhern!”. Corri a bombordo e olhei por sobre a amurada: Nada! Voei a estibordo, meus olhos captaram algo: vários objetos que flutuavam a pouca distância da superfície. Olhei com atenção e o coração pareceu parar de repente no meu peito. Estava contemplando uma vintena de rostos pálidos, sobrenaturais, que me devolviam o olhar com olhos tristes. Pareciam oscilar e tremer na água, porém, não havia movimentos. Devo ter ficado assim durante alguns minutos porque, bruscamente, ouvi um som de remos quando, então, ao redor da popa, deslizou o bote do iate.

— Para a proa, vamos — ouvi gritar Williams —. Aqui estamos, senhor!

O bote roçou o flanco.

— Como vão... — começou Williams, mas me pareceu ter visto algo que se aproximava do convés, lancei um grito e saltei para o bote. Aterrissei sobre um dos bancos.

— Afastem-se! — gritei e tomei um dos remos para ajudar.

— E o Sr. Trenhern, senhor? — interpôs Williams.

— Está morto! — gritei —. Afastem-se, afastem-se!

E os homens, contagiados por meu medo, remaram até que, em poucos instantes, estávamos a vinte metros do navio. Ali houve uma pausa.

— Leve-o mar afora, Williams! — gritei, frenético pela coisa com a qual havia me deparado —. Leve-o mar fora!

E ante estas palavras, Williams dirigiu o bote por volta da passagem que se comunicava com o mar. Isto nos fez chegar perto da popa do navio naufragado e enquanto passávamos por baixo, elevei a cabeça para a massa pendente. Quando o fiz, um rosto difuso, belo, apareceu sobre o arremate da proa e me olhou com grandes olhos tristes. Estendeu os braços para mim e gritei freneticamente, porque as mãos eram como as garras de um animal selvagem.

Enquanto eu fazia isso, a voz de Williams me chegou com um bramido rouco de puro terror. Gritava aos tripulantes:

— Remem! Remem! Remem!



VÊNUS EM PELES

LEOPOLD VON SACHER-MASOCH



O TEXTO: A novela autobiográfica *Vênus em Peles* pode ser considerada a fundação sobre a qual se erigiu o constructo de masoquismo. Masoch escreve, com riqueza de detalhes, um diário de seu conturbado relacionamento com a baronesa Fanny Pistor, que inclui contratos de submissão, látigos, peles e crueldade, culminando em uma fatídica viagem à Itália.

Edições de referência: Sacher-Masoch, L. *Das Vermächtnis Kains*. Stuttgart: Cotta'schen Buchhandlung, 1870, e *Vênus em Peles*. Coleção Atemporais, nº 1. Trad. de Miguel Sulis. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.

O AUTOR: Leopold von Sacher-Masoch (1836 - 1895) nasceu na atual Lviv, Ucrânia, tendo começado a estudar alemão aos 12 anos. Jornalista e folclorista, interessava-se em descrever personagens pitorescos das várias etnias do reino da Galícia e Lodomeria. Idealizou *O legado de Caim*, uma série de contos e novelas que nunca chegou a ser completada. Dos volumes publicados, *Vênus em Peles* (1869) é a novela mais conhecida.

O TRADUTOR: Miguel Sulis é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu, do grego, *Epigramas*, de Rufinos, *Poemas Inacabados*, de Kaváfis, *Ismene*, de Giánnis Ritsos, e do persa, *outro nascimento*, de Forugh Farrokhzad.

Contato: mikhsulis@gmail.com

VENUS IM PELZ

„Die Hehre hatte ihren Marmorleib in einen großen Pelz gewickelt und sich zitternd wie eine Katze zusammengerollt.“

SACHER-MASOCH

»Gott hat ihn gestraft und hat ihn in eines Weibes Hände gegeben.«

Buch Judith 16. Kap. 7.

Ich hatte lebenswürdige Gesellschaft.

Mir gegenüber an dem massiven Renaissancekamin saß Venus, aber nicht etwa eine Dame der Halbwelt, die unter diesem Namen Krieg führte gegen das feindliche Geschlecht, gleich Mademoiselle Cleopatra, sondern die wahrhafte Liebesgöttin.

Sie saß im Fauteuil und hatte ein prasselndes Feuer angefacht, dessen Widerschein in roten Flammen ihr bleiches Antlitz mit den weißen Augen leckte und von Zeit zu Zeit ihre Füße, wenn sie dieselben zu wärmen suchte.

Ihr Kopf war wunderbar trotz der toten Steinaugen, aber das war auch alles, was ich von ihr sah. Die Hehre hatte ihren Marmorleib in einen großen Pelz gewickelt und sich zitternd wie eine Katze zusammengerollt.

»Ich begreife nicht, gnädige Frau«, rief ich, »es ist doch wahrhaftig nicht mehr kalt, wir haben seit zwei Wochen das herrlichste Frühjahr. Sie sind offenbar nervös.«

»Ich danke für euer Frühjahr«, sprach sie mit tiefer steinerne Stimme und nieste gleich darnach himmlisch, und zwar zweimal rasch nacheinander; »da kann ich es wahrhaftig nicht aushalten, und ich fange an zu verstehen –«

»Was, meine Gnädige?«

»Ich fange an das Unglaubliche zu glauben, das Unbegreifliche zu begreifen. Ich verstehe auf einmal die germanische Frauentugend und die deutsche Philosophie, und ich erstaune auch nicht mehr, daß ihr im Norden nicht lieben könnt, ja nicht einmal eine Ahnung davon habt, was Liebe ist.«

»Erlauben Sie, Madame«, erwiderte ich aufbrausend, »ich habe Ihnen wahrhaftig keine Ursache gegeben.«

»Nun, Sie —« die Göttliche nieste zum dritten Male und zuckte mit unnachahmlicher Grazie die Achseln, »dafür bin ich auch immer gnädig gegen Sie gewesen und besuche Sie sogar von Zeit zu Zeit, obwohl ich mich jedesmal trotz meines vielen Pelzwerks rasch erkälte. Erinnern Sie sich noch, wie wir uns das erstemal trafen?«

»Wie könnte ich es vergessen«, sagte ich, »Sie hatten damals reiche braune Locken und braune Augen und einen roten Mund, aber ich erkannte Sie doch sogleich an dem Schnitt Ihres Gesichtes und an dieser Marmorblässe — Sie trugen stets eine veilchenblaue Samtjacke mit Fehpelz besetzt.«

»Ja, Sie waren ganz verliebt in diese Toilette, und wie gelehrt Sie waren.«

»Sie haben mich gelehrt, was Liebe ist, Ihr heiterer Gottesdienst ließ mich zwei Jahrtausende vergessen.«

»Und wie beispiellos treu ich Ihnen war!«

»Nun, was die Treue betrifft —«

»Undankbarer!«

»Ich will Ihnen keine Vorwürfe machen. Sie sind zwar ein göttliches Weib, aber doch ein Weib, und in der Liebe grausam wie jedes Weib.«

»Sie nennen grausam«, entgegnete die Liebesgöttin lebhaft, »was eben das Element der Sinnlichkeit, der heiteren Liebe, die Natur des Weibes ist, sich hinzugeben, wo es liebt, und alles zu lieben, was ihm gefällt.«

»Gibt es für den Liebenden etwa eine größere Grausamkeit als die Treulosigkeit der Geliebten?«

»Ach!« — entgegnete sie — »wir sind treu, so lange wir lieben, ihr aber verlangt vom Weibe Treue ohne Liebe, und Hingebung ohne Genuß, wer ist da grausam, das Weib oder der Mann? — Ihr nehmt im Norden die Liebe überhaupt zu wichtig und zu ernst. Ihr sprecht von Pflichten, wo nur vom Vergnügen die Rede sein sollte.«

»Ja, Madame, wir haben dafür auch sehr achtbare und tugendhafte Gefühle und dauerhafte Verhältnisse.«

»Und doch diese ewig rege, ewig ungesättigte Sehnsucht nach dem nackten Heidentum«, fiel Madame ein, »aber jene Liebe, welche die höchste Freude, die göttliche Heiterkeit selbst ist, taugt nicht für euch Modernen, euch Kinder der Reflexion. Sie bringt euch Unheil. Sobald ihr natürlich sein wollt, werdet ihr gemein. Euch erscheint die Natur als etwas Feindseliges, ihr habt aus uns lachenden Göttern Griechenlands Dämonen, aus mir eine Teufelin gemacht. Ihr könnt mich nur bannen und verfluchen oder euch selbst in bacchantischem Wahnsinn vor meinem Altar als Opfer schlachten, und hat einmal einer von euch den Mut gehabt, meinen roten Mund zu küssen, so pilgert er dafür barfuß im Büßerhemd nach Rom und erwartet Blüten von dem dürrn Stock, während unter meinem Fuße zu jeder Stunde Rosen, Veilchen und Myrten emporschießen, aber euch bekömmst ihr Duft nicht; bleibt nur in eurem nordischen Nebel und christlichem Weihrauch; laßt uns Heiden unter dem Schutt, unter der Lava ruhen, grabt uns nicht aus, für euch wurde Pompeji, für euch wurden unsere Villen, unsere Bäder, unsere Tempel nicht gebaut. Ihr braucht keine Götter! Uns friert in eurer Welt!« Die schöne Marmordame hustete und zog die dunkeln Zobelfelle um ihre Schultern noch fester zusammen.

»Wir danken für die klassische Lektion«, erwiderte ich, »aber Sie können doch nicht leugnen, daß Mann und Weib in Ihrer heiteren sonnigen Welt ebensogut wie in unserer nebligen, von Natur Feinde sind, daß die Liebe für die kurze Zeit zu einem einzigen Wesen vereint, das nur eines Gedankens, einer Empfindung, eines Willens fähig ist, um sie dann noch mehr zu entzweien, und — nun Sie wissen es besser als ich — wer dann nicht zu unterjochen versteht, wird nur zu rasch den Fuß des anderen auf seinem Nacken fühlen —«

»Und zwar in der Regel der Mann den Fuß des Weibes«, rief Frau Venus mit übermütigem Hohne, »was Sie wieder besser wissen als ich.«

»Gewiß, und eben deshalb mache ich mir keine Illusionen.«

»Das heißt, Sie sind jetzt mein Sklave ohne Illusionen, und ich werde Sie dafür auch ohne Erbarmen treten.«

»Madame!«

»Kennen Sie mich noch nicht, ja, ich bin grausam — weil Sie denn schon an dem Worte so viel Vergnügen finden — und habe ich nicht recht, es zu sein? Der Mann ist der Begehrende, das Weib das Begehrte, dies ist des Weibes ganzer, aber entscheidender Vorteil, die Natur hat ihm den Mann

durch seine Leidenschaft preisgegeben, und das Weib, das aus ihm nicht seinen Untertan, seinen Sklaven, ja sein Spielzeug zu machen und ihn zuletzt lachend zu verraten versteht, ist nicht klug.«

»Ihre Grundsätze, meine Gnädige«, warf ich entrüstet ein.

»Beruhen auf tausendjähriger Erfahrung«, entgegnete Madame spöttisch, während ihre weißen Finger in dem dunkeln Pelz spielten, »je hingebender das Weib sich zeigt, um so schneller wird der Mann nüchtern und herrisch werden; je grausamer und treuloser es aber ist, je mehr es ihn mißhandelt, je frevelhafter es mit ihm spielt, je weniger Erbarmen es zeigt, um so mehr wird es die Wollust des Mannes erregen, von ihm geliebt, angebetet werden. So war es zu allen Zeiten, seit Helena und Delila, bis zur zweiten Katharina und Lola Montez herauf.«

»Ich kann es nicht leugnen«, sagte ich, »es gibt für den Mann nichts, das ihn mehr reizen könnte, als das Bild einer schönen, wollüstigen und grausamen Despotin, welche ihre Günstlinge übermütig und rücksichtslos nach Laune wechselt —«

»Und noch dazu einen Pelz trägt«, rief die Göttin.

»Wie kommen Sie darauf?«

»Ich kenne ja Ihre Vorliebe.«

»Aber wissen Sie«, fiel ich ein, »daß Sie, seitdem wir uns nicht gesehen haben, sehr kokett geworden sind.«

»Inwiefern, wenn ich bitten darf?«

»Insofern es keine herrlichere Folie für Ihren weißen Leib geben könnte, als diese dunklen Felle und es Ihnen —«

Die Göttin lachte.

»Sie träumen«, rief sie, »wachen Sie auf!« und sie faßte mich mit ihrer Marmorhand beim Arme, »wachen Sie doch auf!« dröhnte ihre Stimme nochmals im tiefsten Brustton. Ich schlug mühsam die Augen auf.

Ich sah die Hand, die mich rüttelte, aber diese Hand war auf einmal braun wie Bronze, und die Stimme war die schwere Schnapsstimme meines Kosaken, der in seiner vollen Größe von nahe sechs Fuß vor mir stand.

»Stehen Sie doch auf«, fuhr der Wackere fort, »es ist eine wahrhafte Schande.«

»Und weshalb eine Schande?«

»Eine Schande in Kleidern einzuschlafen und noch dazu bei einem Buche«, er putzte die heruntergebrannten Kerzen und hob den Band auf, der

meiner Hand entsunken war, »bei einem Buche von — er schlug den Deckel auf, von Hegel — dabei ist es die höchste Zeit zu Herrn Severin zu fahren, der uns zum Tee erwartet.«

»Ein Seltsamer Traum«, sprach Severin, als ich zu Ende war, stützte die Arme auf die Knie, das Gesicht in die feinen zartgeäderten Hände und versank in Nachdenken.

Ich wußte, daß er sich nun lange Zeit nicht regen, ja kaum atmen würde, und so war es in der Tat, für mich hatte indes sein Benehmen nichts Auffallendes, denn ich verkehrte seit beinahe drei Jahren in guter Freundschaft mit ihm und hatte mich an alle seine Sonderbarkeiten gewöhnt. Denn sonderbar war er, das ließ sich nicht leugnen, wenn auch lange nicht der gefährliche Narr, für den ihn nicht allein seine Nachbarschaft, sondern der ganze Kreis von Kolomea hielt. Mir war sein Wesen nicht bloß interessant, sondern — und deshalb passierte ich auch bei vielen als ein wenig vernarrt — in hohem Grade sympathisch.

Er zeigte für einen galizischen Edelmann und Gutsbesitzer wie für sein Alter — er war kaum über dreißig — eine auffallende Nüchternheit des Wesens, einen gewissen Ernst, ja sogar Pedanterie. Er lebte nach einem minutiös ausgeführten, halb philosophischen, halb praktischen Systeme, gleichsam nach der Uhr, und nicht das allein, zu gleicher Zeit nach dem Thermometer, Barometer, Aerometer, Hydrometer, Hippokrates, Hufeland, Plato, Kant, Knigge und Lord Chesterfield; dabei bekam er aber zu Zeiten heftige Anfälle von Leidenschaftlichkeit, wo er Miene machte, mit dem Kopfe durch die Wand zu gehen, und ihm ein jeder gerne aus dem Wege ging.

Während er also stumm blieb, sang dafür das Feuer im Kamin, sang der große ehrwürdige Samowar, und der Ahnherrnstuhl, in dem ich, mich schaukelnd, meine Zigarre rauchte, und das Heimchen im alten Gemäuer sang auch, und ich ließ meinen Blick über das absonderliche Geräte, die Tiergerippe, ausgestopften Vögel, Globen, Gipsabgüsse schweifen, welche in seinem Zimmer angehäuft waren, bis er zufällig auf einem Bilde haften blieb, das ich oft genug gesehen hatte, das mir aber gerade heute im roten Widerschein des Kaminfeuers einen unbeschreiblichen Eindruck machte.

Es war ein großes Ölgemälde in der kräftigen farbensatten Manier der belgischen Schule gemalt, sein Gegenstand seltsam genug.

Ein schönes Weib, ein sonniges Lachen auf dem feinen Antlitz, mit reichem, in einen antiken Knoten geschlungenem Haare, auf dem der weiße

Puder wie leichter Reif lag, ruhte, auf den linken Arm gestützt, nackt in einem dunkeln Pelz auf einer Ottomane; ihre rechte Hand spielte mit einer Peitsche, während ihr bloßer Fuß sich nachlässig auf den Mann stützte, der vor ihr lag wie ein Sklave, wie ein Hund, und dieser Mann, mit den scharfen, aber wohlgebildeten Zügen, auf denen brütende Schwermut und hingebende Leidenschaft lag, welcher mit dem schwärmerischen brennenden Auge eines Märtyrers zu ihr emporsah, dieser Mann, der den Schemel ihrer Füße bildete, war Severin, aber ohne Bart, wie es schien um zehn Jahre jünger.

»Venus im Pelz!« rief ich, auf das Bild deutend, »so habe ich sie im Traume gesehen.« — »Ich auch«, sagte Severin, »nur habe ich meinen Traum mit offenen Augen geträumt.«

»Wie?«

»Ach! das ist eine dumme Geschichte.«

»Dein Bild hat offenbar Anlaß zu meinem Traum gegeben«, fuhr ich fort, »aber sage mir endlich einmal, was damit ist, daß es eine Rolle gespielt hat in deinem Leben, und vielleicht eine sehr entscheidende, kann ich mir denken, aber das weitere erwarte ich von dir.«

»Sieh dir einmal das Gegenstück an«, entgegnete mein seltsamer Freund, ohne auf meine Frage einzugehen.

Das Gegenstück bildete eine treffliche Kopie der bekannten »Venus mit dem Spiegel« von Titian in der Dresdener Galerie.

»Nun, was willst du damit?«

Severin stand auf und wies mit dem Finger auf den Pelz, mit dem Titian seine Liebesgöttin bekleidet hat.

»Auch hier ›Venus im Pelz‹«, sprach er fein lächelnd, »ich glaube nicht, daß der alte Venetianer damit eine Absicht verbunden hat. Er hat einfach das Porträt irgendeiner vornehmen Messaline gemacht und die Artigkeit gehabt, ihr den Spiegel, in welchem sie ihre majestätischen Reize mit kaltem Behagen prüft, durch Amor halten zu lassen, dem die Arbeit sauer genug zu werden scheint. Das Bild ist eine gemalte Schmeichelei. Später hat irgendein ›Kenner‹ der Rokokozeit die Dame auf den Namen Venus getauft, und der Pelz der Despotin, in den sich Titians schönes Modell wohl mehr aus Furcht vor dem Schnupfen als Keuschheit gehüllt hat, ist zu einem Symbol der Tyrannei und Grausamkeit geworden, welche im Weibe und seiner Schönheit liegt.

Aber genug, so wie das Bild jetzt ist, erscheint es uns als die pikanteste Satire auf unsere Liebe. Venus, die im abstrakten Norden, in der eisigen

christlichen Welt in einen großen schweren Pelz schlüpfen muß, um sich nicht zu erkälten. —«

Severin lachte und zündete eine neue Zigarette an.

Eben ging die Türe auf und eine hübsche volle Blondine mit klugen freundlichen Augen, in einer schwarzen Seidenrobe, kam herein und brachte uns kaltes Fleisch und Eier zum Tee. Severin nahm eines der letzteren und schlug es mit dem Messer auf. »Habe ich dir nicht gesagt, daß ich sie weich gekocht haben will?« rief er mit einer Heftigkeit, welche die junge Frau zittern machte.

»Aber lieber Sewtschu —« sprach sie ängstlich.

»Was Sewtschu«, schrie er, »gehorschen sollst du, gehorschen, verstehst du«, und er riß den Kantschuk, welcher neben seinen Waffen hing, vom Nagel.

Die hübsche Frau floh wie ein Reh rasch und furchtsam aus dem Gemache.

»Warte nur, ich erwische dich noch«, rief er ihr nach.

»Aber Severin«, sagte ich, meine Hand auf seinen Arm legend, »wie kannst du die hübsche kleine Frau so traktieren!«

»Sieh dir das Weib nur an«, erwiderte er, indem er humoristisch mit den Augen zwinkerte, »hätte ich ihr geschmeichelt, so hätte sie mir die Schlinge um den Hals geworfen, so aber, weil ich sie mit dem Kantschuk erziehe, betet sie mich an.«

»Geh' mir!«

»Geh' du mir, so muß man die Weiber dressieren.«

»Leb' meinetwegen wie ein Pascha in deinem Harem, aber stelle mir nicht Theorien auf —«

»Warum nicht«, rief er lebhaft, »nirgends paßt Goethes ›Du mußt Hammer oder Amboß sein‹ so vortrefflich hin wie auf das Verhältnis von Mann und Weib, das hat dir beiläufig Frau Venus im Traume auch eingeräumt. In der Leidenschaft des Mannes ruht die Macht des Weibes, und es versteht sie zu benutzen, wenn der Mann sich nicht vorsieht. Er hat nur die Wahl, der Tyrann oder der Sklave des Weibes zu sein. Wie er sich hingibt, hat er auch schon den Kopf im Joche und wird die Peitsche fühlen.«

»Seltsame Maximen!«

»Keine Maximen, sondern Erfahrungen«, entgegnete er mit dem Kopfe nickend, »ich bin im Ernste gepeitscht worden, ich bin kuriert, willst du lesen wie?«

Er erhob sich und holte aus seinem massiven Schreibtisch eine kleine Handschrift, welche er vor mir auf den Tisch legte.

»Du hast früher nach jenem Bilde gefragt. Ich bin dir schon lange eine Erklärung schuldig. Da — lies!«

Severin setzte sich zum Kamin, den Rücken gegen mich, und schien mit offenen Augen zu träumen. Wieder war es still geworden, und wieder sang das Feuer im Kamin, und der Samowar und das Heimchen im alten Gemäuer und ich schlug die Handschrift auf und las:

»Bekenntnisse eines Übersinnlichen«, an dem Rande des Manuskriptes standen als Motiv die bekannten Verse aus dem Faust variiert:

»Du übersinnlicher sinnlicher Freier,
Ein Weib nasführet dich!«
Mephistopheles.

Ich schlug das Titelblatt um und las: »Das Folgende habe ich aus meinem damaligen Tagebuche zusammengestellt, weil man seine Vergangenheit nie unbefangen darstellen kann, so aber hat alles seine frischen Farben, die Farben der Gegenwart.«



VÊNUS EM PELES

“A solenidade envolvera-lhe o corpo de mármore em longas peles, cobrindo-a como uma gata trêmula.”

SACHER-MASOCH

“Deus o castigou e abandonou-o às mãos de uma mulher.”

Livro de Judith, 16:7.

E stava em amável companhia. Frente a mim, ante uma maciça lareira da Renascença estava Vênus, não uma dama do *demi-monde*¹, que, como *mademoiselle* Cleópatra², sob esse nome fazia guerra ao sexo inimigo, mas a verdadeira deusa do amor.

Ela se sentava em um *fauteuil*³ e havia atizado um fogo crepitante, cujo reflexo em rubras chamas acariciava-lhe o pálido rosto com os olhos brancos e de tempo em tempo seus pés, quando ela procurava aquecê-los.

Sua cabeça era admirável, apesar dos pétreos olhos mortos, mas isso era tudo o que eu podia ver. A solenidade envolvera-lhe o corpo de mármore em longas peles, cobrindo-a como uma gata trêmula.

“Não compreendo, cara senhora”, disse, “na realidade não faz mais frio, há duas semanas temos a mais encantadora primavera. Por certo, estás nervosa.”

¹ [fr.] Meio-mundo: ambiente social promíscuo. (n.t.)

² Última rainha grega do Egito, antes da conquista romana. (n.t.)

³ [fr.] Poltrona. (n.t.)

“Agradeço pela vossa primavera”, disse ela com uma profunda voz pétrea, e depois espirrou de forma celestial, duas vezes em seguida; “não posso realmente aguentar e começo a compreender —”

“O que, minha cara?”

“Começo a crer no incrível, a compreender o incompreensível. Compreendo de repente a virtude das mulheres germânicas e a filosofia alemã, e não me surpreendo mais que vós, no norte, não conseguiríeis amar, não tendes nem mesmo uma noção do que é o amor.”

“Permite-me, madame”, repliquei furioso, “eu não te dei nenhum motivo.”

“Ora, tu —” a divina criatura espirrou pela terceira vez e levantou os ombros com uma graça inimitável, “por isso sempre fui graciosa contigo e até mesmo te visito de tempo em tempo, embora sempre me resfrie, apesar de todas as minhas peles. Ainda te lembras de como nos encontramos pela primeira vez?”

“Como eu poderia esquecer”, disse, “tinhas, então, ricos cachos castanhos e olhos castanhos e uma boca rubra, mas eu logo te reconhecia pelo corte de tua face e por essa palidez do mármore — Vestias sempre uma jaqueta de veludo azul violeta adornada com pele de esquilo.”

“Sim, estavas completamente enamorado dessa *toilette*, e como eras dócil.”

“Tu me ensinaste o que é o amor, teu lascivo culto divino deixou-me esquecer dois milênios.”

“E como te guardei fidelidade inaudita!”

“Ora, no que tange à fidelidade —”

“Ingrato!”

“Não quero te fazer nenhuma acusação. És de fato uma mulher divina, mas mesmo assim uma mulher, e cruel no amor como todas as mulheres.”

“Tu chamas de cruel”, respondeu animada a deusa do amor, “o que é o elemento da sensualidade, do amor lascivo, a própria natureza da mulher, entregar-se, quando ama, e amar tudo o que lhe apraz.”

“Há uma crueldade maior para o que ama do que a infidelidade do ser amado?”

“Ah!” — contestou — “somos fiéis enquanto amamos, tu, porém, exiges da mulher fidelidade sem amor, e entrega sem prazer, quem é cruel nesse caso, a mulher ou o homem? — Vós, no norte, concedeis ao amor impor-

tância demais, seriedade demais. Falais de deveres, quando o discurso deveria ser somente sobre prazer.”

“Sim, madame, por isso temos também sentimentos respeitáveis e virtuosos e relacionamentos duradouros.”

“E, no entanto, esse eternamente desperto, eternamente insaciado desejo pelo paganismo nu”, ocorreu-lhe, “mas o amor, que é a maior alegria, a própria pureza divina, não convém a vós modernos, filhos da reflexão. Ele vos traz infortúnio. Logo que quiserdes ser naturais, tornai-vos maldosos. A natureza vos aparece como algo hostil, fizestes de nós, espíritos risonhos dos deuses da Grécia, de mim, um demônio. Podeis me banir e amaldiçoar ou imolar a vós mesmos como vítimas em um delírio báquico frente ao meu altar, e se alguma vez um de vós tivesse a coragem de beijar minha boca rubra, peregrinaria a Roma descalço e envolto em um cilício e esperaria flores de seu árido cajado, enquanto sob meus pés surgem a cada instante rosas, violetas e mirtos, mas não recebeis o seu olor; ficais em meio a vossas névoas boreais e incenso cristão; deixai-nos, nós pagãos, repousar sob as ruínas, sob a lava, não nos desenterreis, Pompeia não foi para vós, nossas vilas, nossos banhos, nossos templos não foram construídos para vós. Não tendes necessidade de deuses! Sentimos frio em vosso mundo!” A bela dama de mármore tossiu e premeu ainda mais a escura pele de zibelina sobre seus ombros.

“Agradecemos pela lição clássica”, respondi, “mas não podes negar que tanto em vosso claro mundo ensolarado quanto no nosso nebuloso o homem e a mulher são inimigos por natureza, que o amor, por um certo tempo, une em um único ser, capaz de somente um pensamento, um sentimento, uma vontade, para então desuni-los ainda mais, e — isto sabes melhor do que eu — quem então não souber subjugar, logo sentirá o pé do outro em sua nuca —”

“Isto é, via de regra, o homem sob os pés da mulher”, disse dona Vênus com animado sarcasmo, “o que, por tua vez, sabes melhor do que eu.”

“Certamente, e por isso mesmo não me iludo.”

“Quer dizer que és agora meu escravo sem ilusões, e por isso eu te pisarei sem piedade.”

“Madame!”

“Ainda não me conheces, sim, sou cruel — já que encontras tanta satisfação na palavra — e por acaso não tenho o direito de ser? O homem é o que deseja, a mulher é desejada, esta é toda a vantagem da mulher, mas é decisiva, a natureza a entregou ao homem pela sua paixão, e a mulher que não

fizer dele seu súdito, seu escravo, seu brinquete, e que não o trai sorrindo, não é ajuizada.”

“Teus princípios, minha cara”, observei indignado.

“Apoiam-se em uma experiência milenar”, respondeu em tom irônico, enquanto seus dedos brancos brincavam na pele escura, “quanto mais a mulher se mostra entregue, mais rápido o homem se torna rígido e autoritário; porém, quanto mais cruel e infiel ela for, quanto mais o maltratar, quanto mais o injuriar, quanto menos piedade mostrar, mais excitará o prazer dele, mais será adorada e amada por ele. Sempre foi assim, desde Helena e Dalila, até Catarina segunda e Lola Montez⁴.”

“Não posso negar”, disse, “não há nada que possa excitar mais o homem do que a imagem de uma bela déspota, cruel e voluptuosa, que troca seus favoritos levemente e sem consideração, por capricho —”

“E que ademais vista peles”, acrescentou a deusa.

“Como te lembras disso?”

“Conheço bem tuas preferências.”

“Sabes, porém”, me ocorreu, “que desde que não nos vemos te tornaste muito coquete.”

“Até que ponto, se me permites perguntar?”

“A ponto de não poder haver um fundo mais magnífico para teu corpo branco do que essas peles escuras, e te —”

A deusa riu.

“Sonhas”, exclamou, “acorda!” E tomou-me pelo braço com sua mão de mármore. “Ah, acorda!”, ressoou outra vez sua voz no tom mais profundo do peito. Abri os olhos com dificuldade.

Eu vi a mão que me tocava, mas essa mão tornou-se de repente da cor do bronze, e a voz era a voz pesada de cachaça do meu cossaco, que estava frente a mim em toda sua altura de quase seis pés.

“Levanta”, prosseguiu o bom homem, “é uma verdadeira vergonha.”

“E por que uma vergonha?”

“Uma vergonha dormir vestido, e ainda mais ao lado de um livro”, ele apagou as velas quase consumidas e apanhou o volume, que me caíra das

⁴ Helena: esposa do rei de Esparta Menelau, foi levada por Páris a Troia dando um pretexto à guerra; Dalila: cortesã comprada pelos filisteus para se envolver com Sansão e descobrir o segredo de sua força; Catarina II: imperatriz alemã da Rússia [1729-1796]; Lola Montez: dançarina irlandesa, conhecida por sua dança da tarântula [1821-1861]. (n.t.)

mãos, “de um livro de — abriu a capa, de Hegel⁵ — além disso, está em cima da hora para ir à casa do senhor Severin, que nos espera para o chá.”

✱

“Estranho sonho”, disse Severin quando cheguei ao fim. Apoiou os braços sobre o joelho, a face nas finas mãos de veias delicadas, e mergulhou em reflexão.

Eu sabia que agora ele não se moveria por muito tempo, e mal respiraria, e era assim, de fato. Porém, para mim, seu comportamento nada tinha que chamasse a atenção, pois há quase três anos tenho com ele relações de boa amizade e me acostumei às suas excentricidades. Pois ele era excêntrico, não se podia negar, quando não o louco perigoso que não só toda sua vizinhança, mas sim todo o distrito de Kolomea⁶, acreditava que era. Para mim, sua essência não era apenas interessante, mas também — e por isso eu passava para alguns como um pouco louco — simpaticíssima.

Para um nobre da Galícia⁷, proprietário, bem como para sua idade — mal passara dos trinta —, demonstrava uma impressionante austeridade do ser, uma certa seriedade, até mesmo *pédanterie*. Vivia segundo um sistema, meio filosófico, meio prático, cumprido minuciosamente, bem como segundo o relógio, e não só isso, ao mesmo tempo segundo o termômetro, barômetro, aerômetro, hidrômetro, Hipócrates, Hufeland, Platão, Kant, Knigge e Lorde Chesterfield⁸; mas com isso tinha às vezes violentos acessos de ímpeto, quando se dispunha a atravessar a parede com a cabeça, e qualquer um sairia de bom grado do seu caminho.

Enquanto ele ficava calado, o fogo cantava na lareira, cantava o grande e venerável samovar, e a cadeira ancestral em que eu, balançando-me, fumava meu charuto, e o grilo nos velhos muros também cantava, e eu deixava meu olhar vagar sobre a extravagante decoração, esqueletos de animais, pássaros empalhados, globos, moldes de gesso, que estavam amontoados em seu quarto, até que meu olhar deteve-se por acaso sobre um quadro que eu já havia visto muitas vezes, mas que me causava hoje uma impressão indescritível na rubra claridade do fogo da lareira.

⁵ Filósofo alemão [1770-1831]. (n.t.)

⁶ [al.] Cidade e distrito no oeste da atual Ucrânia, entre Lviv e Chernivtsi; [pol.] Kolomyja, [ucr.] Kolomyia. (n.t.)

⁷ [pol.] Galícia: região histórica da Europa Oriental, estende-se do sul da Polónia ao oeste da Ucrânia. (n.t.)

⁸ Hipócrates: médico grego [ca. 460-377 a.C.]; Hufeland: médico alemão [1762-1836]; Platão: filósofo grego [ca. 428-348 a.C.]; Kant: filósofo alemão [1724-1804]; Knigge: ensaísta e romancista alemão [1752-1796]; Lorde Chesterfield: estadista inglês [1694-1773]. (n.t.)

Era uma grande pintura a óleo, feita no estilo vigoroso de cores fortes da escola belga, seu tema era curioso o bastante.

Uma bela mulher, um sorriso radiante sobre a delicada face, com ricos cabelos, enrolados em um *coque* clássico, sobre os quais o pó branco aparecia como uma leve geada, descansava, apoiada sobre o braço esquerdo, nua em uma pele escura sobre a *ottomane*⁹; sua mão direita brincava com um chicote, enquanto seu pé desnudo se apoiava descuidado sobre o homem que estava deitado frente a ela como um escravo, como um cão, e esse homem, de traços fortes, mas bem modelados, sobre os quais repousava uma profunda tristeza e paixão abandonada, que alçava a ela o olhar exaltado e ardente de um mártir, esse homem, que lhe representava o escabelo dos pés, era Severin, sem a barba, porém, sem a qual parecia uns dez anos mais jovem.

“Vênus em peles!” exclamei, indicando o quadro, “tal como a vi em sonho.” — “Eu também”, disse Severin, “só que o meu sonho eu sonhei com os olhos abertos.”

“Como?”

“Ah! é uma história desagradável.”

“Teu quadro certamente deu origem ao meu sonho”, continuei, “mas, diz-me, afinal, o que significa, que papel desempenhou em tua vida, quiçá um papel decisivo, eu posso imaginar, mas os detalhes aguardo de ti.”

“Observa bem o *pendant*”¹⁰, replicou meu estranho amigo sem atender minha pergunta.

O *pendant* conformava uma excelente cópia da conhecida “Vênus do espelho” de Ticiano, na galeria de Dresden¹¹.

“E então, o que queres dizer?”

Severin levantou-se e com o dedo apontou a pele, com a qual Ticiano vestiu sua deusa do amor.

“Também aqui uma ‘Vênus em peles’”, disse ele sorrindo sutilmente. “Não creio que o velho veneziano fez isso de propósito. Simplesmente fez o retrato de qualquer distinta messalina e teve a gentileza de deixar o espelho, no qual ela examina seus encantos majestosos com um prazer frio, ser sustentado pelo Amor¹², cuja tarefa parece bastante difícil. O quadro é uma lisonjaria pintada. Mais tarde um ‘conhecedor’ qualquer do rococó batizou a

⁹ [*fr.*] Divã turco, espécie de sofá baixo sem apoio para as costas. (n.t.)

¹⁰ [*fr.*] Cada um de dois objetos de arte que, expostos simetricamente, formam um par. (n.t.)

¹¹ Vecellio Tiziano: pintor italiano da escola veneziana na alta Renascença [ca. 1486-1576], o quadro é de ca. 1555, e está atualmente na National Gallery of Art, em Washington. (n.t.)

¹² Os amores são divindades infantis subordinadas a Vênus e Cupido. (n.t.)

dama com o nome de Vênus, e a pele da déspota, com a qual a bela modelo de Ticiano se envolveu mais por medo de um resfriado do que por castidade, tornou-se um símbolo da tirania e crueldade que jaz na mulher e em sua beleza.”

“Mas já chega, o quadro tal como é revela-se como a sátira mais picante ao nosso amor. Vênus, que no norte abstrato, no gélido mundo cristão, precisa enfiar-se em uma pele grande e pesada para não se resfriar —”

Severin riu e acendeu um novo cigarro.

Nesse momento a porta se abriu e uma linda *blondine*¹³ de olhos vivos e gentis, em um *robe* de seda negra, entrou e trouxe-nos frios e ovos para o chá. Severin tomou um e abriu-o com a faca. “Já não te disse que os quero cozidos moles?”, gritou com uma violência que fez a jovem mulher estremecer.

“Mas caro Sewtschu —” disse ela amedrontada.

“Que Sewtschu”, gritou ele, “tu deves obedecer, obedecer, entendes”, e ele puxou o *kańczug*¹⁴ do prego onde estava pendurado, ao lado de suas armas.

A linda mulher fugiu dos aposentos como uma corça, ligeira e medrosa.

“Espera só, que eu ainda te pego”, gritou para ela.

“Mas Severin”, disse eu, pousando minha mão sobre seu braço, “como podes tratar assim a linda senhorinha!”

“Examina um pouco a mulher”, respondeu piscando os olhos com humor, “se eu a tivesse lisonjeado, ela teria arremessado um laço ao meu pescoço, porém, como eu a educo com o *kańczug*, ela me adora.”

“Ah vai!”

“Vai tu, é assim que se deve adestrar as mulheres.”

“Por mim, podes viver como um paxá no teu harém, só não me faça teorias sobre —”

“Por que não”, exclamou animado, “o ‘Serás bigorna ou martelo’ de Goethe¹⁵ não é mais apropriado do que a relação entre homem e mulher, foi o que dona Vênus por acaso te revelou em sonho. Na paixão do homem jaz o poder da mulher, e ela saberá utilizá-lo se o homem não se precaver. Só lhe

¹³ [fr.] Loura. (n.t.)

¹⁴ [pol.] do [tur.] *kamçı*: espécie de chicote curto e grosso, de couro torcido, nagaica. (n.t.)

¹⁵ Goethe: poeta e dramaturgo alemão [1749-1832], a citação é retirada da *Canção Copla*. (n.t.)

resta escolher, ser o tirano ou o escravo da mulher. Quando ele se entrega, já tem a cabeça sob o jugo e sentirá o chicote.”

“Curiosas máximas!”

“Não são máximas, e sim experiências”, replicou anuindo com a cabeça, “eu fui açoitado de verdade, curei-me, queres ler como?”

Ele se levantou e apanhou de sua maciça escrivaninha um pequeno manuscrito, que colocou sobre a mesa ante a mim.

“Há pouco me perguntaste sobre aquele quadro. Já te devo uma explicação há algum tempo. Aqui — lê!”

Severin sentou-se frente à lareira, dando-me as costas, e parecia sonhar de olhos abertos. Novamente reinava o silêncio, e novamente cantou o fogo na lareira, e o samovar e o grilo nos velhos muros, e eu abri o manuscrito e li:

“Confissões de um *supersensual*”, na margem do manuscrito estavam como motivo os conhecidos versos em uma variação do Fausto:

“Tu sensual amante, supersensual,
Uma mulher te conduz pelo nariz!”
Mefistófeles¹⁶.

Virei a página do título e li: “Compilei o que segue do meu diário daquela época, pois que nunca se pode apresentar seu passado de forma imparcial, tudo tem suas cores frescas, as cores do presente.”



¹⁶ Cena da tragédia de Goethe no Jardim de Marta, quando Mefistófeles dirige-se a Fausto. (n.t.)

A DESENCANTADORA

ALÉXANDROS PAPADIAMÁNTIS



O TEXTO: O conto *A Desencantadora*, publicado em 1900 no periódico ateniense *Παναθήναια*, é um texto bastante representativo da produção madura de Papadiamántis. Nele, a espiritualidade entremeia-se com o realismo, e o discurso poético participa de dois planos simultâneos: o religioso e o mundano. Pode-se apreciá-lo em cada uma dessas dimensões isoladamente, encontrando-se, por um lado, uma sutil crítica ao mundo e algumas de suas estruturas sociais, e, por outro, uma ascese espiritual: a descrição de costumes e tradições, na dimensão mundana, e a substância espiritual desses costumes no recôndito do enredo e da voz lírica. Cada uma confere ao texto um tônus literário, mas o que caracteriza o autor como criador *sui generis* é o modo como a narrativa religiosa harmoniza-se com o dado natural no plano secular, formando com ele um todo indissolúvel. A exemplo de grande parte dos contos de Papadiamántis, a narrativa aqui é ambientada na ilha de Skiáthos.

Texto traduzido: Παπαδιαμαντης, Α. *Απαντα. Τόμος τρίτος. Κριτική έκδοση* Ν. Δ. Τριανταφυλλόπουλος. Αθήνα: Δόμος, 1984. Σελίδες 305-314.

O AUTOR: Aléxandros Papadiamántis (1851-1911) nasceu na ilha grega de Skiáthos, onde também faleceu, após ter passado a maior parte de sua vida em Atenas. Filho de padre ortodoxo, viveu nas tradições religiosas gregas, fato que marcou sua obra. Foi tradutor literário e autor de romances históricos (ainda numa fase romântica) e de contos inseridos no realismo que floresceu na Grécia nas últimas décadas do séc. XIX. É considerado um dos grandes escritores neogregos, e por muitos o maior representante do conto realista grego. Não obstante, o que tem de mais original e valioso é justamente o que o distancia da escola realista: um discurso poético (por vezes simbolista) e uma sincera espiritualidade.

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é tradutor e professor de grego (antigo e moderno). Formou-se em Letras (grego clássico) pela UFPR e concluiu o mestrado em Estudos da Tradução pela UFSC, onde atualmente cursa doutorado. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e também do islandês. Organizou e traduziu a coletânea de contos de Papadiamántis, *A Nostálgica e outros contos* (Hedra). Para a (n.t.) já traduziu Kostas Karyotákis e Giórgos Seféris.

Η ΦΑΡΜΑΚΟΛΥΤΡΙΑ

“Ας δείξη ἡ Φαρμακολύττρα τὸ θάμα της! Βοήθειά σου!...”

ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΣ ΠΑΠΑΔΙΑΜΑΝΤΗΣ

Τὴν νύκτα ἐκείνην εἶχον ἀναβῆ καὶ πάλιν εἰς τὸ βουνὸν διὰ νὰ συναντήσω τὴν ἐξαδέλφην Μαχούλαν. Τὴν ἀλήθειαν νὰ εἶπω, δὲν ἤξευρα μετὰ βεβαιότητος ὅτι ἔμελλον νὰ τὴν συναντήσω, ἀλλ’ ἡλαυνόμην ἀπὸ τὸ πάθος, ἔφερα τὰ βήματά μου εἰς προσκύνησιν, καὶ ἡσθανόμην τὴν ἀνάγκην ν’ ἀναζωπυρήσω ἀρχαίας ἀναμνήσεις.

Ἦτον ἡ τελευταία φορὰ ὅπου θὰ ἔβλεπα εἰς τὰ ἐρημικὰ ἐκεῖνα μέρη τὴν ἐξαδέλφην μου Μαχούλαν. Τὴν πρώτην φορὰν, πρὸ ἐτῶν εἴκοσι, τὴν εἶχα συναντήσει εἰς τὸ βάθος δρυμῶνος, πλησίον ἀρχαίου παμμεγέθους σηκοῦ ἢ τεμένους ἐκ γιγαντιαίων μαρμάρων, τὸ ὅποιον πιθανὸν νὰ ἦτο ναὸς τῶν θεῶν, τῆς πρὸ τοῦ Προμηθέως ἐποχῆς. Σύρριζα εἰς τὸ παράδοξον ἐκεῖνο κτίριον, τὸ προβάλλον ὡς πρόσωπον Σφιγγὸς τὴν πρόσοψίν του τὴν γριφώδη, ἦτο ἐν μεταγενέστερον πενιχρὸν παρεκκλήσιον, τιμώμενον ἐπ’ ὀνόματι τῆς Ἀγίας Μάρτυρος Ἀναστασίας. Ἐκεῖ εἶχα συναντήσει πρὸ εἴκοσιν ἐτῶν τὴν ἐξαδέλφην μου Μαχούλαν.

Περὶ τὰ τέλη τοῦ φθινοπώρου εἶχεν ὑπάγει ὁμοῦ μὲ ἓνα παπὰν, διὰ νὰ λειτουργήσῃ τὸν ναῖσκον. Εἶτα ἀφοῦ ἀπέλυσεν ἡ λειτουργία, ὁ παπὰς ἔπιε τὸν καφὲν καὶ τὴν ρακὴν του, ἔξωθεν ἀκριβῶς τῆς θύρας τοῦ ναῖσκου, εἰς τὸ ὑπαιθρον, πλησίον τῆς φωτιᾶς τῆς ἀναμμένης διὰ τὴν ὑπηρεσίαν τοῦ θυμιατηρίου, καὶ διὰ τὸ ζέον, ἀπεχαιρέτισε τὴν γυναῖκα καὶ ἀπῆλθεν. Ἡ ἐξαδέλφη μου Μαχούλα ἔμεινε, μαζὶ μὲ τὴν μικρὰν ἑπταετὴ παιδίσκη τῆς, καὶ μὲ δύο ἄλλας γυναῖκας, γειτόνισσές τῆς, αἱ ὁποῖαι τὴν εἶχον συνοδεύσει εἰς τὴν ἐκδρομὴν. Αὗται περιήρχοντο εἰς τοὺς λοφίσκους καὶ εἰς τὰ ρεύματα, εἰς τὰ πέριξ τοῦ ναοῦ, συλλέγουσαι ἀγριολάχανα καὶ μανιτάρια. Ἡ ἐξαδέλφη μου Μαχούλα, ἰδοὺ τί ἔκαμεν.

Αὕτη ἦναψεν ἑπτὰ κηρία εἰς τὰ δύο μανουάλια τοῦ ναῖσκου, ἐμπρὸς εἰς τὰς εἰκόνας τοῦ Χριστοῦ, τῆς Παναγίας, τοῦ Προδρόμου, καὶ τῆς Ἁγίας Ἀναστασίας. Ἐφαίνετο, ὅτι ἤθελε μετὰ τὴν ἀναχώρησιν τοῦ παπᾶ, νὰ τελέσῃ αὐτὴ νέαν λειτουργίαν, πλέον μυστηριώδη. Ἀφοῦ ἦναψε τὰ ἑπτὰ κηρία, ἔβγαλεν ἀπὸ τὸ παμμέγιστον καλάθιον τῆς μακρότατον, ὑπὲρ τὰς ἑκατὸν ὀργυίας, λεπτὸν σχοινίον, ὀλοκίτρινον, εὐωδιάζον, κηρόπλαστον. Ἦτο γιγαντιαῖον φιλίλιον βαμβακερόν, τὸ ὅποιον εἶχε κλώσει ὅλον μὲ τὰς χεῖράς της, καὶ μὲ τὰς χεῖράς της τὸ εἶχε περιβάλει μὲ μελικήριον πρόσφατον.

Τοῦτο λοιπὸν τὸ τεράστιον κηρίον τὸ ἔδεσεν ἀπὸ τὴν κρικέλλαν τῆς παλαιᾶς σαρακωμένης θύρας τοῦ ναοῦ, εἴτα ἤρχισε νὰ τὸ ἐλκύῃ, καὶ νὰ τὸ ἐκτυλίσῃ κατ' ὀλίγον ἀπὸ τὸ καλάθιον, ὅπου τὸ εἶχε τυλιγμένον εἰς ἔντεχνον καὶ εὐδιάλυτον κουβάριον, καὶ παραπορευομένη ἐξωτερικῶς τὸν τοῖχον τοῦ ναῖσκου, νὰ τὸ προσαρμόζῃ σύρριζα εἰς τὸν τοῖχον, πρῶτον εἰς τὸ ἥμισυ πλάτος τοῦ δυτικοῦ τοίχου, μέχρι τῆς γωνίας τῆς μεσημβρινοδυτικῆς, εἴτα καθ' ὅλον τὸ μῆκος τοῦ μεσημβρινοῦ τοίχου, εἴτα μετὰ τὴν καμπὴν τῆς γωνίας τῆς νοτιανατολικῆς, ἀνὰ τὸν τοῖχον τοῦ πλάτους τὸν ἀνατολικόν, μεθ' ὅλης τῆς καμπύλης τὴν ὁποίαν ἐσχημάτιζεν ἡ χηβάδα τοῦ θυσιαστηρίου, εἴτα ἔκαμψε τὴν ἀριστερὰν γωνίαν, παρεπορεύθη τὸν βορεινὸν τοῖχον, καὶ διὰ τῆς γωνίας τῆς βορειοδυτικῆς ἐπέστρεψε πάλιν εἰς τὴν θύραν τοῦ ναῖσκου. Κατόπιν πάλιν ἔφερε νέαν γύραν, ἀπαράλλακτα ὅπως τὴν πρῶτην, καὶ προσήρμωσε τὸ νέον ἔμβολον τοῦ κηρωμένου νήματος, παραλλήλως καὶ ἐγγύτατα ὑπὸ τὸ πρῶτον. Εἴτα τὴν τρίτην γύραν καὶ τετάρτην, καὶ καθεξῆς, μέχρι τῆς ἐβδόμης.

Ἐπτάκις ἔκαμε τὸν γύρον τοῦ κτιρίου, καὶ μὲ ἑπτὰ ἔμβολα κηρωμένου νήματος περιέζωσεν, ἡ ἐξαδέλφη μου Μαχοῦλα, ὅλον τὸν ναῖσκον.

Καὶ αἱ γυναῖκες, αἱ ἐπιστρέψασαι ἄρτι μὲ τὰ καλάθια πλήρη ἐκ βοτάνων καὶ ἀμανιτῶν, ἔκαμνον τὸν σταυρόν των, καὶ τὴν ἡῦχοντο λέγουσαι:

— Ἄς δείξῃ ἡ Φαρμακολύτριά σου τὸ θάμα της! Βοήθειά σου!...

*

* *

Ἡ Ἁγία Ἀναστασία ἡ Φαρμακολύτριά εἶν' ἐκεῖνη, ἣτις χαλνᾷ τὰ μάγια, ἥτοι λυεῖ πᾶσαν γοητείαν καὶ μεθοδεῖαν πονηρὰν ὑπ' ἐχθρῶν γινομένην. Εἰς ἐμέ, παρευρεθέντα κατὰ τύχην ἐκεῖ, τὸ πρᾶγμα ἐφαίνετο παράξενον, ὅσον ἤθελε φανῇ εἰς μαθητὴν τῆς γ' τάξεως ἐπαρχιακοῦ γυμνασίου, δραπετεύσαντα ἅμα τῇ ἐνάρξει τῶν μαθημάτων, εἰς τὸ μέσον τοῦ ἔτους. Ἀλλ' ἡ ἐξαδέλφη μου Μαχοῦλα ἤξευρε τί ἔκαμνεν.

Ένα υιόν, μονάκριβον, τὸν εἶχε. Καὶ εἶχε τέσσαρας κόρας μικράς, τῶν ὁποίων ἡ μεγαλυτέρα ἦτον ἡδὴ δεκαῆξ χρόνων. Καὶ ὁ υἱὸς της, πρωτότοκος, ἡγγίζεν ἤδη τὸ εἰκοστὸν ἔτος. Καὶ ἡδὴ ἔχανε τὸν νοῦν του κ' ἐζητοῦσε νὰ νυμφευθῇ.

Τοῦ εἶχαν κάμει μάγια, αἱ γυναῖκες, ἀπὸ τὸν Πέρα Μαχαλάν. Καὶ τοῦ εἶχαν σηκώσει τὰ μυαλά του. Ποῖος ἡξεύρει τί μαγγανείας τοῦ ἔκαμαν, καὶ τί τοῦ ἔδωκαν νὰ πῇ. Ἐγνώριζαν ἐκεῖναι ἀπὸ μαγείας...

Κι ἀγάπησε μίαν κόρην, ἣτις ἦτον μεγαλυτέρα ἀπ' αὐτὸν στὰ χρόνια, καὶ ἤθελε νὰ τὴν λάβῃ σύζυγον.

«Ἡ θὰ τὴν πάρω, μάννα, ἢ θὰ σκοτωθῶ». Τὸ εἶχε πάρει κατάκαρδα. Ἦτον «ἔρωτοχτυπημένος». Τώρα, τί νὰ κάμῃ ἡ ἐξαδέλφη μου Μαχούλα; Ν' ἀφήσῃ τὸν υἱὸν της νὰ ἐμβῇ στὰ βάσανα, τόσον νέος, κι αὐτὴ νὰ ἔχῃ τέσσαρας κόρας ἀνυπάνδρους, νὰ τὰς καμαρώνῃ; Καὶ ποιὸς γονιὸς τὸ δέχεται, αὐτό;

Λοιπὸν ἔπεσε στὰ θεοτικὰ πράγματα. Ἔκαμε λειτουργίας πολλές, καὶ ἀγιασμούς, καὶ παρακλήσεις. Ἐπῆρε τὰ ροῦχα τοῦ γιουῦ της, καὶ τὰ ἔβαλε νὰ λειτουργηθοῦν ὑπὸ τὴν Ἀγίαν Τράπεζαν. Ἐπαίδευσε τὸν ἑαυτὸν της μὲ πολλές νηστείας, ἀγρυπνίας, καὶ γονυκλισίας.

Τελευταῖον προσέφυγεν εἰς τὴν χάριν τῆς Ἀγίας Ἀναστασίας τῆς Φαρμακολύτριάς. Αὐτὴ εἶχε παρὰ Θεοῦ τὸ χάρισμα νὰ διαλύῃ τὰς μαγείας καὶ γοητείας. Ἐπῆγε, τὴν ἐλειτούργησεν, ἔζωσε τὸν ναόν της ἑπτὰ φορές (τελοῦσα μόνη της ἰδιαίτεράν λειτουργίαν περιπαθῇ ἐκ μητρικῆς στοργῆς) μὲ κηρίον ἑκατονταόργιον, τὸ ὁποῖον ἡ ἰδίᾳ εἶχε παρασκευάσει μὲ τὰς χεῖράς της, καὶ παρεκάλει τὴν Ἀγίαν νὰ χαλάσῃ τὰ μάγια, νὰ ἔλθῃ στὸν νοῦν του ὁ υἱὸς της, ὁ ἔρωτοχτυπημένος καὶ ποτισμένος ἀπὸ κακὰς μαγγανείας, καὶ νὰ μὴ χάνῃ τὰ μυαλά του ἄδικα...

*

* *

Ὅλ' αὐτὰ τ' ἀνεπόλουν καὶ τ' ἀναπαρίστων μὲ τὸν νοῦν μου, ὥς νὰ εἶχαν συμβῇ χθές, καὶ εἶχαν παρέλθει ἡδὴ περισσότερα τῶν εἴκοσιν ἑτῶν ἀπὸ τότε. Εἶχον ἐξέλθει τῆς πολίχνης ἅμα τῇ δύσει τοῦ ἡλίου, καὶ εἶχον πορευθῇ μὲ τὴν ἀμφιλύκην ἕως τοῦ Δράκου τὸ ρέμα, ἐκεῖ ὁπόθεν ἀρχίζει ὁ ὕψηλός, κάθετος ἀνήφορος τοῦ Βαραντᾶ. Ἡ σελήνη δὲν εἶχεν ἀνατελεῖ ἀκόμη, ἐπειδὴ ἦτο δύο ἢ τρεῖς ἡμέρας μετὰ τὴν πανσέληνον. Μέσα εἰς τὸ ρέμα, βαθιὰ κάτω, ἀντήχει ὁ ῥόχθος τοῦ χειμάρρου, τοῦ σχηματιζομένου ἀπὸ τὰς

χιόνας τὰς λυομένας. Καὶ εἰς ὑψηλὸς μαῦρος βράχος ἴστατο ἀπέναντί μου, μυστηριώδης εἰς τὸ σκοτός.

Ἦτο κατὰ Μάρτιον μῆνα. Ὁ χεῖμαρρος ἐρρόχθει, ἔβρουχε, καὶ κατεφέρετο μετὰ κρότου, κ' ἐκυλίετο σχηματίζων δύο καταρράκτας, κυρίαρχος εἰς τὴν σιγὴν τῆς νυκτός. Ὁ κρότος ἐκεῖνος ἐνέσπειρε φόβον εἰς τὴν ψυχὴν μου, ἥτις ἀνεγνώριζε παρ' ἑαυτῇ ὁμοιότητα μὲ τὸ ρεῦμα ἐκεῖνο. Ἐδεσπόζετο ὅλη ἀπὸ ἐν ὑπουλον πάθος, καθὼς τὸ βαθὺ ρεῦμα καὶ ἡ σιγὴ τῆς νυκτός ἐδεσπόζοντο ἀπὸ ἓνα δοῦπον ὑπόκωφον.

Μετὰ δυσκολίας διέκρινα τὸ μονοπάτι τὸ χαρασσόμενον ἀνὰ μέσον βρῦν καὶ θάμνων πυκνῶν. Εἶτα, ἀντικρὺ μου, εἰς τὴν κλιτὺν τὴν κρημνώδη, ἤρχισα νὰ βλέπω μίαν ἀνταύγειαν. Αἱ πρῶται ἀκτίνες τῆς σελήνης ἐπηργύρωνον τὰς κορυφὰς τῶν δένδρων. Ἐφθασα εἰς τὴν βάσιν τοῦ ὄρους, καὶ ἤρχισα ν' ἀνέρχωμαι τὸν ἀνήφορον. Αἰσθάνομαι ὑπὲρ τὰ δισχίλια βήματα, σπεύδων καὶ ἀσθμαίνων, εἶδα πέραν ἀντικρὺ τὴν σελήνην, ἐκεῖθεν τοῦ συνδένδρου λόφου τοῦ κρύπτοντος ὀπισθέν μου τὸν ὀρίζοντα, εἶδα τὴν σελήνην ἀπαλλαγεῖσαν τῆς λοφιαίας τοῦ ἀντικρυνοῦ, μεμακρυσμένου βουνοῦ, ὅπου ἐπὶ τινα λεπτὰ ἐφαίνετο ὥς νὰ εἶχε βάλει φωτιὰν εἰς ἐν δένδρον μεμονωμένον, ὄρθιον ἐπὶ τῆς κορυφῆς τοῦ ὑψηλοῦ λόφου, τοῦ φράσσοντος τὸν λιμένα· τὸ δένδρον ἐφαίνετο ὥς νὰ καίεται· εἶτα ἡ Ἑκάτη, ἀφήσασα τὸ δένδρον μαῦρον καὶ σκοτεινὸν ἀπόκαυμα, ἀνῆλθε βραδεῖα, ἐν ἀγλαΐᾳ καὶ ἀποθεώσει φαεινῇ, ὑπερθεῖν τῆς λοφιαίας τοῦ ὄρους.

Μετὰ ὥραν ἔφθασα εἰς τὴν κορυφὴν τοῦ βουνοῦ, εἶτα ὥδευσα ἐπὶ τοῦ ὄροπεδίου, ἐν παμφαεῖ σελήνῃ. Εἶτα ἔφθασα εἰς τὴν ἀντίθετον κλιτὺν, ὅπου πάλιν εὔρον σκιάς καὶ σύνδενδρα μέρη καὶ φόβητρα ἐμπρὸς μου. Ἐκεῖ παρακάτω ἦτον ἡ μικρὰ ἑπαυλὶς τοῦ Γιάννη τοῦ Στόγιου, ἀγρότου ἀπλοῦ καὶ φίλου μου. Ὑπερέβην τὸν χαμηλὸν φράκτην, εἰσῆλθον εἰς τὴν αὐλὴν κ' ἔκρουσα τὴν θύραν.

Ὁ Στόγιος δὲν εἶχε κοιμηθῇ ἀκόμη, φῶς ἔλαμπε διὰ τοῦ φεγγίτου. Τὸν ἐκάλεσα ὀνομαστί. Ἐγνώρισε τὴν φωνήν μου, καὶ ἐλθὼν μοῦ ἤνοιξε. Μοὶ παρέσχε προθύμον ξενίαν καὶ στέγην.

Ἐγὼ ἐντούτοις δὲν ἤξευρα διατί εἶχα κρούσει τὴν θύραν του, ἀφοῦ δὲν εἶχα ὕπνον οὔτε νυσταγμόν. Αἰσθάνομαι ἀπεκοιμήθη, ἔλαβα τὴν ράβδον καὶ τὸν πῖλόν μου καὶ ἐξῆλθον κράζας πρὸς αὐτὸν νὰ κλείσῃ, ἂν ᾔθελε, τὴν θύραν· ἐκεῖνος, ἐπειδὴ «ἐλαγοκοιμᾶτο», πολὺ ἐλαφρὰ, μοῦ ἀπήντησε δι' ἡρέμου γογγυσμοῦ, μέσα εἰς τὸν ὕπνον του.

Κατέβην ἀκόμη χαμηλότερα τὸ βουνόν. Ἡ σελήνη ἔμεσουράνει ἤδη, κ' ἔφεγγεν εἰς ὅλην τὴν κλιτὺν. Εἰς τὰς ποιμενικὰς ἐπαυλῆς οἱ πετεινοὶ εἶχον λαλήσει. Κατήλθον εἰς σύνδενδρον στενωπόν, ἐστράφην ἀριστερά, καὶ ἔφθασα εἰς τὸν ἔρημον ναῖσκον τῆς Ἀγίας Ἀναστασίας.

... Καὶ τώρα, μετὰ εἴκοσιν ἔτη, ὅταν ἤρχισα ἤδη νὰ φθίνω, ἀφοῦ κατὰ κόρον ἐγεύθην τῆς ζωῆς ὅλην τὴν τρύγα καὶ τὴν πικρίαν, ἔὰν ἐγὼ ἐζήτουν νὰ ζώσω μὲ κηρίον τὸν ναὸν τῆς Μάρτυρος, οὔτε κηρίον πλέον ἀγνὸν θὰ ἠδυνάμην νὰ εὕρω, διότι ἀπὸ πολλοῦ ὅλοι οἱ κηροπλάσται ἐπώλουν νοθευμένα κηρία, καὶ οἱ μελισσοτρόφοι αὐτοὶ εἶχον μάθει νὰ νοθεύωσι τὸ κηρίον πρὶν τὸ πωλήσουν. Καὶ ὁ ναῖσκος τῆς Ἀγίας εἶχε περιέλθει εἰς παρακμὴν καὶ ἀτμηλησίαν οἰκτρὰν, διότι ἡ θρησκευτικὴ εὐλάβεια μεγάλως εἶχεν ἐκπέσει ἐν τῷ μεταξύ. Δύο εἰκόνες λαδωμένα καὶ φθαρμένα ὑπῆρχον μόνον εἰς τὸ τέμπλον τὸ σαπρὸν, ἡ μορφὴ τοῦ Σωτῆρος Χριστοῦ δεξιὰ, καὶ ἀριστερὰ ἡ εἰκὼν τῆς ἀμνάδος του, τῆς στρεφούσης πρὸς αὐτὸν τὸ πρόσωπον, καὶ φαινομένης ὡς νὰ ἔκραζε μεγάλη τῇ φωνῇ: «Σέ, νυμφίε μου, ποθῶ!» Αἱ εἰκόνες τῆς Παναγίας καὶ τοῦ τιμίου Προδρόμου εἶχον γίνει ἀφαντοί. Ἰσως εἶχον ἀφαιρεθῇ ἀπὸ τὰς χεῖρας φιλαρχαίων ἢ ἐραστῶν τῆς Βυζαντινῆς τέχνης...

Ὑπῆρχον μόνον δυὸ κανδήλια ἡμιθραυσμένα ἢ ραγισμένα, ἡ βορεία πύλη τοῦ ἱεροῦ ἦτο ἄνευ θυρίδος, τὸ μόνον παράθυρον τὸ μεσημβρινὸν τοῦ ναοῦ ἄνευ παραθυροφύλλου, τὸ Θυσιαστήριον καὶ ἡ προσκομιδὴ, γυμνὰ καὶ ἀνεπίστρωτα, ἦσαν πλήρη κονιορτοῦ... Ὁ ναῖσκος ὁ ἐπταζωσμένος καὶ ἁγιασμένος δὲν ἐλειουργεῖτο πλέον.

«Οὐ θυσία, οὐχ ὀλοκαύτωμα, οὐ τόπος τοῦ καρπῶσαι». Καὶ ἡ μυστικὴ λειτουργία, τὴν ὁποίαν ἐτέλει πρὸ χρόνων πολλῶν περὶ τοὺς τοίχους τοῦ ἡ φιλόστοργος Μαχοῦλα, ἡ ἐξαδέλφη μου, δὲν θὰ εἶχε ξαναγίνει πλέον ἀπὸ πολλοῦ.

*

* *

Ὦ! ἐπτάκις μόνον;... Ἑβδομηκοντάκις ἐπτά θὰ εἶχον τώρα ἀνάγκην νὰ περιζώσω τὸν ναὸν τῆς Ἀγίας Ἀναστασίας!... Τοσάκις εἶχε περιεζωσμένην τὴν καρδίαν μου ἡ ἄκανθα τῆς πικρᾶς ἀγάπης, τοσάκις τὴν εἶχε περισφίγξει τὸ ἐρπετὸν πάθος, τὸ δολερόν... εὐλαβούμεν νὰ εἶπω εἰς τὴν Ἀγίαν, ἡσυχνόμην νὰ ὁμολογήσω πρὸς ἑμαυτὸν, ὅτι ἤμην, ὅψις ἦδη τῆς ἡλικίας, λεία τοῦ πάθους καὶ ἔρμαιον...

Ἀλλὰ πρὸς τί νὰ προσφέρω λαμπάδας καὶ μοσχολίβανον, πρὸς τί νὰ περιζώσω μὲ κηρία τὸν ναόν; Ἡ Ἀγία ἠδύνατο ἴσως νὰ μὲ θεραπεύσῃ, ἀλλ' ἐγὼ δὲν ἐπεθύμουν νὰ θεραπευθῶ. Θὰ ἐπροτίμων νὰ καίωμαι εἰς τὴν φλόγα τὴν βραδείαν... Ὑπάρχουν εἰς τὸν Παράδεισον Ἅγιοι δεχόμενοι τὰς εὐχὰς τῶν ἐρώντων;... Τάχα ἐκεῖ, δίπλα εἰς τὸ παρεκκλήσιον τῆς Φαρμακολυτρίας,

εἰς τὸ παλαιὸν ἐκεῖνο μεγαλομάρμαρον κτίριον τὸ αἰνιγματῶδες, νὰ ὑπῆρχε τὸ πάλαι ἱερὸν τῆς Ἀφροδίτης, νὰ ὑπῆρχε βωμὸς τοῦ Ἑρωτος;

Ὦ! καὶ ὅμως ἐτηκόμην... ὥρας-ὥρας ἐπεθύμουν, εἰ δυνατόν, νὰ ἰατρευθῶ. Βοήθει, Ἁγία Ἀναστασία!

*
* *

Καθὼς εἶχα περιεργασθῇ τὸν ναῦσκον, εἶχεν ἐξημερώσει ἤδη. Αἱ ὥραι εἶχον παρέλθει χωρὶς νὰ τὰς αἰσθανθῶ, κ' ἐγὼ ἐν τῇ νάρκη καὶ τῇ ρέμβῃ τῆς νυκτός, χωρὶς νὰ αἰσθάνωμαι τὸ ψῦχος, εἶχον διέλθει ὅλην σχεδὸν τὴν νύκτα τοῦ Μαρτίου ἐκείνην εἰς τὸ ὑπαιθρον. Ἀπεμακρύνθην τοῦ παρεκκλησίου αἰσθανόμενος ἀκουσίαν ἀνακούφισιν ὅτι, ἔρημον καθὼς ἦτο τὸ ἱερὸν τῆς, ἡ Ἁγία δὲν θὰ ἤθελε πλέον νὰ μὲ θεραπεύσῃ.

Ἐκεῖ, παρ' ἐλπίδα, συναντῶ τὴν ἐξαδέλφην μου Μαχούλαν... Ἦτο τοιαύτη ὁποῖα καὶ πρὸ εἴκοσι χρόνων, σχεδὸν δὲν εἶχε μεταβληθῇ τὸ πρόσωπόν της οὔτε λευκὴν τρίχα εἶχεν εἰς τὴν κόμην, οὔτε ρυτίδα εἰς τὸ μέτωπον. Ἦτον ἐκ τῶν γυναικῶν ἐκείνων τῶν ἐχουσῶν δευτέραν νεότητα, ἀνθηροτέραν τῆς πρώτης. Ωχρὰ καὶ ἀφελὴς καὶ ἀπλαστος, ἐφαίνετο ἄσχημη ἐκ πρώτης ὄψεως, ἀλλὰ μετὰ δεύτερον βλέμμα ἀνεκάλυπτε τις εἰς τὸ πρόσωπόν της ἀφατον γλυκύτητα. Ἦτο νύμφη καὶ ἰέρεια καὶ γυνή.

—Ποῦ σ' αὐτὸν τὸν κόσμον, ἐξαδέλφε; μοῦ λέγει.

Ἡ ἐξαδέλφη Μαχούλα εἶχεν ἐλαιῶνα εἰς τὰ μέρη ἐκεῖνα. Τὴν χρονιὰν ἐκείνην ἦτο πλουσιωτάτη ἐλαιοφορία, καὶ ἂν καὶ ἦτο Μάρτιος ἤδη, τὸ μικρὸν καλάθιον, τὸ ὁποῖον ἐκράτει περὶ τὸν ἀγκῶνά της τὸν ἀριστερόν, ἦτο γεμάτον ἀπὸ ἐλαίας χαμάδας (ἡ θροῦμπες) ὠραίας καὶ στιλβούσας· αἱ τελευταῖαι ἐλαῖαι ἐπιπτον ἀπὸ τὰ δένδρα ἀκόμη περὶ τὴν ἀνοιξιν. Ἐθεώρει τὴν ἐξοχὴν ἐκείνην ὡς γειτονίαν ἰδικήν της, καὶ δι' αὐτὸ ἔλεγε: «Ποῦ σ' αὐτὸν τὸν κόσμον».

Ἐγὼ τὴν ἐχαιρέτισα κ' ἐκάθισα ἐπὶ τινος ὄχθου, ὑπὸ δένδρον ἐλαίας, εἰς τὴν ἐσχατιὰν τοῦ ἐλαιῶνος. Ἐκείνη ἐλθοῦσα ἀπέθεσε τὸ καλάθιον τῆς πλησίον μου, καὶ περιστείλασα ἐπιμελῶς μὲ τὰς δύο χεῖρας τὰ κράσπεδα τῆς ἐσθῆτός της, ἐκάθισεν ὀλίγον παραπέρα.

—Τρῶς χαμάδες, νὰ σὲ φιλέψω, ἐξαδέλφε;

—Ἐξαδέλφη Μαχούλα, ἤρχισα ἐγώ, χωρὶς ἄλλως ν' ἀπαντήσω εἰς τὴν φιλόφρονα προσφορὰν της, θυμᾶσαι, τῷ καιρῷ ἐκείνῳ, ὅταν ἤμουν ἐγὼ παιδί, πού ἔζωνες μὲ κηρὶ τὸ ξωκκλήσι τῆς Ἁγίας Ἀναστασίας;

—Θυμούμαι, ἀπήντησε.

—Πές μου, σὰν νὰ μὴ ξέρω, γιατί τὸ ἔκανες;

—Τὸ εἶχα τάξιμο, γιατί ὁ Μανωλάκης ἦτον ἐρωτοχτυπημένος· κ' ἐπειδὴς ἡ Ἀγία Ἀναστασία εἶναι ποὺ λύνει τὰ μάγια, μεγάλ' ἡ χάρη της, ἔζωσα τὸ κλησιδάκι της, καὶ τὴν ἐπερικαλοῦσα, μὴν τυχὸν ἦτο μαγεμένο τὸ παιδί μου, γιὰ νὰ χαλάσῃ τὰ μάγια.

—Κ' ὕστερα, τί ἀπόγινε; Πές μου τὰ ὅλα, σὰν νὰ εἶμαι πνεματικός, γιατί ἐγώ, ξέρεις, τὸν περισσότερον καιρὸ ἔλειπα ἀπ' τὴν πατρίδα, καὶ δὲν τὰ παρηκολούθησα καλά.

—Φαίνεται ὅτι δὲν τοῦ εἶχαν καμωμένα μάγια, μόνο ὁ ἴδιος εἶχε πέσει στὸν ἔρωτα, κ' ἡ Ἀγία, σὰν δὲν ἦτον ἀπὸ μάγια, δὲν μποροῦσε μὲ τὸ στανιὸ νὰ τοῦ ἀλλάξῃ τὰ μυαλά, γιατί μοναχὸς του καὶ θέλοντας ἔβαλε σεβντὰ μέσα του. Τὸ λοιπὸν ἡ Ἀγία ἔδειξε τὸ θάμα της μὲ ἄλλον τρόπο· σὰν ἐτέλεψα τὸ τάξιμό μου, στὸν μὴν' ἀπάνω, τὸ κορίτσι ἀρρεβωνιάστηκε μὲ ἄλλον καὶ σ' ὀλίγον καιρὸ ἐγένεν ὁ γάμος. Τότε, ἐπειδὴ ἦτον φόβος νὰ τρελαθῇ ἡ νὰ χτικιάσῃ τὸ παιδί μου, ἀπ' τὸ κακό του, τὸν ἔταξα στὴν Παναγιά τὴν Κουνίστρα, μεγάλ' ἡ χάρη της, γιὰ νὰ τὸν γλυτώσῃ ἀπ' τὴν τρέλα κι ἀπ' τὴν ἀρρώστια... Τοῦ κόστισε πολὺ, ἐπόνεσε, ἔχασε τὴν ὄρεξή του, κιτρίνισε σὰν τὸ κερὶ, ἔλυνε στὸν ἀπάν' κόσμο... Ὡς τόσο, ἡ Παναγία ἔδειξε τὸ θάμα της, καὶ τὸ παιδί δὲν ἐτρελάθῃ οὔτε χτίκιασε... Σ' ὀλίγον καιρὸ, ἦρθε στὸν ἑαυτό του.

—Καὶ τώρα τί γίνεται;

—Τώρα ταξιδεύει μὲ τὴ γολέτα μας, στὰ μέρη τῆς Ἀνατολῆς... Ἐπῆρε δίπλωμα πλοιαρχίας καὶ τὴν κυβερνᾷ ὁ ἴδιος, ἐπειδὴ ὁ πατέρας του γέρασε κ' ἐκάθισε ἔξω... Φαίνεται πὼς τὸ ἔρριξε λιγάκι στὸ πιόμα, ὁ Μανωλάκης, μὰ δὲν τὸ παρακάνει πιστεύω... Ἀσπρίσε, καὶ δὲν θέλει νὰ παντρευτῇ... Καλύτερα γιὰ μένα νὰ σοῦ πῶ, ἐξάδελφε. Μ' ἐβοήθησε κ' οἰκονόμησα τὰ δυὸ κορίτσια· τώρα ἔχω ἀκόμα ἄλλα δυό. Καλύτερα ποὺ γλύτωσε ἀπὸ τὰ βάσανα... Δὲν συμφέρει νὰ παραπληθαίνῃ καὶ πολὺ ὁ κόσμος. Ὁ γείτονάς μου ὁ Κωσταντῆς ὁ Ρήγας, ἔξυπνος καὶ κοσμογυρισμένος ἄνθρωπος, ἅμα ἰδὴ νὰ γεννηθῇ κανέν' ἀγόρι στὴ γειτονιά, καὶ βλέπῃ τίς γυναῖκες κι ὅλους τοὺς συγγενεῖς νὰ ἔχουνε χαρές, συνηθίζει νὰ λέῃ: «Χαρήτε, βρε παιδιά· γεννήθηκε κι ἄλλος χαμάλης!»

Ἀκολουθῶς ἠρώτησα τὴν ἐξαδέλφη μου ἂν τυχὸν συνέβησαν καὶ ἄλλα τινὰ περιέργα ἐν σχέσει μὲ τὴν ὑπόθεσιν ταύτην. Ἡ Μαχούλα ἀπήντησεν:

—Ἐνα βράδυ, σ' ἐκείνην τὴν ἐποχὴ, ἐνῶ ἐγύριζα ἀπὸ τὸν ἐλαιῶνα, κ' ἐπέρασα ἀπ' τὴν Ἀγία Ἀναστασία νὰ κάμω τὸν σταυρὸ μου, καὶ νὰ ἀνάψω τὰ καντήλια, καθὼς ἐνύχτωνε, ἄκουσα κάτι κρότους, μὰ κρότους

παράξενους πολύ, σ' ἐκεῖνο τὸ διπλανὸ τὸ χτίριο μὲ τὰ μάρμαρα, ποὺ λένε πὼς εἶναι στοιχειωμένο... Πάλι μιὰ νύχτα, ἔβλεπα στ' ὄνειρό μου πὼς βρισκόμουν στὸ ξωκκλήσι τῆς Ἀγίας, κ' ἐκεῖ εἶδα τάχα ἓνα πρᾶμα παράξενο πολύ, νὰ προβάλῃ καὶ νὰ βγῇ ἔξω καὶ νὰ κυλιστῇ, ἀπὸ κεῖνο τὸ στοιχειωμένο χτίριο... Καὶ μοῦ ἐφάνη τάχα, πὼς ἦρθ' ἓνα κορίτσι ὁμορφο, μὰ ὁμορφο πολύ, ἔλαμπε τὸ πρόσωπό του, καὶ μοῦ ἔδωκε ἓνα λουλουδάκι λευκό, μοσχομυρωδάτο, καὶ μοῦ εἶπε: «Νά, δῶσ' το αὐτὸ τοῦ γιου σου, νὰ μυριστῇ· εἶναι ἄνθος τῆς Ἑδέμ». Ἐξαφνα, γυρίζει πίσω ἐκεῖνο τὸ πρᾶμα, τὸ παράξενο, τὸ μαῦρο καὶ κατακόκκινο, ποὺ εἶχε πηδήσει ἀπὸ τὸ χτίριο τὸ παλιό, γυρίζει πίσω θεωμένο καὶ ρίχνετ' ἐπάνω μου κ' ἐζητοῦσε νὰ μοῦ ἀρπάξῃ ἀπ' τὰ χέρια τὸ λουλούδι ποὺ μοῦ εἶχε δώσει ἡ ὁμορφὴ κοπέλα, ποὺ φαίνεται νὰ ἦτον ἡ Ἀγία Ἀναστασία... Στὴν ἴδια στιγμή ἡ Ἀγία φαίνεται πάλι, σὰν νὰ βγαίνει ἀπ' τὴν Ἀγία Πύλη τοῦ Ἱεροῦ, καὶ μ' ἓνα κλωναράκι ἀπὸ βάρια ποὺ βαστοῦσε στὰ χέρια, δίνει μιὰ καὶ τοῦ κόφτει τὸ χέρι, τοῦ τρισκατάρατου, ποὺ γύρευε νὰ μοῦ ἀρπάξῃ τὸ λουλούδι... Αὐτὰ εἶδα.

*

* *

Ὅλην τὴν ἡμέραν ἐπλανώμην εἰς τὰ ρεύματα καὶ τοὺς αἰγιαλούς, ἀνὰ τὴν ἀγρίαν ἀκτὴν, τὴν βορεινὴν καὶ θαλασσοπλήγη, καὶ μόνον τὸ δειλινὸν ἐπανῆλθον εἰς τὴν ἔπαυλιν τοῦ Στόγιου διὰ νὰ κοιμηθῶ ὀλίγας ὥρας. Ὅταν ἐξύπνησα, ἡ σελήνη εἶχεν ἀνατείλει, ἀλλ' εἶχα χάσει τὸν ὕπνον μου δι' ὅλην τὴν νύκτα.

Τὰ βήματά μου μ' ἔφεραν καὶ πάλιν πρὸς τὸν ναῖσκον τῆς Ἀγίας Ἀναστασίας. Ἦναψα τεμάχιον λαμπάδος ἐκ κηροῦ μετρίως νοθευμένου, τὴν ὁποίαν εἶχον ἀγοράσει τὴν προτεραίαν εἰς τὴν πολίχνην, τὴν εἶχα δὲ κόψει εἰς τέσσαρα τεμάχια χάριν εὐκολίας, καὶ περιτυλίξας εἰς χαρτίον, τὴν εἶχα βάλει εἰς τὸ θυλάκιόν μου. Τὴν προλαβοῦσαν νύκτα εἶχα λησμονήσει εἰς τὸ θυλάκιόν μου τὰ τεμάχια τῆς λαμπάδος.

Ἐκόλλησα τὸ κηρίον τοῦτο εἰς τὸ μανουάλιον, κ' ἐκάθισα εἰς ἓν τῶν δύο ἡ τριῶν στασιδίων, ὅσα ὑπῆρχον διὰ νὰ ξεκουρασθῶ... Εἶτα ἠθέλησα νὰ γονυπετήσω, καὶ προσεπάθησα νὰ δεηθῶ ἀλλ' ἐρρέμβαζον. Ἐκλείσα τὰ ὄμματα, ἐπαιτῶν ἓνα ὕπνον, ἀλλ' ὁ πόνος ἠγρύπνει ἐντὸς μου.

Εἰς τὰς ὥρας τῆς μοναξίας τῆς νυκτὸς ἐκείνης, τῶν ἀσυναρτήτων προσευχῶν καὶ τῶν ἀκουσίων βλασφημιῶν, ἔπλεον ὡς ἐν ὄνειρῳ εἰς ἄλλον κόσμον. Ἦκουον ἤχους, ψιθύρους καὶ φωνάς. Μοῦ ἐφαίνετο ὅτι αἱ ἀναμνήσεις καὶ αἱ εἰκόνες, αἱ πολιορκοῦσαι τὸν νοῦν μου, ἐλάμβανον

μορφήν καὶ σῶμα, ἐβόμβουν περὶ τὰ ὧτά μου ὡς σμήνος ἀπειράριθμον πτερωτῶν ψυχῶν, προσέβλεπον τὴν εἰκόνα τῆς Ἀγίας, καὶ μοῦ ἐφαίνετο τόσον ὡραία, ὅσον ἐφάνη ἐν ὄνειρῳ εἰς τὴν ἐξαδέλφην Μαχούλαν. Εἶτα μία ἄλλη μορφή μοῦ ἐφάνη ὅτι ἐστάθη ἔμπροσθεν τῆς εἰκόνος, καὶ τὴν ἀπέκρυψε.

Τὴν στιγμή ἐκείνην ἤκουσα μέγαν θόρυβον ἔξω, δεξιόθεν τοῦ ναοῦ, εἰς τὸ μέρος ὅπου ἦτο τὸ παλαιὸν κτίριον, τὸ «στοιχειωμένον». Πάραυτα ἦλθεν εἰς τὸν νοῦν μου ἡ διήγησις τῆς ἐξαδέλφης Μαχούλας. Ἐλαβον τὴν λαμπάδα, καὶ ἔτρεξα ἔξω τῆς θύρας.

Αὐρα ἔπνεε ψυχρά, καὶ ἠπειλεῖ νὰ σβήσῃ τὴν λαμπάδα. Ἐπειδὴ ἐδέησε νὰ περιστεγάσω τὸ φῶς διὰ τῆς παλάμης, δὲν ἔβλεπον τίποτε πέραν τοῦ τοίχου τοῦ ναοῦ. Ἡ σελήνη εἶχε περικαλυφθῇ εἰς νέφη. Διέκρινον εἰς τὸ σκιόφως τὸ μαρμαρίνον κτίριον, καὶ δὲν ἐνόουν τίποτε. Μοῦ ἐφάνη ὅτι πρᾶγμα τι ἐξεπήδησεν ἐκείθεν τοῦ τοίχου καὶ ἔτράπη εἰς φυγὴν· ἴσως ἦτον ἀγριόγατος ἢ νυφίτσα θηρεύουσα εἰς τὸ σκότος.

Ἐπανῆλθον εἰς τὸν ναόν, κ' ἔκαμα τὸν σταυρόν μου. Ἐκάθισα πάλιν εἰς τὸ στασίδιον. Ἡ μορφή ἣτις μοῦ ἐφαίνετο παρестῶσα ἐκεῖ, ἡ φέρουσα τὴν ἀγνότητα εἰς τὰ ὄμματα τὰ κάτω νεύοντα, καὶ τὸν γλυκασμὸν περὶ τὰ χεῖλη τὰ ἀβρὰ καὶ μελιχρά, μοῦ ἐφάνη ὅτι ἀντήλλασσε νεύματα μὲ τὴν εἰκόνα τῆς Ἀγίας. Μοῦ ἐφάνη ὅτι τὰ χεῖλη τῆς ἐψιθύριζον ἱκεσίαν, καὶ τὸ βλέμμα τῆς εἰκόνος ἔνευε συγκατάθεσιν...

Ὑπνος τότε μὲ κατέλαβεν, εἰς τὸ στασίδιον ὅπου ἐκαθήμην. Ὁ ὕπνος ἦτον ἄνευ ὀνείρων, ὅλα τὰ ὄνειρα τοῦ τὰ εἶχεν ἀφαιρέσει ἢ ἐγρήγορσις. Μόνον ἐνδομύχως εἰς τὸ βάθος τῆς συνειδήσεως μου, μία φωνή, ἣτις ὡμοίαζε μὲ χρησμόν, ἠκούσθη ἀμυδρῶς νὰ ψιθυρίζῃ: «Ὑπαγε, ἀνιάτε· ὁ πόνος θὰ εἶναι ἡ ζωὴ σου...»

Ἐξύπνησα. Ἐσηκώθην καὶ ἔφυγα. Ἡσθανόμην ἀγρίαν χαράν, διότι ἡ Ἀγία δὲν εἶχεν εἰσακούσει τὴν δέησίν μου.”



A DESENCANTADORA

“Que a Desencantadora mostre seu milagre! Acode!...”

ALÉXANDROS PAPADIAMÁNTIS

“...Naquela noite eu subira mais uma vez à montanha para encontrar minha prima Mahula. Para dizer a verdade, eu não sabia com certeza que a encontraria, mas ia movido pela paixão, conduzia meus passos a uma peregrinação e sentia a necessidade de atizar antigas recordações.

Era a última vez em que eu veria naquele sítio desolado minha prima Mahula. Na primeira vez, vinte anos antes, eu a encontrara nas profundezas de um carvalhal, próximo a um enorme nicho ou santuário de gigantescos blocos marmóreos que provavelmente fora templo dos deuses da época anterior a Prometeu. Adjacente àquele estranho edifício, o qual exibia como rosto de Esfinge a sua fachada grífica, havia uma miserável capela de tempos mais recentes, dedicada ao nome da Santa Mártir Anastásia. Lá eu encontrara, vinte anos antes, minha prima Mahula.

Nos fins do outono ela havia ido junto com um padre para officiar no templete. Finda a liturgia, o padre bebeu seu café e sua *raki*¹, do lado de fora, bem diante da porta da ermida, a céu aberto, próximo ao fogo que fora aceso para o serviço do turíbulo e para o *zeon*², despediu-se da mulher e apartou-se. Minha prima Mahula permaneceu, junto com sua filha de sete anos e com outras duas mulheres, vizinhas suas, que a acompanharam na expedição. Estas percorriam as colinas e os córregos nas cercanias do templo, coletando folhas selvagens e cogumelos. Minha prima Mahula, eis o que ela fez.

¹ *Raki* (ρακή): bebida destilada, semelhante à grapa. (n.t.)

² *Zeon* (ζέον): na liturgia ortodoxa, água quente com a qual o padre asperge o cálice. (n.t.)

Acendeu sete velas nos dois candelabros da ermida, diante das imagens de Cristo, de Nossa Senhora, de São João Batista e da Santa Anastásia. Parecia que, após a partida do padre, ela queria celebrar nova liturgia, mais misteriosa. Depois de acender as sete velas, retirou de seu enorme cesto um barbante fino e longuíssimo, de mais de cem braças, bem amarelo, perfumado, encerado. Era um gigantesco pavio de algodão, que ela própria trançara com suas mãos e que, com suas mãos, untara com cera de abelhas recente.

Atou então esta enorme vela na argola da porta velha e carcomida do templo e, em seguida, pôs-se a puxá-la, desenrolando-a aos poucos de dentro do cesto onde a mantinha enrolada num novelo artificioso e de fácil desenrolar. Avançando junto à parede externa do templete, ia acomodando-o colado à parede, partindo da metade da parede ocidental, até o ângulo sudoeste, então ao longo de toda a parede sul, depois, passando pela quina sudeste, por toda a extensão da parede oriental, com todas as curvas que o nicho da ara formava, em seguida dobrou o canto esquerdo, avançou ao longo da parede setentrional e, dobrando o ângulo noroeste, retornou, por fim, à porta da ermida. Em seguida, deu nova volta, idêntica à primeira, e acomodava o novo lance do fio encerado paralelamente sob o primeiro e juntíssimo dele. E em seguida deu uma terceira volta, e uma quarta, e assim sucessivamente, até completar a sétima.

Minha prima Mahula havia volteado sete vezes o edifício, e com sete lances de fio encerado havia circundado toda a ermida.

E as mulheres, tendo já retornado com seus cestos repletos de ervas e cogumelos, persignaram-se e fizeram-lhe estes votos, dizendo:

— Que a Desencantadora mostre seu milagre! Acode!...

*

* *

Santa Anastásia, a Desencantadora, é aquela que desfaz as feitiçarias, ou seja, que desata qualquer amarração e malogra plano maligno engendrado por inimigos. A mim, que por acaso me encontrava lá, a coisa pareceu estranha, conforme haveria de parecer a um aluno da terceira série de ginásio provincial, o qual fugira no início das aulas, no meio do ano. Mas minha prima Mahula sabia o que fazia.

Ela tinha um filho único e precioso. Tinha também quatro filhas pequenas, das quais a mais velha já completara dezesseis anos. E o filho, primogênito, chegava já ao vigésimo ano. E já perdia o juízo e pedia para noivar.

Ele havia sido enfeitiçado pelas mulheres do povoado de adiante. Elas lhe turvaram a mente. Sabe-se lá que sortilégios lhe lançaram e o que lhe deram para beber. Elas bem sabiam de magias...

E ele amou uma moça, que era maior que ele na idade, e desejava tomá-la como esposa.

“Ou me caso com ela, mãe, ou vou me matar”. No imo peito levava a questão. Ele fora arrebatado pela paixão. E agora, o que poderia minha prima Mahula fazer? Deixar seu filho ingressar nos tormentos da vida, tão jovem, ficando ela a orgulhar-se das suas quatro filhas por casar? Que pai ou mãe aceita isso?

Apelou então para as coisas milagreiras. Fez muitos cultos e benzeduras e também súplicas. Apanhou as roupas do filho e depositou-as para benção na missa sob o altar sagrado. Autoflagelou-se com muitos jejuns, vigílias e genuflexões.

Por fim, recorreu à graça da Santa Anastásia, a Desencantadora. Ela tinha junto a Deus o dom de malograr as magias e os encantamentos. Foi, prestou-lhe culto, cingiu seu templo sete vezes (celebrando, sozinha, uma peculiar liturgia apaixonada por afeto materno) com vela de cem braças, a qual confeccionara com suas próprias mãos, e implorava à Santa que desfizesse as magias e que seu filho se ajuizasse, ele que fora arrebatado pela paixão e regado por sortilégios, para que ele não perdesse a mente em vão...

*

* *

Tudo isso eu trazia à mente e enxergava como se tivesse acontecido ontem, e haviam já decorrido mais do que vinte anos desde então. Eu deixara o vilarejo ao pôr do sol e marchara na penumbra até o córrego da Serpente, a partir de onde começa a íngreme encosta do monte Varandás. A lua ainda não nascera, porque era o segundo ou terceiro dia após o plenilúnio. Em meio ao córrego, bem mais embaixo, ressoava o frêmito da torrente formada pelas neves que derretiam. E um rochedo alto e negro erigia-se diante de mim, misterioso na escuridão.

Era o mês de março. A correnteza fremia, roncava, e arrastava-se ruidosa, e escoava, formando duas cachoeiras, senhora no silêncio da noite. Aquele ruído semeava medo em minha alma, que reconhecia em si semelhança com aquele córrego. Ia dominada por uma paixão pérfida tal qual o córrego profundo e o silêncio da noite iam dominados por um ribombo cavo.

Com dificuldade eu divisava a trilha que se tracejava por entre o musgo e densas moitas. Em seguida, diante de mim, na encosta alcantilada, comecei a enxergar uma refulgência. Os primeiros raios da lua argentavam as copas das árvores. Cheguei à base da montanha e pus-me a subir o aclave. Depois que subira mais de dois mil passos, apressado e ofegante, vi adiante a lua, aquém do silvoso monte adjacente que encobria, às minhas costas, o horizonte, vi a lua desprender-se da crista da distante montanha oposta, onde, por alguns minutos, parecia ter ateado fogo a uma árvore solitária, ereta no cume da alta colina que bloqueava o porto; a árvore parecia em chamas; depois, Hécate, tendo deixado a árvore carvão negro, ascendeu lenta, em glória e esplendorosa apoteose, acima da crista da montanha.

Uma hora depois, achava-me no cume, e em seguida no planalto, sob o reluzente luar. Depois cheguei à encosta do lado oposto, onde novamente encontrei sombras e boscagens e terror à minha frente. Pouco mais para baixo dali ficava a pequena vivenda agrária de Giannis Stogios, camponês simples, amigo meu. Transpus a cerca baixa, adentrei o quintal e bati à porta.

Stogios não adormecera ainda, através da bandeira da porta brilhava uma luz. Chamei-o pelo nome. Reconheceu minha voz veio à porta para me abrir. Ofereceu-me prontamente hospitalidade e abrigo.

Eu, contudo, não sabia por que batera em sua porta, uma vez que não sentia sono. Depois que ele adormecera, apanhei meu cajado e meu chapéu e saí, gritando para que ele fechasse a porta, se assim desejasse; uma vez que dormia um sono leve, respondeu-me com um tranquilo gemido, em meio ao seu sono.

Desci ainda mais a montanha. A lua estava já no apogeu e brilhava por toda a vertente. Nas vivendas pastoris, os galos já haviam cantado. Desci até uma estreita boscaagem, virei para a esquerda e cheguei ao ermo templete de Santa Anastásia.

... E agora, após vinte anos, quando comecei já a fenecer, tendo provado à saciedade do mosto e do fel da vida, se eu tentasse cingir com vela o templo da Mártir, sequer vela pura poderia encontrar, pois há muito tempo todos os cerieiros vendem velas adulteradas, e estes colmeeiros aprenderam a adulterar a cera antes de vendê-la. E a ermida da Santa havia caído no oblívio e em

terrível abandono, porquanto decaía desde então a devoção religiosa. Havia somente dois ícones oleosos e desgastados na iconóstase apodrecida, a imagem de Cristo Salvador à direita e, à esquerda, a sua cordeira, a qual tinha a face voltada na direção dele e parecia que balia em alta voz: “Desejo-te, meu noivo!” Os ícones de Nossa Senhora e de São João Batista haviam desaparecido. Talvez tivessem sido subtraídos pelas mãos de colecionadores de antiguidades ou amantes da arte bizantina...

Havia apenas duas candeias meio quebradas ou rachadas, o portal norte do santuário estava sem porta, a única janela, na parte meridional do templo, sem folhas, o altar e o ofertório nus e descobertos, cheios de pó... A ermida sete vezes cingida e benzida já não funcionava.

“Nem holocausto, nem sacrifício, nem oblação, nem incenso, nem mesmo um lugar para vos oferecer nossas primícias.” E a liturgia secreta que muitos anos antes minha prima, a afetuosa Mahula, celebrara em torno de suas paredes, decerto não fora repetida já havia muito tempo.

*

* *

Oh! sete apenas?... Setenta vezes sete voltas em torno do templo da Santa Anastásia eu precisaria dar agora!... Tantas vezes circundara meu coração o espinho do amor amargo, tantas vezes o apertara a paixão réptil e pérfida... temente, não ousei dizer à Santa, sentia vergonha de confessar para mim mesmo que eu era, nesta idade, presa e juguete da paixão...

Mas para que haveria eu de oferecer círios e benjoim, para que haveria eu de cingir o templo com velas? A Santa podia talvez me curar, mas eu não desejava ser curado. Preferiria consumir-me lentamente nas chamas... Há, no Paraíso, Santos que acolhem as preces dos apaixonados?... Quiçá existira nos tempos de antanho, ao lado da ermida da Desencantadora, naquele enigmático antigo edifício de enormes blocos marmóreos, um templo de Afrodite, quiçá existira um altar de Eros?

Oh! e, todavia, eu me dissolvia... por horas a fio desejava, se assim fosse possível, ser curado. Acode, Santa Anastásia!

*

* *

Enquanto eu inspecionava a ermida, amanhecera. As horas se passaram sem que eu as sentisse, e, em meio ao amortecimento e o devaneio da noite, sem sentir o frio, eu passei quase toda aquela noite de março fora de casa, no campo. Afastei-me da ermida sentindo alívio involuntário, porque, abandonado conforme estava o seu santuário, a Santa não queria mais me curar.

Lá, inesperadamente, encontro minha prima Mahula... Ela estava tal qual vinte anos antes, seu rosto quase não se alterara, sequer fio branco tinha na cabelos nem ruga na fronte. Era daquelas mulheres que têm uma segunda juventude, mais florescente que a primeira. Pálida e ingênua e rude, parecia feia à primeira vista, mas, após um segundo olhar, descobria-se em seu rosto uma doçura inefável. Era ninfa e sacerdotisa e mulher.

— Onde neste mundo, primo? me diz.

A prima Mahula possuía um olival naquelas paragens. Aquele ano forneceu uma suntuosa colheita de olivas, e, conquanto fosse ainda março, o pequeno cesto que ela carregava preso em torno do cotovelo esquerdo estava cheio de olivas maduras, bonitas e brilhantes; as últimas olivas caíam das árvores ainda perto da primavera. Ela considerava aquele campo como seu recanto particular, e, por isso, dizia: “Onde neste mundo”.

Cumprimentei-a e sentei-me num outeiro, sob uma oliveira, nos confins do olival. Aquela, achegando-se, depositou seu cesto próximo a mim e, tendo cuidadosamente encurtado a borda de seu vestido com ambas as mãos, sentou-se um pouco mais afastada.

— Você aceita comer umas azeitonas, se eu lhe oferecer, primo?

— Prima Mahula, comecei eu, sem sequer responder à sua afável oferta, você se lembra, naquele tempo em que eu era um menino, que você envolvia com vela a igreja da Santa Anastásia?

— Eu me lembro, respondeu ela.

— Diga-me, que eu não sei bem, por que você fazia isso?

— Era uma promessa, porque o Manolákis estava apaixonado; e, já que a Santa Anastásia é que desfaz as magias, grande a sua graça, eu cingi a igreja dela e a invoquei para, se meu filho por ventura estivesse enfeitado, que ela o desenfeitasse.

— E em seguida o que aconteceu? Conte tudo para mim, como se eu fosse confessor, porque você sabe que eu estive ausente da pátria a maior parte do tempo, e não acompanhei bem o caso.

— Parece que não tinham feito magias para ele, sozinho ele caiu no amor, e a Santa, já que o caso não se dava por magia, não podia mudar a mente dele

à força, porque ele sozinho e por vontade colocou a paixão dentro de si. E então a Santa fez seu milagre de outro modo; quando eu cumpri minha promessa, fazendo a cerimônia, não deu um mês e a moça noivou com outro e em pouco tempo aconteceu o casamento. Então, como tinha o medo de que meu filho enlouquecesse ou entisicasse de raiva e desgosto, e fiz por ele uma promessa à Nossa Senhora Kunistra³, grande a sua graça, para salvá-lo da demência e da doença... Custou muito a ele, ele sofreu, perdeu o apetite, amarelou como cera, se dissolveu no mundo de cima⁴... Todavia, Nossa Senhora fez seu milagre e o menino não enlouqueceu nem entisicou... Em pouco tempo, voltou a si.

— E agora o que é dele?

— Agora navega com nossa goleta nos mares do Oriente... Tirou diploma de capitania e ele próprio a governa, já que o pai dele envelheceu e largou o negócio... Parece que ele caiu um pouquinho na bebida, o Manolákis, mas ele não exagera, eu creio... Ele esbranquiçou, e não quer se casar. Para lhe dizer a verdade, primo, é melhor assim para mim. Ele me ajudou e eu juntei o dote das duas meninas; agora eu tenho ainda duas. É melhor que ele escapou dos tormentos... Não é bom negócio que o povo fique muito numeroso. O meu vizinho, o Konstantis Rígas, sujeito inteligente e que rodou o mundo, quando vê nascer algum menino na vizinhança, notando a alegria das mulheres e de todos os parentes, costuma dizer: “Alegrem-se, meus filhos; nasceu mais um sofredor!”

Em seguida, perguntei à minha prima se acaso haviam ocorrido outras coisas curiosas relacionadas a este caso. Mahula respondeu:

— Uma noite, naquela época, quando eu voltava do olival e passei pela Santa Anastásia para fazer meu sinal da cruz e acender as candeias, porque anoitecia, escutei uns ruídos, mas uns ruídos muito estranhos, naquela construção vizinha, de mármore, que dizem que é assombrada... Numa outra noite, então, eu vi num sonho que me encontrava na ermida da Santa, e vi lá uma coisa muito estranha surgindo e saindo e correndo de dentro daquela construção assombrada... E me pareceu então que veio uma menina linda, mas muito linda, o rosto dela brilhava, e me deu uma florzinha branca, perfumada e me disse: “Tome, dê isto ao seu filho, para ele cheirar; é flor do Éden”. De repente, aquela coisa volta, a coisa estranha, negra e vermelha, que

³ Nossa Senhora Kunistra (forma dialetal de *Eikonistria*) é a padroeira da ilha de Skiáthos. (n.t.)

⁴ As referências ao “mundo de cima” (*ἄνω κόσμος*) significando “mundo dos vivos” e ao “mundo de baixo” (*κάτω κόσμος*) significando “mundo dos mortos” sobrevivem no idioma grego moderno. Trata-se de uma memória cristalizada na língua cujas origens remetem à Antiguidade pagã, quando se acreditava na existência do mundo dos mortos embaixo da terra, mas que não traduz a real cosmovisão neogrega (cristã). (n.t.)

tinha pulado da antiga construção, ela volta enraivecida e se lança sobre mim, tentando arrancar da minha mão a flor que eu havia ganhado da linda moça, que parece que era a Santa Anastásia... No mesmo instante, a Santa aparece novamente, como saindo do Sacro Portal do Santuário, e, com um raminho de louro que segurava com as mãos, acerta uma na besta e corta fora a mão dela, da maldita que tentava apanhar a minha flor... Foi isso que vi.

*
* *

Durante o dia inteiro perambulei pelos córregos e praias, ao longo da costa selvagem e montanhosa assolada pelas ondas, e somente no entardecer retornei à morada de Stógios para dormir algumas horas. Quando acordei, a lua havia nascido, mas eu perdera o sono para o restante da noite.

Meus passos mais uma vez me conduziram à ermida de Santa Anastásia. Acendi um pedaço de círio feito com cera medianamente adulterada, que na véspera eu comprara no vilarejo e então cortara em quatro pedaços, para maior praticidade; depois de enrolar com papel os pedaços do círio, guardara-os na minha bolsa.

Colei esta vela no candelabro e sentei-me num dos dois ou três bancos que havia na ermida, para descansar... Depois disso eu quis genuflectir, e tentei fazer oração, mas minha mente perdia-se em devaneios. Fechei os olhos, implorando por um sono, mas a dor vigiava dentro de mim.

Nas horas da solidão daquela noite, das preces desconexas e das blasfêmias involuntárias, eu navegava como em sonho a outro mundo. Ouvia sons, sussurros e vozes. Parecia-me que as recordações e as imagens que me sitiavam a mente assumiam forma e corpo, zumbiam em torno de meus ouvidos qual enxame de inumeráveis almas aladas, fitava o ícone da Santa, e ela se me mostrava tão bela quanto se mostrara, no sonho, à minha prima Mahula. Em seguida, uma outra figura pareceu-me que postava-se diante do ícone, encobrindo-o.

Naquele instante, escutei um forte barulho fora, do lado direito do templo, vindo do local onde ficava o antigo edifício, aquele mal-assombrado. Imediatamente veio à minha mente a narração da prima Mahula. Apanhei o círio e transpus a porta, correndo para fora.

Uma brisa fria soprava e ameaçava apagar o círio. Tendo sido obrigado a abrigar a luz com a palma da mão, não enxergava nada além da parede do

templo. A lua se ocultara entre nuvens. Eu divisava, em meio à penumbra, o edifício marmóreo, e não discernia nada. Pareceu-me que uma coisa saltou de lá, vindo do outro lado da parede, e pôs-se em fuga; talvez fosse um gato selvagem ou uma doninha caçando no escuro.

Retornei ao templo e persignei-me. Sentei-me novamente no banco. A figura que me parecia presente lá, portando a pureza nos olhos que acenavam para baixo e o refrigério em torno dos lábios suaves e melífluos, deu-me a impressão de trocar gestos com o ícone da Santa. Pareceu-me que seus lábios proferiam súplica e o olhar do ícone acenava em concessão...

O sono então me arrebatou sobre o banco onde eu estava sentado. O sono foi sem sonhos, todos os sonhos haviam sido retirados pelo estado de alerta. Apenas reconditamente, nas profundezas da minha consciência, uma voz, que se assemelhava a oráculo, soou debilmente ao sussurrar: “Vai-te, incurável; a dor será a tua vida...”

Despertei. Pus-me de pé e fui-me. Sentia uma alegria selvagem, porque a Santa não dera ouvidos à minha prece.”





registro
(n.t.) | Saqqara



A CANTILENA DE SANTA EULÁLIA

ANÔNIMO

O TEXTO: A *Cantilena de Santa Eulália* foi o primeiro texto poético escrito em uma língua românica, o francês antigo, datando de cerca de 800 d.C. Escrita por um anônimo e inspirada num hino do poeta latino cristão Prudêncio (em *Peristephanon*), narra o martírio de Santa Eulália de Mérida (c. 292-304 d.C.), perseguida e morta pelos imperadores romanos Diocleciano e Maximiano por se recusar a abjurar o cristianismo. Composta por 29 versos decassílabos, uma de suas inovações em relação à poesia latina foi a introdução da rima entre as palavras ao final dos versos, sendo esse recurso largamente usado na poesia e música modernas. Atualmente o manuscrito ao qual pertence se encontra na Biblioteca Municipal de Valenciennes, na França.

Texto traduzido: *Cantilène de sainte Eulalie*, texte roman, ms. du IXe s.: Bibliothèque de Valenciennes, no. 150, fol. 141v.

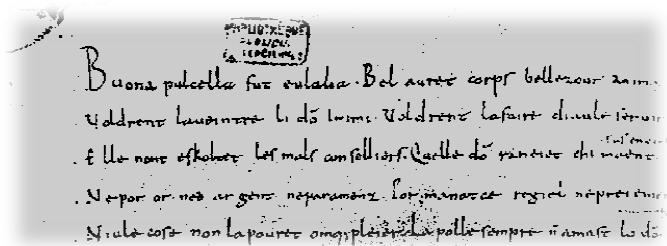
O TRADUTOR: Henrique Martins de Moraes cursa mestrado em linguística na Universidade de São Paulo, sendo licenciado em história pela UFMG. Em suas pesquisas, estuda a fonética e a fonologia de línguas antigas como o francês medieval, eslavico eclesiástico e latim vulgar, estabelecendo relações entre escrita e fala, grafemas e fonemas.

Contato: alaenocis@yahoo.com.br

LA CANTILÈNE DE SAINTE EULALIE

*“Buona pulcella fut Eulalia
Bel auret corps, bellezour anima.”*

ANONYME



Buona pulcella fut Eulalia:

Bel auret corps, bellezour anima.

Uoldrent la ueintre li d(e)o inimi;

Uoldrent la faire diaule seruir.

Elle no(')nt eskoltet les mals conselliers

5

Qu(')elle d(e)o raneiet chi maent sus en ciel,

Ne por or ned argent ne paramenz,

Por manatce regiel ne preiement;

Niule cose non la pouret omq(ue) pleier

La polle sempre n(on) amast lo d(e)o menestier. 10

Et por()o fut p(re)sentede maximien,

Chi rex eret a cels dis soure pagiens.

Il()li enortet – dont lei nonq(ue) chielt –

Qued elle fuiet lo nom xr(ist)iien.

Ell(')ent adunet lo suon element: 15

Melz sostendriet les empedementz

Qu(')elle p(er)desse sa uirginitet.

Por()os furet morte a grand honestet.

Enz enl fou lo getterent, com arde tost:

Elle colpes n(on) auret, por()o nos coist. 20

Aczo nos uoldret concreidre li rex pagiens;

Ad une spede li roueret tolir lo chief.

La domnizelle celle kose n(on) contredist:

Uolt lo seule lazsier si ruouet krist.

In figure de colomb uolat a ciel. 25

Tuit oram que por nos degnet preier

Qued auuiset de nos xr(istu)s mercit

Post la mort & a lui nos laist uenir

Par souue clementia.

A CANTILENA DE SANTA EULÁLIA

*“Eulália foi uma boa donzela,
Tinha um corpo belo e a alma bela.”*

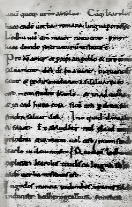
ANÔNIMO

Eulália foi uma boa donzela,
Tinha um corpo belo e a alma ‘inda mais bela.
Os inimigos de Deus quiseram derrotá-la;
Quiseram fazê-la servir ao Diabo.
Ela não escuta os homens maus que aconselham 5
Que ela renegue Deus que habita o céu,
Nem por ouro nem prata nem objetos preciosos,
Por ameaça nem por súplicas do rei;
Nada pôde fazê-la recuar,
A moça não deixa de amar menos o serviço a Deus. 10
E por isso foi trazida a Maximiano,
Que naqueles tempos era rei dos pagãos.
Ele a exorta — mas ela não se interessa —
Que ela abandone o título de cristã.
E que ela adore o seu deus. 15
Ela preferia sofrer perseguições

Do que perder sua virgindade.
Por isso, fora morta com grande honestidade.
Jogaram-na ao fogo, para que queimasse rápido:
Ela não tinha pecados, por isso, não queimou. 20
O rei pagão não quisera aceitá-lo,
E ordenara tolher-lhe a cabeça com uma espada.
A donzela não contradisse isto:
Ela quer abandonar a vida terrena, e clama por Cristo.
Na figura de um pombo voou ao céu. 25
Oremos todos para que ela reze por nós
Que Cristo nos tenha misericórdia
Que depois da morte nos deixe ir junto d'Ele
Por sua clemência.

OS JURAMENTOS DE ESTRASBURGO

NITARDO



O TEXTO: Os Juramentos de Estrasburgo (*Les serments de Strasbourg*, em francês, e *Sacramenta Argentariae*, em latim) fazem parte de uma obra maior chamada *L'Histoire des fils de Louis le Pieux* (*História dos Filhos de Luís, o Piedoso*), escrita no século IX. Esta breve passagem é importante para a Linguística Histórica, pois se trata do primeiro testemunho de uma língua românica, após séculos de escrita em latim. Os irmãos Luís e Carlos, netos de Carlos Magno, unem forças para combater seu irmão Lotário e dividir o Império Carolíngio. Assim, fazem um tratado que é documentado. O texto é escrito em latim com passagens em francês antigo e alto alemão, sendo essas duas últimas lidas em voz alta pelos irmãos e seus soldados.

Texto traduzido: Mourcin, M. de. *Serments Prétés a Strasbourg en 842, Charles-le-Chauve et Louis-le-Germanique et les Armées Respectives*. Paris : Imprimerie de P. Didot L'Ainé, 1815.

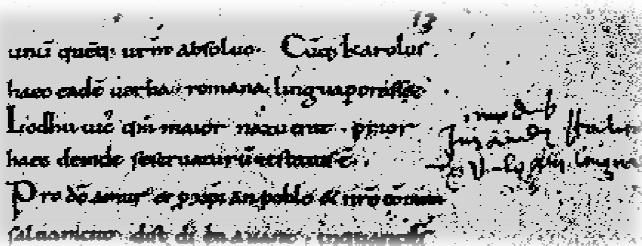
O AUTOR: Nitardo (Nithard) era neto de Carlos Magno, sendo filho de Berta (Berthe), filha do imperador. Atuava junto à corte como uma espécie de historiador e cronista, registrando os eventos de sua época, o século IX, por escrito. Após a partilha do império carolíngio, passou a atuar como conselheiro de Carlos, o Calvo, um dos irmãos vencedores da disputa. Apenas alguns de seus livros sobreviveram aos tempos atuais.

O TRADUTOR: Vide pág. 350.

LES SERMENTS DE STRASBOURG

*“Cumque Karolus hæc aedem verba
romana lingua perorasset...”*

NITHARD



... Cumque Karolus hæc aedem verba romana lingua perorasset, Ludhovicus, qui maior natus erat, prior hæc deinde se servaturum testatus est :

Pro Deo amor et pro christian poblo et nostro commun salvament, d'ist di in avant, in quant Deus savir et podir me dunat, si salvarei eo cist meon fradre Karlo, et in aiudha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra salvar dift; in o quid il mi altresi fazet: et ab Ludher nul plaid nunquam prindrai, qui, meon vol, cist meon fradre Karle in damno sit.

Quod cum Ludhovicus explesset, Karolus teudisca lingua sic hec eadem verba testatus est :

[...]

Sacramentum autem, quod utrorumque populus, quique propria lingua, testatus est, romana lingua sic se habet :

Si Lodhvigs sagrament que son fradre Karlo iurat conservat, et Karlus, meos sendra, de suo part non los tanit; si io returnar non l'int pois; ne io ne neuls cui eo returnar in pois, in nulla aiudha contra Lodhuvig nun li iv er.

[...]

Quibus peractis, Ludhuvicus, Reno tenus per Spiram, et Karolus, juxta Wasagum per Wizzunburg, Warmatiam iter direxit.



OS JURAMENTOS DE ESTRASBURGO

*“E quando Carlos proferiu estas
mesmas palavras em língua romana...”*

NITARDO

E quando Carlos proferiu estas mesmas palavras em língua romana, Luís, que era mais velho, foi o primeiro a testemunhar o que se segue:

“Pelo amor de Deus, pelo povo cristão e nossa comum salvação, deste dia em diante, enquanto Deus me der poder e saber, protegerei o meu irmão Carlos, em ajuda e em cada coisa, como alguém deve por direito proteger seu irmão, contanto que ele faça o mesmo por mim, e nunca farei nenhum acordo com Lotário que, de minha vontade, deixe este meu irmão Carlo prejudicado.”

Havendo Luís terminado, Carlos testemunhou as mesmas palavras do juramento em língua alemã:

(...)

E o juramento que cada povo testemunhou, cada um na própria língua, em língua romana assim se mantém:

“Se Luís conservar o juramento que fez a seu irmão Carlos, e Carlos, meu senhor, de sua parte, não o mantiver, se eu não puder fazê-lo reconsiderar, nem eu, nem ninguém que possa fazê-lo reconsiderar, não lhe serei de nenhuma ajuda contra Luís.”

(...)

Terminado isso, Luis se dirigiu até o Reno, por Spira, e Carlos foi perto dos Vosges, por Wissembourg, rumo a Warmatia.





memória

(n.t.) | Massada



IMAGEM DE MENILEK: REI DOS REIS DE ETIÓPIA HERUY WELDE SELASSIE



O TEXTO: Tradução de um poema do gênero *malkee*, intitulado “Imagem de Menilek: Rei dos reis de Etiópia”, escrito por Welde Selassie, que narra os louvores ofertados a Menilek, Rei de Etiópia, pela vitória sobre o exército italiano, na Batalha de Adwa, em março de 1896. O poema, escrito na língua ge’ez, compõe-se de 45 estrofes, cada uma de cinco versos. Em cada estrofe, os primeiros dois versos apresentam uma saudação a um dos membros, ou partes do corpo de Menilek, exaltando suas qualidades físicas; o terceiro, a invocação de Menilek, seguida de um título honorífico; nos últimos dois faz-se o elogio dos dotes guerreiros e qualidades morais de Menilek, com alusão às conquistas de seu reinado, em especial, a vitória de Adwa. O texto do poema foi publicado em fac-símile na obra do explorador francês Jean Duchesne-Fournet, *Mission en Éthiopie*, seguido de uma tradução francesa.

Referência: መልክ፡ ዘምኒልክ፡ ንጉሠ-ነገሥት፡ዘኢትዮጵያ፡/Imagem de Menilek: Rei dos reis de Etiópia. Trad. de Francisco Maria Esteves Pereira. In. “A poesia etiópica”, separata do *Boletim da Segunda Classe*, volume VIII, Academia das Ciências de Lisboa. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1915.

O AUTOR: Heruy Welde Selassie (1878-1938) foi ministro das Relações Exteriores da Etiópia e escritor de língua amárica. Reconhecido como um dos mais importantes intelectuais do início do século XX de seu país, reputação que ganhou entre seus conterrâneos por seus escritos acerca da história da Etiópia, ao longo de sua carreira publicou 28 livros, desde estudos historiográficos à poesia de cunho tradicional etíope.

O TRADUTOR: Francisco Maria Esteves Pereira (1854-1924), português, foi sócio-correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e engenheiro militar. Publicou várias obras traduzidas do etíope, entre as quais, a *História de Minas Además Sagad, Rei de Etiópia* (1888) e *Crônica de Susenyos, Rei de Etiópia* (1892). Dedicou-se aos estudos orientalistas nos últimos 34 anos da sua vida, sendo tradutor e perito em hebraico, árabe, amárico e sânscrito. Dirigiu também publicações na área de história, recuperando textos dramáticos antigos.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Deposita do «Jornal da Segunda Classe», volume VIII

A POESIA ETIÓPICA

COMUNICAÇÃO FEITA A 2.ª CLASSE
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

PAULO RUIZ CORRESPONDENTE

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1915

መልክእ፡ ዘምኒልክ፡ንጉሠ፡ነገሥት፡ዘኢትዮጵያ።

«ሰላም፡ለዝክረ፡ስምክ፡መልዕልተ፡ኹሉ፡ዘኮነ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢትዮጵያ፡መድኅነ።»

ጎሩይ ወልደሥላሴ

ሰላም፡ለዝክረ፡ስምክ፡መልዕልተ፡ኹሉ፡ዘኮነ።
ወበግርማሁ፡ግሩም፡እንተ፡አጥፍዓ፡ኢጣሊያነ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢትዮጵያ፡መድኅነ።
ቀተልኩ፡ለአላዊ፡በምድረ፡ትግሬ፡መካነ።
ምሰለ፡ባሺ፡ብዙቂሁ፡ዘርዘርኩ፡ወረሰይኩ፡በድነ።

ሰላም፡ለሰእርተ፡ርእሰክ፡አምሳለ፡ኅሪር፡ፍቱል።
ወሰእነ፡አርአያሁ፡ጸሊም፡አርአያ፡ኹህል።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ፈጻሜ፡ቃላተ፡ወንጌል።
እስመ፡ተማኅጸንኩ፡ኣነ፡በዘዚኣክ፡ሳህል፡
ታከብርሂ፡ወፍጡነ፡ታብዕል።

ሰላም፡ለርእሰክ፡ዘበላዕሌሁ፡ዘውደ።
ዘይመስል፡ቀስተ፡ደመና፡ወእንቁ፡ጳጳሮን፡ክቡደ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘተክለ፡ገነት፡ዓጸደ።
መንግሥትከሰ፡እምነ፡ሰሎሞን፡ፈድፈደ።
ደ።፪ከፋ፡ወባሕር፡ረሰይክ፡

ሰላም፡ለገጽኩ፡ከመ፡ገጽ፡አንበሳ፡ዘገዳም።
ወጽዱል፡ንጻሬሁ፡ከመ፡እንቁ፡ሰም።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘመንበርክ፡ግሩም።
ቀተልክ፡ዘመጽአ፡እምብሔረ፡ሮም።
ወነፍሱሂ፡ተወድየ፡ውስተ፡ገሃንም።

ሰላም፡ለቀራንብቲክ፡ከመ፡ሜላት፡ርሱይ።
ጥቀ፡ለዳም፡ወጥቀ፡ሠናይ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢትዮጵያ፡ፀሐይ።
አጥፋዕኮ፡ለባሺ፡ብዙቅ፡በምክረ፡ዚአክ፡ጊጉይ።
ሥጋሁ፡ለመጥባሕት፡ወነፍሱ፡ለእሳተ፡ሰማይ።

ሰላም፡ለአዕይንቲክ፡ከመ፡ዐይነ፡ጳውሎስ፡ሐዋርያ።
አምሳለ፡ብረሌ፡ጽዱል፡ወመንክር፡ለኦርኦያ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ለኢትዮጵያ፡ፀሐይ።
ሶበ፡ተፈጸመ፡ወሞተ፡አይሁዳዊ፡ኢጣልያ።
ወይሌ፡ወላህ፡ኮነ፡በሮምያ።

ሰለም፡ለአዕዛኒክ፡ስዕለተ፡ነዳይ፡ዘያጽምዓ።
ሶበ፡ይሰዕል፡ኅቤክ፡ወይጸርሕ፡በውውዓ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢትዮጵያ፡እግዚአ።
ዘይገርምሰ፡ዘማዕድክ፡መብልዓ።
ፈ፡ገንዓ፡፪ፈ፡ወለ፪ዘይትሃረጽ፡

ሰላም፡ለመላትኒክ፡ከመ፡ጽጌ፡ሮማን፡ቀይህ።
ዘይዔድም፡ጥቀ፡እምነ፡ፀሐይ፡ወወርኅ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ካከበ፡ጽባሕ፡ብሩኅ።
ሶበ፡ተንሣእክ፡አንተ፡ሞስለ፡ሠራዊትክ፡ብዙኅ።
ጀነራል፡ጠፍዓ፡ወደምስሰ፡አይኅ።

በላም፡ለአዕናፊክ፡ከመ፡ፄና፡ገነት፡ምዑዝ።
ሱራሬሆን፡ሠናይ፡ወጥቀ፡ሐዋዝ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢትዮጵያ፡ኦርዝ።
ሶበ፡ተለቅሃ፡ኢጣሊያ፡ወርቀ፡አይሁደዊ፡እንግሊዝ።
ዘይከፍል፡ስዕነ፡አሐዞ፡ትካዝ።

ሰላም፡ለከናፍሪክ፡እለ፡ሰብሔ፡ለእግዚአብሔር።
ሢመክ፡ትኩን፡እግዚአ፡ኸሉ፡ፍጡር።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡መሐሪ፡ወኄር።
ሶበ፡ትባረቀ፡ፉዚግራ፡ወተዘርእ፡ዓረር።
ኢጣሊያ፡ደንገ፡ወወሐጠቶ፡ምድር።

ሰላም፡ለአፉክ፡ለፈጣሪ፡ዘየአኩቶ።
ኢይትናገር፡ሰላቀ፡ወኢይነብብ፡ከንቶ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ለኢትዮጵያ፡ማኅቶቶ።
ሐልቀ፡ማንጆር፡ወስዕነ፡ፍኖቶ።
ጀነራል፡ባራቴሪ፡ሶበ፡ገብዓ፡ደንገ፡ምበርቶ።

ሰላም፡ለአስናኒክ፡እለ፡ይጸአድዋ፡እምበረድ።
ሠናይ፡ፍጥረቶን፡ወጥቀ፡ብዑድ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ሥዩመ፡ክርስቶስ፡ወልድ።
ሶበ፡ተባረቀ፡ፉዚግራ፡ከመ፡ነጐድጓድ።
ኢጣሊያ፡ፈርሃ፡ወአሐዞ፡ረዓድ።

ሰላም፡ለልሳንክ፡እንተ፡ምዕዝት፡ይእቲ።
ሠናይ፡ትትናገር፡ወእኩይ፡አልባቲ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ሃይማኖትክ፡አሐቲ።
አጥፋዕኮ፡ለኢጣሊያ፡እህው፡ሰይጣን፡መስሐቲ።
ጐየ፡ግብጣን፡ወሞተ፡ትልንቲ።

ሰላም፡ለቃልክ፡እንተ፡ኢይነብብ፡ጽርፈተ።
እንበለ፡ዳዕሙ፡ዘአምላክ፡ስብሐተ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ወልደ፡ሰሎሞን፡አንተ።
ሶበ፡ሓርክ፡ትግራ፡ሰበለ፡ጽልመተ።
ተኃጉለ፡ለይጣን፡ወጀነራል፡ሞተ።

ሰላም፡ለእስትንፋስክ፡እስትንፋስ፡መልክክ፡አምሳሉ።
ዘአድኅኖ፡ለድውይ፡ዘሐመ፡አባሉ።
ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡እግዚአ፡ኩሉ።
ተበቀልኮሙ፡ለአይሁድ፡ሶበ፡እግዚአሙ፡ሰቀሉ።
ተፈጸመ፡ኢተርፈ፡፩ደ፡እምእሉ።

ሰላም፡ለጉርዔክ፡መዓርዔር፡ጣዕሙ።
ዘኢይፈርሁ፡ሞተ፡ሠራዊትክ፡ኩሎሙ።

ንጉሠ፡ ነገሥት፡ ምኒልክ፡ ለአዕላፈ፡ አእላፋት፡ ሊቆሙ።

፩ደ፡ ዕስላም፡ ማንጆር፡ ገልያኖ፡ ዘስሙ።

ሠናዩ፡ ፉዚግራ፡ ኮነ፡ ወተክእው፡ ደሙ።

ሰላም፡ ለክሣድክ፡ ከመ፡ አርማስቆስ፡ ስኑ።

ቃማ፡ ወርቅ፡ ጽፋይ፡ ዘኮነ፡ ክዳኑ።

ወልደ፡ ሰሎሞን፡ ምኒልክ፡ ሰዳዴ፡ ሰይጣናት፡ በሥልጣኑ።

ሶበ፡ አተብከ፡ ሠይፈከ፡ አውአዮሙ፡ ርስኑ።

ተዘርዉ፡ ከመ፡ ጢስ፡ ወአብድንተ፡ ኮኑ።

ሰላም፡ ለመትከፍትከ፡ ዓርዑተ፡ ወንጌል፡ ዘዖረ።

ኢያዕመረ፡ ከልዓ፡ እምአመ፡ ተፈጥረ።

ንጉሠ፡ ነገሥት፡ ምኒልክ፡ ዕንቄ፡ ኢያሴጲድ፡ ክቡረ።

ለጸብዕ፡ ሶበ፡ ኃለየ፡ ፈረሰ፡ እሳት፡ ሠረረ።

አውአዮሙ፡ ነዱ፡ ወኮነ፡ ሐሠረ።

ሰላም፡ ለዘባንከ፡ ሜላተ፡ ወርቅ፡ ልብሱ።

ጥቀ፡ ሠናይ፡ ወአዳም፡ ሞገሱ።

ንጉሠ፡ ነገሥት፡ ምኒልክ፡ ዘነደ፡ እሳት፡ ፈረሰ።

ዘመጽኡ፡ እምሮሜ፡ ሶበ፡ ኪያሁ፡ ኃሠሡ።

አክልብተ፡ አድዋ፡ በልዕዎሙ፡ ወደሞሙ፡ ለሐሱ።

ሰላም፡ ለእንግድአከ፡ ዘይትሞጣሕ፡ ልብሰ፡ መንግሥት።

ዘወሀበከ፡ ለሊሁ፡ እግዚአብሔር፡ ጸባዖት።

ንጉሠ፡ ነገሥት፡ ምኒልክ፡ ወልደ፡ ወልዱ፡ ለዳቂት።

ዘመጽኡ፡ ኅቤከ፡ ዓረማውያን፡ ጸላዕት።

አውአዮሙ፡ ፉዚግራ፡ ወበልዖሙ፡ እሳት።

ሰላም፡ ለሕጽንከ፡ ከመ፡ ስሂን፡ ወርሄ።

ዘይትዓኩት፡ እምኸሉ፡ ወይሴባሕ፡ ስባሔ።

ወልደ፡ ሰሎሞን፡ ምኒልክ፡ ንጉሠ፡ ርኅራኄ።

ዘመጽኡ፡ ጸላዕትከ፡ ተሰጥሙ፡ ኸለሄ።

እስመ፡ ፈጻሜ፡ ፈቃዱ፡ አንተ፡ ለአምላክ፡ ዔሎሄ።

ሰላም፡ ለአዕደዊከ፡ እንተ፡ አኃዛ፡ ሰይፈ።

ከመ፡ ይምትራ፡ ለባሺ፡ ብዙቅ፡ አምነ፡ ፉዚግራ፡ ዘተርፈ።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡እንተ፡ትኩንን፡አዕላፈ።
አፍቀረክ፡አምላክ፡ወጸሎተክ፡ተወክፈ።
ተፈጸሙ፡ጸላዕትክ፡፩ዱ፡ኢተርፈ።

ሰላም፡ለመዘርዔክ፡ከመ፡መዘርዓ፡አንበሳ፡ወድብ።
በፈትለ፡ወርቅ፡ርሱይ፡ወበልብሰ፡ሜላት፡ግልቡብ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ከፍኔ፡ሕዝብ፡ወአሕዛብ።
በዘመንክ፡ትፍሥሕት፡ወጥቀ፡ጽጋብ።
ውኒዘ፡መዓር፡ወመልዓ፡ሐሊብ።

ሰላም፡ለኩርናዕክ፡ኃይለ፡አጣልያ፡ዘአድከመ።
ሶበ፡ሰበሮ፡ለሐመሩ፡በከመ፡ፈርዖን፡ተሰጥመ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡አንተ፡ትኩንን፡ዓለመ።
አጥፋዕኮ፡ለዓላዊ፡ዘአርአያ፡ገጹ፡ኅሡመ።
እስክ፡አውአዮ፡ፋዚግራ፡ወአንደደ፡ፍህመ።

ሰላም፡ለእመትክ፡አምሳለ፡መባርቅት፡ኅብሩ።
ጥቀ፡ሠናይ፡ወአዳምሥጢሩ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ለእግዚአብሔር፡ፍቁሩ።
ርኅባነ፡ከዊኖሙ፡ሳበ፡ርእዮሙ፡ለፀሩ።
አረረ፡መጠዎሙ፡ፋዚግራ፡ተጻሩ።

ሰላም፡ለእራኅክ፡ኃይለ፡ኃጥዓን፡መቅሰሌ።
ለፀሩ፡ይትቤቀል፡ወለፍቁራኒሁ፡ከሃሌ።
ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ዕዱል፡ከመ፡ብራሌ።
አይቱ፡እግብእ፡አነ፡ሰዓተ፡ብካይ፡ወወይሌ።
እንዘ፡ይብል፡አስቆቀወ፡ማንጆር፡ወመቀሌ።

ሰላም፡ለአፃብኢክ፡ህልቀተ፡ወርቅ፡ዘላዕሌሁ።
ዘግሩም፡ለራእዮ፡ወመንክር፡ለንጸፊሁ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ወልደ፡ሰሎሞን፡ለሊሁ።
ሶበ፡ርእዮሙ፡ሰይፈ፡እሳት፡እኒዞ፡ውስተ፡እዴሁ።
ሰብእ፡ሮሜ፡ጥቀ፡ደንገፀ፡ወፈርሁ።

ሰላም፡ለአጽፋረ፡እዴክ፡ዘጥቀ፡ሠናያን።
ዘይዔድማ፡ለእዝን፡ወይጌርማ፡ለዓይን።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ከመ፡ዕንቁራ፡ማይ፡ዘልብን።

ሶበ፡ሖርክ፡ትግሬ፡እኒዘክ፡መስቀለ፡ብርሃን።

ጐየ፡ሰይጣን፡ምስለ፡ባሺ፡ብዙቂሁ፡ጸዋጋን።

ሰላም፡ለገቦሻ፡ዲበ፡ዓራተ፡ወርቅ፡ዘሰከበ።

ነቢሮ፡ላዕሌሁ፡ከመ፡ይኳንን፡አሕዛበ።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ለእኝለ፡ማውታ፡አበ።

ፍቁር፡በኀበ፡ማርያም፡ወፍቁረ፡ጊዮርጊስ፡ካዕበ።

ረሰየ፡ትኩን፡ዘመና፡መሶበ።

ሰላም፡ለከርስክ፡ኃዳጌ፡በቀል፡ውእቱ።

ዘእንበለ፡ምሕረት፡ለአባስያን፡ወካዕበ፡አልቦቱ፡

ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ፍቁረ፡ኪሩባውያን፡፱ቱ።

እምባሕረ፡ወዳሴክ፡አይኅ፡ዘቶሳህኩ፡ዝንቱ።

ጸሐፌ፡ትእዛዝ፡ያንብቦ፡ኢይኩን፡ለከንቱ።

ሰላም፡ለልብከ፡ዘኢየአምር፡ተቀይሞ።

እንበለ፡ዳዕሙ፡አርመሞ፡

ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ርኄ፡አፈው፡ዘቀናንሞ።

ፈጸሞ፡ለኢጣልያ፡ወከዓፌ፡ደሞ።

ወለባሺ፡ብዙቅኒ፡በአፈ፡መጥባሕት፡ገዘሞ።

ሰላም፡ለኩልያቲክ፡ኩልያተ፡መንፈስ፡ቅብዓ።

በፍቅረ፡ክርስቶስ፡ወይን፡ዘኮነ፡ጥብእ

ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ንጉሠ፡ውሳጤ፡ወአፈአ።

፩ቃል፡እምአፉክ፡ሶበ፡ወጽአ።

አይሁዳዊ፡ተፈጸመ፡ወጠፍአ።

ሰላም፡ለሕሊናክ፡ሕሊና፡ሠናይ፡ማኅየዊ።

አረማውያነ፡ይጽልእ፡ወለክርስቲያን፡ጸጋዊ።

ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ፍቁረ፡ኢየሱስ፡ናዝራዊ።

አጥፋእኮ፡ለሰይጣን፡ወቀጥቀጥከ፡አርዊ።

እስመ፡ያፈቅረክ፡ጥቀ፡አምላክክ፡ሰማያዊ።

ሰላም፡ለሕንብርትክ፡ከመ፡ዓይነ፡ማኅተም፡አምሳሉ።

ዘፈጠሮ፡በጥበቢሁ፡ጸባዖት፡እግዚአ፡ኩሉ።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ለኢትዮጵያ፡ፀዳሉ።
ሶበ፡ተባረቀ፡ፋዚግራ፡ከመ፡ነጐድጓድ፡ቃሉ።
ተሰብረ፡ወጨፎ፡ወተክዕወ፡አባሉ።

ሰላም፡ለሐቋክ፡ቅናተ፡ወርቅ፡ዘአጠቀ።
ዘይኤድም፡ለንጻሬሁ፡እንዘ፡ሀሎ፡ርጉቀ፡
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ወእግዚአ፡ፋዚግራ፡መብረቀ።
ኅልቀ፡እደዊሁ፡ምስለ፡ባሺ፡ብዙቂሁ፡ጥዮቀ።
ወጀነራልኒ፡እንዘ፡ይጐይይ፡ወድቀ።

ሰላም፡ለአቈያጺክ፡ከመ፡አምደ፡ወርቅ፡ፍሉጠ።
ኢይዴምን፡ስኑ፡ወኢየአምር፡ተውላጠ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢየሩሳሌም፡ሠግላጠ።
ዘፋዚግራ፡ቅብዕ፡ዲበ፡ርእሰ፡ኢጣልያ፡ሶበ፡ተሠጠ።
ተሰብረ፡ናሁ፡ወጥቀ፡ተቀጥቀጠ።

ሰላም፡እብል፡ወዘዚአክ፡አብራክ።
በትሕትና፡ሕሊና፡ዘልፈ፡እንተ፡ትሰግዶ፡ለአምላክ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡መሐሪ፡ወቡሩክ።
ተፈጸመ፡አረማዊ፡በሰንበተ፡ጽባህ፡ወሰርክ።
ሶበ፡ረድአክ፡ለሊሁ፡ልዳዊ፡መልአክ።

ሰላም፡ለአዕጋረክ፡ብሔረ፡ትግሬ፡ዘሐራ።
ከመ፡ይፈጽማ፡ለኢጣልያ፡ወአእጋራ፡ባሺ፡ብዙቅ፡ይመትራ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ወሊቀ፡አዕላፍ፡ሐራ።
ዘደረስኩ፡አነ፡ለመልአክክ፡ክብራ።
ያንብባ፡በቅድሜክ፡ጸሐፌ፡ትእዛዝ፡ዕብራ።

ሰላም፡ለሰኳንዊክ፡እንተ፡ይመስላ፡አእማደ፡ወርቅ።
ዘህበሪሆን፡ሠናይ፡ወጥቀ፡ጥንቁቅ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡እግዚአ፡ፋዚግራ፡መብረቅ።
ሶበ፡ሰአልክ፡በይዋሄ፡ለጊዮርጊስ፡ጻድቅ።
ፈጸሞሙ፡ለጸላዕትክ፡ዘመጽኡ፡እምርሁቅ።

ሰላም፡ለመኪየድክ፡አሣእነ፡ወርቅ፡ተረሰየ።
ዘያሐውር፡በርትዕ፡ወኢየአምር፡ጌጋየ።

ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ዘኢትዮጵያ፡ፀሐየ።
ተሐውከት፡እምሮምያ፡እንዘ፡ሀሎከ፡ዝየ።
ሶበ፡ሰምኣት፡በእዝና፡ዘዚኣከ፡ዕበየ።

ሰላም፡ለአጻብኢከ፡በፍቅረ፡ክርስቶስ፡ቅብእ።
ዘይመስል፡ሮማነ፡ወዕንቄ፡ጳዝዮን፡ስኩዕ።
ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ፈጻሜ፡ኢጣልያ፡በሰንእ።
ዘመጽኡ፡በሐመር፡አረማውያን፡ሰብእ።
ማየ፡ኢትዮጵያ፡ውኅጦሙ፡በኃይልከ፡ጽኑዕ።

ሰላም፡ለአጽፋረ፡እግርከ፡መጽሔተ፡ብርሃን፡ዘይመስላ።
ለመንግሥትከ፡ሰላም፡ዘኢይደመን፡ጸዳላ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡ኩናኔ፡ዓላማት፡ኩላ።
ፈጸምኮ፡ለኢጣልያ፡ሰብሔረ፡ትግሬ፡በማእከላ።
ተፈሥሐት፡ኢትዮጵያ፡ወገብረት፡ተድላ።

ሰላም፡ለቆምከ፡እምስነ፡በቀልቅ፡ዘይሰኒ።
ሠናይ፡ውእቱ፡ወአልቦቱ፡ምንትኒ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡አጽናፈ፡ዓለም፡ኩናኒ።
ከመ፡አድኅንከ፡ለኢትዮጵያ፡እምደመ፡ሰይጣን፡ተቃራኒ።
ፉዚግራከ፡ጽኑዕ፡ወልታ፡ይኩነኒ።

ሰላም፡ለመልክእከ፡ዘስነ፡ራእዮ፡ፍትው።
መአድም፡ስኑ፡ወጥቀ፡ቅድው።
ወልደ፡ሰሎሞን፡ምኒልክ፡ፍቁረ፡ክርስቶስ፡ሕያው።
ቦኣ፡ኢጣልያ፡ውስት፡ሀገረ፡ኅማም፡ወበድው።
ኅበ፡አልቦቱ፡እክል፡ወአልቦቱ፡ጺው።

ለዘአቅረብኩ፡አምሐ፡ከሲትየ፡አፈ።
በክብረ፡ንግሥከ፡ይጽሐፍ፡ከመ፡ይትነበብ፡ዘልፈ።
ንጉሠ፡ነገሥት፡ምኒልክ፡እግዚኣ፡ፉዚግራኣእላፈ።
በከመ፡አፍቀርከ፡እግዚእ፡ወጸሎትከ፡ተወክፈ።
ተወከፍ፡ጸሎትየ፡ኢይኪን፡ግዱፈ።

የመምሕር፡ወልደ፡ሥላሴ፡ኅጃሜ።

IMAGEM DE MENILEK: REI DOS REIS DE ETIÓPIA

*“Saúdo a memória do teu nome, que é acima de tudo,
Rei dos reis, Menilek, salvador de Etiópia.”*

HERUY WELDE SELASSIE

Saúdo a memória do teu nome, que é acima de tudo,
que pela sua veneranda majestade aniquilou o Italiano;
Rei dos reis, Menilek, salvador de Etiópia;
mataste o rebelde em um lugar da terra de Tegre,
e o desbarataste com os seus baxi bezuq¹, e os fizeste cadáveres.

Saúdo a cabeleira da tua cabeça semelhante a uma trança de sêda,
a negra vista do colírio não é igual à sua vista;
Rei dos reis, Menilek, observador das palavras do Evangelho;
porque eu me refugiei à tua clemência,
para que me honres, e em breve me faças rico.

Saúdo a tua cabeça, sôbre a qual está o diadema,
que é semelhante ao arco-íris, e à preciosa joia de topázio;
Rei dos reis, Menilek, que és a planta do Eden;
o teu reino é melhor que o de Salomão;
Cafa e o Mar fizeste em um (reino).

¹ Em turco *basci buzuq*, tropas irregulares que ficaram em Massua ao serviço da Itália, depois da ocupação da mesma ilha pelos italianos. (n.t.)

Saúdo o teu rosto, como rosto do lío do deserto;
e o seu aspecto é resplandecente como pérola da Síria;
Rei dos reis, Menilek, cujo trono é venerando;
mataste o rebelde que veio do país de Roma:
e a sua alma foi arremessada ao inferno.

Saúdo as tuas pálpebras, que são como mileto² bordado,
muito agradável e muito formoso;
Rei dos reis, Menilek, sol de Etiópia;
por teu próprio conselho aniquilaste o perverso baxi bezuq;
o seu corpo foi para a espada, e a sua alma para o fôgo do céu.

Saúdo os teus olhos, como os olhos do apóstolo Paulo,
resplandecentes como o cristal, e admiráveis de aspecto;
Rei dos reis, Menilek, sol de Etiópia;
quando o Judeu italiano foi aniquilado e morreu,
calamidade e luto houve em Roma.

Saúdo as tuas orelhas, que escutam a petição do pobre,
quando te pede e clama com alarido;
Rei dos reis, Menilek, senhor de Etiópia,
os manjares da tua mesa espantam,
e servem (bebidas) em milhares e milhares de jarras.

Saúdo as tuas faces vermelhas como a flôr da romaneira,
que é mais agradável do que o sol e a lua;
Rei dos reis, Menilek, brilhante estrêla do oriente;
quando tu te levantaste com o teu numeroso exército
o General pareceu, e o dilúvio o extinguiu.

Saúdo as tuas narinas, perfumadas como o aroma de jardim,
a forma delas é formosa e muito agradável;
Rei dos reis, Menilek, cedro de Etiópia;
quando o Judeu inglês emprestou ouro ao Italiano,
aquele que repartiu, foi impotente, e tomou-o a tristeza.

² Mileto, nome derivado do da cidade de Mileto, designa um tecido fino de lã, da cor de púrpura, do qual se faziam vestidos. (Dilmann, *Lex aeth.*, c. 147). Este tecido é análogo ao damasco. (n.t.)

Saúdo os teus lábios, os quais louvam o Senhor,
que te constituíu (soberano), para que sejas senhor do todos as criaturas;
Rei dos reis, Menilek, misericordioso e bom;
quando o fuzigra³ fulgurou, e foi semeado chumbo,
o Italiano teve medo, e a terra o enguliu.

Saúdo a tua bôca, que dá graças ao Criador,
não diz injúrias, e não pronuncia palavras vãs;
Rei dos reis, Menilek, luzeiro de Etiópia;
o Major pereceu, e não pode (ir) seu caminho;
quando o General Baratieri voltou, Umberto foi consternado.

Saúdo os teus dentes, que são mais brancos do que a neve,
a sua natureza é formosa e muito estranha;
Rei dos reis, Menilek, eleito de Cristo, filho (de Deus);
quando o fuzigra fulgurou como trovão,
o Italiano tremeu, e o terror o tomou.

Saúdo a tua língua, que é suave,
fala o bem, e não tem o mal;
Rei dos reis, Menilek, una é a tua fé;
aniquilaste o Italiano, irmão de Satan sedutor;
o Capitão fugiu, e o Tenente morreu.

Saúdo a tua voz, que não pronuncia blasfemias,
mas sómente o louvor de Deus;
Rei dos reis, Menilek, tu (és) filho de Salomão;
quando foste para Tegre, as trevas dissiparam-se;
Satan pereceu, e o General morreu.

Saúdo a tua respiração, como respiração do anjo,
que sarou o doente, cujo corpo era enfermo;
filho de Salomão, Menilek, senhor de tudo;
vingaste-te dos Judeus, que crucificaram a seu Senhor;
(a vingança) foi completa, não restou nenhum deles.

³ Em francês *fusil Gras*, espingarda Gras. (n.t.)

Saúdo a tua garganta, cujo sabor é doce de mel,
porque todos os teus soldados não temeram a morte;
Rei dos reis, Menilek, chefe de milhares de milhares;
(como) um musulmano foi o Major, cujo nome era Galiano;
bom foi o fuzigra, e o seu sangue foi derramado.

Saúdo o teu pescoço, cuja formosura é como a da torre de Damasco,
cujo ornamento é um colar de ouro puro;
Filho de Salomão, Menilek, que pelo teu poder expulsas Satan;
quando fizeste sinal com a tua espada, a sua chama os queimou,
dispersaram-se como fumo, e foram feitos cadáveres.

Saúdo os teus ombros, que suportam o jugo do Evangelho,
não sabe outro sentido, desde que foi criado;
Rei dos reis, Menilek, preciosa joia de jaspe;
quando o cavalo de fogo sentiu a batalha, assaltou;
a sua chama os queimou, e foram (como) palha.

Saúdo as tuas costas, cujo manto é de mileto de (fio de) ouro,
muito formosa e agradável é a sua elegância;
Rei dos reis, Menilek, cujo cavalo é chama de fogo;
quando o procuraram os que vieram de Roma,
os cães de Adua os comeram, e lamberam o sangue deles.

Saúdo o teu peito, que cinge o vestido rial,
que te deu o próprio Senhor (Deus) dos exércitos;
Rei dos reis, Menilek, filho do filho de David;
os gentios inimigos, que vieram contra ti,
queimou-os o fuzigra, e devorou-os o fogo.

Saúdo o teu seio, que é como incenso e perfume⁴,
que é celebrado mais do que todos, e é louvado com seu louvor;
Filho de Salomão, Menilek, rei de mansidão;
os teus inimigos que vieram, foram totalmente submergidos,
porque tu és observador de vontade de Deus, Elohe.

⁴ Cf. *Cant.*, 5, 13; 8, 2. A palavra *rebé* designa uma planta odorífera, cuja espécie não está bem determinada, como murta, trevo de cheiro, etc. (Dillmann, *Lex aeth.*, c. 274), e provavelmente um perfume extraído da mesma planta.

Saúdo as tuas mãos, que empunharam a espada,
para trucidar os baxi bezuq, que restaram do fuzigra;
Rei dos reis, Menilek, tu comandas milhares (de soldados);
Deus amou-te, e recebeu a tua oração;
os teus adversários foram aniquilados, não restou nenhum.

Saúdo o teu braço, como o braço do lião e do urso,
coberto de fio de ouro, o velado com um vestido de mileto;
Rei dos reis, Menilek, juiz do pôvo e das gentes;
no teu tempo houve alegria e muita abundância,
o mel (foi como) uma ribeira, e o leite foi abundante.

Saúdo o teu cotovelo que fatigou o poder do Itália,
quando quebrou o seu navio, como Faraó foi submergido;
Rei dos reis, Menilek, tu governas o mundo;
aniquilaste o rebelde, cujo rosto era de aspecto horrendo,
quando o fuzigra o queimou, e abrasou como carvão.

Saúdo o teu antebraço, cuja côr é como a do relâmpago,
o seu mister é muito formoso e agradável;
Rei dos reis, Menilek, amado de Deus;
quando o seu inimigo viu os que eram famintos,
deu-lhes chumbo, o fuzigra os oprimiu.

Saúdo a palma da tua mão, que fere a fôrça dos pecadores,
vinga-se do seu inimigo, e é poderoso para os seus amigos;
Filho de Salomão, Menilek, resplandecente como cristal;
“Para onde voltarei na hora do pranto e da adversidade?”
Assim dizendo se lamentou o Major em Maqale.

Saúdo os teus dedos, nos quais está o anel de ouro,
cuja vista é terrível, e cujo aspecto é admirável;
Rei dos reis, Menilek, (tu) és o próprio filho de Salomão;
quando viram a espada de fogo, que era em tua mão,
os homens de Roma, tomou-os o espanto, e temeram.

Saúdo as unhas da tua mão, que são muito formosas,
que são agradáveis ao ouvido e terríveis aos olhos;

Rei dos reis, Menilek, como frasco de água de mirra;
quando foste para Tegre tomando a cruz da luz,
Satan fugiu com os baxi bezuq malignos.

Saúdo o teu lado, que se reclina em leito dourado,
quando te assentas nele para julgar os povos;
Rei dos reis, Menilek, pai dos órfãos;
devoto de Maria, e também amigo de (S.) Jorge,
o qual fez que sejas um açafate de maná.

Saúdo o teu ventre, que desiste da vingança,
sem misericórdia para os pecadores, e ainda não há outro (assim);
Filho de Salomão, Menilek, amado dos quatro querubins;
do mar do teu louvor ou misturei êste dilúvio,
para que o leia o escrivão das ordens, e não seja inútil.

Saúdo o teu coração, o qual não conhece a vingança,
mas sómente o perdão;
Filho de Salomão, Menilek, perfume de aroma de cinamomo;
consumiu o Italiano, e derramou o seu sangue,
pelo fio da espada trucidou os baxi bezuq.

Saúdo os teus rins, rins do aroma do óleo,
vinho que foi preparado pelo amor de Cristo;
Filho de Salomão, Menilek, rei (dos negócios) internos e externos;
quando saíu uma palavra da tua bôca,
o Judeu foi consumido e aniquilado.

Saúdo a tua inteligência, boa e vivificante,
que odeia os gentios, e é liberal para os cristãos;
Filho de Salomão, Menilek, amado de Jesus Nazareno;
tu aniquilaste Satan, e esmagaste a serpente,
porque te ama muito o teu Deus celestial.

Saúdo o teu umbigo, que é semelhante ao sinete,
que (Deus) dos Exércitos, Senhor de tudo, criou por sua sabedoria;
Rei dos reis, Menilek, esplendor de Etiópia;

quando fulgurou o fuzigra, como a voz do trovão,
foram quebradas as suas artérias, e dissolveram-se os seus membros.

Saúdo a tua cintura, a qual cinge cinto de ouro,
cujo aspecto é agradável, ainda que esteja longe;
Rei dos reis, Menilek, senhor de fuzigra fulgurante;
as suas mãos consumiram-nos totalmente com os seus baxi bezuq;
e também o General, quando fugia, caíu.

Saúdo as tuas pernas, que são colunas de ouro puro,
a sua beleza não foi assombrada, e não se conhece o seu valor;
Rei dos reis, Menilek, jasmim de Jerusalem;
quando o óleo do fuzigra foi derramado sobre a cabeça do Italiano,
eis que ela foi quebrada, e completamente esmagada.

Saúdo, digo eu, os teus joelhos,
que sempre se prostram a Deus pela humildade da tua inteligência;
Rei dos reis, Menilek, misericordioso e bemdito;
o gentio foi aniquilado em um sábado desde a manhã até à tarde,
quando te ajudou o teu anjo natal.

Saúdo os teus pés, que foram a Tegre,
para consumir o Italiano, e cortar o pés dos baxi bezuq;
Rei dos reis, Menilek, e comandante de milhares de soldados;
a tua nobre imagem, que eu compuz,
lerá diante do ti o escrivão das ordens por seu cargo.

Saúdo os teus calcanhares, que semelham bases de ouro,
cuja côr é formosa e muito subtil;
Rei dos reis, Menilek, senhor do fuzigra fulgurante;
quando suplicaste com serenidade ao justo (S.) Jorge,
êle consumiu os teus adversários, que vieram de longe.

Saúdo a planta dos teus pés, calçados de sapatos de ouro,
que caminha pela rectidão, e não conhece o crime;
Rei dos reis, Menilek, sol de Etiópia;
foi perturbada a gente de Roma, quando estiveste aqui,
quando ouviu com seus ouvidos a tua grandeza.

Saúdo os dedos (dos teus pés), ungidos no amor de Cristo,
que semelham a romã e as contas de topázio⁵,
Filho de Salomão, Menilek, que aniquilaste o Italiano até à impotência;
os homens gentios, que vieram em navios,
a água de Etiópia os enguliu pelo teu forte poder.

Saúdo as unhas dos teus pés, que semelham o reflexo da luz;
paz ao teu reino, cujo brilho não se escurecerá;
Rei dos reis, Menilek, dominador de todo o mundo;
tu consumiste o Italiano no meio da província de Tegue;
Etiópia se regosijou, e se fez a sua felicidade.

Saúdo a tua estatura, que é mais bela que o tronco da palmeira;
é bola, e não tem nenhum (defeito);
Rei dos reis, Menilek, dominador dos confins do mundo;
como salvaste Etiópia do sangue de Satan adversário,
o teu forte fuzigra seja para mim um escudo.

Saúdo a tua imagem, cuja vista é formosa e desejada,
a sua beleza é agradável e muito prestante;
Filho de Salomão, Menilek, amado de Cristo, (Deus) vivo;
o Italiano voltou para o país da dôr e da aridez,
onde não há pão, e onde não há sal.

Pois que eu abri a bôca para trazer a oferta,
que escrevi em honra do teu reino para ser lida sempre;
Rei dos reis, Menilek, senhor de milhares de fuzigra;
assim como o Senhor te amou, e recebeu a tua oração;
recebe a minha oração, para que não seja rejeitada.

Do mamher Valda Selasê, (natural) de Guajam.

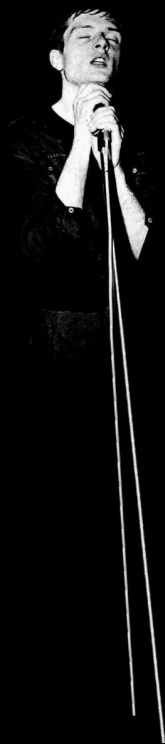
⁵ Topázio, talvez coral. (n.t.)

OUT OF TOUCH

IAN CURTIS



(1977)



On the wasteline,
Heartbreak, mainline,
In a hurry to get somewhere.
Divorced from what's real so early.
All a waste of nothing really.
Arrive too late – don't you know you're out of touch?

Pass the dateline,
All on your time.
In a hurry to get something.
Staring at your own two faces,
Feeding off your private crazes.
You're out on You're own – out – of touch.

Nervous feeling,
No scene stealing,
Can you reach the outer limits?
Stuck inside your pen too long,
Forgotten moves where you went wrong.
You've lost the feeling, now you're out of touch.

Empty station,
Too long waiting,
In a hurry to get somewhere,
Divorced from everything so early,
All a waste of nothing really,
You were never there always out of touch.

FORA DE CONTATO

IAN CURTIS



(1977)

Na linha de resíduos,
Coração partido, via principal,
Na pressa de chegar a algum lugar.
Divorciado da realidade tão cedo.
No fundo, um desperdício de nada.
Chegar tarde demais – Você sabe que está fora de contato?

Passado o prazo,
Tudo a seu tempo.
Na pressa de conseguir algo.
Olhando para suas duas caras,
Alimentando suas manias privadas.
Você está por sua conta – fora – de contato.

Sensação nervosa,
Sem roubo de cena,
Você consegue alcançar os limites exteriores?
Preso dentro de sua caneta tempo demais,
Atos esquecidos onde você errou.
Você perdeu o sentimento, agora você está fora de contato.

Estação vazia,
Muito tempo à espera,
Na pressa de chegar a algum lugar,
Divorciado de tudo tão cedo,
No fundo, um desperdício de nada,
Você nunca esteve aí, sempre fora de contato.



TRADUÇÃO DE
GLEITON LENTZ



QUADRINHOS DE
ALINE DAKA



IAN CURTIS

OUT OF TOUCH
FORA DE CONTATO
1977

On the wasteline,
Na linha de resíduos,

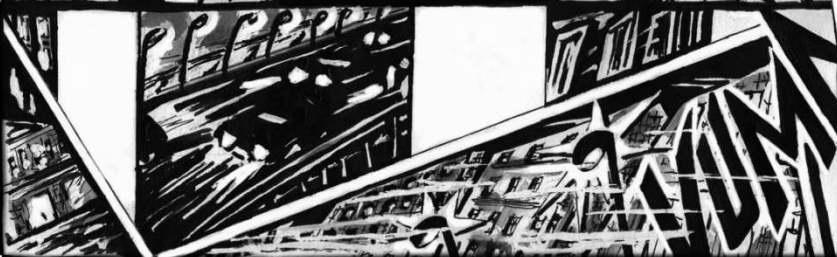
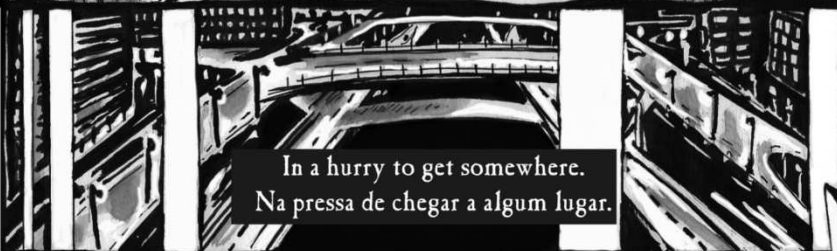


Heartbreak,
Coração partido,

mainline,
via principal,



In a hurry to get somewhere.
Na pressa de chegar a algum lugar.



[aline daka]

Divorced from what's real so early.
Divorciado da realidade tão cedo.

All a waste of nothing really.
No fundo, um desperdício de nada.

Arrive too late.
Chegar tarde demais.

- don't you know you're
out of touch?

- você sabe que está
fora de contato?

[ian curtis]



Pass the deadline.
Passado o prazo.



All on your time,
Tudo a seu tempo.



In a hurry to get something.
Na pressa de conseguir algo.

[aline daka]

Staring at your own two faces,
Olhando para suas duas caras.

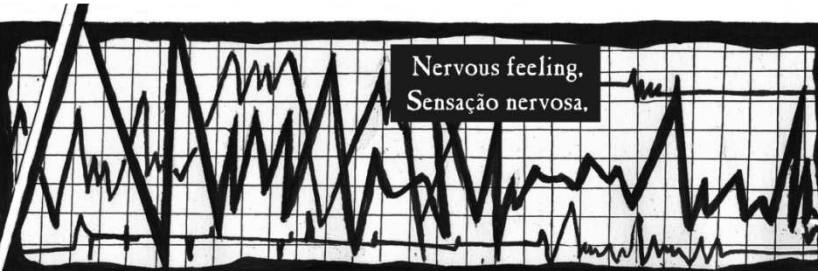


Feeding of your private crazes,
Alimentando suas manias privadas.



You're out on You're own - out - of touch,
Você está por sua conta - fora - de contato.

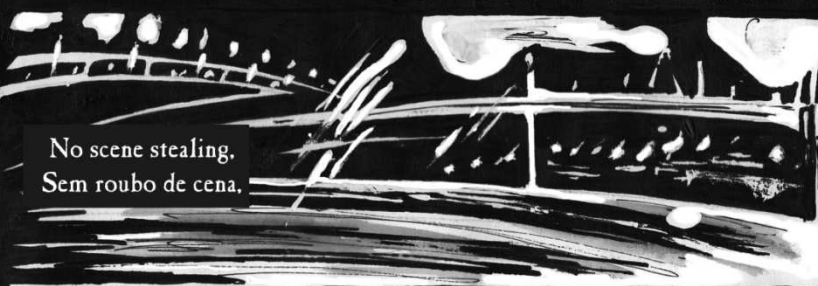
[ian curtis]



Nervous feeling.
Sensação nervosa.



No scene stealing.
Sem roubo de cena.



Can you reach the outer limits?
Você consegue alcançar os limites exteriores?



[aline daka]

Stuck inside your pen too long.
Preso dentro de sua caneta tempo demais,

Forgotten moves where you went wrong.
Atos esquecidos onde você errou,

You've lost the feeling.
now you're out of touch.

Você perdeu o sentimento,
agora você está fora de contato.

[ian curtis]



Empty station.
Estação vazia.

Too long waiting.
Muito tempo à espera.

In a hurry to get somewhere.
Na pressa de chegar a algum lugar.

[aline daka]

Divorced from everything so early.
Divorciado de tudo tão cedo.



All a waste of nothing really.
No fundo, um desperdício de nada.



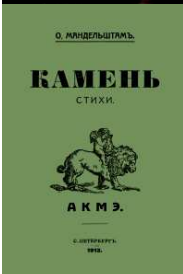
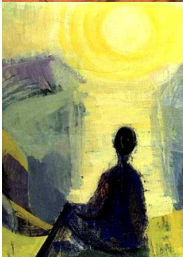
You where never there
Você nunca esteve aí



always out of touch.
sempre fora de contato.



[ian curtis]



INDEX

CAPA:



Inscrições de Orkhon – Mongólia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:

Aline Daka (p. 3)
Andrômeda, 2014
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:



Fotos de:
Gleiton Lentz
(pp. 8, 174, 205, 246, 285, 349 e 360)
ARQUIVO (n.t.)

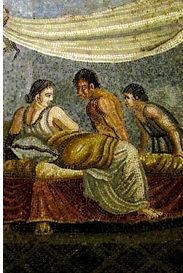
ENTRADAS:

Franciszek Żmurko (p. 9)
Detalhe de *Uma mulher*, c. 1900
Óleo sobre tela
MUZEUM NARODOWE W WARSZAWIE, VARSÓVIA

Sámal Joensen-Mikines (p. 30)
Detalhe de *O sol da manhã*, 1947
Óleo sobre tela
LISTASAVN FØROYA, ILHAS FERÓES

Fausto Zonaro (p. 91)
Detalhe de *Grupo de dervixes*, 1909
Óleo sobre tela
WWW.FAUSTOZONARO.IT

Ossip Mandelstam (p. 102)
Capa de *Камень* (*Pedras*), de Mandelstam, 1913
Brochura, 1ª ed.
AKM3, SÃO PETERSBURGO



Alejandro González Trujillo (Apu-Rimak) (p. 125)

Casal punense, [s.d.]

Óleo sobre tela

GALERÍA JOHN HARRIMAN, MIRAFLORES



Sir John Pentland Mahaffy (p. 143)

Retrato de Posidipo, 1912

Ilustração para *Greek Antiquities*, de Mahaffy

MACMILLAN AND CO., LONDRES



Centocelle, Roma (p. 175)

Casal jantando ao ar livre, II séc. d.C.

Mosaico romano

KUNSTHISTORISCHES MUSEUM, VIENA

Desconhecido (p. 192)

Juvenal, 1711

Ilustração para *Satires of Decimus Junius Juvenalis*, 4ª ed.

JACOB TONFON, LONDRES

Sergi Cambrils (p. 206)

O misterioso lugar dos cítricos, 2009

Técnica mista em papel

WWW.SERGICAMBRILS.COM



Desconhecido (artista flamenco) (p. 247)

Torre de Babel, 1587

Óleo sobre tela

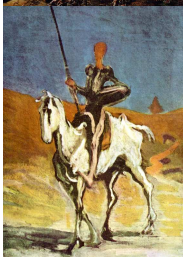
KURPFÄLZISCHES MUSEUM, HEIDELBERG

Honoré Daumier (p. 260)

Dom Quixote e Sancho Pança, 1868

Óleo sobre tela

NEUE PINAKOTHEK, MUNIQUE



Philippe Druillet (p. 286)

Sem título, 1971

Ilustração para *La Maison au bord du monde*, de Hodgson

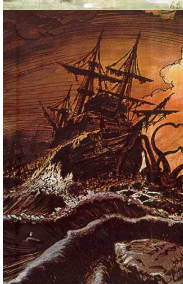
EDITIONS OPTA, PARIS

Ticiano (p. 313)

Vênus com um espelho, c. 1555

Óleo sobre tela

NATIONAL GALLERY OF ART, WASHINGTON



Georgios Avlivos (p. 330)

Garota na janela, 1877

Óleo sobre tela

NATIONAL GALLERY & ALEXANDER SOUTSOS MUSEUM, ATENAS

John William Waterhouse (p. 350)

Detalhe de *Saint Eulalia*, 1885

Óleo sobre tela

TATE COLLECTION, LONDRES



REGISTRO:



(pp. 351 e 356)

Detalhe de *Cantilène de Sainte Eulalie*, séc. IX
Manuscrito

BIBLIOTHÈQUE MUNICIPALE, VALENCIENNES

Detalhe de *Les Serments de Strasbourg*, séc. IX
Manuscrito

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, PARIS



Paul Lehugeur (p. 355)

Detalhe de *Le Serments de Strasbourg*, séc. XIX

Ilustração

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, PARIS



Desconhecido (p. 361)

Detalhe de *Batalha de Adwa*, c. 1940-9

Pintura etíope

BRITISH MUSEUM, LONDRES

MEMÓRIA:



A poesia etiópica (p. 362)

Capa de *A poesia etiópica*, de Francisco M. E. Pereira
Separata do "Boletim da Segunda Classe", v. VIII, 1915

IMPRESA DA UNIVERSIDADE, COIMBRA



QUADRINHOS:

Aline Daka (pp. 381-388)

Fora de Contato/Out of Touch, 2014

Sobre poema de Ian Curtis

Nanquim sobre papel

ARQUIVO (n.t.)



CONTRACAPA:

Miguel Sulis

Jerusalém Oriental, Palestina, 2012

Fotografia

ARQUIVO (n.t.)



✱

A (n.t.) | 8º acabou-se de editar em 15 de abril de 2014.

Fontes ocidentais: Book Antiqua, Baramond

Grego e russo: Palatino Linotype

Ge'ez: **Abyssinica**

